

"Cheio de viradas inesperadas, *Escola noturna* é misterioso, assustador e sensual, um thriller tenso com um grande romance." — L. A. Weatherly

C. J. Daugherty

Escola Noturna

SUMA
de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

C.J. DAUGHERTY

Escola Noturna

Tradução
Rita Sussekind



Copyright © 2012 by Christi Daugherty

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Night School

Capa

Barbara Estrada sobre design original de Nico Taylor – LBBG

Imagem de capa

Josefine Jönsson/Trigger Image

Revisão

Ana Clara Werneck

Ana Grillo

Rodrigo Rosa

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D262e

Daugherty, C. J.

Escola noturna [recurso eletrônico] / C. J. Daugherty ; tradução Rita Sussekind. - 1. ed.

- Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *Night school*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

310 p. ISBN 978-85-8105-218-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Título.

14-09652

CDD: 823

CDU: 821.111-3

*Para Jack,
que sempre acreditou*

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e Um

Vinte e Dois

Vinte e Três

Vinte e Quatro

Vinte e Cinco

Vinte e Seis

Vinte e Sete

Vinte e Oito

Vinte e Nove

Trinta

Trinta e Um

Agradecimentos

UM

— **D**epressa!
— Quer ficar calma? Já tô quase acabando.

Com a mandíbula cerrada, Allie se agachava no escuro, pintando o último A enquanto Mark se ajoelhava ao lado segurando uma lanterna. As vozes ecoavam pelo corredor vazio. O facho de luz, que iluminava o trabalho de Allie, tremeu quando o rapaz riu.

Um ruído estalado repentino fez os dois pularem.

Luzes piscaram acima deles e logo inundaram o corredor da escola.

Dois uniformes encontravam-se na porta.

Allie abaixou a lata de spray devagar, sem tirar o dedo do botão, fazendo a letra se esticar bizarramente pela porta da sala do diretor até o piso de linóleo sujo.

— Corre.

Quando as palavras deixaram seus lábios, ela já estava voando pelo amplo corredor, as solas de borracha dos tênis chiando ocamente no vazio do colégio Brixton Hill. Não olhou para trás para ver se Mark estava vindo.

Não sabia onde estavam os outros, mas se Harry fosse pego outra vez, o pai o mataria. Dobrando a esquina às pressas, ela virou em um corredor escuro. No final viu o brilho verde de uma saída de emergência.

Uma sensação de poder passou por ela ao correr em direção à liberdade. Ia escapar. Ia se safar.

Trombando contra as portas duplas, empurrou com força a barra que deveria tê-la libertado.

Ela nem se moveu.

Não acreditando, empurrou novamente, mas a porta estava trancada.

Diabos. Se eu não estivesse vandalizando o colégio, pensou, alertaria o jornal local.

Febrilmente, examinou o corredor. A polícia estava entre ela e a entrada principal. A única saída neste lado estava trancada.

Tinha que haver outra saída.

Prendeu a respiração para escutar. Vozes e passos vindo em sua direção.

Apoiando as mãos nos joelhos, deixou a cabeça cair. *Não* podia ficar assim. Os pais acabariam com ela. Uma terceira prisão em um ano? Já tinha sido ruim o suficiente terem feito com que ela fosse para este colégio miserável. Para onde a mandariam agora?

Correu para a porta seguinte.

Um, dois, três passos.

Tentou a maçaneta.

Trancada.

Atravessou o corredor até outra porta.

Um, dois, três, quatro passos.

Trancada.

Agora estava correndo em direção à polícia. Isto era loucura.

Mas a terceira porta abriu. Um armário de suprimentos.

Deixam o armário de suprimentos aberto, mas trancam as salas de aula vazias? Essa escola é comandada por idiotas.

Esgueirando-se cautelosamente entre as prateleiras de papel, baldes de limpeza e equipamentos elétricos que não conseguia identificar no escuro, deixou a porta fechar atrás de si e controlou a respiração.

Estava totalmente escuro. Allie ergueu a mão na frente do rosto — bem na frente do rosto — e não conseguiu enxergá-la. Sabia que estava lá; podia sentir. Mas não conseguir vê-la foi algo que a desorientou instantaneamente. Esticando-se para se acomodar, engasgou quando uma pilha pesada de papéis

começou a escorregar do alto. Lutou para reequilibrá-la, mesmo sem conseguir vê-la.

Do lado de fora da porta, ouvia vozes fracas; pareciam distantes. Só precisaria esperar mais alguns minutos e desapareceriam. Só mais alguns minutos.

Estava quente, abafado.

Fica calma.

Contou as respirações pesadas... *doze, treze, catorze...*

Mas estava acontecendo. Aquela sensação de estar presa em concreto, incapaz de respirar. O coração estava acelerado, o pânico crescente queimando na garganta.

Por favor, fica calma, Allie, implorou a si mesma. *Mais cinco minutos e você vai estar segura. Os meninos nunca vão contar.*

Mas não estava funcionando. Sentia-se tonta; sufocada.

Tinha que sair.

Enquanto escorria suor pelo seu rosto e o chão parecia balançar embaixo dela, Allie alcançou a maçaneta.

Não, não, não... Não pode ser.

Aquela parte da porta era completamente lisa.

Perturbada, apalpou toda a porta impassível, em seguida a parede em volta. Nada. Não tinha como abrir por dentro.

Empurrou a porta, arranhou as bordas com as unhas, mas ela não cedeu. A respiração veio mais pesada agora.

Estava tão escuro.

Cerrando as mãos em punhos, bateu na porta lisa e inflexível.

— Socorro! Não tô conseguindo respirar. Abram a porta!

Não obteve resposta.

— Me ajudem! Por favor?

Detestava o tom de súplica na própria voz. Soluçando, colocou a bochecha na porta e arfou ao bater na madeira com as mãos.

— Por favor.

Quando a porta abriu, foi tão de repente que ela caiu para a frente desamparada, direto nos braços de um policial.

Ele a segurou com os braços estendidos, apontando uma lanterna em seus olhos, assimilando o cabelo desganhado e as bochechas marcadas por lágrimas.

Ele sorriu por cima da cabeça dela para o outro policial. Foi então que Allie viu Mark, com a cabeça abaixada e sem o boné. Estava preso às garras de outro policial, que retribuía o sorriso.

DOIS

Por cima do constante ronco de uma delegacia de polícia em uma noite de sexta-feira de verão, Allie escutou a voz do pai, tão claramente quanto se ele estivesse diante dela. Parou de enrolar o cabelo e olhou ansiosamente para a porta.

— Nem consigo expressar quanto estou agradecido. Sinto muito pelo incômodo — ouviu. O tom da voz do seu pai era um que ela conhecia muito bem: humilhado. Por ela. Escutou outra voz masculina que não conseguiu identificar, e em seguida o pai de novo: — Sim, estamos tomando providências, e eu agradeço seu conselho. Nós vamos discutir isso e tomar uma decisão amanhã.

Decisão? Que tipo de decisão?

Em seguida a porta se abriu, e seus olhos de cor cinza encontraram os azuis cansados do pai. Sentiu o coração apertar um pouco no peito. Amarrotado e com a barba por fazer, parecia mais velho. E muito cansado.

Ele entregou alguns papéis à policial, que mal os olhou antes de acrescentá-los à pilha. Ela mexeu numa gaveta e retirou de lá um envelope contendo as coisas de Allie, e o empurrou sobre a mesa para o pai dela. Sem olhar para nenhum dos dois, disse mecanicamente:

— Você está solta, aos cuidados do seu pai. Pode ir.

Allie se levantou, dura, e seguiu o pai pelos corredores estreitos e iluminados até a porta da frente.

Quando estavam lá fora, sob o ar fresco de verão, ela respirou fundo. O alívio por estar fora da delegacia se misturou à ansiedade por causa da expressão do pai. Caminharam em silêncio para o carro.

Do outro lado da rua, ele destrancou a porta do Ford preto, que deu o seu apito de boas-vindas incongruente alegre. Quando ligou o motor, Allie virou-se para ele ansiosa, com os olhos cheios de explicações.

— Pai...

Ele olhou para a frente, com a mandíbula tensa.

— Alyson. Não.

— Não o quê?

— Não fala. Só... senta aí.

Depois disso o caminho foi silencioso. E ao chegarem em casa, seu pai saltou do carro sem uma palavra. Allie foi desajeitada atrás dele, a sensação de nervoso na boca do estômago aumentando.

Ele não parecia irritado. Parecia... vazio.

Allie subiu as escadas e atravessou o corredor, passou pelo quarto vazio do irmão. Na segurança do próprio aposento, examinou-se no espelho. Os cabelos tingidos de ruivo na altura dos ombros estavam emaranhados, tinta preta manchava a têmpora esquerda, o rímel se acumulava sob os olhos. Cheirava a suor rançoso e medo.

— Bom — disse para o próprio reflexo —, talvez pudesse ter sido pior.

Quando acordou na manhã seguinte, já era quase meio-dia. Saindo de baixo da coberta amarrotada, vestiu jeans e uma camiseta branca. Em seguida, abriu cuidadosamente a porta.

Silêncio.

Desceu na ponta dos pés para a cozinha, onde a luz do sol entrava através das janelas grandes, iluminando as bancadas de madeira. Tinham deixado para ela pão e manteiga, que derretia no calor. Havia uma xícara perto do bule, com um sachê de chá dentro.

Apesar de tudo, estava com muita fome. Cortou um pedaço de pão e o colocou na torradeira. Ligou o rádio para preencher o silêncio, mas, passado um instante, o desligou.

Comeu rapidamente, folheando as páginas do jornal da véspera, sem prestar muita atenção. Só quando acabou foi que notou o bilhete perto da porta da cozinha.

A-

Volto à tarde. NÃO saia de casa.

-M

Instintivamente, alcançou o telefone para ligar para Mark, mas o aparelho não estava no lugar de sempre, perto da geladeira.

Apoiando-se contra a bancada de madeira, tamborilou os dedos, ouvindo o constante tique-taque do relógio acima do fogão.

Noventa e seis tiques.

Ou seriam taques?

Como se sabe a dif...?

— Certo — disse. Endireitou-se e bateu a mão na bancada. — Dane-se.

Correu para o quarto e abriu a gaveta da escrivaninha para pegar o laptop.

A gaveta estava vazia.

Ficou parada, contemplando o significado inerente à ausência do computador. Seus ombros murcharam um pouco.

Seus pais não voltaram até o fim da tarde. Ela estava esperando ansiosamente — levantava para espiar pela janela cada vez que uma porta de carro batia — mas quando finalmente chegaram, adotou um ar de desinteresse, mantendo-se encolhida no sofá, assistindo à TV com o som desligado.

A mãe largou a bolsa no lugar de sempre, na mesa do corredor, e seguiu o pai até a cozinha para ajudá-lo a preparar chá. Através da porta aberta, Allie viu repousar a mão reconfortantemente no ombro do pai só por um segundo antes de ir até a geladeira buscar leite.

A coisa não está parecendo boa.

Alguns minutos depois estavam empoleirados lado a lado no sofá azul-marinho diante dela. O cabelo do pai estava cuidadosamente penteado, mas ele tinha círculos sob os olhos. A expressão da mãe era calma, mas seus lábios estavam rijos numa linha.

— Alyson... — o pai começou e hesitou. Esfregou os olhos, cansado.

A mãe assumiu as rédeas.

— Nós andamos conversando sobre o que podemos fazer pra te ajudar.

Ihhhhh...

— Você obviamente não está feliz no seu colégio atual — dizia muito precisa e lentamente. Os olhos de Allie desviaram de um dos pais para o outro. — E agora que você invadiu, pôs fogo na sua ficha e pichou “Ross é um babaca” na porta da sala do diretor Ross, não é nenhuma surpresa que eles também não estejam muito satisfeitos com você.

Allie mordeu a cutícula do dedo mindinho e lutou contra o impulso de soltar um risinho nervoso. Rir agora não ajudaria em nada.

— Essa é a segunda escola a nos pedir, muito educadamente, pra mandarmos você estudar em outro lugar. Estamos cansados de receber cartas educadas de escolas.

Seu pai se inclinou para a frente e olhou nos olhos de Allie pela primeira vez desde que a buscara na delegacia.

— Nós entendemos que você está se expressando, Alyson — ele disse. — Nós entendemos que foi assim que você escolheu lidar com tudo que aconteceu, mas chega. Pichações, vadiagem, vandalismo... Basta. Você já deixou bem claro.

Allie abriu a boca para se defender, mas a mãe lhe lançou um olhar ameaçador. A menina levantou os pés e abraçou os joelhos.

Agora era a vez da mãe novamente.

— Ontem à noite, o prestativo representante da polícia, que, por sinal, sabia tudo a seu respeito, sugeriu que te mandássemos pra um colégio diferente. Fora de Londres. Longe dos seus *amigos*.

Ela disse a última palavra com desprezo.

— Fizemos algumas ligações hoje de manhã e... — a mãe parou, olhando para o pai, quase incerta, antes de prosseguir — encontramos um lugar especializado em adolescentes como você.

Allie se encolheu.

— ... e hoje nós fomos visitá-lo. Conversamos com a diretora...

— Que foi absolutamente gentil — interveio o pai.

A mãe o ignorou.

— ... e ela concordou em te aceitar essa semana.

— Espera aí... Essa semana? — A voz de Allie se elevou incrédula. — Mas as férias de verão só começaram há duas semanas!

— Você vai ser interna — disse o pai, como se ela não tivesse se pronunciado.

Allie o encarou, boquiaberta.

Interna?

A palavra reverberou em sua mente.

Eles só podem estar brincando, disse a si mesma.

— ... o que vai ser difícil para a gente pagar, mas nós achamos que vale a pena tentar te proteger de você mesma, antes que jogue sua vida toda fora. Legalmente você é menor de idade, mas não vai ser por muito tempo. — Ele bateu no braço do sofá, e Allie o encarou. — Você tem 16 anos, Alyson. Isso tem que parar.

Allie escutou o coração bater forte.

Treze batidas, catorze, quinze...

Ela não conseguia acreditar no quão ruim isto era. Era inacreditavelmente ruim. Níveis recordes de maldade aconteciam neste exato momento no recinto. Inclinou-se para a frente na cadeira.

— Olha só, eu sei que errei. Estou me sentindo muito, muito mal por isso — desculpou-se Allie, incorporando o máximo possível de sinceridade na voz. Sua mãe não pareceu nada comovida, então ela se voltou para o pai, implorando. — Mas vocês não acham que estão exagerando? Pai, isso é loucura!

A mãe de Allie olhou novamente para o pai; desta vez com o olhar imponente. Ele olhou para a filha entristecido e balançou a cabeça.

— Tarde demais — disse ele. — A decisão já foi tomada. Você começa na quarta-feira. E até lá nada de computador, telefone nem iPod. E nada de sair de casa.

Quando os pais se levantaram, parecia que o juiz estava deixando o tribunal. No vazio que deixaram, Allie soltou a respiração, trêmula.

Os dias seguintes se passaram numa névoa de confusão e isolamento. Era para ela ter feito as malas e se preparado, mas em vez disso ficou tentando demover os pais do plano maluco.

Não conseguiu nada. Mal falavam com ela.

Terça à tarde sua mãe lhe entregou um envelope fino cor de marfim, dominado por um elaborado emblema de tinta preta espessa e as palavras: Academia Cimmeria. Abaixo daquilo, estava escrito “Informações para os novos alunos” numa bela caligrafia curvilínea.

As duas folhas no envelope pareciam ter sido digitadas em uma máquina de escrever. Não tinha certeza — nunca tinha visto papel de máquina de escrever —, mas cada uma das letras pequenas e quadradas tinha deixado um entalhe perceptível no papel cor de creme espesso. Cada página continha apenas alguns parágrafos; a primeira era uma carta da diretora da escola, uma tal de Isabelle le Fanult. Dizia que estava ansiosa por receber Allie no colégio.

Ótimo, pensou Allie. A segunda página não tinha muito mais utilidade que a primeira. Dizia que os lápis, canetas e papéis seriam providenciados pela escola. Que o uniforme também lhe seria oferecido. Que deveria escrever as iniciais com uma caneta à prova d’água ou “bordá-las” em todas as roupas que fosse levar consigo. Que poderia levar galochas e uma capa de chuva, pois “o campus da escola é grande e rural”.

Passou os olhos pelo resto da carta, procurando a habitual menção -ameaçadora a “regras da escola”, e, como não podia deixar de ser, lá estava, destacada em negrito.

As regras completas sobre o comportamento dos alunos serão entregues na chegada. Por favor, leia-as e siga-as com rigor. Violações a qualquer norma escolar serão severamente punidas.

E logo abaixo, mais notícias ruins:

Após a chegada, alunos não podem deixar a área escolar sem autorização dos pais ou da diretora. Permissões raramente são

concedidas.

As mãos de Allie tremeram ao pegar a primeira página do chão, dobrar a carta novamente no envelope e colocá-lo sobre a mesa.

O que é isso, um colégio ou um presídio?

Em seguida desceu para a cozinha, onde a mãe preparava o almoço.

— Vou ligar pro Mark — anunciou de maneira desafiadora, ao pegar o telefone, que reaparecia magicamente sempre que os pais estavam por perto.

— Ah, vai? — A mãe repousou a faca na bancada.

— Se eu vou ser mandada pra *cadeia*, tenho direito a um telefonema, não tenho? — disse Allie com tom de indignação justificada. Aquilo já tinha ido longe demais.

A mãe a examinou por um instante. Em seguida deu de ombros, pegou a faca e voltou a cortar um tomate em fatias finas.

— Liga pra ele então.

Allie teve que pensar um segundo antes de discar. Tinha o telefone de Mark na agenda do celular, então raramente precisava se lembrar do número.

O telefone tocou diversas vezes.

— Fala. — A voz dele era tão reconfortantemente familiar e normal que por um instante Allie achou que fosse chorar.

— Oi. É a Allie.

— Allie! Caramba. Por onde você andou? — perguntou. Sua voz soou tão aliviada quanto a dela.

— Trancada — respondeu. Fixou os olhos nas costas da mãe. — Tiraram meu telefone e meu computador. Não me deixam sair de casa. Como estão as coisas por aí?

— Ah, o de sempre — disse, rindo. — Os pais estão irritados, a escola está muito irritada, mas vai passar.

— Vão te expulsar?

— O quê? Do colégio? Não. Vão te expulsar?

— Parece que sim. Meus pais estão me mandando pra um presídio que insistem em chamar de escola. Em algum lugar na Mongólia Exterior.

— Sério? — Ele pareceu sinceramente chateado. — Que droga! Por que eles estão sendo tão idiotas? Ninguém se machucou. O Ross vai superar. Eu vou fazer alguma espécie de serviço comunitário, pedir desculpas pra todo mundo e tudo vai voltar a ser o inferno de sempre na escola. Não acredito que seus pais estão sendo tão medievais.

— Nem eu. Escuta, os Medievais disseram que eu não vou poder falar com você depois que chegar ao colégio-presídio, mas se quiser me encontrar, o nome é Cimmer...

A linha ficou muda. Allie levantou o olhar para ver a mãe segurando a tomada que tinha tirado da parede. Seu rosto estava sem expressão.

— Já chega — disse ela, e retirou tranquilamente o fone da mão de Allie.

A mãe voltou a fatiar o tomate enquanto Allie, congelada, olhava fixamente para ela. Num espaço de 30 segundos ela sentiu o rosto primeiro empalidecer, depois ficar vermelho, enquanto ela tentava segurar as lágrimas. Finalmente, deu meia-volta e saiu furiosa dali.

— *Vocês são loucos!* — exclamou. As palavras começaram em tom baixo, mas se elevaram a um berro enquanto Allie subia as escadas. Bateu a porta do quarto, e uma vez lá dentro ficou parada bem no meio, olhando em volta, aturdida.

Não reconhecia mais aquele local como sua casa.

Quando a manhã de quarta-feira chegou quente e com céu claro, ficou surpresa por constatar que estava aliviada. Ao menos esta fase do castigo estava encerrada.

Olhou para o armário aberto durante meia hora tentando decidir o que vestir. Finalmente optou por uma calça jeans preta e justa e um colete preto com a palavra “Encrenca” escrita em prata cintilante. Penteou os cabelos ruivos e os deixou soltos.

Estudando o reflexo no espelho, se achou pálida. Assustada.

Posso fazer melhor que isso.

Pegou o delineador, aplicou um traço espesso nas pálpebras e em seguida acentuou os cílios com rímel. Depois olhou embaixo da cama e pegou um par de botas vermelhas Doc Marten que iam até o joelho e calçou-as sobre o jeans.

Quando desceu, alguns minutos depois, ela achou que parecia uma estrela do rock. Sua expressão era amotinada.

A mãe olhou para o modelito e suspirou de forma dramática, mas não disse nada. O café da manhã se passou em um silêncio gelado, e em seguida os pais a deixaram sozinha para acabar de fazer as malas. Ela empilhou as roupas na cama e sentou entre elas, com a cabeça apoiada nos joelhos dobrados, contando as respirações até se sentir calma.

Quando foram para o carro naquela tarde, Allie parou e olhou para a casa comum com um terraço, tentando memorizá-la. Não era grande coisa, mas sempre fora sua casa, com toda a beleza emocional que a palavra representava.

Agora parecia igual a todas as outras da rua.

TRÊS

A viagem de carro foi uma tortura. Normalmente Allie ficaria feliz em sair da cidade em um dia ensolarado de verão, mas enquanto as ruas lotadas de Londres davam lugar a campos verdes marcados por ovelhas brancas cochilando no calor, ela sentiu uma onda de solidão. A atmosfera no carro não ajudou. Os pais mal tomaram conhecimento de sua presença. A mãe estava com o mapa e ocasionalmente apontava o caminho.

Encolhida no banco de trás, Allie encarou rancorosa as cabeças deles. *Por que não podiam comprar um GPS como todo mundo?*

Já tinha feito essa pergunta a eles diversas vezes, mas o pai só dizia que eram felizes sendo “luditas” e que “todo mundo deveria saber ler um mapa”.

Que se dane.

Sem acesso ao mapa, Allie ficou tentando entender exatamente para onde estava indo.

Não tinham dito onde era a escola, e os nomes das cidades passavam por ela (*Guilford, Camberley, Farnham...*). Em seguida deixaram as estradas principais em direção ao norte e começaram a percorrer caminhos curvos subindo e descendo colinas em pistas minúsculas ladeadas por cercas vivas altas que bloqueavam qualquer visibilidade. Atravessaram vilas (*Crondall, Dippenhall, Frensham...*). Finalmente, após duas horas, viraram em uma pista de terra estreita. O pai diminuiu bastante a velocidade. A estrada passava por uma

floresta espessa onde era mais frio e quieto. Após alguns minutos de impactos e solavancos enquanto ele desviava para evitar buracos fundos na estrada, chegaram a um portão alto de ferro.

Pararam. O ronco do motor do carro era o único ruído.

Por um longo minuto nada aconteceu.

— Precisa buzinar, apertar uma campainha ou algo assim? — sussurrou Allie, tomando ciência da grade preta ameaçadora, que se estendia pelas árvores, até onde ela podia enxergar.

— Não — disse o pai, sua voz também soava sussurrante. — Devem ter circuito fechado de TV ou algo assim. Sabem quando alguém chega. Da última vez esperamos só...

Os portões estremeceram e em seguida, com um ruído metálico estalado, se abriram. Lá dentro a floresta continuava, e o sol mal penetrava através dos galhos espessos.

Allie olhou fixamente para as sombras à frente.

Bem-vinda ao seu novo colégio, Allie. Bem-vinda à sua nova vida.

Enquanto os portões se abriam, ela contou as batidas do coração. *Boom-boom-boom...* Treze batidas e pôde ver a estrada diante dela. Agora seu coração estava tão alto que Allie verificou furtivamente se os pais tinham notado. Eles estavam aguardando pacientemente. O pai tamborilava os dedos no volante.

Vinte e cinco batidas e os portões se fecharam com um tremor.

O pai passou a primeira marcha.

Estavam avançando.

Sentindo a garganta fechando, Allie se concentrou em respirar. Não queria ter outro ataque de pânico agora de jeito nenhum. Mas não conseguia afastar uma sensação opressora de pavor.

Para de pirar, disse a si mesma. É só mais uma escola, Allie. Mantenha o foco.

Funcionou; a respiração acalmou um pouco.

O pai conduziu o carro por uma estrada de cascalho que passava pelas árvores espessas. Depois da estrada esburacada de terra até chegar ao portão, esta era tão lisa e bem conservada que o carro parecia flutuar.

Allie continuou contando as batidas do coração; ao longo de 123 delas, nada além de árvores e sombras; e então um rufar de tambores coronário quando eles saíram para a luz e ela viu uma construção à frente.

Perdeu a conta.

Era pior do que ela temia. Parecendo fora de lugar à luz forte do sol, ao pé de uma colina íngreme coberta por árvores estendia-se uma enorme mansão gótica feita de tijolos vermelho-escuros. A estrutura de três andares tinha sido arrancada de outra época e colocada aqui em... onde quer que eles estivessem. O telhado endentado se projetava afiadamente em pontas e torres, coberto com o que pareciam adagas de ferro forjado apunhalando o céu.

Putá que pariu.

— É uma construção tão impressionante — observou o pai.

A mãe bufou.

— Impressionantemente horrível.

Assustadora. A palavra que eles estão procurando é “assustadora”.

Em contraste com a estrutura intimidante, a estrada de cascalho à frente foi transformada pelo sol em um pedaço de marfim, curvando-se em direção a uma porta grande de madeira na parede de tijolos escuros. Ao penetrarem a sombra projetada pela escola, o pai desacelerou.

No segundo em que o carro parou de se mover, a porta se abriu e uma mulher magra e sorridente saiu e desceu as escadas, correndo ligeiramente. Os cabelos louros e espessos estavam presos para trás sem muita firmeza com um pregador, e se curvavam nas pontas como se estivessem felizes em estar ali. Allie sentiu alívio ao ver como ela parecia normal: os óculos estavam puxados para cima da cabeça, e ela vestia um casaco de cor creme, de algodão, sobre o vestido azul-claro.

Os pais de Allie saltaram do carro e foram falar com ela. Ficando para trás despercebida, Allie abriu a porta relutantemente e saiu do banco traseiro do Ford, que subitamente parecia bastante amigável e familiar. Não fechou a porta.

Em vez de se juntar ao grupo, ela se apoiou no carro e observou fatigada a cena que se desenrolava à sua frente. Esperou. Vinte e sete batidas do coração.

Vinte e oito. Vinte e nove.

— Senhor e senhora Sheridan, é um prazer revê-los. — A voz da mulher era calorosa e alegre; sorria sem esforço. — Espero que a viagem não tenha sido muito tediosa para vocês. O trânsito de Londres para cá às vezes é terrível. Mas pelo menos o tempo está ótimo hoje, não é?

Allie percebeu que ela tinha um ligeiro sotaque, mas não conseguia identificá-lo. Seria escocês? Acrescentava delicadeza e complexidade às palavras, como se fossem filigranadas.

Depois que mais gentilezas foram trocadas e a conversa morreu, os três se voltaram para Allie. Os sorrisos educados dos pais desapareceram, substituídos pelo vazio cultivado ao qual ela já estava desconfortavelmente acostumada. Mas a diretora sorriu calorosamente para ela.

— E você deve ser a Allie — pontuou. Escocesa, definitivamente. Mas que sotaque estranho, muito sutil. — Allie, eu sou Isabelle le Fanult, a diretora da Academia Cimmeria. Pode me chamar de Isabelle. Seja bem-vinda.

Allie ficou um pouco surpresa em ouvir o apelido, em vez de “Alyson”, que era como os pais sempre a chamavam. E ser orientada a chamar a diretora pelo primeiro nome também parecia estranho.

Mas bem legal.

Isabelle estendeu uma mão magra e pálida. Tinha olhos castanhos dourados estranhamente bonitos, e de perto parecia mais jovem do que aparentara ser de longe.

Allie não queria nada com aquele lugar — não queria nada com aquela mulher —, mas se viu retribuindo o gesto. Quando sua mão foi apertada num cumprimento surpreendentemente forte e frio, e soltada gentilmente, ela relaxou um pouco.

Isabelle sustentou o olhar por mais um segundo, e Allie teve a impressão de ter detectado solidariedade na expressão da diretora, antes que ela se voltasse novamente para os pais com um sorriso e um dar de ombros em tom de desculpas.

— Sinto muito, mas a regra é que os pais se despeçam dos filhos aqui. Quando os alunos atravessam a entrada, dão início às suas novas vidas na

Cimmeria, e gostamos que eles o façam de forma independente.

Voltando-se novamente para Allie:

— Você trouxe muitas malas? Espero que a gente consiga carregar tudo. A maioria dos funcionários está ocupada no momento, então acho que teremos que nos virar sozinhas.

Pela primeira vez Allie se pronunciou.

— Eu não trouxe muita coisa.

Era verdade. O colégio oferecia quase tudo e permitia tão pouco que no fim das contas ela só tinha duas malas de tamanho médio, basicamente preenchidas por livros e cadernos. O pai as retirou do porta-malas. Isabelle levantou a maior com surpreendente facilidade. Trocou algumas gentilezas finais com os pais de Allie e então se afastou deles.

— Estuda bastante e manda notícias de vez em quando — disse o pai. Ainda estava distante, mas parecia triste, e deu um rápido abraço na filha.

A mãe retirou um chumaço de cabelo do rosto de Allie, evitando os olhos da menina.

— Por favor, dá uma chance a esse lugar. E liga pra gente se precisar — orientou. Por um mero segundo deu um abraço forte em Allie, e então a soltou e voltou para o carro sem olhar para trás.

Allie ficou parada, com as mãos ao lado do corpo, vendo o carro fazer a volta e retornar pelo caminho de cascalho. Sentiu lágrimas ardendo no fundo dos olhos, e balançou a cabeça ferozmente para espantá-las. Pegando a mala preta que restava, virou na direção de Isabelle, que a observava.

— É sempre difícil da primeira vez — disse Isabelle, com a voz delicada. — Depois fica mais fácil.

Dirigiu-se animadamente para os degraus, falando por cima dos ombros:

— Temos uma pequena distância a percorrer. Você vai ver que este prédio simplesmente não tem fim.

A voz enfraqueceu à medida que foi avançando. Após um instante de hesitação, Allie foi atrás.

— Vou te oferecer a visita guiada no caminho... — dizia Isabelle, mas Allie mal escutou ao ficar boquiaberta com o enorme saguão de entrada.

Lá dentro estava pouco iluminado e frio, a luz forte do sol entrava em um tom colorido, filtrado por um vitral no alto. O teto tinha no mínimo seis metros de altura e era sustentado por arcos espessos de pedra. O chão de pedras fora polido por milhares de pés ao longo de centenas de anos, até ficar liso. Castiçais de um metro e meio de altura erguiam-se como sentinelas em cada canto. Algumas paredes eram cobertas por velhas tapeçarias, apesar de Allie não tê-las visto muito bem enquanto apressava o passo atrás da diretora.

Do saguão de entrada foram para um corredor amplo com piso de madeira escura. Isabelle foi para a primeira sala à direita. Nela havia mais de uma dúzia de mesas grandes e redondas de madeira, cada qual com oito cadeiras ao redor. Em uma das paredes ficava uma lareira enorme, bem mais alta que ela.

— Esta é a sala de refeições. Você vai fazer todas elas aqui — informou, parando um instante para que Allie tomasse ciência antes de prosseguir pelo corredor.

A curta distância e do lado oposto do corredor, ela passou por outra entrada arqueada. Este vasto salão tinha piso polido de madeira, teto quase tão alto quanto o da entrada, e, de maneira geral, estava vazio. A lareira fazia Isabelle parecer uma anã, e um enorme candelabro de metal se pendurava no teto por correntes.

— Aqui é o salão principal. Fazemos eventos, bailes, reuniões e coisas do tipo — disse Isabelle. — Essa é a parte mais antiga da casa. Muito mais velha do que a fachada. Mais velha até do que parece.

Ela deu meia-volta e retornou para o corredor. Allie correu para acompanhá-la, arfando ligeiramente por causa do esforço. Isabelle era surpreendentemente rápida. Virando à esquerda, gesticulou para outra porta, explicando que era a sala comum. Em seguida começaram a subir uma escadaria larga de madeira com um impressionante corrimão de mogno. Os sapatos de Isabelle faziam um ruído suave enquanto ela subia, o tempo todo contando fatos e números sobre a construção. Allie estava um pouco atordoada por tudo aquilo — a escadaria era eduardiana, ou ela tinha dito vitoriana? A sala de refeições era da época da Reforma... ou seria da época dos Tudor? A maioria das salas de aula se encontrava na ala leste, mas o que ela disse que tinha na oeste?

Subindo dois andares, Isabelle virou à esquerda e atravessou um amplo corredor, depois subiu um andar com uma escadaria mais fina que conduzia a um longo corredor escuro alinhado com portas de madeira pintadas de branco.

— Aqui é o dormitório das meninas. Vejamos, você está no 329... — Ela apressou o passo corredor abaixo até o número certo aparecer e abriu a porta.

O quarto era muito escuro e pequeno, com uma única cama de madeira, uma escrivaninha e um armário, todos pintados de branco. Isabelle atravessou o quarto e abriu uma tranca que Allie não conseguiu enxergar, afastando uma persiana de madeira que cobria uma pequena janela arqueada. Instantaneamente o quarto se acendeu com a luz dourada da tarde.

— Só precisa de um pouco de ar fresco — disse alegremente enquanto se dirigia à porta. — Seus uniformes estão no armário, seus pais nos deram seus tamanhos, mas avise a gente se alguma coisa não couber. Deve ter tudo que você precisa. Posso te deixar aqui pra desfazer as malas? O jantar é às sete, você sabe onde é a sala. Ah, por sinal...

Ela virou.

— Eu percebi que você anda tendo problemas na aula de inglês ultimamente, então te pus na minha turma. É um seminário especial com uma turma menor; espero que você ache interessante.

Sobrecarregada com tantas informações, Allie assentiu silenciosamente; então, percebendo a necessidade de palavras, falou hesitante:

— Eu... eu vou ficar bem.

Isabelle inclinou a cabeça para o lado, observando-a por um segundo, e assentiu.

— Tem muitas informações sobre a escola e as suas aulas no envelope na escrivaninha — disse ela. Allie não tinha notado o envelope grande com seu nome à primeira vista, mas agora ficou imaginando como podia não ter percebido.

— Alguma pergunta antes de eu ir?

Allie começou a balançar a cabeça e parou. Olhou para os pés, em seguida para a frente outra vez. Puxou a barra da camisa hesitantemente.

— Você é a diretora, certo?

Isabelle fez que sim com a cabeça, parecendo ligeiramente confusa.

— Então por que está fazendo isso tudo? — Allie fez um gesto de varredura.

— Não entendi — respondeu Isabelle, claramente perplexa. — Por que eu estou fazendo o quê?

Allie tentou explicar.

— Por que está me recebendo na porta, me levando até o meu quarto, me mostrando a casa...

Isabelle hesitou, cruzando os braços discretamente. A voz era gentil.

— Allie, seus pais me contaram muito a seu respeito. Eu sei o que aconteceu, e sinto muito pelo seu irmão. Sei como é perder alguém próximo, e sei como é fácil se deixar levar por todo esse... horror, e nunca mais se libertar. Mas você não pode permitir que o que aconteceu destrua a sua vida. Você tem muito a oferecer, e a minha função é fazer com que você perceba isso. Te ajudar a se recuperar.

Isabelle foi até a porta e apoiou a mão.

Inspirar três vezes, expirar duas.

— Vou mandar uma monitora passar aqui pra se apresentar e responder a quaisquer perguntas que você possa ter — disse Isabelle. — Ela vai vir às seis, o que deve te dar tempo de arrumar tudo antes do jantar. Os horários das refeições são rígidos, por favor não se atrase.

Ela saiu sem correr, mas a porta se fechou levemente com um clique quieto.

Allie expirou.

Com o quarto para si, teve tempo para pensar. Por que os pais contaram a Isabelle sobre Christopher? Isso sempre havia sido assunto particular da família. E a estranheza dessa escola? Por que não haviam passado por um único aluno no corredor no caminho até ali? O lugar parecia vazio.

Era esquisito.

Ela levantou uma mala para a cama. Abrindo-a, começou a retirar as coisas e a encontrar lugares para guardá-las. Livros foram para a prateleira estreita ao lado da escrivaninha. As roupas foram para a cômoda, mas ao abrir as gavetas

viu que muitas já estavam preenchidas por camisetas, shorts e casacos brancos ou azul-marinhos, com o brasão da Cimmeria acima do coração.

Curiosa, abriu o armário e achou saias, camisas e blazers, todos ao estilo do uniforme. Revirou o fundo do armário até os dedos tocarem algo leve e fino. Retirando os cabides, viu que sustentavam vestidos de várias cores. Isabelle tinha mencionado festas, mas não falou nada sobre a escola providenciar trajes formais. Pegou um vestido azul-escuro de veludo — parecia antigo, com uma saia volumosa que ia até o joelho e uma gola em V sofisticada e bordada.

Ficou olhando, perplexa. O que aquilo fazia ali?

Nunca tinha ido a um baile de verdade — não era o tipo de coisa promovida por suas escolas anteriores. A ideia de colocar um vestido caro e ir a uma festa de gala fez um calafrio de nervosismo percorrer seu corpo. O que ela faria? Não sabia dançar.

Acariciando o tecido suave, tentou se imaginar petiscando canapés e jogando conversa fora. Soltou uma risada amarga.

Não é o meu mundo.

Allie devolveu as roupas ao armário, fechou a porta de madeira e sentou na escrivaninha de madeira diante da janela. Da cadeira a vista era do céu azul e dos topos verdes das árvores. A tarde estava esfriando, o ar cheirava a pinheiros e verão. Ela abriu o envelope e retirou um maço de papéis. Isabelle não estava brincando quando falou em “muitas” informações.

Dentro havia um mapa da casa, mostrando onde ficavam os dormitórios em relação às salas de aula, de jantar e aos alojamentos dos professores. A segunda folha tinha os horários das aulas: inglês, história, biologia, álgebra, francês — o de sempre.

Na sequência da pilha, uma pasta preta na qual estava escrito:

Regras

Dentro, folhas e mais folhas, escritas à mão com uma caligrafia antiquada adorável. Mas antes que pudesse ler, alguém bateu à porta.

A porta se abriu e uma menina bonita com uniforme da Cimmeria — camisa branca de manga curta com o brasão, saia quadriculada azul-escura que

batia no joelho — entrou. Tinha o rosto sério, pensou Allie. Cabelos lisos, louros quase brancos na altura dos ombros, e usava sandálias Birkenstock cor-de-rosa. Allie notou que o esmalte nas unhas dos pés da menina combinava perfeitamente com a sandália e imediatamente se sentiu desajeitada e moleca.

Quando foi a última vez que eu pintei as unhas?

Teve a sensação de que a menina estava tentando não olhar.

— Allie? — Ela tinha uma voz áspera que não parecia combinar com a aparência.

Allie confirmou com um aceno de cabeça e se levantou da cadeira.

— Sou a Jules, a monitora da sua turma. A Isabelle me pediu pra me apresentar.

— Hmm, obrigada. — Allie puxou ansiosamente a bainha da camisa, imaginando se deveria ter trocado de roupa.

Fez-se uma pausa. Jules ergueu uma sobrancelha curiosa e tentou outra vez.

— Ela achou que você teria dúvidas que eu pudesse ajudar a resolver.

Allie lutou para pensar em perguntas interessantes. E não conseguiu.

— A gente tem que usar uniforme todo dia?

Jules assentiu.

— Sempre que a gente estiver em qualquer lugar no terreno da escola, usamos o uniforme. Tem uma seção toda sobre isso nos papéis que a Isabelle deixou pra você.

— Eu estava lendo mais ou menos. — Allie gostaria de parar de tropeçar nas palavras. Jules parecia tão confiante. — Mas tem muita coisa.

— É muita coisa pra absorver no primeiro dia — concedeu Jules. — Acho que o meu primeiro dia teria sido péssimo, mas o meu irmão já estava aqui, então ele ajudou. Muitos alunos têm parentes que estudaram aqui, você tem?

Allie balançou a cabeça.

— Nunca tinha ouvido falar desse lugar até poucos dias atrás.

Jules pareceu surpresa com isso, mas disse apenas:

— Bem, então é melhor eu te mostrar o dormitório, embora, pra falar a verdade, não tenha muita coisa lá.

Allie deu um passo em direção à porta, mas Jules olhou significativamente para a roupa dela.

— Por que você não coloca o uniforme antes?

Corando, Allie cruzou os braços sobre o peito, mas Jules não pareceu notar.

— Eu espero lá fora — disse Jules. Sem esperar resposta, saiu.

Assim que a porta fechou atrás dela, Allie abriu o armário e tirou uma camisa branca e uma saia azul como as que Jules estava vestindo e jogou a roupa na cama.

Será que Jules estava tirando sarro das suas roupas? Não tinha certeza, mas ela era tão... perfeita.

Claro que ela estava tirando sarro de mim, Allie pensou amargamente. É isso que fazem meninas como ela.

Meninas com pedicure perfeita... Desamarrou as botas violentamente e as chutou para baixo da cama.

Meninas com cabelo perfeito...

Foi até o armário buscar sapatos aceitáveis, mas só desenterrou sapatos Oxford pretos com solas de borracha e meias brancas de colegial. Fez cara feia ao calçá-los.

Essas porcarias de meninas perfeitas.

Olhando-se no espelho atrás da porta, se sentiu desconfortável com a maquiagem carregada. Jules usava só brilho labial. Mas agora não podia fazer nada.

Ajeitando os cabelos com as mãos, saiu. Jules estava apoiada na parede.

— Agora você parece uma de nós — disse em tom de aprovação ao saírem pelo corredor estreito.

Allie não soube o que pensar a respeito.

— Essa área era o alojamento dos serventes — explicou Jules, ignorando a indignação fervente de Allie. — Mas o prédio foi aumentado ao longo dos anos, então é bem maior do que antes. O banheiro é aqui... — Apontou para a única porta não numerada pela qual passaram. — É um só pra todo mundo, então vá bem cedo, bem tarde ou saiba que vai ter fila.

Fizeram a curva na direção da escada. A casa parecia mais cheia agora, com alunos uniformizados conversando e rindo por todos os cantos.

— Eu imagino que a Isabelle tenha te mostrado a sala de refeições — perguntou Jules. — Ela te levou até a sala comum?

Allie fez que não.

— É a mais importante do colégio — disse Jules, guiando-a escadaria abaixo. — A maioria de nós fica aqui depois das aulas quando não estamos fazendo nossos exames.

— Exames? — perguntou Allie.

Jules a olhou como quem não acreditava que ela precisasse perguntar isso.

— Dever de casa — explicou, abrindo a porta ao pé da escada.

Entraram em um espaço confortável com sofás de couro. Tapetes orientais se espalhavam pelo chão, havia um piano em um canto e prateleiras que iam do chão ao teto, abarrotadas de livros e jogos. Várias mesas tinham tabuleiros de xadrez pintados. A sala estava vazia, exceto por uma poltrona no lado oposto, onde um menino estava sentado, observando-as por cima de um livro de aparência antiga. Ele tinha cabelos pretos e lisos, boca firme, olhos enormes e escuros emoldurados por cílios espessos; estava com os pés apoiados casualmente sobre um tabuleiro de xadrez. Seus olhares se encontraram e Allie teve a estranha sensação de que ele sabia quem ela era. O menino não sorriu, nem disse nada, mas continuou olhando. Após um instante que pareceu mais longo que um instante, ela desviou os olhos e direcionou-os novamente para Jules, que a observava com expectativa.

Diz alguma coisa.

— Ééé... Não tem televisão? Ou... som... — Ela achou ter ouvido uma risada abafada do outro lado da sala, mas se recusou a olhar novamente para o menino.

Mais uma vez viu espanto na expressão de Jules, como se ela tivesse perguntado o que era aquele globo dourado e brilhante no céu.

— Não, certamente que não. — A voz de Jules soou dura. — Não tem TV, não tem iPod, não tem laptop, não tem celular... Não tem século XXI, na verdade. Os seus pais não te falaram isso?

Enquanto Jules listava as coisas que os alunos não podiam ter, o coração de Allie afundava a cada equipamento proibido. Em resposta à pergunta, balançou a cabeça em silêncio.

Jules pareceu espantada, mas se recompôs o suficiente para explicar.

— Espera-se que a gente aprenda a se distrair de formas mais tradicionais. Como conversa ou leitura. Pode acreditar, vão te ocupar tanto com tarefas escolares que não vai ter tempo pra TV. — Jules se virou para sair da sala:

— Está tudo no envelope...

Aquela porcaria de envelope. Vou levar a desgraça da noite inteira lendo para aprender mais sobre que droga que é esse lugar.

Sem voltar o olhar para o menino na cadeira, seguiu a monitora pelo corredor. Jules tocou levemente uma porta ao passarem por ela.

— Essa é a biblioteca: você vai ficar conhecendo-a muito bem.

Atravessaram o salão principal e ela abriu uma porta pesada que levava à ala leste da casa.

— As aulas são aqui. Pra quem está começando, é mais fácil achar o caminho pelo número. Na folha de horários, cada aula tem o número da sala. Nós todos sabemos pelo nome dos professores, mas de início isso não vai te ajudar muito, já que eles não põem os nomes nas portas. As salas de 1 a 20 ficam no térreo, de 100 a 120 no primeiro andar, e qualquer coisa acima disso é território proibido pra você.

Allie lançou um olhar surpreso a Jules, mas antes que pudesse perguntar por que, Jules falou:

— Bom, você tem mais ou menos 20 minutos antes do jantar, e eu sugiro que leia o que está no envelope enquanto dá tempo. Aquilo é muito importante. Sem isso eu acho que você vai ficar meio perdida amanhã. Seus professores vão te dar os cadernos em cada aula, a propósito, então só precisa levar papel e caneta, deve ter o suficiente na sua escrivaninha.

A essa altura já estavam subindo as escadas, voltando para o dormitório.

— Se você precisar de mim, o meu quarto é o 335, mas qualquer pessoa ajuda se você se perder, tá bem?

Acenou e voltou pelo corredor, enquanto Allie ia para o quarto.

Deixando aquelas Regras de aparência esquisita para depois, folheou a pilha de papéis sobre a mesa e tentou se concentrar nas diretrizes de sala de aula (“os alunos já devem estar sentados em seus lugares quando o instrutor for começar a aula...”), mas seus pensamentos voltaram para o menino na cadeira de couro. Vasculhou a memória buscando qualquer encontro passado, mas não achou nada arquivado nas lembranças. Ele certamente pareceu reconhecê-la, ou, no mínimo, saber quem ela era. Allie rodou o lápis entre os dedos, lembrando de como os olhos escuros do menino a estudaram.

Ao virar outra página olhou para o relógio.

Porra.

Faltava um minuto para as sete. Onde tinham ido parar 20 minutos? O jantar estava começando.

Saiu pela porta e por pouco não trombou contra uma menina loura de cabelos curtos que vinha em disparada pelo corredor.

— Cuidado! — gritou a menina, sem diminuir o ritmo. Allie foi atrás.

— Desculpa! Não te vi.

A menina não olhou para trás e as duas correram escada abaixo e frearam juntas na entrada da sala de refeições. Sem trocar uma palavra, entraram com o mesmo jeito artificial de despreocupação, como se tivessem descido conversando casualmente pelo caminho. A menina loura olhou para ela e deu uma piscadela antes de se sentar naquela que parecia sua mesa habitual, a julgar pela forma como todos a receberam.

A sala parecia muito diferente da primeira impressão que tivera ao passar por ela com Isabelle. Velas acesas brilhavam nas mesas cobertas por toalhas brancas. Pratos nas cores da escola e copos de cristal cintilavam diante de cada assento. Ao achar uma cadeira vazia, Allie se sentou. Como se alguém tivesse acionado o botão “mute” de um controle remoto, a conversa à mesa parou instantaneamente. Sete pares de olhos a encararam cheios de curiosidade.

— Ééé... tudo bem se eu sentar aqui? — Olhou ao redor nervosa.

Antes que alguém pudesse responder, a porta da cozinha se abriu e garçons vestidos de preto surgiram carregando travessas de comida. Alguém colocou uma jarra de vidro com água à altura do cotovelo dela. Até então Allie não

tinha se dado conta do quanto estava com sede e quis encher o copo, mas esperou para ver o que os outros iriam fazer. Ninguém se mexeu.

— Por favor.

Ela procurou a voz, que tinha sotaque francês, e achou-a à sua esquerda, onde um menino de pele morena, cabelos escuros e grossos e belos olhos azuis a observava.

— Como?

— Senta aqui. Por favor.

Ela sorriu agradecida.

— Obrigada.

Ele retribuiu o sorriso e ela achou que fosse derreter e virar uma poça no chão. Ele era lindo.

— De nada. Pode me passar a água, por favor?

Allie entregou a jarra e, para seu alívio, ele encheu o copo dela antes. Ela tomou metade do copo muito depressa, e em seguida se serviu da travessa de bife com batatas que ele entregou. O silêncio se abateu sobre a mesa outra vez, e ela olhou para ele.

Limpou a garganta.

— Eu sou a Allie — disse.

Alguma coisa lhe disse que ele já sabia disso.

— Eu sou o Sylvain. Bem-vinda a Cimmeria.

— Obrigada — agradeceu, momentaneamente feliz por estar lá.

A comida estava deliciosa. Ela não comia nada desde aquele café da manhã terrível, desconfortável, e agora comia com voracidade. No que punha o último pedaço de batata na boca, porém, levantou o olhar e reparou que estavam todos olhando para ela. O pedaço de batata parecia enorme e ela mastigou com dificuldade e aí estendeu a mão até o copo de água, que percebeu tarde demais estar vazio.

Suavemente, Sylvain pegou o copo e encheu-o para ela. A expressão do menino era solidária e seus olhos claros brilhavam à luz da vela. Mas enquanto Allie tentava pensar em algo interessante para dizer, seus pensamentos foram interrompidos.

— Você é de Londres — disse uma voz, vinda subitamente de uma ruiva do outro lado da mesa.

— Sou. Como você...?

— Avisaram que ia chegar uma aluna nova. Você é a Allie Sheridan. — A ruiva declarou com propriedade, como se estivesse relatando as notícias do dia.

A resposta de Allie foi reservada.

— Até onde eu saiba. Quem são vocês?

— Katie.

Nenhuma outra pessoa revelou o nome.

Allie se contorceu um pouco com os olhares e sentiu que precisava preencher os vazios desconfortáveis na conversa. Mas papo furado nunca fora sua especialidade.

— Esse colégio é... enorme. — Atrapalhou-se. — O prédio é meio assustador.

— É? — perguntou Katie, soando um pouco espantada. — Eu acho lindo. Minha família inteira estudou aqui. Seus pais também?

Allie fez que não com a cabeça. Katie arqueou uma das sobrancelhas perfeitas enquanto as duas meninas que a ladeavam cochicharam uma para a outra.

— Que estranho.

— Por que é estranho? — perguntou Allie.

— A maioria dos alunos aqui tem legado. Eu tenho, o Sylvain e a Jo também.

Allie ficou confusa.

— Quem é Jo?

Katie pareceu espantada.

— A menina que entrou com você.

— Srta. Sheridan. — A voz trovejante vinda logo de trás da cadeira interrompeu Katie. Allie virou de lado para ver o seu dono, um homem calvo que aparentava ter a idade do seu pai. Era muito alto — mais de 1,80m — e apesar de estar usando um terno gasto, tinha postura quase militar. Allie se ajeitou na cadeira. A sala caiu em silêncio.

— Alguém já lhe explicou as regras sobre as refeições na Cimmeria? — O olhar que ele lançou a ela parecia de desprezo.

— Já. — A voz de Allie tremeu ligeiramente, e ela ficou com ódio disso.

— Todos os alunos devem estar nesta sala antes do início de cada refeição. Você chegou em cima da hora hoje. Assim como você, srta. Arringford. — Ele virou e apontou para Jo, que o olhou sem medo. Voltou-se novamente para Allie. — Não deixe que isso se repita. Nova ou não, da próxima vez que se atrasar, terá que passar pela detenção.

O homem se afastou, os sapatos emitindo um ruído estalado na sala silenciosa. Allie olhou fixamente para o prato vazio, sentindo os olhos da sala nela. Suas bochechas coraram de raiva. Tinha chegado *dois segundos atrasada*. Ele não tinha o direito de humilhá-la daquela forma na frente da escola toda.

Allie não conseguia acreditar — tinha acabado de chegar e já estava encrencada.

Olhando para uma mesa próxima, viu que Jo olhava para ela. Brevemente seus olhares se encontraram e Jo sorriu de um jeito atrevido e deu mais uma piscadela, como se nada tivesse acontecido. Allie observou enquanto um menino esfregou o braço de Jo e ela apoiou a cabeça no ombro dele por um instante, sorrindo por alguma coisa que ele disse.

Allie se sentiu ao mesmo tempo melhor e pior.

Os outros à sua mesa estavam conversando entre si, ignorando-a visivelmente. Todos menos Sylvain, que parecia preocupado.

— Quem é ele? — perguntou Allie, abrindo e fechando o guardanapo de pano, fingindo que o que tinha acontecido não tinha tanta importância assim.

— O sr. Zelazny — respondeu. — Professor de História. Bastante intrometido, como dá pra ver. Ele se julga o fiscal de regras da escola. Eu gostaria de dizer que você não precisa se preocupar, mas na verdade é melhor não arrumar problemas com ele. Ele pode tornar a sua vida... infeliz. Se eu fosse você, chegaria cedo às refeições nos próximos dias. Ele vai estar de olho.

— Ótimo — disse Allie resignada.

Que sorte desgraçada que eu tenho.

Em volta deles, alunos começaram a se levantar e sair. Allie viu que deixaram os pratos e copos nas mesas.

— A gente não ajuda a tirar a mesa? — perguntou, surpresa.

As meninas em volta de Katie riram.

Katie pareceu confusa.

— Claro que não. Os empregados fazem isso.

Allie se voltou para Sylvain, mas a cadeira do menino estava vazia. Ele já tinha saído. Ela ouviu mais risadinhas e sussurros em volta da mesa, e já tinha aturado muito daquilo por hoje. Então, sem mais uma palavra, se juntou àqueles que estavam indo em direção à porta.

Sentia-se cansada e derrotada. O que ela não daria para ir para o quarto ouvir seu MP3 enquanto mandava mensagens para Mark e Harry sobre as pessoas estranhas que tinha conhecido hoje. Mas aquele mundo parecia tão distante do universo abafado e antiquado da Cimmeria, onde não existia tecnologia, e as pessoas eram mimadas demais para tirar os próprios pratos e levá-los para a cozinha.

No corredor, viu que os alunos caminhavam em várias direções. Alguns estavam indo para fora, enquanto outros se dirigiam para a sala comum ou a biblioteca. Todos pareciam estar em grupos de amigos, conversando e rindo.

Sozinha, Allie subiu as escadas em direção ao dormitório feminino.

Vinte e quatro degraus até o primeiro andar, e mais 20 até o segundo, depois mais 17 passos pelo corredor até o quarto.

Uma vez lá dentro, percebeu que alguém havia entrado enquanto ela jantava. A janela estava fechada, apesar de a persiana continuar aberta. A cama estava coberta por lençóis brancos e uma colcha branca afogada, com um cobertor azul-escuro dobrado cuidadosamente ao pé da cama. As roupas que ela havia jogado no chão tinham desaparecido, substituídas por um par de chinelos brancos macios. Encontrou duas toalhas brancas dobradas na cadeira, com uma barra de sabão em cima. Os papéis na escrivaninha tinham sido ajeitados em uma pilha organizada.

Alguém por aqui é maníaco por organização.

Tirando os sapatos, Allie pegou os papéis e se jogou na cama. Mas só tinha acabado de ler metade quando a luz do fim de tarde começou a desaparecer do céu.

Bocejou sobre a folha de horários.

Enfiando os pés nos chinelos, pegou a escova de dentes e foi até o banheiro. Abriu a porta com certo receio, mas estava vazio. Enquanto escovava os dentes, se examinou no espelho. Parecia mais velha agora do que uma semana atrás? Ela se sentia mais velha.

De volta ao quarto fechou a persiana sobre a janela e deitou. Mas quando apagou o abajur o quarto ficou inteiramente escuro. Escuro demais. Tateou a mesa procurando a lâmpada, derrubando o despertador enquanto acendia a luz apressadamente.

Saltando da cama, abriu a persiana. A última luz do dia de verão banhou o quarto com um brilho suave.

Assim era melhor.

Apagou a luz e observou os últimos reflexos do sol desaparecerem e as estrelas surgirem. Tinha contado 147 respirações quando caiu no sono.

— *Allie, corre!*

O grito veio da frente dela na escuridão. Allie não sabia por que alguém achava necessário dizer aquilo — já estava correndo o mais rápido possível. Os cabelos voavam atrás, e apesar de não conseguir enxergar as árvores com clareza — identificava apenas as formas — sentia os galhos agarrando suas roupas; os gravetos arranhando a pele. O chão da floresta era desigual e ela sabia que iria acabar perdendo o equilíbrio. Não se pode correr sem enxergar nada num bosque escuro. É impossível.

De repente, logo atrás de si ela ouviu passos e sentiu o ar se mover como se houvesse alguém bem...

Dedos firmes cortaram a pele do seu ombro esquerdo e ela berrou, golpeando quem quer que fosse com as mãos, afastando-o de si.

Em seguida escutou uma risada desdenhosa atrás de si, e, gritando, foi suspensa no ar por mãos que não conseguia enxergar.

Allie sentou-se repentinamente. Por um curto instante não teve ideia de onde estava, e se arrastou para o canto da cama, costas na parede e braços envolvendo os joelhos protetoramente.

Então se lembrou. *Cimmeria. Colégio.*

Aquele sonho outra vez. Ela o vinha tendo regularmente há semanas. Toda vez acordava suando.

O quarto ainda estava escuro. O relógio indicava que passava de meia-noite e meia. Sentia-se totalmente desperta, ansiosa e meio grogue, como se nada fosse real.

Desceu da cama e se apoiou na escrivaninha para olhar lá fora. A lua projetava uma luz irrealmente azul. Subiu na mesa e abriu a janela, sentindo a brisa fresca ao apoiar o queixo nos braços e contemplar a escuridão. Escutou os pássaros noturnos e respirou profundamente o ar fresco. Adorava aquele cheiro. Agulhas de pinheiro e solo barrento. Era reconfortante.

De repente escutou passos... acima dela? Seria possível?

Esticou-se para tentar enxergar o que havia acima da janela, e podia jurar que viu uma sombra fraca se movendo no telhado.

Ficou sentada imóvel por um instante, escutando, e achou que estivesse ouvindo, fracamente, um sussurro de vozes.

Fechou a janela, testou o trinco para se certificar de que estava seguro e voltou para a cama. Em poucos minutos estava inconsciente.

QUATRO

Allie abriu os olhos e viu o quarto inundado pela luz. No espaço nebuloso entre o dormir e o acordar, ela achou que, com paredes inteiramente brancas e a colcha branca antiga, parecia o céu.

Olhou para o despertador na escrivaninha — seis e meia.

Algum dia na vida já tinha acordado tão cedo assim? Talvez para aquela viagem à França com a família há alguns anos, mas nunca por vontade própria. Nunca só para ir à escola.

Enquanto ela se espreguiçava e bocejava, dava para ouvir vozes no corredor. O quarto estava frio com o ar fresco da manhã.

Sentou-se ereta e olhou fixamente para a janela aberta. Ela não a tinha fechado ontem à noite? Lembrava-se de tê-lo feito, mas agora a janela estava tão escancarada quanto estivera quando Allie se sentou diante dela durante a noite.

Talvez eu só tenha sonhado que fechei.

Desceu da cama murmurando para si mesma:

— Anda logo, Allie. — Puxando a camisola e calçando os chinelos, enrolou o xampu e a escova de dentes em uma toalha e se apressou pelo corredor, ansiosa com a situação de banheiro compartilhado que a aguardava.

Em contraste com o vazio que ecoava na noite anterior, o amplo banheiro estava agora tomado por vapor e cheio, mas havia um chuveiro livre. Aliviada por não se tratar de um daqueles lugares comunitários ao estilo todo-mundo-

pelado-num-cubo-de-concreto-hostil, Allie entrou, fechou a cortina e se deparou com um vestiário privado na frente do cubículo branco espaçoso onde ficava o chuveiro. Ambos brilhando de tão limpos.

Não era tão ruim, na verdade. Tinha bastante espaço, um gancho no qual podia pendurar o roupão e até um banco liso de madeira onde poderia deixar os chinelos secos. Debaixo do jato quente, ela se sentiu melhor quase imediatamente. Mais tarde, com o cabelo molhado enrolado na toalha, encontrou uma pia livre para escovar os dentes e não se importou com quão cheio estava o banheiro. Enrolada em um roupão branco grosso como todo mundo, ninguém sabia que ela era a aluna nova.

De volta ao quarto, vestiu rapidamente o uniforme, penteou o cabelo molhado e aplicou uma camada fina de rímel. A mão pairou sobre o delineador... e então o deixou na bolsa. Este lugar parecia ter um estilo diferente da escola dela em Londres.

Ela juntou os papéis e canetas para o dia e os guardou na bolsa que encontrou no armário. Pendurando-a no ombro, desceu às sete em ponto, bem antes do prazo-limite de sete e meia.

Quando cruzou a porta de entrada da sala de refeições, parou por um instante — o lugar tinha se transformado outra vez. Janelas imensas em uma das paredes permitiam a entrada da luz do sol, difusa através de cortinas brancas. As velas com brilho trêmulo e copos cintilantes tinham desaparecido. Quase todas as mesas estavam vazias e cobertas apenas por toalhas brancas lisas. Havia comida amontoada em mesas de bufê: dez tipos de cereais, uma panela de mingau exalando vapor e pilhas de pão pronto para ser torrado. Travessas de prata aquecidas continham ovos, bacon e linguiça.

Ao sentir o cheiro da comida, descobriu que estava morrendo de fome outra vez. Fazendo um prato com torrada, queijo e ovos mexidos, serviu-se de suco de maçã antes de sentar a uma mesa vazia. Não reconhecia ninguém na sala, o que, de certa forma, era bom. Passou manteiga e geleia de groselha na torrada e deu uma mordida grande.

— Esse lugar está ocupado?

Tentando não mastigar de boca aberta, Allie se virou e viu Sylvain ao seu lado. Fez que não com a cabeça em silêncio e lutou para engolir com graça,

mas fracassou, franzindo o rosto enquanto a comida descia. Pela primeira vez achou que um sorriso havia alcançado os incríveis olhos do menino.

— Não... quer dizer, pode sentar. Por favor. Senta...

Sentando-se ao lado dela sem qualquer indício de desconforto, ele mordeu um pedaço de bacon.

— O que você achou da sua primeira noite? Te procurei na sala comum, mas não encontrei.

O coração de Allie saltou, e ela olhou determinada para o queijo, de modo que Sylvain não visse o quanto tinha ficado feliz.

— Tinha muita coisa pra ler ontem. Achei melhor aprender o máximo possível antes de hoje, sabe? Pra me preparar. Dia importante e tudo mais.

Ele assentiu e deu uma mordida razoável na torrada.

— Eu lembro disso do meu primeiro dia. Parece que querem que você aprenda tudo sobre a Cimmeria de uma vez. Acho que a informação que dão pra gente é maior que... — Adoravelmente, ele pareceu lutar para encontrar as palavras — ... o tamanho da escola, se isso faz algum sentido?

Encantada, ela não pôde deixar de sorrir.

— Entendi exatamente o que você quis dizer. É desproporcional.

— É. Desproporcional. — Retribuiu o sorriso e o coração de Allie saltou de novo.

Para com isso, disse com firmeza a si mesma. *Ele só está sendo educado.*

Comeram num silêncio amigável durante um tempo.

— Então — ela disse depois de um tempo —, todo mundo fica muito na sala comum? Parece legal.

Ótimo papo furado, Allie. Sutil pra caramba.

Ele tomava um gole de café com leite e não pareceu notar.

— A sala comum e a biblioteca são os lugares onde todo mundo fica quase todas as noites. Mas no verão, quando tá quente, a gente prefere ficar lá fora, jogando croquet noturno. Foi por isso que eu te procurei. Achei que você pudesse querer jogar com a gente.

O garfo de Allie parou no meio do trajeto para a boca.

— Vocês estavam jogando croquet à noite? No escuro?

— É mais legal assim. Sabe, aprendi que muitos jogos são mais exóticos quando jogados à noite. — Seus olhos encararam os dela por um segundo a mais do que o necessário.

E, simples assim, Allie perdeu o apetite. Desgrudou o olhar do dele, fazendo-o passear pela sala.

Cadeira, mesa, menina com rabo de cavalo, janela, cadeira de novo...

Sentiu o calor subir às bochechas. Quando encarou Sylvain de novo, um ligeiro sorriso se formava nos cantos dos lábios dele enquanto quebrava a beirada de uma torrada com seus longos dedos, observando o rosto dela.

Ele está flertando comigo. Com certeza.

— Beisebol, por exemplo — continuou pensativamente. — E futebol no escuro, apesar de isso poder ser um pouco... pesado.

Ele equilibrava um pedaço de bacon nas pontas dos dedos enquanto considerava as possibilidades.

— Tênis com raquetes fosforescentes numa noite sem lua é incrível. Acho que você ia adorar. Prometo que eu te encontro na próxima vez que a gente jogar. Onde quer que você esteja.

Ela observava como se estivesse hipnotizada enquanto ele mordia um pedaço.

— Allie. Que bom te ver de novo. — Katie puxou uma cadeira do outro lado da mesa e se sentou. Seu prato estava elaboradamente decorado com fatias de fruta. — E Sylvain. Que surpresa.

Seu cabelo longo, ruivo e ondulado contrastava com a pele clara e translúcida. Sob a luz suave, parecia iluminada. Estava cercada por um pequeno grupo de meninas impecavelmente vestidas que pareciam se divertir observando Allie.

Sylvain a olhou friamente.

— Eu já estava de saída, na verdade.

Ele se voltou para Allie, sustentando o olhar da menina.

— A gente tem aula de inglês juntos, eu acho. Vamos estudar Robert Browning essa semana, caso você queira ler antes. Te vejo lá.

Ele foi embora antes que Allie pudesse perguntar como sabia que aulas ela faria, mas olhou para trás por um segundo ao chegar ao batente da porta. Quando seus olhos se encontraram, Allie sentiu como se alguém tivesse posto um cobertor morno em seus ombros. Quando ele saiu, ela sorriu para o suco de maçã.

— O Sylvain é um amor, não é? — O sotaque elegante do oeste de Londres de Katie interrompeu o devaneio. Allie levantou o olhar e a viu, observando-a como quem entendeu tudo. — Aqueles olhos lindos e o sotaque irresistível. A namorada dele também é um amor, não é? — Katie voltou-se para a morena ao seu lado, que assentiu e riu.

— Ouvi dizer que ela mora em Paris agora — Katie comia delicadamente um pedaço de pomelo enquanto Allie sentia seu balão emocional estourar.

Ah. Namorada. Claro. Já era, então.

Não se surpreendeu com o golpe inevitável da decepção amorosa precoce logo após o acender da esperança. Na verdade, era assim que normalmente acontecia com ela. Logo que conheceu Mark, rolou um clima entre os dois. Durante duas semanas ficou claro para todo mundo que eles iriam acabar ficando. Até uma noite em que ele surgiu com uma loura baixinha e desenvolta chamada Charlotte, que tinha uma tendência a minissaias e esmalte rosa vibrante.

Depois disso, ele virou apenas um amigo.

— Que bom pra ele — comentou Allie, resignada. — Bom... também tenho que ir.

Levantou-se e saiu depressa, contendo no último minuto o impulso de procurar um lugar para onde levar o prato e o copo. Ouvindo risadinhas atrás de si, endireitou as costas e não olhou para trás.

Saindo da sala de refeições, Allie se juntou a outros alunos que cruzavam o amplo corredor com lambris de carvalho em direção às salas de aula na ala leste. As paredes eram preenchidas por pinturas a óleo — em sua maioria enormes quadros de homens e mulheres do século XIX trajando roupas formais e encarando-a altivamente. Alguns retratavam o prédio da Cimmeria por ângulos diferentes, a maioria a partir da colina do lado de fora com uma

floresta espessa ao fundo. Em uma delas, o prédio era muito menor do que agora — anterior à expansão à qual Isabelle se referira.

Sua primeira aula era de biologia, na sala 112. Allie subiu a escada até o primeiro andar e encontrou o local próximo à escadaria.

Os poucos alunos que haviam chegado mais cedo estavam sentados em duplas em carteiras organizadas em longas fileiras, enquanto um homem alto, de aparência distraída, com óculos de armação de metal e cabelo castanho desgrenhado folheava papéis na entrada da sala.

Allie foi até ele.

— Oi. Eu sou a Alyson Sheridan. Sou nova.

Ele olhou para ela por cima dos óculos e remexeu novamente os papéis, finalmente retirando um, que balançou triunfante.

— Claro. Uma aluna transferida, que ótimo. Mas está registrada aqui como “Allie”. Como você prefere?

— Allie — respondeu, surpresa. Escolas sempre se referiram a ela como Alyson. Mas todos na Cimmeria a conheciam como Allie antes mesmo de encontrá-la.

— Então fica sendo Allie. — Estava remexendo distraidamente os papéis outra vez. — Eu sou Jeremiah Cole. Os alunos normalmente me chamam de Jerry. Por favor, sente ali à direita, em dupla com a Jo.

Allie olhou na direção em que ele apontou para ver a menina loura do jantar de ontem acenando vigorosamente.

— Que bom que é você. Espero que seja boa em biologia — disse ela assim que Allie se aproximou. — Eu acho toda ciência diabólica. Filhotes de animais mortos e parasitas, o que eles estão tentando nos dizer? Putz, a gente se encrencou ontem à noite, não foi? Isso sempre te acontece?

Ela tinha um sorriso contagiante — dentes brancos e retos, covinhas fundas e adoráveis e rugas em volta do pequeno nariz — e um sotaque cristalino. Allie retribuiu o sorriso antes mesmo que seu cérebro percebesse que queria fazer isto.

— Sempre acontece. Se você começar a andar comigo, certamente vai acontecer outra vez — respondeu Allie, com um sorriso perverso.

Jo sorriu para ela.

— Maravilha! Vai ser *incrível*.

Enquanto Allie retirava o caderno, Jo sussurrou:

— O Jerry não é pegável pra um velho? Tive uma quedinha por ele durante todo o meu primeiro ano aqui.

Allie examinou o professor. Ele parecia o pai de alguém. Um pai legal. Mas um pai, ainda assim.

— Acho legal poder chamar os professores pelo primeiro nome aqui — disse ela, despreocupadamente. — Meu último colégio era tão rígido que a gente praticamente tinha que chamar os professores de “comandante”.

Rindo, Jo parecia incerta quanto a acreditar nela ou não.

— Você vai ter que me contar mais sobre a sua vida — disse ela. — Parece ser bem melhor que a minha.

Não conte com isso, pensou Allie. Mas apenas sorriu.

Jo mostrou até onde a turma já tinha chegado no livro.

— É nojento — falou alegremente. — Acho que hoje nós vamos dissecar.

Como se tivesse sido ensaiado, Jerry pediu silêncio.

— Hoje nós vamos examinar a construção interna geral dos anfíbios, graças ao sacrifício desse rapazinho.

Debaixo da carteira, o professor retirou uma bandeja de dissecação contendo um sapo morto, arreganhado e preso com a barriga clara curvada para cima, vulneravelmente.

— Ai, porra. — Jo fez uma careta.

— Quem sabe me responder por que nós vamos dissecar um sapo e não alguma outra pobre criatura? — perguntou Jerry, olhando para a turma por cima dos óculos. — Por que atormentamos estes inocentes habitantes do brejo? Que tal você, Allie? Sabe?

Allie sentiu a cor desaparecer das bochechas.

— Eu... eu acho...

— Porque a anatomia do sapo é muito parecida com a do homem. — A voz, grave e agradável, veio de trás.

— O sr. West está certo, como sempre — disse Jerry, olhando friamente para o dono da voz. — Embora pudesse ter esperado a própria vez. A

anatomia do sapo é algo semelhante à humana...

Allie virou para ver quem a tinha salvado, e reconheceu imediatamente o menino da sala comum, ontem. Ele olhava para ela com aqueles olhos grandes e escuros, mas sua expressão a assustou — ele parecia quase rancoroso.

Com uma careta confusa, Allie se voltou novamente para a frente.

Ciência não era sua especialidade. Tentou não pensar no “sr. West” e, em vez disso, se concentrou na aula de Jerry sobre sapos.

Não voltou a olhar para trás.

— Você anotou um monte de coisa. — Jo observou enquanto saíam. — Achei o máximo você gostar tanto assim de ciências. Preciso de uma amiga que seja CDF nisso.

— Não gosto tanto assim — disse Allie, honestamente. — Só acho que vou ter que ralar pra acompanhar. Essa aula é bem mais adiantada que a do meu colégio antigo.

— Esse colégio é muito difícil — disse Jo. — Mas também é legal. Apesar de ter muitas regras esquisitas.

— Total — concordou Allie.

Fingindo ajeitar a alça da bolsa, perguntou casualmente:

— Quem é aquele garoto que me salvou da pergunta do sapo? O Jerry o chamou de “sr. West”.

Com um olhar conhecedor, Jo diminuiu a voz em tom de sigilo.

— Carter West — sussurrou. — Ele é um gato. Mas é todo errado. Então acho que é melhor não investir.

Allie ficou tão intrigada que nem se deu ao trabalho de negar o interesse.

— Todo errado como?

— Vive em detenção. Acha que sabe tudo e que todos os outros são superficiais. Ele é irritante. Metade dos professores odeia esse garoto e os outros tratam como se ele fosse, sei lá, filho deles ou coisa do tipo. E é um tremendo mulherengo. Consegue o que quer e aí perde o interesse. É melhor investir nesse seu rolo aí com o Sylvain.

Allie ficou vermelha.

— Eu não tenho rolo nenhum com o Sylvain.

— Bom, eu acho que ele tem alguma coisa rolando com você. — Jo cutucou Allie com o cotovelo.

— Na verdade, eu ouvi dizer que ele tem uma namorada em Paris.

— Nunca soube disso — Jo parecia verdadeiramente surpresa. — Quem te contou?

— A ruiva. Como ela se chama... Katie?

— Ah, a Katie. — A voz de Jo transbordou desprezo. — Meu Deus, ela é uma vaca. Não escuta nada do que ela disser. Ela sempre teve uma queda pelo Sylvain e ele nunca se interessou. Ela deve detestar o modo como ele simplesmente gostou de você.

Allie conservou a expressão vazia, mas por dentro estava espumando. Então Katie tinha mentido. Pois bem.

Tá valendo.

O dia foi de esquentar o cérebro, com novas aulas, novos professores, novos colegas de turma e a descoberta da verdade sobre quanto trabalho escolar precisaria fazer. Tinha caído na turma de História de Zelazny, o que achava que seria um pesadelo, mas, para seu alívio, exceto por um breve olhar quando ela entrou na sala de aula, o professor a tratou como todo mundo.

A aula seguinte foi o seminário de inglês de Isabelle, e, assim que entrou, a primeira pessoa que viu foi Sylvain, esparramado numa carteira, suas pernas longas esticadas graciosamente. Ele estava conversando com o menino ao lado quando ela entrou, mas Allie percebeu que parou quase imediatamente e virou para observá-la enquanto ela se dirigia até Isabelle.

— Oi, Allie. — A diretora sorriu. — Como está sendo o seu primeiro dia?

— Até aqui, tudo bem — respondeu Allie, mentindo apenas um pouquinho.

— Ótimo. — Entregou a Allie um cronograma do curso. — Vamos ler Robert Browning hoje. Conhece alguma coisa do trabalho dele?

Na hora do almoço, Allie lera o que havia de Browning no livro-texto.

— Eu li *Life in a Love* — respondeu.

— E o que você achou?

Allie inquietou-se.

— Achei legal.

Isabelle inclinou a cabeça para um dos lados, não parecendo impressionada.

— Essa é a sua resenha completa?

Allie detestava poesia, mas agora não parecia um bom momento para dizer isso. Apoiou-se na beira de uma mesa enquanto procurava as palavras certas.

— Pra ser sincera... pareceu... sabe?, meio psicopata.

Por um segundo, a diretora pareceu prestes a discutir, mas então se conteve e entregou a Allie o programa da aula.

— Muito bem. Sente onde quiser.

As carteiras estavam dispostas em um círculo, o que de alguma forma dificultava a escolha. Após um instante de incerteza, Allie escolheu uma a esmo. Ao se sentar, viu que Sylvain ainda olhava para ela. A menina levantou a mão hesitantemente, e ele sorriu antes de se voltar novamente para o menino ao lado.

Isabelle entrou no círculo e se apoiou em uma carteira vazia.

— Espero que todos tenham lido um pouco de Browning ontem à noite. Estou curiosa para ouvir o que acharam. Ele tinha um estilo único e se rebelava contra muitas das regras da poesia da época, então pensei que muitos de vocês pudessem se identificar com a abordagem dele. Imagino que todos já tenham tido a oportunidade de conhecer a nossa nova aluna, Allie. Allie, não quero constrangê-la, mas, por favor, você poderia ler as primeiras linhas?

Ai, que saco.

Levantando-se desconfortavelmente, segurou o livro próximo ao rosto e limpou a garganta.

“Escapar de mim?

Nunca

Amada!

Enquanto eu for eu e você for você,

Desde que o mundo contenha nós dois,

Eu o amoroso e você adversa

Enquanto um se esquivar, o outro deve perseguir.”

Quando Isabelle assentiu, Allie sentou-se graciosamente à carteira.

— Então, o que Browning está dizendo aqui? — A turma olhou para a professora em silêncio. Allie tinha quase certeza de que sabia, mas não ia dizer nada agora.

— É sobre obsessão.

Allie não tinha visto Carter West entrar, mas ele estava sentado a algumas carteiras de distância dela.

Isabelle fez que sim com a cabeça.

— Pode falar mais um pouco?

— Desde que eles existam no mesmo planeta, ele tem que estar com ela — disse Carter. — Está apaixonado por ela, mas é mais do que amor. É tudo. Ele acha que eles têm que ficar juntos, mas ela não. Então ele passa a vida tentando convencê-la.

— Uma teoria interessante. — Isabelle olhou para Allie. — Mais alguém?

Allie se encolheu no assento.

— Ismay — disse a diretora, voltando-se para uma morena que parecia familiar. — Pode ler as próximas linhas?

Allie arriscou uma olhada de lado na direção da voz de Carter e logo desviou o olhar. Ele estava olhando diretamente para ela.

— Qual é a dos garotos dessa escola? — Allie e Jo caminhavam até a biblioteca. As aulas do dia tinham terminado, e Jo a interceptara no caminho de volta ao quarto e sugerira que estudassem juntas.

— Como assim? — perguntou Jo.

— Eles ficam encarando — respondeu Allie. — Muito.

Jo sorriu.

— Você é bonita. E nova. Garotos encaram meninas novas e bonitas.

— Eu não sou *tão* bonita assim. Os garotos não me encaravam em Londres.

— Eu te acho bonita — disse Jo. — Talvez eles só... — deu de ombros — queiram que você repare neles.

As duas riram. Allie fingiu se desequilibrar com o peso da bolsa de livros.

— Não acredito na quantidade de trabalho que eu preciso fazer.

Jo concordou com a cabeça.

— Eles acabam mesmo com a gente no verão, porque se está aqui nessa época, é porque você, tipo assim, é uma promessa.

— Promessa? — Allie ergueu as sobrancelhas.

— É, sabe, tem potencial? — Jo deu de ombros. — Enfim. O colégio é meio, sei lá, dividido, eu acho. Tem gente que estuda nele porque tem muito dinheiro. Outros porque os pais são ex-alunos. Mas tem uns que estão aqui porque são superinteligentes. Ficam quase o ano todo estudando, enquanto os outros tiram férias no verão. Acho que a gente está sendo preparada pra dominar o mundo ou algo assim.

Allie ficou espantada de ela conseguir dizer coisas assim sem soar pretensiosa.

— É por isso que eu não me incomodo de passar o verão aqui. — Jo abriu a porta da biblioteca e diminuiu a voz a um sussurro. — A casa fica só pra nós, e as pessoas que ficam aqui nessa época do ano são as mais legais.

A voz na cabeça de Allie a reprimia: *eu não vim pra cá por ser superinteligente.*

Ao entrarem no silêncio da biblioteca, ela respirou a mistura de couro, livros velhos e verniz de madeira cítrico. A sala se expandia além do que conseguia enxergar, através de uma floresta de prateleiras escuras de madeira que chegavam ao teto, a quatro metros e meio das suas cabeças. Cada fileira tinha sua própria escada com trilhos, que dava acesso às prateleiras mais altas. O chão era coberto por tapetes orientais espessos que amorteciam o ruído dos passos. Estruturas de ferro forjado anciãs, que certamente já deviam ter sustentado velas, dependuravam-se do teto em correntes grossas, de modo que os livros nas prateleiras superiores se perdiam nas sombras. Mesas pesadas de madeira com abajures de cúpulas verdes eram cercadas por cadeiras de couro; muitas já estavam ocupadas por alunos, diminuídos por montes de livros empilhados ao redor.

Intimidada pelo aparato de aplicação e ferramentas para estudos, Allie tentava conter uma onda de insegurança. Já estava tão atrasada: como iria

acompanhar o ritmo? Pela primeira vez em muito tempo se importava com a possibilidade de repetir de ano.

Ela seguiu Jo, que abriu caminho com destreza até uma mesa muito bem situada, que oferecia uma boa visão da área principal de estudo ao mesmo tempo que ficava ligeiramente fora do alcance visual da bibliotecária. Empilharam os livros sobre a mesa e se ajeitaram nas cadeiras de couro. Estavam imersas em História quando dois braços magros, mas musculosos, envolveram Jo por trás, prendendo-a ao assento. Ela arfou, e em seguida riu quando um menino louro bonito apareceu perto do seu ombro, beijando-a levemente no pescoço.

— Gabe, para com isso! Você ainda não conheceu a Allie. E precisa conhecer, porque ela é uma deusa. — O rosto de Jo brilhou e Allie sentiu uma pontada de inveja seguida de uma breve onda de culpa por ter tido inveja.

Gabe sorriu calorosamente, os olhos âmbar brilhando à luz do abajur. Passando o braço ao redor de Jo, estendeu uma mão forte com unhas quadradas e claras.

— Oi, Allie. Nunca conheci uma deusa antes.

Ela retribuiu o sorriso e apertou a mão dele.

— Pra tudo tem uma primeira vez.

Deu um beijinho na cabeça de Jo e se sentou à mesa, em frente a ela, puxando o caderno da menina, para que pudesse vê-lo.

— O que vocês estão fazendo? Ah, História. Bom te ver estudando tão aplicada.

Jo rolou os olhos para Allie.

— O Gabe está um ano na nossa frente. Às vezes isso deixa ele metido.

Ele riu e passou a ponta da caneta no braço dela.

— Metido não. Só experiente.

Jo sorriu novamente quando Gabe se voltou para Allie.

— Então você é a famosa Allie Sheridan de quem todo mundo tanto fala.

Allie se espantou.

— Todo mundo tá falando de mim? Por que falaria de mim?

Ele sorriu.

— Relaxa. É só porque você é nova. Carne fresca. Nós que passamos o ano todo aqui ficamos um pouco isolados do resto do mundo. Então uma aluna nova no verão é a coisa mais legal que pode acontecer. Além disso, tem toda a história com o Sylvain...

A voz de Gabe deixou a frase pairar, carregada de sugestão, e ele e Jo sorriram para Allie, como se ela tivesse feito algo maravilhoso.

— Ah, pelo amor de Deus. — Allie já estava farta da “história com o Sylvain”. — Sinto decepcionar, mas não tem nenhuma história com o Sylvain.

Jo se inclinou em direção a Gabe.

— A Allie está em negação. Acho que eles têm tudo a ver.

Allie olhou furiosa.

— Não estou em negação.

— De qualquer jeito — disse Gabe suavemente —, todo mundo já percebeu que ele tá interessado em você. E nós estamos todos confusos.

— Por que isso deixa vocês confusos?

Gabe olhou para Jo. Ela fez que sim discretamente com a cabeça.

— O Sylvain é meio... especial. Os pais dele são pessoas importantíssimas, ele é de uma família muito tradicional. Ele próprio meio que é interessante também. Muitas garotas ao longo dos anos tentaram chamar a atenção dele e ninguém nunca conseguiu.

Jo interrompeu.

— Aí você apareceu e de repente é como se ele estivesse todo bobo.

Allie se sentia pressionada, sensação que ela sempre detestara.

— Bom, sinto decepcionar todo mundo, mas eu não sei se estou interessada.

Jo pareceu exasperada.

— Eu acho que ela gosta de outra pessoa.

Gabe ergueu as sobrancelhas para ela, que lançou-lhe um olhar significativo.

— O Carter — disse Jo, franzindo o nariz.

— Ah, não. — Gabe se inclinou, decidido, na direção de Allie. — Sério. Não pode. Não o West. Ele é o pior cara em quem você pode investir aqui.

— Obrigado, Gabe. Não sabia que você se importava.

Allie reconheceu a voz grave e rica no ato e congelou no lugar, tentando achar um jeito de se dissolver no couro e nunca mais ser vista.

Gabe não se abalou.

— Ah, sem essa, Carter. Você sabe que é verdade. Sua reputação por aqui não é exatamente a de um namorado bom e confiável.

Olhando para Allie como quem pede desculpas, Jo juntou rapidamente os livros.

— Eu estava indo pra sala comum dar um tempo antes do jantar. Vamos todos?

Ela e Gabe se levantaram, mas Allie estava imobilizada de vergonha. Além disso, sair agora pareceria covardia.

Ela ergueu discretamente o queixo.

— Não, obrigada. Vou estudar um pouquinho mais antes de dar um tempo.

Sobre o ombro de Carter, Jo mexeu os lábios em silêncio dizendo “Desculpa” antes de sair em direção à porta com Gabe.

Carter se sentou diante dela, enquanto Allie fingia escrever uma anotação para si mesma no caderno de História. Mas sua mente estava girando.

Então agora ele acha que eu tou caidinha por ele. E daí? Deixa achar.

Ela contou duas inspirações e duas expirações.

— Oi — disse ele.

Levantando o olhar do caderno, viu que ele se inclinava para a frente. Seu rosto estava próximo — os olhos escuros olhando bem dentro dos dela. Divagando, Allie reparou que os cílios dele eram bem longos, e as sobrancelhas retas e bonitas.

Ela deu um jeito de manter o rosto sem expressão, mas as bochechas coradas certamente a traíram.

— Acho que a gente não foi apresentado oficialmente. Eu sou Carter West.

— Eu sou Allie Sheridan. — Ela fez um esforço para que sua voz saísse firme e sem constrangimento, e, uma vez na vida, deu certo. Sustentou o olhar dele sem medo. Ou ao menos torceu para que estivesse aparentando não ter medo.

— Eu sei — ele disse, ajeitando-se confiante na cadeira. Sorriu de forma cínica e ela de cara não confiou nele. — A gente tem que conversar.

— Tem? — respondeu friamente. — Sobre o quê?

— Você.

— Legal — disse Allie. — Bom, minha cor favorita é azul, eu adoro cachorrinhos. Sua vez agora.

— Superengraçado — disse ele, não parecendo achar graça.

— Ah, sim — prosseguiu —, eu sou superengraçada. Esqueci de mencionar antes.

Ele estava começando a parecer irritado.

— Bastante útil, obrigado. Mas o que eu queria saber é o que você está fazendo na Cimmeria. Não é nada comum entrarem novos alunos no meio do verão.

Incomodada pelo tom de investigação, Allie se inclinou para longe dele e cruzou os braços. Ele tinha pedido a verdade, mas era muita munição para dar a um estranho.

Allie girou a caneta entre os dedos.

— Ganhei um concurso?

— Engraçada — repetiu, apesar de seu rosto dizer que não era. — Sério. Nunca tenha medo de ser honesta; o que é que trouxe você pra cá, afinal?

Então ele não ia deixar o assunto pra lá. Tá bom, então.

Ergueu o queixo e olhou nos olhos dele.

— Eu fui presa.

Ele deu de ombros.

— E daí?

— Três vezes.

— Ah.

— Em um ano.

Ele assobiou baixo.

— Certo. Mas ser presa não te coloca na Cimmeria. Aqui não é um reformatório. Por que você tá aqui?

Alfinetada, Allie pôde sentir a irritação aumentar, mas lutou contra.

— Pra ser sincera, não faço ideia. Meus pais me disseram que eu vinha pra cá, e alguns dias depois, aqui estava eu. Disseram que esse lugar é especializado em alunos como eu. Seja lá o que isso signifique.

— Interessante. — Carter a examinou com curiosidade, como se ela fosse uma peça intrigante numa estante de museu.

Allie fuzilou o menino com o olhar.

— Por que é tão interessante?

— Alunos problemáticos até vêm pra cá, mas não no verão. Todos os alunos do verão são avançados.

Uma onda de rancor percorreu o corpo de Allie, que o encarou.

Por acaso eu tenho “burra demais pra estar aqui” tatuado na testa?

Arrumou os livros em pilhas, irritada.

— Pelo jeito, é impossível cogitar a possibilidade de que eu seja inteligente. E *problemática*. — Essa última palavra ela cuspiu. — Bom, então é melhor eu voltar pros meus estudos, não? Tenho que lutar muito pra acompanhar gênios como vocês.

— Ô! — Parecia espantado. — Não seja tão sensível. Só tô tentando entender você.

Isso foi o que bastou. Depois de Katie, Jules e Zelazny, seus pais e a polícia, já estava cheia. Enfiou os livros na bolsa e deu meia-volta para encará-lo.

— Não tenta. Ok? Não tenta me entender. Não tenta me analisar. E, aproveitando o embalo, para de me ofender. Você me vê na aula, ouve uma conversa e acha que me conhece. Mas, pode acreditar, você não sabe *nada* a meu respeito.

Saiu irritada da biblioteca e subiu as escadas correndo.

... 32, 33, 34 degraus...

Só deu tempo de ela chegar ao quarto antes de a tempestade explodir. A bolsa escapuliu dos seus dedos fracos e, apoiando-se na porta, Allie deslizou para o chão. Com o rosto enterrado nas mãos, chorou em silêncio. Por que ela estava aqui? Todos a tratavam como a idiota de plantão que entrou quando o segurança estava de costas. Podia sentir a respiração enfraquecendo e lutou

contra um ataque de pânico, mas os contornos de sua visão começaram a escurecer.

Contou as respirações, os tacos no chão de madeira, os livros nas prateleiras e os painéis de vidro na janela até sentir que retomava o controle e a vista voltava ao normal.

Quando se sentiu melhor, levantou. Abrindo a porta, verificou se o corredor estava vazio antes de correr para o banheiro e jogar água no rosto. Ao ajeitar os cabelos para trás, a porta se abriu e Jules entrou. Seus olhos registraram as bochechas de Allie marcadas por lágrimas e um olhar preocupado passou pelo seu rosto.

— Oi, Allie. Como você está se adaptando?

Allie não estava com vontade de fingir. Mas também não queria conversar sobre o assunto. Só queria estar em outro lugar.

— Tá tudo ótimo, Jules. — Suas palavras estavam carregadas de sarcasmo, mas não conseguiu evitar. — Todo mundo está sendo tão gentil. Tá tudo... ótimo.

Antes que Jules pudesse reagir, Allie abriu a porta e disparou corredor abaixo.

Nunca tinha se sentido tão sozinha na vida.

Allie acordou com um susto e se sentou ereta na cadeira de madeira. Estava com dores na coluna e o abajur da escrivaninha continuava aceso.

Que horas são?

Com a cabeça nebulosa, virou o despertador para si. Duas da manhã.

Devo ter caído no sono em cima da escrivaninha.

Estava sentada diante da janela aberta com uma pilha de papéis espalhados à sua frente. Depois do ataque de nervos, ela acabara ficando sem fome. Decidiu não descer para o jantar e ficar no quarto para botar as leituras em dia.

A última coisa de que se lembrava era de ter lido *As Regras*.

Após terminar o dever, lhe ocorreu que nunca as tinha lido para valer e retirou a pilha espessa de papéis da gaveta da escrivaninha. Eram tão estranhas e determinantes que inicialmente ela não acreditou no que estava lendo.

Bem-vinda, Allie.

A Academia Cimmeria é um local único para se aprender, e estamos muito felizes em tê-la conosco. A escola opera de acordo com as regras estabelecidas há muito tempo pelos fundadores.

Siga estas regras à risca e sua passagem pela escola será memorável e agradável. Desobedeça-as e sua passagem pela Cimmeria pode ser muito breve.

Regras da Academia Cimmeria.

1

. O dia começa às 7 da manhã e termina no máximo às 11 da noite. Em horários diferentes destes, você deve permanecer em seu dormitório.

2

. A floresta que cerca a escola pode ser perigosa; os alunos são proibidos de entrar nela sozinhos após escurecer.

3

. Nenhum aluno pode deixar o terreno da escola sem autorização.

4

. O acesso à ala dos professores é proibido.

5

. Alunos de certas áreas avançadas de estudos cursam a Escola Noturna. Apenas alguns poucos e seletos têm esta oportunidade; quem não estiver entre eles não deve interferir na Escola Noturna, tampouco observá-la. Qualquer um que tentar será expulso.

6

. *As identidades dos envolvidos na Escola Noturna permanecem secretas. Qualquer um que tentar desvendá-las sofrerá punição.*

7

. *TODAS as atividades da Escola Noturna são secretas. Qualquer integrante que for descoberto divulgando detalhes destas atividades será severamente punido.*

De repente ela voltou a ouvir o barulho que provavelmente a acordara. Era uma espécie de arranhadura no telhado. Allie apagou o abajur e empurrou os papéis de lado para que pudesse subir na mesa e olhar.

A princípio não ouviu nada. Então, ao longe, um berro. Alguns segundos depois, um grito fraco. Allie se inclinou para espiar a escuridão. Hoje a noite estava sem luar e as nuvens obscureciam as estrelas. Só enxergava a escuridão. De repente, muito perto, um barulho — um chiado, como passos sobre madeira velha.

Que porra é essa? O que quer que tenha sido, foi no telhado.

Lá embaixo, teve a impressão de ver alguma coisa em disparada pelo gramado até o bosque. Prendeu a respiração para escutar. Aquilo era... uma risada?

Após alguns minutos, ela ouviu uma voz sussurrar tão baixo que não teve certeza se não era só a sua imaginação: *Tá tudo bem, Allie. Vai dormir.*

Ela olhou ao redor do quarto. Estava sozinha. Balançou a cabeça com força, tentando descobrir se estava acordada ou dormindo.

— Tô ficando maluca — murmurou, e fechou a janela, trancando-a firmemente antes de deitar na cama.

Ao cair no sono de novo, podia jurar ter ouvido a mesma voz rir ao longe.

CINCO

O toque agressivo do alarme despertou Allie do sono às sete da manhã do dia seguinte. Grogue, golpeou-o diversas vezes até encontrar o botão de desligar.

Sentando-se na cama, espreguiçou-se devagar. Mais um sonho estranho. Que voz era aquela? Parecera tão real. Ela pôs a culpa nas Regras.

Esse colégio está me enlouquecendo.

Após um rápido café da manhã, chegou para a aula com alguns minutos de antecedência. Jo já estava sentada. Carter, ela percebeu, não estava. Jo tinha muitas perguntas. Mal esperou até que Allie chegasse à carteira.

— O que aconteceu ontem à noite depois que a gente saiu de lá? Que azar ele chegar quando a gente estava falando dele. O Gabe se sentiu péssimo de ter te colocado naquela situação.

Allie ficou imaginando quanto deveria contar. Lembrou-se da máxima de Carter: “nunca tenha medo de ser honesta”.

Mas, pensando bem, o Carter é um babaca.

— A gente conversou um pouco, mas ele só parecia interessado em saber o que eu estou fazendo na Cimmeria. — Deu de ombros. — Eu me irritei e saí.

Jo pareceu surpresa.

— Por que você se irritou?

Allie tentou não soar amuada e infantil.

— Sei lá. Pareceu que ele achava que eu não devia estar aqui. Como se eu não fosse boa o suficiente para isso.

Jo se inclinou na direção dela e baixou o tom de voz ao nível de um sussurro.

— Allie, você sabe que eu não sou fã do Carter, mas isso não é nem um pouco o estilo dele. Ele é meio que a última pessoa a ser esnobe com relação a qualquer coisa. Ele acha que todo mundo aqui é arrogante. Vive falando disso. É um dos motivos por que as pessoas não gostam dele.

Jerry mandou a turma fazer silêncio. Relutantemente, as duas se viraram para a frente. Jo pegou um pedaço de papel e escreveu furiosamente. Quando ele começou a desenhar pulmões no quadro-negro, a porta se abriu e Carter entrou.

Jo deslizou o papel sobre a mesa para Allie. Dizia: “Você deve ter entendido mal. Aposto.”

Allie levantou os olhos do papel e viu Carter observando-a ao passar por ela. Abaixou os olhos instantaneamente e cobriu o papel com a mão.

Ela suspirou e balançou a cabeça, como se tentasse fisicamente livrá-la de pensamentos loucos, e girou a caneta entre os dedos.

Uma, duas, três vezes.

Em seguida, na base do bilhete, rabiscou: “Ok. Eu acredito”, e o passou para Jo, que pareceu satisfeita.

Allie tentou focar na aula de Jerry. Não dava para passar todas as aulas distraída pela presença de Carter West.

— É que ele me lança os olhares mais estranhos o tempo todo — disse Allie.

— Vive me encarando.

Ela e Jo estavam na sala de refeições, que já começava a esvaziar depois do almoço, remexendo folhas de salada nos respectivos pratos e conversando sobre Carter.

Jo franziu o nariz.

— Ele deve só querer que você goste dele. Ele quer que todo mundo goste dele.

— Bem, se for isso, não está funcionando muito não — disse Allie. — Meu Deus, é inacreditável a energia que a gente desperdiça falando de um cara de quem a gente nem gosta. Me conta sobre o Gabe. Há quanto tempo vocês estão juntos?

Jo se alegrou.

— Deixa eu ver... A gente tá junto há mais de um ano. Quando vim pra cá, eu tava saindo com um cara chamado Lucas, mas aí eu conheci o Gabe e foi tipo assim... esquece. Ele é o cara mais legal que eu já conheci. O mais engraçado. O mais gostoso. O mais... tudo. — Riu da própria bobeira.

— Não acredito que vocês estão juntos há um ano — disse Allie. — Não conheço ninguém que namore há tanto tempo.

Jo pousou o garfo.

— Aqui na Cimmeria é engraçado. Quem fica junto tende a continuar junto. É por isso que todo mundo fala tanto do Carter. Aqui não tem muito isso de foi-só-uma-noite. Não sei por quê. Talvez porque a gente fique aqui dentro tanto tempo. Porque, tipo assim, alguns alunos nunca vão pra casa. Ficam aqui direto. Como se fosse a casa deles. E a gente é a família.

— Quem faz isso? — perguntou Allie, curiosa.

— Bom, o Carter. E o Gabe. E eu, pelo jeito.

Allie não conseguiu conter a surpresa.

— Você nunca vai pra casa?

— É uma longa história — Jo respondeu, dando de ombros.

Ela olhou em volta da sala, que já estava quase vazia.

— Ai, porra! Que horas são?

Ambas pegaram as bolsas de livros e correram para a porta, pelo corredor e pelas escadas. Ao se aproximarem do primeiro andar estavam rindo histericamente.

— Atrasadas de novo! — exclamou Allie ao dobrarem o corredor às pressas e se separarem, cada uma para a sua aula.

— Como é que a gente tá? — perguntou Jo, rindo sem fôlego.

Allie parou diante da porta fechada da aula de História para recobrar o ar, e então abriu a porta silenciosamente. No terrível silêncio repentino, os alunos se viraram para olhar para ela.

— Srta. Sheridan — chamou o sr. Zelazny, que insistia em manter um quadro-negro de giz à moda antiga na sala e estava agora em frente a ele, encarando-a. — A aula começou há dois minutos. Eu sei que você é nova, mas suponho que já conheça nossas regras quanto a atrasos.

Allie assentiu muda.

— Sim? Muito bem. Então me encontra depois da aula.

Allie se arrastou até o assento, olhando para baixo.

Não consigo fazer nada direito.

Independentemente do quanto tentasse mudar sua vida, ela não conseguia. Parecia que confusão estava em seu DNA.

Ao fim da aula, ela esperou os outros alunos saírem, fingindo organizar os livros até que a sala estivesse praticamente vazia. Então foi até a mesa do sr. Zelazny. Ele estava escrevendo e não ergueu o olhar de imediato. Ela limpou a garganta timidamente. Após um instante, ele levantou a cabeça e a encarou com um olhar gelado.

— Lamento muito ter que conversar com você sobre atraso duas vezes na sua primeira semana. É um péssimo sinal para o seu futuro na Academia Cimmeria. Eu sei que os outros professores dizem que você é muito promissora, mas devo dizer que eu não estou vendo nenhum sinal disso.

A raiva fez o sangue subir até as bochechas de Allie, mas ela mordeu o lábio e não disse nada. Ele estendeu um pedaço de papel escrito à mão.

— Este é o seu aviso de detenção. Amanhã, às seis e meia da manhã, encontre o grupo do lado de fora da capela e entregue isso ao professor.

Allie não podia acreditar.

— Seis e meia da manhã? Mas amanhã é sábado!

A fria expressão de desinteresse do professor não se alterou.

— Eu só te dei um dia de detenção, srta. Sheridan. Se isso se repetir, a próxima vai ter uma semana.

Allie entrou na aula de inglês coberta por um manto de frustração quase visível. Isabelle lhe direcionou um olhar questionador, mas Allie baixou os olhos para o livro e, quando a diretora começou a aula, se rendeu aliviada ao

mundo confortável da autopiedade até Carter entrar na sala cinco minutos depois.

Isabelle interrompeu a aula.

— Carter, você geralmente chega um pouco tarde e eu estou disposta a deixar pra lá um pequeno atraso, mas isso é ridículo. Você tem alguma desculpa?

— Só me atrasei, Isabelle. — Carter deu de ombros. — Acontece.

A diretora suspirou e fez uma anotação numa folha de papel que tinha na mão.

— Você conhece as regras, Carter. Por favor, fique aqui depois da aula pra falar comigo.

Quando começou uma discussão sobre T.S. Eliot, Allie se desligou, imaginando em que consistiria a detenção, e pensando (secretamente torcendo) se Jo também teria recebido detenção, para que ela não ficasse sozinha. Sentiu uma pontinha de culpa por desejar que algo ruim acontecesse à sua única amiga na Cimmeria.

De repente se ligou novamente, hipnotizada pela combinação de palavras e a voz familiar que as lia. Sempre detestara poesia, mas nunca tinha ouvido poesia assim.

“E te mostrarei algo diferente de ambas;
Tua sombra pela manhã arrastando-se atrás de ti,
Ou tua sombra à noite se erguendo para encontrar-te.
Mostrar-te-ei o medo em um punhado de poeira.”

Ela olhou para o outro lado do círculo e viu Carter sentado. Ele não estava olhando para ela, mas lhe dava a sensação de que tinha consciência do seu olhar.

— Então o que ele está dizendo aqui? O que ele quer dizer com “medo em um punhado de poeira”? — indagou Isabelle, correndo os olhos pela turma. Impetuosamente, Allie começou a falar e imediatamente desejou que não o tivesse feito.

Isabelle acenou para ela com a cabeça.

— Parece que... — hesitou, mas o olhar da professora era firme e paciente. Allie pensou e recomeçou. — Quer dizer, pra mim parece um alerta. Ele está dizendo “Tenha medo de mim. Você vai se machucar comigo”.

Isabelle fez que sim de novo.

— Acho uma boa observação. Há claramente um aviso ou uma ameaça ali. Alguém mais tem algo a dizer?

— É sobre a morte. — Carter não esperou sua vez.

O coração de Allie bateu mais depressa.

— Tudo sobre o que ele escreve é impossível de ser parado, é inevitável. E do que as pessoas mais têm medo? Da morte.

Allie fixou o olhar na carteira, mas sabia sem erguê-lo que Carter estava olhando para ela.

— O Zelazny é tão babaca! — exclamou Jo, furiosa. — Você só chegou, tipo, dois minutos atrasada. Não sei como ele pôde fazer isso quando é só sua primeira semana.

No fim das contas, o professor de francês de Jo nem percebeu que ela se atrasara, pois estava discutindo uma viagem a Paris com alguns alunos avançados e não tinha notado que a aula já deveria ter começado. Então Allie ficaria sozinha na detenção. Jo tinha poucas palavras de conforto para oferecer.

— Já fiquei em detenção tantas vezes que até perdi a conta. É uma droga isso aqui, porque as regras são tão duras e se você desviar um passo delas... — Montou uma pistola com os dedos e deu um tiro no ar. — Tem sempre no mínimo dez alunos. Mas o trabalho é pesado, se prepara.

Allie estava confusa.

— Não é só ler ou estudar?

O tom de Jo foi seco.

— Ah, não. Não na Cimmeria. Aqui é trabalho braçal. Você vai pintar alguma coisa ou aparar a grama, plantar, limpar... Só Deus sabe. É sempre alguma coisa que te faz suar. Dura só umas horinhas, mas pode ser superchato se derem alguma tarefa horrível. Mas pelo menos você vai conhecer outra galera da bagunça.

Allie revirou os olhos.

— Ah, ótimo. Que sorte a minha. Como se eu já não conhecesse encenqueiros o bastante.

Estavam sentadas à mesa depois do jantar na sala de refeições silenciosa; a maioria dos alunos já tinha se retirado. Jo olhou ao redor.

— Vamos sair daqui. Você já conheceu o espaço? Ou só ficou presa aqui dentro com esses livros empoeirados e eu?

Deu o braço para Allie quando saíram da sala. À frente delas, o fluxo de alunos se dividia em várias direções; as duas seguiram a fila para a porta.

Vagaram pela entrada, que sob a luz noturna não parecia o esplendor de marfim que Allie recordava de dois dias atrás. Agora era só uma trilha cinza de cascalho como outra qualquer. O gramado verde da escola se estendia em todas as direções e as sombras compridas das árvores se esticavam sobre as duas. Jo seguia à frente pela grama.

— Cadê o Gabe hoje?

— Trabalhando em um projeto especial, acho que vai ficar ocupado até o toque de recolher. — Jo sorriu complacientemente. — Ok, pra você ficar sabendo. Tá vendo aquela trilha entre as árvores ali? — Apontou para uma fileira de pinheiros em frente ao gramado da ala leste. Allie conseguia identificar uma trilha conduzindo ao bosque. — É o caminho da capela. É pra onde você tem que ir amanhã.

Em seguida, Jo apontou para a direção oposta, para um caminho que ia da ala oeste do colégio até as árvores.

— Ali — informou ela —, tem uma casa de veraneio logo depois da saída da mata. Às vezes a gente faz piquenique lá.

— E o que tem na mata?

Jo a olhou confusa.

— Árvores?

Allie riu.

— Não, quero dizer, tem mais prédios? Ou coisas pra fazer...?

— Acho que tem umas casas afastadas onde moram funcionários ou professores. Mas eu não tenho certeza. Na verdade, a gente não faz muita coisa na floresta, e a escola meio que desaconselha, porque, sei lá, segurança, saúde, essas coisas. Mas você vai gostar da capela. É bem antiga.

Caminharam ao redor do lado oeste da casa e seguiram para trás dela, onde degraus de pedra levavam a terraços de grama sucessivos com flores coloridas. Além do último tapete de grama, o solo se elevava marcadamente numa colina de mata esparsa.

— Tem uma torre no alto do morro. — Jo apontou e Allie conseguiu identificar com dificuldade uma estrutura. — Parece que tinha um castelo ali ou algo assim, mas agora é só ruína. A torre até que é legal. Você pode subir lá no alto e ver tudo. Tem gente que diz que enxerga até Londres, mas eu só vejo árvores e campos.

Margeando o sopé do morro, chegaram a um longo muro de pedra.

— O que é isso? — perguntou Allie.

— Você vai ver.

Alguns minutos depois, chegaram a uma porta antiga de madeira fechada com um cadeado de combinação incompativelmente moderno. Com a velocidade que só se obtém com a prática, Jo girou as três rodas numeradas e o cadeado abriu.

Ela abriu a porta e entrou, desviando para não bater na moldura baixa da entrada. Allie foi atrás, e Jo fechou cuidadosamente a porta, guardando o cadeado.

— Uau. — Allie arfou, assimilando o jardim interno enorme e bem cultivado. Havia legumes em fileiras de precisão militar, retas como o cano de uma espingarda. Árvores frutíferas se acumulavam no fundo, projetando-se acima do muro, ao encontro do sol da tarde. Pelas bordas, flores entornavam em vívidos tons de rosa, branco e roxo.

Uma trilha de pedra cercava o jardim, e Jo saiu andando por ela.

— Bem-vinda ao meu local preferido da Cimmeria.

— Incrível! Como você encontrou isso aqui? E como você sabe a combinação?

— Hmm... foi meio que por acaso. No meu primeiro ano, eu tive que trabalhar aqui na detenção. No começo eu detestava, ter que acordar às seis todos os dias pra vir pra cá, mas no final da semana eu percebia que ia sentir saudade. Não sei por quê. Eu mando muito bem nesse negócio de jardinagem, e esse lugar é... tranquilo.

Allie ficou imaginando o que ela teria feito para pegar uma semana de detenção, mas como Jo não providenciou a informação voluntariamente, resolveu não perguntar. Além disso, parecia muito fácil ficar em detenção nesse lugar.

Jo virou à esquerda num caminho que cortava o meio dos jardins, passando por um chafariz onde uma bela menina de vestido esvoaçante e nariz levemente danificado virava uma urna de água eternamente sobre as pedras. Passou ao largo de um canteiro de mirtilos e saiu na trilha de granito do outro lado.

— Agora eu ajudo depois da aula e nos fins de semana. Às vezes, quando quero privacidade, eu venho aqui.

Em meio à exuberância de glicínias roxas cobrindo as paredes, havia um banco alto de madeira. Jo se empoleirou nele, assinalando para a menina fazer o mesmo. Allie levantou os pés e abraçou os joelhos, respirando o aroma fresco das flores.

— Aqui a gente pode conversar — disse Jo. — Aliás, esse deve ser o único lugar na Cimmeria onde ninguém vai escutar. Como você já percebeu, essa escola é muito intrometida. Mas e aí, como você tá? Deve ser muito estranho pra você estar aqui. Eu lembro dos meus primeiros dias; esse lugar me dava arrepios.

— Vai parecer loucura. Mas eu odeio isso aqui. E meio que adoro também.

Jo sorriu serenamente.

— Na verdade eu te entendo totalmente.

— É muito diferente de qualquer escola em que eu já tenha estudado, sabe? E tem muito trabalho, mas... — Allie pensou por um instante. — Não é a minha vida. E é disso que eu gosto. Não é a minha vida do jeito que ela tem sido nos últimos dois anos e qualquer coisa é melhor do que aquilo.

Jo refletiu a respeito.

— Quando eu vim pra cá — disse ela, as palavras saindo hesitantes. — Eu tinha sido expulsa da minha última escola depois que me encontraram desmaiada no telhado ao lado do meu ex-namorado. A gente tinha bebido um pouco de vodca e... Bom. Enfim, meus pais ficaram loucos da vida. Mas o negócio é que era pra ser um colégio excelente mas na verdade era... idiota. As

aulas eram fáceis demais, não tinha nada pra fazer e era cheio de alunos ricos matando tempo até irem pra alguma faculdade fodona.

Ela abaixou uma das pernas e ficou balançando o pé para a frente e para trás.

— Depois disso, meus pais me mandaram pra cá. Acho que eles pensaram que eu ia odiar, mas depois que me acostumei às coisas esquisitas, adorei. Adoro como é difícil e como é estranho. Como alguns professores são bizarros. Meio que tem a ver. Desde então eu fiquei bem. Ótima, na verdade. É como se eu estivesse onde tenho que estar.

Allie apoiou o queixo nos joelhos e pensou por um instante.

— Minha vida tem sido... meio louca ultimamente. — Ela se calou e aí decidiu continuar. — Até um ano e meio atrás era tudo perfeito, eu acho. Era a filha perfeita, tinha notas perfeitas, meus pais me amavam. E um dia... tudo acabou.

Ela parou e olhou para Jo.

— Sabe, eu não contei essa história pra ninguém. Nunca.

Jo assentiu e esperou.

Allie respirou fundo; suas palavras seguintes saíram todas de uma vez.

— Um dia eu cheguei do colégio, a polícia tava lá em casa, minha mãe chorando e meu pai gritando com o policial e eu via que ele queria chorar também. Um caos. Meu irmão tinha desaparecido. E nunca encontraram ele.

Jo pegou no braço de Allie.

— Allie, Jesus! Que horror. O que aconteceu? Ele...

— Morreu? Sei lá. A gente nunca mais teve notícias.

— Não tô entendendo. O que aconteceu?

A voz de Allie agora estava mais calma e firme.

— Olha, eu e o Christopher éramos muito unidos. Ele foi meu melhor amigo a vida inteira. Tem irmãos que brigam, a gente nunca brigou. E a gente ficava junto o tempo todo. Ele é dois anos mais velho do que eu, mas sempre foi muito paciente comigo. Não cansava de mim como alguns irmãos mais velhos cansam das irmãs menores. Quando eu era pequena, ele me encontrava todo dia depois da aula e me levava pra casa. Me ajudava com o dever de casa, via TV comigo. Meus pais trabalham muito, mas eu nunca me importei

porque o Christopher sempre tava lá. E até depois que eu cresci, ele sempre cuidava de mim. Tipo, aparecia depois da aula, como se fosse coincidência ou coisa do tipo. E fazia o dever na mesma hora em que eu fazia o meu pra poder me ajudar se eu empacasse em alguma pergunta. Mas, mais ou menos uns seis meses antes de ele sumir, ele começou a ficar estranho. Ficava na rua até muito tarde, se estressava com a minha mãe e o meu pai. Nunca estava por perto, e quando estava, não falava muito. Eu tinha a sensação de que eu tava perdendo ele um pouco. Quando eu tentava conversar com ele sobre isso, se tava tudo bem, ele se afastava. Literalmente, se levantava e saía de casa por horas. As notas dele passaram de excelentes a péssimas. Meus pais estavam totalmente loucos, mas não conseguiam fazer nada pra ajudar. Ele não deixava.

Ela parou, lembrando-se das discussões intermináveis e das portas batidas. Um pássaro noturno entoava uma melodia complexa.

Quando ela falou outra vez, o tom saiu sem emoção.

— Ele deixou um bilhete. Meus pais não me contaram o que dizia, mas uma vez eu ouvi a minha mãe falando com alguém no telefone. Ela tinha decorado. Foi a coisa mais cruel que eu já ouvi. Dizia “tô indo embora, não tô magoado, não tô usando drogas. Só não quero mais fazer parte dessa família. Não amo vocês. Nenhum de vocês. Não me sigam. Não tentem me achar. Eu não preciso de ajuda. Vocês nunca mais vão me ver”.

— Ai, meu Deus — sussurrou Jo. Quando Allie levantou os olhos, viu que eles estavam cheios de lágrimas, que limpou com a parte de trás da mão. — Ai, Allie.

Allie se esforçou para se manter distante da história que estava contando, fingindo, como fazia às vezes, que tudo aquilo tinha acontecido com outra pessoa.

— E aí tudo desmoronou. Acho que eu tive um colapso nervoso. Assim... eu não conseguia falar. Passei dias e dias sentada no quarto do Christopher. Não fui à escola por meses. Me mandaram pra um psicólogo, que eu odiava. Minha mãe e meu pai brigavam, e eu era só uma... chateação que eles tinham que aguentar. Foi como se ele tivesse tirado a tampa das nossas vidas quando foi embora, e tudo de bom escoou. Eles não me amavam mais, e eu não sentia mais nada.

Suspirou trêmula.

— Sentir alguma coisa ficou muito importante pra mim. Então eu bebia muito; mas na verdade isso é meio que o oposto de sentir alguma coisa, sabe?

Jo fez que sim.

— Passei a andar com gente que machucava uns aos outros. Me meti em muita encrenca. Ser presa foi bem assustador, então fiz isso algumas vezes. Eu... — estendeu o braço esquerdo, mostrando três cicatrizes brancas finas entre o pulso e a parte interna do cotovelo. — Me cortei por um tempo. E doía, o que era bom. Mas também era totalmente imbecil. E parecia falso. Tipo, se é você que faz com você mesma, não é dor de verdade. Por isso eu não faço mais.

Acelerou o final da história, como se estivesse ansiosa para acabar.

— Enfim, da última vez que eu fui presa, meus pais ficaram de saco cheio. E é isso aí. Eles têm uma casa vazia agora. E eu não tenho nem isso.

Espontaneamente, Jo a abraçou com força. Então chegou para trás e a segurou pelos ombros, olhando em seus olhos.

— Ok. Isso é uma merda. Mas você tá aqui agora. E tá viva. Eu acabei de te conhecer, Allie, mas já sei que você é incrível. E a sua família pode ser horrível, mas a sua vida a partir de agora depende de você. Eu quero que você prometa que vai dar uma chance a esse lugar. A Cimmeria me consertou. Agora é a minha casa, e essas pessoas são a minha família. Pode ser igual pra você.

Allie retribuiu o abraço e segurou as lágrimas.

— Ok — sussurrou com a voz trêmula. — Prometo.

Jo puxou Allie de modo que a cabeça dela se apoiasse no seu ombro, e ficaram sentadas quietas no banco por um instante, cada uma perdida nos próprios pensamentos. Allie se sentiu estranha; de ressaca. Cansada.

— Esse lugar é engraçado — resmungou. — O tempo parece comprimido aqui. Não acredito que eu só cheguei há dois dias. Essa vai ser a minha terceira noite. Mas parece que eu já estou aqui há semanas.

Jo assentiu.

— É como uma vida concentrada. Aqui acontece mais em uma semana do que lá fora em um mês.

Encolhidas no banco, conversaram preguiçosamente enquanto a luz do dia desbotava e as sombras preenchiam o jardim.

— Dá pra entender porque você gosta daqui — Allie disse ao se esticar. — É meio mágico. Tipo aquele livro que a gente lê quando é criança, *O jardim secreto*. Você o leu?

Jo fez que sim com a cabeça.

— Eu sempre...

As palavras de Jo foram interrompidas por alguma coisa batendo ruidosamente do outro lado do jardim. As duas saltaram.

— Que diabos foi aquilo? — perguntou Allie, olhando em volta e notando pela primeira vez como já estava escuro.

— Não sei — Jo sussurrou. Olhou para o relógio. — Saco! Já está quase na hora do toque de recolher. Nós temos que voltar.

Ela se levantou, dando o braço para Allie, e então ouviram o barulho novamente. E em seguida passos.

— Que... — Jo sussurrou, e então levantou a voz e gritou: — Quem tá aí?

Os passos cessaram.

As duas ficaram petrificadas, ouvindo as batidas dos próprios corações.

— Jo — Allie sussurrou. — Será que é...

As duas escutaram o rosnado ao mesmo tempo.

Jo agarrou o braço de Allie.

— Jo, que diabos é isso? — sussurrou Allie.

— Não sei.

— Será que a gente...?

— Corre?

— É.

— Quando eu disser três. Um. Dois...

O silêncio foi quebrado por um estilhaço que agora parecia vir das sombras a centímetros delas. As duas gritaram e saíram correndo pela trilha. Jo segurou a mão de Allie com firmeza.

— Fica comigo — disse arfando, e correu para o pomar. No escuro ziguezaguearam entre as árvores, e Allie sentiu algumas frutas caídas sendo esmagadas sob seus pés. Tentou prestar atenção se ouvia passos além dos dela e de Jo, mas estavam indo rápido demais, era impossível determinar.

Então alguma coisa tocou sua cabeça e ela gritou, batendo no ar ao redor. Jo a arrastou para a esquerda, perto do emaranhado de canteiros de mirtilo, para um jardim de rosas. Espinhos rasgavam suas mãos e roupas. Galhos estalavam sob seus pés.

De repente alguma coisa agarrou Jo e a levantou, arrastando-a para um quarto construído dentro da parede. Allie a ouvia tentando gritar, mas uma mão cobria sua boca, abafando o som.

— Shhhh. — Gabe levantou um dedo para os lábios e olhou nos olhos de Jo. Jo o abraçou e enterrou o rosto no pescoço do menino.

Gabe esticou o braço para Allie, mas agora alguém estava segurando os braços dela também. Levantou os olhos atabalhoadamente e viu os olhos azuis de Sylvain observando-a firmemente na escuridão enquanto a puxava para o quarto escuro.

Em silêncio, ele mexeu a boca dizendo:

— Quieta.

SEIS

Allie, imóvel, tentava não respirar. Gabe envolvia Jo num abraço protetor e Sylvain puxava Allie para trás de si. Ambos encaravam a porta aberta, com os olhos em alerta. **A** alguma coisa fez um ruído de estilhaço ao passar pelo jardim e Allie teve um sobressalto, mas o som agora parecia mais distante. E após alguns segundos... silêncio.

Quando mais algum tempo se passou sem que nada acontecesse, Gabe e Sylvain trocaram um olhar e, como se tivessem recebido um sinal, começaram a caminhar rapidamente em direção à porta. Gabe examinou a área ao redor, olhou para trás, fez um sinal com a cabeça e todos correram em silêncio para o jardim, dali pela trilha até a porta, chegando ao gramado. Sem uma palavra, Jo deu a Gabe o cadeado e ele fechou a porta.

Pela primeira vez, Allie se deu conta de que os braços de Sylvain ainda estavam em volta dela. Ele tinha um cheiro marcante de pinheiro ou zimbro e ela respirou fundo, relaxando nos seus braços. Imediatamente o abraço dele tornou-se mais apertado.

Fracos raios de luz ainda brilhavam no céu enquanto Gabe os guiava através de uma porta de fundos que dava diretamente no corredor central. Sob a luz, Allie viu que Jo parecia pálida e se agarrava a Gabe com lágrimas nos olhos. Um filete de sangue corria pela bochecha da menina e Gabe a tocou levemente com o dedo.

— Você tá machucada — disse ele. — É melhor a gente te levar pra enfermeira.

Ela fez que sim com a cabeça, ele a abraçou e a conduziu pelo corredor. Allie sentiu de novo a curiosa ardência da inveja. Como se tivesse percebido, Sylvain deu um passo em direção a ela e examinou seu rosto, ajeitando seu cabelo para trás.

— Você se machucou? — perguntou. A preocupação nos olhos dele fez com que seu coração batesse mais depressa. Agora que Sylvain não estava mais a segurando, sentiu um impulso quase irresistível de se jogar de novo em seus braços e sentir aquele cheiro. Cada parte do seu corpo que ele tocara formigava.

Allie respirou, trêmula.

— Sylvain, o que era aquilo lá?

— Não sei.

Algo no tom dele não soava verdadeiro e ela o olhou atentamente. Tinha a sensação de que estava escondendo alguma coisa. Alguma coisa importante.

— A gente tem que contar pra Isabelle o que aconteceu — anunciou Allie. Seus olhos faiscavam de determinação.

— Acho que você tá certa — ele disse. — Mas vamos esperar até amanhã. Ela deve estar dormindo. Tá todo mundo bem agora e você não quer parecer histérica, né?

Ainda que ela quisesse discordar, entendia a lógica — afinal de contas, eles não tinham visto nada. Mas depois da adrenalina no jardim e da correria do resgate, ela queria fazer alguma coisa. Voltar lá para fora e procurar pelo que quer que fosse. Ou ao menos sentar e conversar sobre o ocorrido. Não ia conseguir dormir de jeito nenhum.

— Não é melhor nós vermos como está a Jo? — sugeriu esperançosa.

— Ela tá ok. O Gabe está com ela. — Sylvain se calou e então continuou com alguma relutância, como se soubesse qual seria a resposta de Allie. — Olha, já passou do toque de recolher. É melhor você ir deitar e amanhã a gente cuida disso.

Allie não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Fala sério! Não, Sylvain! Eu quero falar do que aconteceu. Seja honesto: o que você viu lá?

A resposta de Sylvain foi cuidadosamente construída.

— Eu sinto muito, mas não vi nada. Talvez tenha sido algum tipo de animal. Talvez vocês tenham incomodado uma raposa ou um texugo. — Quando ela abriu a boca para protestar, ele levantou a mão para contê-la. — Você tá cansada, Allie. Eu também. É melhor mesmo você ir dormir.

Allie queria ficar acordada, mas discutir se estava ou não cansada não parecia a melhor das razões para desrespeitar o toque de recolher e pegar uma detenção.

Relutantemente, concordou.

— Tá bom, então. Boa noite, Sylvain.

Seu tom foi brusco, mas quando ela se virou para ir embora, ele a pegou pelo pulso e segurou suavemente.

— Como assim? Sem beijo de boa-noite? — disse, com uma risada baixa. — Sem “obrigada por me salvar, Sylvain”? Nem “você é meu herói, Sylvain”? Nunca se deve ir dormir com raiva, *ma belle* Allie.

Os olhos azuis dele giraram divertidamente e ele a puxou para perto, envolvendo-a no abraço que ela tanto queria alguns minutos atrás.

Inicialmente, por pura teimosia, ela resistiu, mas quando ele sussurrou brincando ao seu ouvido, “é mais legal se você ajudar”, ela se pegou rindo. O sotaque dele, afinal, era totalmente irresistível e aqueles olhos eram incríveis.

Quando ele a beijou na bochecha, deixou os lábios permanecerem ali um pouco. A respiração dele era gostosa e bem-vinda em sua pele. Allie se apoiou nele, torcendo para que aquilo durasse.

— Agora — sussurrou-lhe ao pé do ouvido —, vai pra cama sozinha ou eu te arrasto até lá.

Allie se esforçou para manter a calma, mas por dentro estava derretendo.

— Tá, tá bom — respondeu, virando-se antes que ele pudesse perceber o efeito que tinha provocado nela.

Mas é claro que ele sabia.

— Bons sonhos — ele disse atrás dela, com uma risada suave.

Ela correu escada acima sem olhar pra trás.

Na manhã seguinte, Allie estava de pé às seis sentindo-se estranhamente energizada, como se a adrenalina da noite anterior ainda corresse por suas veias. Parada diante do guarda-roupa, ficou imaginando o que vestir para executar trabalhos braçais, optando finalmente por uma calça esportiva, tênis e uma camiseta branca com o brasão da escola no peito. Prendeu o cabelo para trás e, pegando o bilhete de detenção, desceu rapidamente.

Seu estômago roncava, mas ainda era cedo para o café da manhã. Arriscando, espiou a sala de refeições e viu que estava vazia, só que uma das mesas tinha sanduíches de bacon em uma travessa aquecida ao lado de um balde de prata contendo gelo, cheio de garrafas de água. Entrou na sala com alguma hesitação.

Devem ser para a gente, caso contrário estariam aqui por quê?

Pegando um sanduíche e uma garrafa, olhou em volta, para o espaço vazio.

— Obrigada — sussurrou, levantando a garrafa de água em saudação.

Mastigou ruidosamente o sanduíche enquanto atravessava o saguão de entrada e descia os degraus da frente. O ar matutino estava frio e o céu, nublado. Folhas de grama esfregavam orvalho gelado em seus calcanhares.

Allie achou que era até bem agradável estar sozinha ali fora.

Mas eu não iria querer fazer isso todo dia.

Repassou na cabeça as experiências da noite anterior e ensaiou descrevê-las para Isabelle de um jeito que não soasse histérico ou emotivo. Não era fácil.

Deixando para trás a linha das árvores e penetrando nas sombras, ela tremia — estava muitos graus mais frio fora do alcance do sol. O caminho era reto, passando sob pinheiros e desviando de espinheiros. Folhas volumosas de samambaias faziam cócegas na batata de suas pernas delicadamente, mas ela mal percebia enquanto continuava com a dissecação mental da noite anterior.

Após cerca de dez minutos, a trilha alcançou um muro baixo de pedra, que seguia por cerca de quinze metros até chegar a um portão que levava a um pátio com um gramado ligeiramente alto. Uma capela anciã de pedras se situava no centro, e havia um pequeno grupo de alunos aglomerados perto da porta, parecendo entediados. Allie suspirou aliviada ao perceber que estavam

vestidos mais ou menos como ela. Não vendo ninguém que reconhecesse, ficou na beirada do grupo, apoiando-se no tronco nodoso de um teixo.

Mal tinha se ajeitado quando a porta da capela se abriu e uma mulher apareceu na entrada. Casualmente vestida com calças escuras de linho e uma camisa branca de botão, os cabelos longos e escuros presos sem muita firmeza. Tinha uma prancheta em uma das mãos.

— Podem me entregar as notificações, por favor?

Na medida em que os alunos foram subindo, ela recebeu os papéis sem comentários, mas quando Allie entregou o dela, a moça a reteve.

— Você deve ser a Allie. — Soava contente como se estivessem se conhecendo tomando chá na sala de refeições. — A Isabelle me falou muito de você. Eu sou Eloise Derleth, a bibliotecária. Você precisa passar lá pra dar um alô. A Isabelle deixou alguns livros pra você na minha mesa.

Deu um sorriso luminoso para Allie e continuou reunindo o restante dos papéis. Quando tudo estava em ordem, levantou a voz para que todo o grupo pudesse escutá-la.

— Sei que todo mundo está ansioso para saber qual vai ser a tarefa de hoje. Portanto, não vou fazer com que esperem. Por favor, sigam-me.

Alguns alunos reviraram os olhos e riram ao irem atrás. Allie continuou na beirada do grupo, travada pela cautela.

Eloise os guiou dando a volta na capela para um barracão nos fundos do pátio da igreja. Era um local adorável, com lápides envelhecidas se inclinando embaralhadas sob árvores carregadas de folhas em meio a uma grama alta e macia. Um velho banco de jardim apodrecia lentamente contra a parede em uma piscina de luz solar. Um homem com o uniforme de trabalho preto utilizado pelos funcionários da escola esperava nos fundos da construção.

— Hoje vocês vão limpar o pátio da igreja — explicou Eloise. — O sr. Ellison vai providenciar tudo de que precisam e atribuir tarefas para a manhã. Boa sorte!

Com um sorriso alegre, caminhou bruscamente pela trilha e atravessou o portão. Allie foi para perto do grupo que fazia fila para receber ferramentas do Sr. Ellison.

— Vou dividir vocês em equipes. — Ele tinha uma voz de barítono rica e ressonante, e ao entregar as ferramentas, Allie ficou impressionada com seu tamanho. Devia ter dois metros de altura; os braços eram grossos e fortes; provavelmente, especulou, por ter passado a vida trabalhando ao ar livre. Sua pele era cor de café expresso, e ele tinha um jeito incrivelmente tranquilizante.

— Esses são os meus podadores de ervas daninhas — disse, gesticulando para um grupo de meninos que já tinha equipado com ferramentas barulhentas. — Eles vão cortar ao redor das lápides enquanto este grupo aqui — apontou para dois meninos e uma menina que empurravam cortadores de grama em várias direções — faz a limpeza geral.

Allie era a última da fila. Ao se aproximar, o sr. Ellison cumprimentou-a educadamente com a cabeça.

— Vocês dois vão cuidar dos ancinhos.

Dois?

Ela se virou e viu Carter ao seu lado, olhando inocentemente para o jardineiro, que entregava os ancinhos. Enquanto ela o encarava, atônita, Carter agradeceu educadamente, e então virou e se afastou, carregando os dois ancinhos em uma mão.

Ela se apressou atrás dele, saltando cautelosamente pelas lápides e tropeçando no solo desigual enquanto o ruído furioso de ferramentas de jardinagem preenchia o ar.

— O que você tá fazendo aqui? Tá indo pra onde? — perguntou, direta. E quando ele a ignorou: — Ei! Não era pra gente estar trabalhando em vez de correndo?

Carter não pareceu incomodado com a atitude de Allie.

— Eu peguei detenção. Por que *você* tá aqui? E quer fazer o favor de se acalmar? A gente tem que esperar alguns minutos pros cortadores de grama darem alguma coisa pra gente recolher. Portanto, estou saindo do caminho.

Ele não parou até chegar à árvore na frente da igreja. Apoiou os ancinhos no tronco e em seguida, pisando em uma raiz protuberante, subiu em um galho baixo onde se sentou confortavelmente com as pernas para baixo. Estendendo a mão para ela, ergueu uma sobrancelha em tom interrogativo.

Após hesitar (e se imaginar respondendo “não, obrigada, estou bem em pé”), Allie aceitou relutantemente. No que Carter pegou a mão dela e levantou-a para o seu lado, apareceu algo em seu olhar que Allie não conseguiu interpretar e ela sentiu a cor lhe subir rapidamente às bochechas.

Allie deslizou sobre o tronco nodoso para se afastar dele, e em seguida se sentou com uma perna pendurada e a outra dobrada, o pé apoiado no galho. Ele virou para encará-la e suas costas ficaram apoiadas no tronco. Girando um galho entre os dedos, examinou-a curioso. Allie observou os cortadores fazendo a grama desaparecer e fingiu não notar o olhar de Carter. Dali de cima conseguia escutar o ruído da água correndo.

— Olha — disse Carter —, eu tava querendo falar com você sozinha pra pedir desculpas.

Ela olhou para ele, surpresa, com a sensação de que ele parecia estranhamente desconfortável.

— Te passei a ideia errada naquele dia na biblioteca — continuou. — Eu sei que você achou que eu tava dizendo uma coisa que eu não tava. Acho que você tem tanto direito de estar aqui quanto qualquer outra pessoa. Ok? Por favor, acredita nisso.

Apesar de fazer que sim, a expressão dela continuava reservada. Ele suspirou frustrado.

— Tô me sentindo péssimo com isso. Você deve me achar um idiota completo.

Ela fez que sim de novo, com um quase sorriso irônico, e ele riu. Ela tentou não sorrir e não conseguiu.

— Sabia... Allie, eu espero que você acredite em mim. Eu não quis dizer o que você achou que eu tava dizendo. De jeito nenhum. Detesto os metidinhos desse colégio. Não vou ser um deles. A gente pode começar outra vez?

Alguma coisa nela não confiava nele. Mas, pensando bem, alguma coisa nela não confiava em ninguém. E de que adiantava arrastar esse assunto?

— Claro — respondeu afinal.

— Ótimo. Agora nós estamos no começo outra vez. — Olhando para o jardim, ele disse: — Certo. Bem, isso foi rápido e fofo. Parece que eles estão chegando a algum lugar. É melhor a gente começar.

Ele saltou da árvore, aterrissando suavemente, e virou para ajudá-la a descer. Ao deslizar para a beira do tronco, foi além da mão esticada da menina e com as duas mãos a pegou pela cintura, levantando-a da árvore com facilidade. Ela ficou surpresa com a força do rapaz.

— E vamos trabalhar — falou ele, virando para pegar os ancinhos. Assistindo ao ritmo galopante de Carter, ela o seguiu para o pátio.

As lápides pouco revelavam (*Emma Littlejohn, amada esposa de Frederick Littlejohn e mãe de Frances Littlejohn — 1803-1849 — Que Deus lhe dê descanso*), mas ela se descobriu incapaz de passar por qualquer uma sem ler e pensar em seu ocupante, imaginando se teriam tido vidas felizes e o que os trouxera a este lugar.

Quarenta e seis. Nem era muito velha, pensou. Sua própria mãe já devia ter no mínimo esta idade.

Os cortadores já haviam se adiantado bastante na grama longa, e Carter entregou a Allie um ancinho e começou a varrer com habilidade as folhas e reuni-las em grandes montes. Ela começou a varrer da melhor maneira possível, sussurrando um pedido de desculpas para cada túmulo.

Desculpa por incomodar, sra. Coxon (1784-1827). É só um minutinho.

Mas seu monte estava um caos e ela perdia metade da grama no caminho para a pilha.

— Você é muito boa nisso — falou Carter de maneira sarcástica.

— Cala a boca! — disse ela, rindo. — Dá um tempo. Nunca fiz isso antes.

— Nunca fez o quê? Varreu folhas? — perguntou, parecendo verdadeiramente surpreso.

— É, nunca varri folhas — confirmou Allie, dando de ombros.

— Como nunca varreu folhas? Seus pais não te mandam fazer nada? — exclamou em tom de reprovação.

— Eu moro em Londres, Carter. A gente não tem jardim, tem, tipo, um pátio com vários vasos e algumas flores ao redor. Já limpei ele várias vezes, mas nunca varri folhas com um ancinho.

Ele trabalhou em silêncio por alguns minutos e em seguida balançou a cabeça.

— Londres deve ser cheia de garotos que nunca fizeram nada desse tipo. Isso é tão estranho para mim. Não consigo me imaginar não trabalhando a céu aberto, sujando as mãos.

Apoiada no ancinho, ela se admirou com a eficiência com que ele trabalhava.

— De onde você é? — perguntou Allie.

Carter fez um gesto de varredura indicando a terra ao redor.

— Você está vendo.

— Como assim? Você mora aqui por perto?

— Moro aqui. Minha casa é aqui.

Confusa, Allie varreu por alguns instantes e em seguida parou outra vez, tirando uma mecha de cabelo dos olhos.

— Mas onde você morava antes de vir pra cá?

O garoto também parou.

— Lugar nenhum. Foi aqui que eu cresci. Meus pais trabalhavam aqui, eram funcionários. Eu tenho bolsa de estudos. Nunca morei em nenhum outro lugar.

— Seus pais são professores?

Ainda trabalhando, ele respondeu sem levantar os olhos.

— Não. Meus pais eram funcionários — disse Carter, enfatizando *eram* e *funcionários*.

— Então eles não trabalham mais aqui? — perguntou Allie ao mover a grama com o ancinho.

— Não — negou, a voz soando fria. — Não deixam trabalhar aqui quem já morreu.

Allie congelou. Ele trabalhava furiosamente; ela via os músculos se movendo sob a camisa.

Aqui jazem o sr. e a sra. West. Em paz.

— Ai, meu Deus, Carter. Desculpa. Eu não sabia.

Ele continuou varrendo.

— Claro que não. Como você ia saber? Deixa pra lá.

Largando o ancinho, aproximou-se dele e tocou-lhe o braço.

— Desculpa. Mesmo.

Puxando o braço para longe, ele a encarou.

— Deixa disso. E vamos falar sério? Eu não quero ficar aqui o dia inteiro, então dá pra me ajudar?

Magoada, ela pegou o ancinho e foi para algumas lápides adiante. Por vinte minutos trabalharam em silêncio. As costas e os braços de Allie doíam, mas ela acumulou várias pilhas respeitáveis de folhas e grama. Olhou várias vezes para Carter, mas ele não parou em nenhum momento.

Gradualmente, o ruído terrível dos equipamentos de jardinagem diminuiu e, após mais ou menos dez minutos, parou de vez quando o último aparador foi desligado e devolvido ao sr. Ellison, que organizava cuidadosamente as ferramentas.

— Acho que acabamos aqui.

Allie estava tão perdida no próprio trabalho que as palavras de Carter a assustaram e ela derrubou o ancinho. Ao levantá-lo novamente, a mecha de cabelo escapuliu outra vez, e ela a jogou para trás, distraída.

— Vem cá — disse —, vira de costas.

Allie o olhou incerta, mas após um instante de hesitação fez como ele pediu. Atrás dela, Carter ajeitou a mecha rebelde, fixando-a gentilmente com o prendedor. A menina ficou imóvel. O leve toque do rapaz em sua nuca lhe deu arrepios. Após alguns segundos o toque parou, mas ele não disse nada.

Quando Allie se virou outra vez, ele estava a caminho da capela carregando os dois ancinhos. Ela correu atrás dele, tropeçando em um tufo de grama.

— Aqui, Bob — disse Carter, entregando os ancinhos ao sr. Ellison.

— Obrigado. Se encrencou outra vez, Carter?

— Sempre.

O sr. Ellison tinha uma risada grave da qual Allie gostou imediatamente. Ela sorriu para ele e enfiou as mãos nos bolsos.

— Espero que a gente tenha feito um trabalho razoável, sr. Ellison.

Ele sorriu gentilmente para a menina.

— Parece ótimo, srta. Sheridan. Obrigado pela ajuda.

Enquanto caminhavam pela trilha, o sr. Ellison gritou atrás deles:

— Não deixa o Carter te colocar em mais encrencas.

Sem esperar por ela, Carter seguiu pelo pátio e em seguida cruzou o portão.

Allie considerou rapidamente se devia tentar alcançá-lo, mas acabou desistindo. Em vez disso, caminhou calmamente torcendo para que ele se adiantasse muito em relação a ela.

Alguns minutos depois, no entanto, ao dobrar uma curva, ele estava parado no caminho, chutando uma pedra. Evitando seus olhos, ela passou rapidamente, sem dizer uma palavra.

— Allie, espera! — chamou. Dava para ouvi-lo correndo para alcançá-la, mas a garota não se virou. Quando ele chegou, passou a andar ao lado dela, de costas para poder olhar para o seu rosto. — É o seguinte. Parece que eu me comportei feito um babaca outra vez.

— Sem problemas — ela respondeu friamente. — Pelo menos você se comporta sempre do mesmo jeito.

Surpreendeu-se ao vê-lo rir.

— Ok, eu mereço. Desculpa por eu ter te dado um coice. É só que eu sou muito sensível em relação a... algumas coisas. — Os olhos de Carter escureceram e ele chutou uma pedra do caminho.

Allie pensou em Christopher e no quanto ela própria era sensível em relação ao desaparecimento do irmão.

— Tudo bem — falou. — Já passou.

— Tem certeza? — perguntou Carter.

— Absoluta.

Claramente satisfeito, o menino virou e caminhou ao lado dela.

— Então você já se recuperou de ontem à noite? — indagou Carter.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Como você sabe de ontem à noite?

— Ninguém tem segredos na Cimmeria — respondeu. — Eu ouvi dizer que a Jo se machucou correndo no escuro.

Allie ficou pensando quão honesta deveria ser. Queria conversar sobre aquilo com alguém, mas temia que Carter fosse implicar.

— Foi assustador — admitiu.

— O que você viu, exatamente?

— Nada — respondeu. — Quer dizer, tava escuro demais. A gente só ouviu...

Não sabia como explicar.

— Ouviram o quê? — Os olhos escuros do rapaz eram difíceis de ser lidos.

— Eu ouvi alguma coisa rosnar — reconheceu —, feito um cachorro. Mas também ouvi passos. Humanos. O que você acha que pode ter sido? Quer dizer, as pessoas aqui têm cachorro? Tipo os professores ou... os funcionários?

— Ninguém tem cachorro. — Foi a resposta curta.

— Bom, alguém tem um cachorro — murmurou. — Ou alguém rosna.

Ele parou tão de repente que ela quase tropeçou nele.

— Sinceramente? — disse Carter. — Eu acho que eram alguns dos meninos te provocando. Tentando te assustar.

Por algum motivo ela não estava esperando por isso.

— Por quê? — questionou. — Que coisa idiota.

— Porque eles são infantis — declarou. — E entediados. E você é nova. Fizeram por diversão.

A ideia de uma turminha de meninos se divertindo às custas dela de fato soava plausível. E magoava, apesar de ela ter tentado não demonstrá-lo. Enquanto caminhavam pela trilha, ela olhava para o chão engolindo em seco. Mas alguma coisa na explicação dele não parecia verdadeira. O que aconteceu com a Jo? Ela também estava lá.

Ao pensar melhor, concluiu que só havia duas possibilidades. Ou o incidente tinha sido uma farsa elaborada, da qual Gabe e Sylvain teriam participado, ou Carter estava mentindo para ela.

Allie olhou para ele discretamente. Ele olhava para a frente.

— Sabe, o Gabe e o Sylvain salvaram a gente — disse ela, em tom casual. — Eles estavam sabendo?

O humor de Carter escureceu.

— Ah, eles salvaram vocês? Que coisa mais heroica — debochou. Em seguida, virou-se para encará-la. — O que é que tá rolando entre você e o Sylvain, aliás? Você chegou aqui há poucos dias, mas pelo jeito ele já acha que você é propriedade dele.

Ela não resistiu a morder a isca.

— Isso é ridículo. Ninguém é propriedade de ninguém aqui. O Sylvain só tá sendo bom comigo. Ele parece um cara legal.

— Sylvain? Legal? — zombou Carter. — Duvido seriamente disso.

Allie o encarou.

— Quer saber? O Sylvain não foi nada além de legal comigo desde que eu cheguei. Ao contrário de praticamente todo mundo.

Agarrando-a pelo braço, ele virou a menina para ficar cara a cara com ela.

— Só... toma cuidado, Allie. As coisas não são tão na cara aqui quanto lá fora.

A expressão de Carter era intensa e ele parecia sincero, mas ela puxou o braço furiosamente. Antes que pudesse responder, escutou a voz de seda de Sylvain.

— Allie. Você tá aí. Tava indo te procurar.

Ele surgiu das sombras, vindo da direção da escola. Carter lançou a Allie um olhar de aviso, e ela o encarou.

— Carter. Claro. Eu devia saber que você estava de detenção hoje. Você sempre tá — falou Sylvain, em um tom leve e brincalhão, mas havia algo sério nas entrelinhas.

— E você, Sylvain, nunca está — disse Carter, com a voz envolta em desprezo ao passar por Sylvain e seguir na direção do colégio.

Com preocupação nos olhos, Sylvain se voltou para Allie.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece chateada.

— Não foi nada — disfarçou Allie, enquanto Carter desaparecia numa curva. — Ele só é um pouco babaca, não é?

— Acho que essa é a definição perfeita — concluiu Sylvain. Quando o rapaz sorria, seus olhos pareciam os de um gato. — Então, como foi a detenção? Horrível?

— Não foi tão ruim assim. Só uma bolha — esclareceu Allie. Ela estendeu a mão direita, onde um inchaço branco havia se formado na palma, embaixo do anular.

— Que horror! — exclamou. Sylvain ergueu a mão dela até os lábios e a beijou suavemente. Allie tremeu. Arrepios de novo. — Eu decidi que você

nunca deve fazer trabalho manual — disse. — Não faz seu tipo. Você devia ter empregados te servindo, toda vestida de seda...

O absurdo da ideia fez Allie rir.

— É, eles podiam me servir uvas enquanto eu conto os meus diamantes...

— Você tá brincando, mas podia acontecer — disse Sylvain. Ele ainda segurava a mão da menina e agora a puxava pelo caminho. — Infelizmente, esse não é um encontro social. Eu vim até você porque a Isabelle pediu. Ela queria te ver.

Os músculos do estômago de Allie enrijeceram. Não ficou realmente surpresa por a diretora querer encontrá-la, considerando que já tinha recebido detenção. Mas torceu muito para que não estivesse seriamente encarcerada, só para variar.

— Ok — falou. — Acho que isso não é nenhuma surpresa.

Enquanto caminhavam, ela se virou para olhar para ele.

— Sobre ontem à noite...

— Ah, sim — ele disse. — O ataque brutal no jardim.

O tom de Sylvain era de provocação, mas Allie estava falando sério.

— Quem era? Eu escutei passos, e, tipo, um cachorro ou coisa parecida.

— Acho que os passos que você ouviu provavelmente foram meus e do Gabe — respondeu Sylvain. — E o que você achou que fosse um cachorro devia ser uma raposa.

— Uma raposa que rosna? — perguntou Allie, descrente.

— Podia estar presa em algum dos galpões e nervosa — comentou Sylvain e deu de ombros. — Não é tão raro.

Allie estudou o rosto dele com atenção.

— O Carter disse que achava que eram uns meninos me zoando.

Sylvain franziu o rosto.

— Isso é ridículo. Eu ia saber se isso acontecesse. Acho bizarro ele dizer uma coisa dessas.

Por algum motivo, Allie sentiu alívio de ouvi-lo responder assim.

— É — disse ela. — Foi o que eu pensei também.

Quando a trilha chegou ao gramado da escola, um pensamento ocorreu a Allie.

— Por que a Isabelle mandou você me buscar em vez de um dos alunos mais novos? — perguntou.

— Ah, eu tava numa reunião de monitores e a gente tava conversando — disse ele. — Não é tão raro. Ela sabe que nós somos... amigos.

Allie se voltou para ele, surpresa.

— Eu não sabia que você era monitor.

— Não? — respondeu ele, puxando-a mais para perto. — Bom, agora que você já sabe, tem que fazer tudo que eu disser. Porque eu sou o chefe.

Rindo, ela se soltou dele.

— Ah, é assim que funciona? Bom, vamos ver se vai ser assim.

Ela saiu correndo na frente, com Sylvain logo atrás, e quando ele a alcançou na porta, ela não conseguiu conter as risadas. Mas ao se esticar para alcançar a maçaneta, a porta se abriu e Zelazny saiu.

Os risos de Allie se evaporaram.

— Srta. Sheridan — exclamou. Podia ser sábado, mas mesmo assim o professor de História estava de terno e gravata e sua voz transbordava reprovação. — Fico feliz em ver que está levando a manhã de detenção tão a sério.

Já fui presa por homens menos rabugentos, pensou Allie.

Mas antes que pudesse falar, Sylvain se pôs à frente dela.

— É minha culpa, sr. Zelazny. Eu encontrei a Allie na trilha e estava tentando alegrar ela, que estava muito triste depois da manhã difícil na detenção. Por favor, não julga a Allie pelo que eu fiz.

Zelazny passou por eles.

— Uma detenção que ela mereceu muito — murmurou.

— Claro — concordou Sylvain, conduzindo-a calmamente pelo saguão de entrada enquanto ela lutava para não rir alto.

Quando estavam longe do alcance dos ouvidos dele, Allie caiu na gargalhada, mas Sylvain a mandou se calar.

— Aqui não, *ma belle* Allie — sussurrou. — Ele escuta bem demais.

Ela cobriu a boca com as mãos, abafando as próprias risadinhas.

— Não quero te ver presa na detenção por uma semana inteira — disse Sylvain. — O August é muito... sensível.

— August? — perguntou.

— O sr. Zelazny. É o primeiro nome dele.

— Ah.

— E agora — disse ele —, preciso te abandonar. A Isabelle está esperando na primeira sala à direita. Boa sorte.

Curvando-se, beijou a mão dela. Allie não sabia ao certo como reagir.

— Tchau! — disse ela, excessivamente animada, antes de sair às pressas pela ala vazia e silenciosa das salas de aula.

A primeira porta à direita estava fechada e Allie bateu de leve.

— Pode entrar — respondeu imediatamente a voz característica da diretora.

Dentro da sala, Allie viu Isabelle sentada à mesa, cercada por pilhas de papel. Havia um laptop aberto ao seu lado, que Isabelle fechou antes que Allie pudesse ver alguma coisa na tela, mas a menina olhou desejosa para a tampa.

A vida moderna ainda existe.

— Por favor, sente-se aí — sugeriu Isabelle, apontando para a cadeira próxima a ela. — Me desculpe, estou fazendo a contabilidade, e isso sempre envolve preencher uma montanha de papéis, por isso eu escolho fazer isso numa sala de aula, que tem mais espaço.

Retirando os óculos, levantou-se e se esticou antes de sentar ao lado de Allie.

— Como foi a detenção hoje de manhã?

— É, acho que foi tudo bem. — Allie deu de ombros. — Quer dizer, deu trabalho, mas foi tudo bem.

Isabelle sorriu gentilmente para ela.

— Acho que o August foi muito severo com você, e eu disse isso pra ele. Queria que você soubesse. Não quis desautorizá-lo retirando a punição, mas não achei que foi justa.

As palavras foram tão inesperadas que Allie não conseguiu pensar em nada para dizer — ninguém nunca lhe pedira desculpas por alguma injustiça antes.

Nem sabia que isso era possível.

— Obrigada — disse a melhor coisa que conseguiu pensar, mas Isabelle pôde ver em seu rosto o quanto aquilo representou.

— O August é conhecido pela severidade, de forma que eu não quero que você se sinta perseguida — prosseguiu. — Ele garante que nenhuma semana se passe sem que ao menos alguns alunos trabalhem nos jardins ou botem ordem nas salas velhas do depósito. Mas eu já pedi a ele que dê mais tempo pra que você se ajuste antes de voltar a te incluir na rota de punição.

Isabelle examinava Allie com curiosidade.

— E o incidente ontem à noite; a gente tem que conversar sobre isso. O Sylvain me contou que algum tipo de animal selvagem te assustou no jardim?

— Bom, a gente não sabe o que foi — afirmou Allie. — Veio pelo jardim e... nos perseguiu, eu acho. A gente acha que ouviu um rosnado ou algo assim. O que você acha que pode ter sido?

— Sylvain sugeriu que podiam ser raposas. De fato tem muitas por aqui — disse Isabelle.

Fazendo uma careta, Allie inclinou a cabeça para o lado.

— Tem raposas em Londres, mas eu nunca escutei elas rosnarem ou perseguirem alguém.

— Bem, aqui é o campo — disse Isabelle. — As raposas são mais selvagens aqui, as de Londres são praticamente domesticadas. Uma fêmea pode ser muito protetora dos filhotes. Eu pedi aos funcionários do jardim que procurassem por qualquer outro tipo de animal, mas não consigo pensar em mais nada que pudesse ter feito isso. Fico feliz que vocês estejam bem.

Ela parecia sincera, e Allie se sentiu grata por não tê-la feito parecer uma idiota. Mas Isabelle agora estava mudando de assunto.

— Como você está, de verdade? Está fazendo amigos? O Sylvain me disse que você tem se saído bem e que vocês dois ficaram amigos, fico feliz em saber disso. Ele é um dos nossos melhores alunos.

Allie ficou vermelha. Era estranho pensar que Sylvain, que vivia flertando com ela, falara a seu respeito com a diretora.

— Tô bem — respondeu, se encolhendo um pouco na cadeira. — Fiquei amiga do Sylvain, da Jo, e conheci mais algumas pessoas. Todo mundo é mais

ou menos legal, menos...

Ela mordeu o lábio, e Isabelle a olhou encorajadoramente.

— Menos quem? Pode me contar.

— Ah, sabe? — disse Allie, depois cruzou e descruzou os tornozelos. — A Katie Gilmore? Ela é meio nojentinha.

Isabelle suspirou.

— Vou ser sincera com você, Allie. Às vezes eu acho que a Katie foi uma das provas que eu nasci pra enfrentar. Ela foi mimada a vida inteira; temo não estar sendo nada profissional te contando isso, mas acho que eu posso confiar em você. Por causa da infância que teve, ela tem dificuldades de interação com alunos que não são tão privilegiados quanto ela; foi protegida demais pela riqueza da família. No entanto, ela não é imune a punições, independentemente de quão poderosos sejam os pais dela. Então, se for longe demais, conta pra Jules ou pra mim — orientou Isabelle. Ela poliu os óculos com um pano limpo. — Eu não me importaria em vê-la trabalhar no jardim por uma semana. Sujar as mãos faria muito bem a ela.

Empolgada por a diretora estar sendo tão sincera com ela, Allie riu ao imaginar a cena e logo se conteve. Mas Isabelle também estava achando graça e ela viu que não havia problema.

— Alguma coisa além disso? — questionou Isabelle, séria outra vez. — Em sala de aula seu rendimento é bom. Com certeza tem se saído muito bem na minha aula. Algum problema acadêmico?

Allie fez que não. Era verdade que a carga era pesada, mas mais interessante do que nas suas duas últimas escolas, e ela percebera que, na verdade, estava gostando.

— E a vida familiar? — perguntou Isabelle. — Eu notei que você não pediu pra ligar pros seus pais desde que chegou. Você quer ligar? Eu falo com eles com o maior prazer.

Mais uma vez Allie fez que não. Mais vigorosamente desta vez.

— Não quero falar com eles agora — disse, evitando o olhar de Isabelle. — Quero um tempo sem eles.

Quando ela levantou o olhar, Isabelle tinha uma expressão difícil de interpretar, mas alguma coisa dizia a Allie que havia compreendido.

— Claro — disse, acrescentando —, mas se mudar de ideia qualquer dia, é só me procurar.

A conversa agora tinha começado a ficar delicada para Allie, que se inquietou na cadeira, torcendo para ser liberada logo.

Nada escapava à atenção da diretora, que se levantou, esticando o corpo, como quem espanta o cansaço.

— Bem, acho que é hora de eu te liberar pra almoçar e aproveitar o resto do fim de semana.

Sem precisar de outro convite, Allie saltou e se dirigiu à porta, mas a voz de Isabelle a interrompeu exatamente quando estava prestes a abri-la.

— Por favor, Allie — disse —, não tenha medo de me procurar com nenhum problema, por maior ou menor que seja. Estou aqui pra te ajudar e não pra arrumar confusão. Você está segura comigo.

As palavras pareceram sinceras e Allie sorriu timidamente.

— Pode deixar — falou antes de sair apressada.

Pôde sentir os olhos astutos de Isabelle seguindo-a pelo corredor.

— Ai, Deus. Por favor, faz essa tortura acabar — implorou Jo, enfiando a cara no livro de biologia.

Sentada em frente à amiga à mesa da biblioteca, Allie jogou uma caneta nela.

— É — disse Gabe, fechando o próprio livro —, a gente precisa de um intervalo. Ainda tenho algumas coisas pra fazer, mas ninguém disse que eu não posso fazer mais tarde. É sábado de tarde e o dia tá lindo: quem quer ir lá pra fora?

Sem levantar a cabeça do livro, Jo levantou o braço.

— Eu — respondeu, a voz abafada pela biologia.

— Allie? — perguntou ele, empilhando os livros.

Ela fez que não.

— Valeu, mas já passei tempo demais lá fora hoje. Acho que eu vou explorar o prédio da escola.

A cabeça de Jo levantou e seu cabelo se eriçou.

— O prédio é legal. Pede pra Eloise te mostrar as salas de estudo. Elas são o máximo.

Ela parecia bem recuperada da noite anterior; os cortes na bochecha estavam fechados com dois pontos da cor da pele, e não havia mais hematomas visíveis. Allie ainda não tivera chance de conversar com ela sobre o que acontecera — estava louca para que tivessem alguns minutos a sós, mas Gabe quase não saía de perto de Jo o dia todo. Agora ele estava empilhando os livros de Jo junto com os dele, e os dois se levantavam para sair.

— Se eu não te vir mais, te encontro no jantar? — Allie perguntou, esperançosa.

— Fechado — respondeu Jo, sorrindo.

Quando os dois saíram, Allie se espreguiçou e olhou em volta. A sala estava basicamente deserta.

Ela foi em direção à mesa de Eloise. Atrás da bancada alta de madeira polida, ela preenchia uma ficha antiquada de biblioteca.

— Hmm... oi? — perguntou Allie, hesitante.

— Ah, Allie. Que ótimo ver você de novo — disse Eloise, ajeitando-se. — Como vai você?

O cabelo preto da bibliotecária estava preso para trás num estilo despojado, com mechas escapando; óculos de armação roxa empoleiravam-se na ponta do nariz fino.

— Bem, obrigada. Eu estou estudando ali — informou Allie, apontando na direção da sua mesa — e resolvi dar um oi.

— Veio atrás dos livros de que eu te falei? — Eloise repousou a ficha. — Separei eles pra você.

Ela esticou o braço para baixo da bancada e puxou uma pilha de livros com um cartão em cima que dizia “Para Allie”.

— Acho que são leituras extras pra sua aula de inglês — explicou Eloise.

Allie já tinha se esquecido dos livros que a bibliotecária mencionara de manhã, e, honestamente, achava que já tinha o suficiente para ler.

Ainda assim...

— Ah, ótimo — falou ela, educadamente, colocando os livros na bolsa. — Mas, na verdade, eu ia só explorar o prédio e a Jo disse que por aqui tinha umas salas legais de estudo, algo assim.

Eloise pareceu confusa por um instante, mas logo sorriu.

— Você deve estar falando dos cubículos lá no fundo. São ótimos. Deixa eu buscar as chaves.

Ela retirou um chaveiro de um gancho atrás do balcão. Allie a seguiu pelo que pareciam centenas de anos de tapetes orientais e por fileiras intermináveis de prateleiras.

— Esse lugar é imenso — observou, olhando para o teto.

— Agradeça por não ter que limpá-lo — respondeu a bibliotecária, em tom semicantado. — Aliás, se você receber detenção de novo, pode ter essa chance.

Allie não pôde deixar de rir.

— Por favor, não.

— Não se preocupe — tranquilizou Eloise com um sorriso. — Se for comportada, nunca vai acontecer.

Elas fizeram uma curva e a sala mudou ligeiramente. Havia menos prateleiras nesta parte e mais mesas e cadeiras de couro.

— Essa área é reservada para alunos avançados — explicou Eloise, escolhendo uma chave do molho. — Vamos lá. — As paredes tinham painéis de madeira escura, esculpidos elaboradamente. Eloise inseriu a chave numa fechadura tão habilmente escondida na madeira que Allie sequer a viu, e uma porta até então virtualmente invisível se abriu em silêncio.

— Uau — disse Allie. — Uma porta secreta.

— Uau mesmo. — Eloise olhou para ela por cima dos óculos. — Essas salas de estudo ficam na parte mais antiga da estrutura. Não sabemos qual era o propósito original delas. Mas, bem, dá uma olhada.

Ela apertou um interruptor e recuou. Allie entrou em uma sala iluminada de mais ou menos 2,5 metros de largura e 1,80 metro de comprimento. No interior do espaço sem janelas havia uma mesa com um abajur, uma cadeira de couro e uma pequena estante de livros. Dominando o espaço havia um mural elaborado cobrindo as paredes. Indo até o centro da sala, Allie deu um giro para assimilar tudo. A pintura parecia contar uma história: homens e mulheres

armados até os dentes, lutando em um campo, observados por querubins enfurecidos sob um céu tempestuoso.

A cena era fria, pensou Allie.

— Como é que alguém estuda aqui? — indagou. — Eu passaria o tempo todo desviando pra me proteger.

— Não parece incomodar ninguém. — Eloise olhou para as espadas empunhadas, seus olhos ilegíveis. — Mas não posso dizer que eu discorde de você.

Saiu da sala. Após uma última olhada em volta, Allie a seguiu, e Eloise trancou a porta.

— São todas assim?

A bibliotecária assentiu.

— São muito parecidas. As pinturas de cada sala contam uma parte diferente da mesma história. Este é o retrato da batalha principal. Parece ser a última da série.

Ela foi até o final da parede e destrancou outra porta oculta. Acendendo a luz, assinalou para Allie segui-la e entraram na pequena câmara de estudo. As pinturas desta retratavam as mesmas pessoas, os homens usando chapéus e vestes formais, e as mulheres com vestidos longos e trabalhados. Pareciam conversar em um círculo, diante do que parecia uma versão menor do prédio em que ela estava agora.

— Nós acreditamos que este seja o primeiro da série — relatou Eloise.

— É a Cimmeria? — perguntou Allie.

— Antes da expansão — disse Eloise. — A pintura é daquela época, início do século XVIII.

— É sobre o quê? — perguntou Allie. — Uma espécie de guerra?

Eloise estava estudando um dos rostos.

— Ninguém mais sabe. A história da escola conta que a casa foi construída originalmente por uma única família. Alguma espécie de desentendimento os dividiu, e eles essencialmente entraram em guerra entre si. O lado vencedor ficou com a escola. Mas não há registro de nada disso nos nossos arquivos, e te digo o seguinte: se houvesse eu saberia. Sou a historiadora da escola.

Quando saíram da sala, Allie estava perdida nos próprios pensamentos.

— Estranho — observou. — Quer dizer, como uma coisa tão importante pode simplesmente se perder?

— Coisas se perdem — respondeu Eloise. — Principalmente se ninguém quiser lembrar.

— Não quero estudar nessas salas de jeito nenhum — declarou Allie, firme.

— Por sorte você ainda tem um ano antes de se tornar avançada o suficiente pra sentar aqui — comentou Eloise, sorrindo luminosamente para Allie. — Então por enquanto está segura.

SETE

J á fora da biblioteca, caminhando pelo corredor rumo à ala das salas de aula, Allie ainda pensava nas pinturas esquisitas que acabara de ver. Sem aulas, as salas estavam vazias e silenciosas, notou ela ao subir preguiçosamente a escadaria e passar pelas salas familiares do primeiro andar, rumo ao segundo. Ali só aconteciam aulas avançadas e ela esperava que houvesse um ar de mistério, mas decepcionou-se ao ver que era igualzinho aos andares de baixo — um corredor amplo com um piso polido de madeira e salas em ambos os lados. Com as luzes apagadas, estava completamente iluminado pela luz do dia, que entrava pelas janelas das salas.

Os sapatos de sola de borracha tornavam seus passos quase silenciosos enquanto ela espiava as portas abertas de salas vazias, onde escrivainhas aguardavam em fileiras pacientes e fantasmagóricas.

Não soube dizer ao certo quando ouviu as vozes. Talvez na metade do corredor. O murmúrio era baixo e só lhe chamou a atenção quando aumentou por um instante.

Ela parou de andar.

Alguém gritou e ouviu-se um ruído de batida, seguido por uma onda preocupada de vozes que pareciam tentar acalmar as coisas.

Allie se preparava para voltar quando uma porta no final do corredor se abriu e uma figura saiu das sombras.

Instintivamente, ela se esgueirou para trás da porta mais próxima e se escondeu, escutando. Inicialmente não conseguiu ouvir nada além do som da própria respiração, mas, passado um instante, escutou o ruído fraco de passos vindo em sua direção. Contou as respirações.

... dez, onze, doze...

Os passos pararam.

Ela parou de respirar.

— Allie? — sussurrou Carter, com a voz áspera. — Que diabos?

O rapaz esticou a mão e agarrou o braço de Allie, puxando-a bruscamente em direção à escada. Ela ficou surpresa demais para protestar e foi tropeçando ao lado de Carter. Ele a levou para o primeiro andar, onde virou a garota para encará-la.

— O que você tava fazendo no segundo andar? — perguntou, seus dedos estavam enterrados no braço dela.

— Explorando — respondeu ela, tentando se libertar. Tentou parecer calma, mas sabia que soava na defensiva.

— Explorando o quê? As salas de aula?

Fingindo indiferença, ela deu de ombros.

— É. Tipo isso. Não é proibido nem nada, é?

— Allie, por acaso você leu as informações que te deram quando você começou aqui? Acha que as regras são opcionais pra você? — indagou. A voz dele transbordava sarcasmo e agora Allie sentia uma raiva crescente na boca do estômago.

Qual é o problema de todo mundo nessa porcaria de escola?

— Li o suficiente pra saber que eram chatas — rebateu, irritada. — Agora quer parar de ser psicopata e me deixar ir?

— O segundo andar é só pra alunos avançados e pra Escola Noturna — disse Carter, como se estivesse falando com uma criança. — Você pode arranjar um problema sério se te pegarem. Não pode ir lá *nunca*.

Ela conseguiu se soltar da mão dele.

— Inferno do cacete — disse, esfregando o ombro. — Que exagero. Parece até que eu matei alguém.

A expressão de Carter permaneceu inalterada.

— Sério, Sheridan. Tô começando a achar que você gosta de se meter em encrenca.

Ela virou-se de costas para ele e desceu furiosamente as escadas, disparando por sobre o ombro:

— Bom, pelo que eu ouço a seu respeito, West, olha quem fala.

Ele não respondeu.

Allie esperou do lado de fora da sala de refeições naquela noite, inquieta ao observar os alunos entrando. Katie passou por ela, etereamente radiante. Ela sussurrou algo para o grupo de puxa-sacos que sempre a cercava, e todas riram. Allie viu Jules no meio do grupo, sem sorrir.

Sem conseguir se conter, Allie revirou os olhos e esticou a língua para eles, mas isso só fez com que rissem mais alto.

— Que idiota — ouviu Katie dizer, e ficou vermelha.

Poucos minutos depois, Jo e Gabe apareceram, estrelas cintilantes em meio a uma constelação de amigos. Jo estava rindo de alguma piada que não havia dado para ouvir. Allie esperou que reparassem nela, tentando não se importar se a tinham visto ou não. Mas, segundos depois, Jo levantou o olhar e lançou-lhe um amplo sorriso. Ela avançou pelo corredor e a pegou pela mão, arrastando-a para o grupo.

— Allie! Você tá aí. Vem comigo. Você precisa conhecer todo mundo.

À mesa, Allie se sentou à esquerda de Jo, e Gabe assumiu o lugar à direita. Em meio ao barulho estridente da conversa pré-jantar, Jo elevou a voz o suficiente para ser ouvida.

— Galera, essa é a Allie. Allie, essa é a galera.

— Qual é, Jo, seja mais específica. — O menino que a interrompeu era mais ou menos da idade de Gabe, e estava sentado em frente a Allie. Seu cabelo castanho-claro brilhante era longo o suficiente para cair de forma atraente sobre o olho direito. Ele sorriu flertando.

— Eu não sou a galera. Sou o Lucas.

Os outros vaiaram fazendo graça, mas o sorriso dele era contagiante, e ela não pode deixar de retribuir.

Um por um, os outros à mesa disseram seus nomes, rindo. Havia uma menina magra chamada Lisa, de cabelo longo, liso e claro, e sorriso hesitante. Ruth era atlética e séria, com cabelo louro-escuro desgrenhado, na altura dos ombros. Estava sentada ao lado de Phil, que parecia descolado com seu cabelo preto muito curto e óculos da moda. Allie teve a impressão de que Ruth e Phil se gostavam.

No início, houve um zum-zum-zum animado (“a gente tem ouvido falar muito de você...”, “o que você tá achando da Cimmeria?”, “O Zelazny não é um...”, “Shhh! Cuidado, ele tá bem ali...”, “Tá gostando daqui?”) antes de todos mudarem de assunto.

Distraída pelos eventos do dia, Allie brincou desinteressada com a comida, que nesta noite não estava muito boa. Dava para distinguir levemente o ruído de chuva batendo contra as janelas. A tarde toda tinha sido cinza, e agora estava chovendo forte. Estava tão profundamente imersa numa complexa rede dos próprios pensamentos que partes da conversa passaram por ela como destroços.

— Vinte páginas até terça!

— O sorriso mais lindo...

— Que carne é essa, aliás?

— Carne misteriosa.

Risadas.

— Ouvi um professor dizendo que vai chover nos próximos três dias.

Um coro de resmungos.

Allie levantou os olhos.

— É tão chato aqui quando chove — Jo explicou. — A sala comum vai estar lotada. É melhor a gente chegar lá cedo.

Assim que terminaram, saíram apressados pelo corredor. Jo se apoderou de um sofá no meio da sala, tirando os sapatos e sentando em cima dos pés. Allie afundou numa poltrona de couro na frente dela. Estavam se ajeitando quando Gabe chegou.

Ele, assim como Allie, parecia distraído naquela noite.

— Não posso ficar — disse, olhando para Jo como quem pede desculpas. — É essa droga de projeto.

Ele a beijou, sussurrou algo no ouvido dela que a fez sorrir e saiu apressado. Finalmente, pela primeira vez desde a noite anterior, Allie e Jo estavam a sós.

— O que a gente faz agora? — perguntou Jo. — Quer jogar Master?

— Agora não — respondeu a menina. Allie chegou para a frente na cadeira e se inclinou em direção a Jo, reduzindo a voz a um sussurro. — Jo, o que *fô* aquilo ontem? O que o Gabe acha?

— Bom, tinha algum tipo de raposa maluca ou algo assim... não sei — disse Jo. — Foi tudo tão rápido.

Desapontada, Allie se inclinou para trás outra vez.

— Foi o que o Sylvain disse, mas não me pareceu uma raposa.

— Pareceu o quê? — perguntou Jo.

Allie balançou a cabeça.

— Não sei. Alguma coisa com dentes.

— Um urso? — Jo sugeriu, atrevida. — Um dragão? Um *wookie*?

— Jo, sério! — Allie estava frustrada. — O que aconteceu ontem à noite foi real. O Gabe e o Sylvain levaram a sério. Não pareceram achar que nós estávamos sendo bobas. Eles ficaram... bom, não assustados, mas tipo, muito nervosos. Agora tenho a impressão de que todo mundo quer fazer parecer que nós estávamos histéricas. Ou como se tivesse sido uma grande piada. Mas eu acho que tinha alguma coisa lá.

Jo fez um gesto tranquilizante com as mãos.

— Olha, Allie, com certeza aconteceu alguma coisa, mas tava escuro, e acho que ninguém sabe se foi perigoso ou não, mas não acharam nada. — Sorriu. — Posso te dizer que foi bem incomum. Não é como se nós sempre fôssemos atacados por coisas selvagens que rosnam. Não se assusta tanto.

Allie não se convenceu, mas não queria parecer obcecada, então fez que sim com a cabeça relutantemente.

— Você tem razão. Tenho certeza que sim.

— Certo, então. Voltando ao que nós vamos fazer hoje — disse Jo. — Se não for Master... gamão? Outra coisa? Banco Imobiliário? Jogo da velha?

Allie tentou fingir interesse em jogos de tabuleiro para agradar Jo, mas, na melhor das hipóteses, os achava chatos.

— Já jogou xadrez? — perguntou Jo, afinal.

A expressão de Allie deve tê-la denunciado, pois o rosto de Jo assumiu um foco determinado.

— Sério? Isso é um escândalo. Bom, vou cuidar disso agora mesmo.

Saltando do sofá, ajoelhou-se diante da mesa na frente delas e puxou um estojo de madeira do tamanho de uma caixa de sapatos. De dentro dela começou a retirar peças acetinadas. Ajeitando as pretas no seu lado, entregou a Allie o cavalo branco.

Allie o ergueu e emitiu um som de relincho. Jo lhe lançou um olhar minguante.

— Pônei — Allie disse fracamente.

— Sério, Allie. Então você odeia jogos de tabuleiro. Tá bom. Xadrez não é um jogo de tabuleiro. Xadrez na verdade só é mais ou menos um jogo, porque na verdade é guerra.

Quando Allie fez uma careta, Jo acrescentou firmemente:

— Portanto, xadrez é emocionante — afirmou, apontando em seguida para a peça que Allie ainda estava segurando. — Isso não é um pônei. É um cavalo que mata. — Indicando um quadrado, falou: — Põe aqui.

Tentando parecer séria, Allie colocou o cavalo onde Jo mandou, mas, lançando um olhar de rebeldia para a amiga, murmurou baixinho:

— Cavalinho bonzinho.

Jo a ignorou e pegou um peão.

— Estes são os seus soldados. São os que têm menos liberdade e menos poder, mas como se dispõem a se sacrificar pelos mais poderosos, você não ganha sem eles.

Repousou a pecinha de cabeça redonda e retirou uma peça com o formato de uma torre de castelo.

— Esta é a sua torre, a fortaleza do rei. É a única peça do tabuleiro que pode assumir legalmente o lugar do rei a qualquer momento. O papel dela é confundir o inimigo. O lugar dela é aqui.

Ajeitando-a, pegou mais duas peças. Na mão direita tinha uma peça vagamente parecida com um minarete.

— O bispo. Habilidoso e perigoso. Tem muito poder. Eu penso nele como um gigolô da rainha. — Agora acenou a peça alta e régia na mão esquerda. — O rei. Quase sempre mais fraco do que você pensa, todas as peças protegem ele, mas ele quase nunca ajuda mais ninguém, porque, se ajudar, pode morrer.

Allie apoiou o queixo na mão.

— Isso parece Shakespeare, só que é mais idiota.

Jo pegou uma peça branca esguia e coroada, e a entregou a Allie.

— A rainha. É uma escrota. Mas se quiser ganhar, você tem que se entender com ela.

— Ótimo — disse Allie. — E o que acontece depois? A que horas eu começo a te dar uma surra?

Jo entregou as peças brancas.

— Se você treinar e trabalhar duro? Talvez no seu 27º aniversário. Jogo xadrez desde os cinco anos de idade. Ajeita as suas, igual fiz com as minhas, e aí eu vou ganhar de você pela primeira vez.

Allie organizou as peças espelhando as de Jo.

— Então, me fala um pouco dos seus amigos — disse, pegando a rainha. — A Lisa e o Lucas parecem legais, mas eu não sei da Ruth e do Phil...

Jo assentiu.

— Acho que você vai gostar muito da Lisa, ela foi minha primeira amiga na Cimmeria. A Ruth é legal, mas é meio, não sei, intensa, eu acho. Então precisa estar com humor pra lidar com ela. O Phil é tranquilo, conta umas piadas péssimas quando se solta. Mas é um pouco tímido com pessoas novas.

Naquele instante, Ruth entrou correndo na sala, arfando, as roupas ensopadas e o cabelo pingando.

— Jo.

Parou diante delas, com as mãos segurando as laterais do corpo, como se tivesse corrido muito rápido. Tinha uma poça d'água nos pés.

Allie congelou, ainda segurando a rainha. Jo parecia ter perdido a fala, mas Ruth não esperou que perguntasse nada.

— É o Gabe.

OITO

Jo se levantou em um pulo, espalhando peças de xadrez pelo chão.

— O que...? — parecia confusa, assustada.

— Ele se machucou. O Phil também. Deu errado.

Allie se levantou e foi para o lado de Jo.

— O que aconteceu? Cadê eles?

Ruth a estudou com o olhar; Allie teve a impressão de ver Jo fazer um sinal de positivo com a cabeça.

— No caramanchão — respondeu Ruth.

— Vamos — chamou Allie, pegando Jo pela mão e puxando-a em direção à porta da sala comum. Ruth não foi atrás.

As duas cruzaram correndo o saguão de entrada, deslizaram até pararem no chão de pedra e abriram a pesada porta de madeira. Lá fora a chuva caía pesada. Allie saiu sem hesitar, mas no pé da escada parou e se virou para Jo.

— Pra que lado? — gritou para ser ouvida sob o barulho da tempestade, enquanto um trovão rugia sobre elas.

Jo apontou para além da ala oeste. Correram em frente à entrada, depois pela grama molhada em direção à mata. Allie podia ouvir a própria respiração apitando nos ouvidos, o ruído da chuva... e mais nada.

Alguns minutos se passaram e, por entre as árvores, ela viu um elaborado gazebo vitoriano. Estava vazio. Subiram as escadas e olharam em volta, arfando. Allie se curvou com as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

Jo apontou para o bosque.

— Ali.

Allie olhou para a escuridão chuvosa, mas não enxergou ninguém.

Então ouviu um grito que pareceu vir de longe, do meio do mato. Allie olhou para Jo para ver se ela também ouvira. A amiga olhava fixamente para as árvores, com os lábios ligeiramente abertos enquanto escutava.

— Você também ouviu isso? — sussurrou Allie. Jo confirmou com um aceno de cabeça, com os olhos ainda fixos na floresta.

— É o Gabe — sussurrou de volta.

Ficaram imóveis, olhando. Mais gritos, mas não enxergavam nada. Então, após alguns minutos, vultos entraram em foco, saindo do meio das árvores. Allie reconheceu Carter e Gabe. Pareciam estar segurando alguém. Ela não conseguiu ver quem era.

— Meu Deus. — Jo continuava sussurrando. Elas se levantaram.

Enquanto os meninos subiam os degraus até o mirante, Allie viu que estavam feridos. Carter tinha um corte na testa que sangrava muito. Gabe tinha sangue nas mãos e na camisa. Ele olhou fixamente para Allie.

— Que diabos vocês tão fazendo aqui?

Carter virou para Gabe.

— Agora não, cara. A gente já tem problemas o suficiente.

Delicadamente, eles deitaram a pessoa que estavam carregando. Allie não o reconheceu, mas Jo suspirou.

— Phil. Ah, não.

Gabe olhou para ela, com os olhos preocupados.

— Acho que ele vai ficar bem. O Sylvain foi buscar ajuda.

Allie puxou o braço de Gabe, virando-o e revelando um corte no pulso que sangrava abertamente.

— Gabe — arfou Jo, empalidecendo.

Que diabos está acontecendo?, Allie pensou, olhando para a cena de catástrofe que se desenrolava à sua frente. *E por que mais ninguém está perguntando isso?*

Ajoelhado ao lado de Phil, Carter arrancou uma tira da manga da camisa e a amarrou firmemente em torno da perna do menino inconsciente. Em

seguida arrancou mais uma e a entregou a Jo.

— Amarra isso em volta do pulso do Gabe.

Mas a garota parecia incapaz de se mover. Segurou o tecido branco como se não soubesse exatamente do que se tratava.

Ao perceber o medo de Jo, Allie se apresentou.

— Deixa comigo.

Quando Allie tentou alcançar o tecido, Jo o deixou cair da mão.

Com a atadura artesanal esvoaçando, Allie se voltou para Gabe.

— Estica a mão.

Gabe levantou o braço e Allie enrolou a tira habilidosamente no pulso e na mão, tecendo uma atadura firme, depois prendendo a ponta para o ajuste ficar confortável.

— Mantém a mão em cima do coração até o sangramento parar — disse ela, automaticamente.

Virando para Phil, a menina percebeu que Carter a observava.

— Você também tá sangrando — alertou Allie.

— Eu tô bem.

— Dá pra ver. Alguém devia olhar esse corte.

Ouvindo passos apressados pela grama, Allie levantou os olhos e viu um grupo de pessoas correndo em direção a eles. Ao se aproximarem, notou que Sylvain vinha à frente, com Zelazny e Jerry logo atrás. Zelazny olhou irritado para Allie.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou Zelazny, em tom acusador.

Os olhos de Sylvain encontraram os de Allie por um segundo e logo ele voltou a atenção para Zelazny. Sua voz era tranquilizante.

— Mais tarde a gente descobre; primeiro temos que cuidar disso.

— Qual a gravidade? — perguntou Jerry, verificando o torniquete.

Carter parecia preocupado.

— Não está nada bem. Ele precisa de um médico. Está sangrando muito.

— E você? — perguntou Jerry.

Sangue pingava do rosto de Carter para a camisa branca ensopada, mas ele não levantou o olhar.

— Vou ficar bem. Só preciso de alguns pontos.

— Tudo bem, você e o Gabe podem buscar a enfermeira. Sylvain, me ajuda com o Phil. O resto, volta pra dentro. Agora.

O tom foi firme e na última palavra todos se moveram de uma vez. Ele e Sylvain carregaram Phil, apoiando os braços do rapaz nos respectivos ombros e Zelazny foi apressado, à frente deles. Como se tivesse sido sacudida até despertar, Jo voltou-se para Gabe e o abraçou.

Allie foi até Carter e pôs o braço em volta da sua cintura, mas ele recusou.

— Eu tô bem — insistiu ele, grosseiramente.

Ruborizando, Allie se afastou.

— Se é assim que você fica quando tá bem, não quero nem te ver mal.

Ele riu com deboche, mas caminhou ao lado dela, a um braço de distância.

— Que diabo foi aquilo, Carter? — perguntou ela, assim que estavam fora do alcance auditivo dos outros. — Por que todo mundo virou ninja de repente? Foi esquisito.

— Não foi nada — respondeu. — Um acidente. Acontece.

— *Acontece?* — perguntou ela, com a voz incrédula. — Um acidente no mato debaixo de temporal, metade dos alunos sai sangrando até a morte... acontece?

O olhar sombrio que ele dirigiu a ela pareceu ainda mais assassino com o sangue escorrendo pelo seu rosto.

— Alguém já te disse que você é muito exagerada? — perguntou.

— Não — respondeu Allie. — Alguém já te disse que você é muito babaca? Depois disso, não se falaram mais.

Enquanto a chuva desabava, ela olhou de lado para ele, por baixo de cílios tão cobertos de gotas de chuva que era como enxergar através de uma cachoeira. Ele estava olhando direto para a frente, com a mandíbula rija.

Quando chegaram aos degraus da escola, Isabelle estava no alto trajando uma capa de chuva branca e longa. A chuva emitia um ruído plástico ao bater no capuz.

— Carter. Allie. Vocês estão bem? Carter, você parece péssimo.

— Eu tô bem — insistiu Carter. — Só preciso de alguns pontos.

Isabelle o examinou minuciosamente e então se voltou para Allie.

— E você? Se machucou?

Allie balançou a cabeça, fazendo pingar água em cima do seu nariz.

— Ótimo. Carter, vai pra enfermaria. Allie, pode vir comigo, por favor?

Sem esperar por uma resposta, ela voltou para dentro energicamente.

Enquanto Allie se virava para segui-la, Carter a agarrou pelo cotovelo. Ela achou que ele parecia uma vítima de filme de terror.

— Vem me encontrar antes do toque de recolher — ele disse. — Eu vou estar no salão. — E então correu para dentro da escola, deixando um rastro de água ao passar.

Franzindo o rosto, Allie o seguiu com os olhos pelo corredor.

— Até parece — murmurou, antes de apressar o passo atrás de Isabelle.

Passaram pela sala comum e então por uma porta tão escondida na madeira que Allie não a havia notado antes. Lá dentro havia um escritório espaçoso sem janelas, com lareira. A cornija esculpida sustentava velas que estavam apagadas. Uma parede era inteiramente coberta por tapeçaria — um cavaleiro empunhando uma espada e uma donzela perto de um cavalo branco. Isabelle lhe entregou uma toalha branca e macia, e Allie esfregou a água dos cabelos, em seguida enrolou-a nos ombros, tremendo. Agora que estava dentro da casa sentia frio.

— Senta, por favor — pediu Isabelle, gesticulando para duas cadeiras de couro diante da mesa. Sentou-se na beira da mesa, observando-a. Allie percebeu o timbre grave da música clássica emitida por alto-falantes escondidos. — Tem certeza de que você está bem? — perguntou. Quando Allie confirmou com um gesto de cabeça, a diretora prosseguiu. — Ótimo. Só quero conversar com você um minuto e aí te libero pra vestir uma roupa seca. Isso não vai dar qualquer problema pra você, mas eu preciso saber o que aconteceu hoje à noite.

Allie olhou para ela, confusa.

— Eu não...?

— Quero dizer, o que você e a Jo estavam fazendo no caramanchão? Me conta o que aconteceu desde o começo.

Allie enrolou a toalha com mais firmeza nos ombros e pensou rápido. Iria aquilo dar problemas para alguém?

Me meti em confusão?

— A gente só tava... procurando o Gabe — respondeu, cautelosa. — A Jo queria fazer uma surpresa se aproximando sem ele perceber, mas a gente não conseguiu encontrar. Aí nós fomos até o caramanchão pra sair da chuva e vimos os meninos saindo do bosque.

Sentia desconforto em mentir para Isabelle, mas toda a situação parecia errada. Quando Ruth veio chamá-las, parecia assustada. Estava branca como papel. O instinto de Allie a mandara dar cobertura a Ruth, apesar de não conhecê-la tão bem.

A Ruth não tinha que nos contar nada.

Isabelle a observou de perto.

— E depois disso, o que aconteceu?

— A gente percebeu na hora que tinha alguma coisa errada, mas ninguém disse o que houve — contou. A última parte parecia queixosa, mas sinceramente, por que todo mundo estava tão misterioso?

— Só isso? — perguntou a diretora, sem dar qualquer indício de que não tinha acreditado, e então Allie resolveu que era hora de ela mesma fazer algumas perguntas.

— Você sabe o que aconteceu? — perguntou. — O Carter se recusou a me contar, e todo mundo tá agindo como se eu tivesse feito alguma coisa muito errada.

Isabelle se inclinou para a frente.

— Sinto muito, Allie. Eles não tinham que se comportar desse jeito. Você é nova aqui e não tem como saber. Não sei exatamente o que aconteceu, nem como os meninos se machucaram, mas pretendo descobrir.

— É só que eles pareceram muito machucados — disse Allie.

Isabelle se levantou.

— Acho que pareceu pior do que foi. Pelo que me contaram, ninguém se feriu gravemente. Às vezes, jogos ficam um pouco violentos. Não é nada com que você deva se preocupar. Eu vou conversar com os envolvidos.

Isabelle baixou a mão até o ombro de Allie e o apertou gentilmente enquanto caminhava ao seu lado até a porta, que segurou para ela passar.

— Obrigada, Allie. Que bom que você está bem. Não precisa se preocupar com o Phil; a equipe médica já está cuidando dele. E ficou claro para mim que as feridas do Gabe e do Carter são superficiais.

Ainda que Allie sentisse que devia ter exigido mais respostas, a explicação de Isabelle fazia sentido. Garotos estavam sempre se metendo em confusões — ela vira Mark e Harry se machucarem montes de vezes. Ambos já tinham ido parar no pronto-socorro em mais de uma ocasião depois que brincadeiras de pique terminaram mal.

Mas o que poderia ter acontecido a todos eles lá na mata? E por que ninguém me conta?

De volta ao quarto, ela vestiu saia e suéter secos, deixando largada no chão a roupa molhada. Queria voltar logo lá para baixo, antes do toque de recolher, para saber como estava todo mundo.

No que aplicava brilho rosa-claro aos lábios em frente ao espelho, no entanto, sua mão parou. *Será que eu vou atrás do Carter?*

Não que ela quisesse de fato vê-lo; ele fora completamente babaca. Só estava curiosa. Por que ele queria que se encontrassem a sós? E por que no salão principal? Ela nunca mais estivera ali desde que Isabelle o mostrara, no dia da sua chegada.

Ela checou o relógio. Eram só dez horas. Ainda tinha bastante tempo até o toque de recolher.

Desceu correndo as escadas e então cruzou o corredor nas pontas dos pés em direção ao salão.

— Allie — disse Sylvain, seu sotaque sedoso acariciou-lhe o nome e a menina se virou, encontrando-o logo atrás dela. — Estava torcendo pra te encontrar. Fiquei preocupado; você tá bem?

Ele a puxou e abraçou e, depois de hesitar, Allie retribuiu o abraço. Seus dedos delicadamente traçaram uma linha pelas costas dela, descendo até a cintura.

Arrepios.

Ele chegou para trás para olhar para ela.

— Você ainda tá molhada. Que bom que não se machucou.

— Eu tô bem.

Allie tentou pensar numa desculpa para o que estava fazendo. Sylvain não ia gostar de saber que ela estava indo encontrar Carter. Mas o que ele não sabia, concluiu, não *a* machucaria.

— Eu tava procurando a Jo... — explicou.

— Acho que ela tá com o Gabe — disse. Os dedos de Sylvain estavam sob o queixo de Allie agora, inclinando a cabeça dela de modo que ela olhasse para ele. A menina sentia a respiração do rapaz em sua bochecha. Sylvain cheirava a zimbro fresco. — O que você e a Jo tavam fazendo no caramanchão? — perguntou. Seu tom era casual, mas algo na postura dele emitia sinais de alerta. — O Zelazny ficou bem irritado de te ver lá.

Será que ele tá me investigando?

— Foi antes do toque de recolher — discutiu Allie. — Não entendo por que todo mundo se importa tanto que a gente estava lá fora. A gente só queria sair. E saiu.

— No meio de um temporal.

Allie estava cansada de ser interrogada.

— A gente achou que seria legal — disse. — E quer saber? Eu podia te fazer a mesma pergunta. O que *você* tava fazendo lá fora no meio de um temporal?

Ele a examinou curioso, como se visse algo de novo, que não tinha notado antes.

— Tá certo, *ma belle* — disse. Pela primeira vez Allie sentiu uma frieza distante na voz de Sylvain. Tinha tocado em um ponto fraco.

— Como tá o Phil? — perguntou ela, tentando mudar para um terreno mais seguro.

— Ele vai ficar bem, mas perdeu um pouco de sangue, vai levar uns dias. A queda foi feia.

Quando Allie abriu a boca para perguntar o que acontecera lá, Sylvain voltou a falar.

— Melhor você beber alguma coisa quente — disse. — Vem comigo. Tem chocolate quente na cozinha.

— Não — negou Allie, mais histérica do que a situação pedia. Sylvain ergueu uma sobrancelha, surpreso, enquanto ela procurava um motivo. — Eu... preciso fazer uma coisa. Vamos conversar amanhã? Eu preciso...

Allie passou correndo pelo rapaz em direção à biblioteca enquanto suas explicações se esvaneciam. Estava deserta; até a mesa da bibliotecária estava vazia. Correndo por sobre os tapetes macios, a menina desapareceu entre as duas estantes mais altas.

Ela ouviu a porta abrir e fechar de novo atrás de si. Ele chamou seu nome duas vezes, suavemente. Após um instante, a porta abriu e fechou outra vez. Só para garantir, Allie ficou onde estava por mais alguns minutos. Quando não ouvia mais nada depois de contar lentamente até duzentos, saiu de onde estava, abrindo a porta da biblioteca para espiar o corredor. Sylvain não estava à vista. Suspirou aliviada.

A porta do salão abriu sem emitir qualquer ruído quando ela a empurrou. As luzes estavam apagadas, mas Allie enxergou um brilho fraco no final do vasto salão vazio. Caminhou hesitante naquela direção.

— Carter? — sussurrou.

Uma voz soltou um “uuuuuu” fantasmagórico que ecoou ao seu redor.

— Para com isso, West.

Ele riu.

Ao se aproximar da luz, Allie viu que Carter estava esparramado numa cadeira, com o pé apoiado numa mesa entre algumas velas acesas. Sua testa tinha um curativo bem-feito. Segurava um livro, que derrubou delicadamente no chão.

Tinha outra cadeira próxima à dele, para a qual apontou.

— Senta.

— Não me diz o que eu tenho que fazer — murmurou Allie ao sentar.

O rapaz sorriu tristemente.

— Desculpa, achei que estava sendo educado.

Allie ignorou o comentário.

— Como tá a sua cabeça?

Carter dispensou a pergunta com um aceno.

— Eu tô bem.

Fez-se um momento de silêncio.

— E aí? — perguntou Allie, para quebrar o silêncio. — Por que você quis me encontrar aqui? Eu não danço, caso seja essa a sua esperança.

O garoto deu de ombros.

— Eu gosto daqui. Vivo aqui. Nunca dão uma olhada nesse salão, não sei por quê.

Tirando o pé da mesa, ele virou para observar Allie.

— Eu só quero saber como você e a lourinha foram parar no caramanchão hoje, bem na hora que tudo aconteceu. O Gabe largou vocês duas direitinho na sala comum, com jeito de que ia começar um papo de mulher sobre... sapatos, batom, sei lá do que vocês falam. Quinze minutos depois, vocês estão no caramanchão no meio do temporal, amarrando curativos. Como isso aconteceu, Allie?

A menina desviou o olhar.

— A Jo só queria procurar...

Carter a interrompeu.

— Ah, dá um tempo, Allie. Eu não sou a Isabelle.

Surpreendida pela veemência de Carter, a menina procurou por algo para dizer.

— Eu... ahn... Bom...

O rapaz ficou imóvel, estudando-a.

A mesma preocupação instintiva que a impedira de contar para Isabelle lhe dizia que não devia contar para Carter também. Mas ela precisava descobrir o que estava acontecendo ali, e se alguém iria saber, seria ele.

— A Ruth. Ela veio e buscou a gente.

À luz da vela, os olhos de Carter eram insondáveis. Allie os encarou por um longo e silencioso instante, procurando uma reação, mas não viu nada.

Quando ele falou, a voz soou fria.

— O que a Ruth disse?

Allie cruzou os braços sobre o peito, visualizando Ruth à sua frente, com os cabelos encharcados e pingando no chão. Medo no rosto.

— Ela disse que o Phil e o Gabe tavam machucados. E uma coisa estranha. Acho que ela disse “deu errado”.

Carter levantou da cadeira tão depressa que mais tarde ela nem conseguia se lembrar de ter visto o movimento. Segurando-a pelos ombros, ele parecia um gigante. Allie se encolheu.

Com os lábios a poucos centímetros dos dela, ele sussurrou asperamente:

— Você nunca pode contar pra ninguém o que a Ruth fez. Jura.

Allie o encarou, seus lábios se movendo um segundo antes de qualquer som sair.

— Tá bom, claro. Ok, não vou contar pra ninguém. Jesus, Carter.

Como se só agora percebesse o que estava fazendo, ele a soltou.

— Você tá me assustando — disse Allie, esfregando o ombro. — Qual é o teu problema?

Tentando parecer casual, ele se apoiou num pilar.

— Desculpa. Mas a Ruth não devia ter feito isso e tem gente que pode se irritar se souber. Eu não quero que ela se dê mal, então você não pode mesmo falar nada.

— Ei — disse ela, friamente. — Fica tranquilo, cara. E já que a gente tá sendo honesto, quem sabe você me conta o que foi aquilo? Como é que vocês acabaram cortados aos pedaços no meio da floresta.

Cruzando os braços, Carter a olhou friamente. Um longo silêncio se abateu.

— Bom, valeu pelo interrogatório, pelas ameaças e tudo mais. Foi ótimo. Mas acho que é melhor eu ir — constatou Allie, armando-se com sua expressão mais entediada.

Carter a encarou, como se tivesse mais algo que quisesse dizer. Na verdade, deu quase para ela apontar o instante exato em que ele resolveu não falar.

— Você é boa fazendo curativo — foi o que ele acabou dizendo. — Onde aprendeu a fazer aquilo? Na Crimeia?

Allie pensou em apenas se levantar e sair. Mas ficou. Não sabia ao certo por quê. Talvez curiosidade.

— Em Londres — respondeu. — Aula de primeiros socorros. Bandeirantes.

Sarcástico, ele ergueu uma sobrancelha.

— Você foi bandeirante? Ah, para.

A garota não conseguia entender por que estavam tendo esta conversa informal logo depois de ele partir para cima dela feito Hannibal Lecter, mas decidiu ir na onda.

— Paro nada. Eu era pequena, mas essas coisas ficam. Amarrar ataduras. Caçar borboletas. Fazer geleia. Sei fazer isso tudo.

Ele grunhiu uma risadinha, mas Allie não retribuiu.

— Carter, de verdade, o que é que tá acontecendo aqui? Quer dizer, o que houve com vocês hoje? Vocês brigaram? Parecia muito feio.

Se ele tivesse batido uma porta na cara dela, não teria sido tão claro. Seus olhos ficaram sem expressão.

— Deixa pra lá — disparou. — E não pergunta pra mais ninguém. Ninguém vai te contar nada e as pessoas vão se irritar se souberem que você anda perguntando. — Olhou para o relógio. — São quase 11 horas. A gente tem que ir.

Carter apagou as velas e a sala ficou escura.

Enquanto caminhava na direção em que achava que a porta estaria, Allie tropeçou em alguma coisa na escuridão. Ele a segurou. Por um segundo ficaram cara a cara. Apesar de Carter estar encoberto pelas sombras, Allie achou que parecia quase estar se desculando.

Mas devo estar enganada quanto a isso.

— Por aqui — indicou o rapaz, conduzindo-a pela mão através da sala escura, com a confiança de alguém que já fizera isso antes várias vezes. A sensação dos dedos dele era morna e forte, mas ela não o queria tocando-a agora; andava dura ao lado dele.

Quando chegaram à entrada vazia, piscando os olhos por causa das luzes, o rosto dele estava propositalmente sem expressão.

— São onze da noite, Sheridan. Melhor se apressar. Você não quer ficar em detenção outra vez.

— É, claro — respondeu, sarcástica. — Sangue e tripas tudo bem. Mas a Allie por aí depois do toque de recolher? Isso seria uma tragédia.

— Boa noite, Sheridan — cumprimentou ele, sem hesitar.

Ela se virou na direção das escadas.

— Tá bom então, Carter.

— *Você tem que confiar em mim, Allie.*

Os olhos dela encontraram os de Carter, mas a menina resistiu.

— *Por que confiaria? Você não confia em mim.*

Os dois estavam no salão, decorado por diversas velas acesas — que cintilavam sobre parapeitos, mesas e num candelabro muito alto. O calor que emitiam era intenso.

Os olhos de Carter brilhavam com a luz.

— *Mas eu posso te ajudar...*

Alguém bateu à porta com força, de maneira ameaçadora. Allie sentiu o coração bater forte.

— *Estão aqui — disse ele.*

A batida soou novamente, mais insistente desta vez. O barulho era quase ensurdecedor e Allie cobriu os ouvidos.

— *Quem é? Quem tá aqui, Carter?*

A voz do rapaz era autoritária.

— *Você precisa confiar em mim. Confia?*

Por cima do ombro dele, Allie pôde ver que a porta estava rachando com a violência das batidas.

— *Confio! — gritou a menina, se atirando nos seus braços. — Confio! Confio em você.*

Engasgando-se, Allie se sentou na cama, agarrando a coberta com pulsos firmes.

Um barulho de algo batendo a fez saltar, mas era apenas a persiana de madeira contra a parede, por causa do vento que entrava pela janela aberta.

Subindo na escrivaninha para olhar pela janela, viu que uma tempestade havia caído durante a noite — as árvores balançavam, e folhas arrancadas dos galhos voavam ao vento bem acima dela.

O ar estava fresco no momento que ela trancou a janela e voltou para a cama.

Cobrindo-se, murmurou em voz alta:

— Sai da minha *cabeça*, Carter West.

NOVE

Quando as aulas foram retomadas na segunda-feira, Allie teve a desagradável sensação de que nenhum dos eventos do fim de semana tinha ocorrido de fato. Todos se sentaram nas cadeiras de sempre, na hora de sempre. E Jerry e Zelazny a trataram exatamente como se nunca a tivessem visto fazer um curativo no meio de um temporal.

Sylvain não foi à aula de inglês, mas Carter chegou atrasado, como de costume, e apenas sorriu quando Isabelle o olhou exasperada. Se ele ainda não estivesse de curativo na testa, Allie poderia achar que tudo fora fruto da sua imaginação.

No intervalo, encontrou Jo na biblioteca e as duas conversaram aos sussurros sobre o que tinha havido depois que se separaram. Jo disse que Gabe acabou nem precisando de pontos e que a enfermeira fizera comentários elogiosos ao curativo de Allie.

— Agora, o Gabe tá louco pra saber como a gente foi parar no caramanchão, mas... como você falou pra não contar nada sobre a Ruth, eu não contei. Por que você não quer que eu fale pra ele?

Allie se inclinou mais para perto.

— Eu não posso... É só... é importante que você não fale nada.

Na verdade, ela havia passado metade da noite em claro tentando resolver o que falar para Jo. Não iria mentir para sua única amiga de verdade na Cimmeria, mas tinha prometido a Carter que não contaria.

— Eu não sei como explicar. Só ouvi que a Ruth pode se dar mal ou algo assim.

Allie observou o rosto de Jo enquanto esta considerava a explicação.

— Tudo bem, mas se eu não contar a verdade pra ele, que motivo eu dou pra gente estar lá?

Allie rodava uma caneta ansiosamente entre os dedos, de forma que esta acabou girando sem parar de dedo em dedo de sua mão direita até chegar ao mindinho.

— A gente pode dizer que tava brincando de Verdade ou Consequência e meio que espionando eles. Ou que eu quis ir correr na chuva e você tentou me impedir.

Jo inclinou a cabeça para o lado.

— Dessas duas péssimas opções, a primeira é um pouquinho melhor.

Allie sorriu.

— Valeu, Jo.

Nos dias seguintes, muitos boatos correram a respeito do que tinha acontecido na mata naquela noite. Todos sabiam que várias pessoas tinham se machucado, mas havia uma confusão generalizada quanto ao que tinha se passado. Os alunos estavam proibidos de circular pelo terreno da escola, o que só piorava a fofoca. Ninguém parecia saber que Allie e Jo tinham estado lá e o boato mais repetido era de que os meninos encontraram a mesma raposa que elas, apesar de todos parecerem achar essa teoria muito improvável.

Phil não voltou à sala de aula naquela semana, mas Ruth disse que ele estava se sentindo melhor, e que logo voltaria.

Considerando que estavam todos, aos olhos de Allie, em prisão domiciliar, pelo menos o tempo estava péssimo. Ao longo da semana a chuva foi implacável. Não foi tão pesada quanto no domingo, mas foi constante e os dias permaneceram cinzentos.

Os professores pareciam ter tomado uma injeção de adrenalina educacional, o que logo virou o tema central das refeições e intervalos. Alunos debatiam, horrorizados, a quantidade de trabalhos distribuídos. Allie e Jo ficaram na biblioteca todas as noites até o toque de recolher, tentando acompanhar as aulas.

Quando Allie encontrou Sylvain na quinta-feira à noite, ao sair da biblioteca em busca de uma xícara de chá, estava exausta. Ele a acompanhou no caminho até a sala de refeições.

— Olha só... Oi, *ma belle* Allie. Como vai? Não te vejo desde o fim de semana.

Allie sentiu o coração bater mais rápido, mas tentou soar como se encontrá-lo não fosse nada de mais. Torceu para que não perguntasse em que buraco ela se enfiara quando fugiu dele.

— Vou bem. Só tô tentando não me enterrar em tantas folhas de dever de casa até ninguém conseguir me encontrar embaixo delas.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Eu sei. De repente os professores parecem que só sabem passar um monte de trabalhos pra gente.

Allie virou-se para Sylvain.

— Qual é a deles? São sempre tão cruéis assim?

Ele sorriu e seus olhos brilharam.

— Não, isso é anormal até na Cimmeria. Provavelmente eles estão deixando os alunos ocupados demais pra tentarem se aventurar lá fora.

Allie tentou esconder a surpresa.

— Por causa daquela noite? — perguntou.

— Talvez.

A menina lançou um olhar cheio de desejo para a porta da frente.

— Queria tanto ir lá fora...

— Tá entediada, *ma belle*? — perguntou. Movendo-se tão depressa que ela não teve tempo de reagir, ele pegou a mão dela e a puxou para perto de si. — Posso ler a sua mão. Talvez isso te divertisse. E eu enxergaria a sua alma.

— Você sabe ler mãos? — perguntou, duvidosa, mas Allie gostava da sensação da mão dele na sua.

— Claro — respondeu Sylvain com um sorriso. — Você não sabe? É fácil.

Virando a mão de Allie, ele passou o dedo pelas linhas rasas com um toque tão suave quanto o bigode de um gato.

— Você tem uma linha da vida muito longa — murmurou, traçando uma linha do pulso ao meio da palma. — E a linha do seu coração é forte. Tá vendo essa linha aqui? — perguntou. Ele passou as pontas dos dedos numa linha que acabava entre o polegar e o indicador. Allie tremeu com a delicadeza do toque. — Sabe o que isso me diz?

Muda, Allie balançou a cabeça.

— Diz que você tá apaixonada por alguém. Ou talvez vá se apaixonar em breve.

Com o corpo formigando pelo toque dele, Allie tentou pensar numa resposta espirituosa, mas antes que pudesse falar, a porta da biblioteca se abriu.

Jo disse:

— Ei, Allie, não esquece o... — começou, mas quando viu Sylvain, sua voz desbotou. — Hmm, ai caramba, acho que eu esqueci meu...

Improvisando muito mal, Jo voltou para dentro. Um instante mais tarde a porta reabriu e um grupo de alunos saiu conversando. Allie ouviu Jo sussurrando para eles:

— Não, espera um segundo...

Sylvain soltou a mão de Allie com um sorriso contrariado.

— Eu queria explorar melhor esse assunto com você alguma hora — disse.

— Tá — disse ela, vermelha. — A gente... explora.

— Talvez a gente possa se encontrar sábado depois do jantar pra... conversar?

— Claro — respondeu ela, tentando não parecer que estava sem ar.

Sylvain sorriu.

— Ótimo. Te encontro na sala de refeições. Até lá.

— Até lá — repetiu ela automaticamente.

Ao longo da semana, o ritmo de trabalhos escolares não diminuiu em momento algum. Para piorar as coisas, na sexta-feira todos os alunos receberam tarefas de pesquisa para o fim de semana. Quando folhas de exercícios foram distribuídas na aula de história, a caligrafia impecável de Zelazny na página encarava Allie.

3.000 toques sobre o impacto socioeconômico da guerra civil na sociedade agrária da época.

Para segunda-feira. Sem exceções. Sem desculpas.

A biblioteca ficou tão cheia na tarde de sexta que depois que todos os assentos foram ocupados os alunos começaram a se espalhar pelo corredor, onde sentaram no chão em pequenos grupos, com os livros e papéis espalhados ao redor.

— Estamos parecendo refugiados — sussurrou Jo, enquanto ela e Allie levavam montes de livros para um lugar livre perto da porta da frente da escola.

— É uma loucura. Por quanto tempo vão manter isso? — perguntou Allie ao mesmo tempo que equilibrava uma xícara de chá em cima de um livro de história centenário e se abaixava para sentar.

— Boa pergunta — disse Jo, tirando a xícara de seu poleiro precário antes que se espatifasse no chão de pedra.

— Valeu — agradeceu Allie, ajeitando-se com as costas para a parede.

Jo tomou um gole do chá de Allie.

— Eu devia ter pegado um desses pra mim. Agora vou acabar tomando o seu.

— E a gente devia mesmo ter trazido biscoitos.

— Somos idiotas.

Allie embaralhou os livros, uma ruga de concentração marcando sua testa.

— Cadê o Gabe hoje? Mal vi ele e o Sylvain essa semana.

Jo estava escolhendo um caderno.

— Sei lá. Ele disse que tinha uma coisa pra fazer e que faria o dever mais tarde.

— Estranho — disse Allie. — Os professores estão sendo tão duros, mas o Sylvain e o Gabe não parecem se importar.

Jo deu de ombros.

— Ninguém tá me contando muito sobre o que tá acontecendo. Eu e o Gabe tivemos uma discussão sobre isso, e a gente nunca discute.

— Homem é cheio de história — filosofou Allie, abrindo o livro.

Tendo finalmente achado o caderno certo, Jo agora se concentrava em encontrar alguma coisa nele, e falava distraída enquanto virava as páginas:

— Eu só sei que os meninos da Escola Noturna saem toda noite e tenho certeza de que tem alguma coisa a ver com aquela noite. Mas é o maior segredo.

Allie parou e a encarou com uma página frágil e amarelada do livro ainda entre os dedos.

— Peraí. Você sabe quem é da Escola Noturna?

Jo gelou, a culpa se espalhando por sua expressão.

— Não. Não é isso. Quer dizer, eu meio que... chutei. Também, tem uns que são bem descarados.

— Tipo quem?

— Na verdade eu não sei — respondeu Jo, cautelosa. — Quer dizer, chutando, podem ser o Sylvain, o Phil, talvez o Lucas, talvez o Gabe e o Carter, mas, quer dizer, sabe lá.

Jo mentia tão mal que Allie teria rido se não estivesse tão surpresa.

— Quer dizer, você acha que o seu próprio namorado faz parte, mas não tem certeza? — perguntou.

A amiga olhou em volta para se certificar de que ninguém estava prestando atenção, então se inclinou na direção de Allie e reduziu a voz a um sussurro.

— Olha, é supersegredo, tá? Se alguém fala alguma coisa sobre isso e outra pessoa descobre, arranja muito problema. Tô falando de problema *sério*.

— Então a gente não devia falar sobre isso agora? — sussurrou Allie.

— Não — sussurrou Jo em resposta.

Allie voltou ao livro, virando uma página após a outra, lentamente, mas sua mente continuava girando em torno do que Jo havia lhe contado.

A garota se inclinou para a frente outra vez.

— Nenhuma menina?

Jo lançou-lhe um olhar expressivo.

— Talvez a Jules — moveu a boca em silêncio. — E a Ruth.

Os olhos de Allie se arregalaram.

— Não é possível — disse, incrédula.

Jo ergueu a mão direita.

— Juro por Deus.

Elas estudaram em silêncio por meia hora depois disso, a não ser pelos ruídos de anotações sendo feitas e páginas sendo viradas. Então, sem qualquer aviso, a cabeça de Allie levantou.

— Isso explica a reação do Carter no sábado — disse, como se a conversa nunca tivesse parado.

Jo pareceu intrigada.

— Por quê? O quê? E... quando?

Allie explicou sobre Carter tê-la tirado do segundo andar.

— Interessante — falou Jo quando a outra terminou. — Mas não sabia que eles se encontravam aqui no prédio. E durante o dia? Meio estranho.

Allie girou a caneta de novo, sujando a mão de tinta. Esfregou-a inutilmente.

— O que é que eles fazem, exatamente?

Jo não desgrudou os olhos do livro.

— Não faço ideia.

Allie continuava esfregando a tinta da mão.

— Sempre tive impressão de que o Carter sabia muito bem o que tava rolando. Isso explicaria o motivo.

A amiga lançou-lhe um olhar.

— O quê? — perguntou Allie, inclinando a cabeça.

— Nada.

Allie pegou a caneta, mas Jo continuava olhando para ela.

— *O quê?* — repetiu Allie, empurrando-a de leve. As duas riram.

— Bom, é que.. você sabe. Você e o Carter.

Allie parou de rir.

— O que que tem eu e o Carter?

— Sei lá. Ele sempre implica com você.

— É, eu notei — respondeu Allie, seca. — É porque ele é um psicopata.

— Não. Quer dizer... sei lá. Tem alguma coisa na maneira como ele implica com você que me interessa.

Allie franziu o rosto.

— Jo, de que diabos você tá falando?

— Ah, não é nada. É que por um tempo eu achei que ele gostasse de você, e eu sei que você gostava dele, e agora é como se vocês dois se odiassem.

Allie deu de ombros.

— Acontece.

— Hmm... — A voz de Jo estava duvidosa.

— Não tem nada de hmmm — disse Allie. — Tudo que ele faz é me dar ordens e dizer o que fazer e o que não fazer. Ele é bonito e tal, mas eu não gosto dele.

Jo desenhou uma minhoca no caderno e continuou traçando por cima até estar bem escura. Acrescentou uma língua aforquilhada.

— Sabe tudo aquilo que eu e o Gabe dissemos sobre o Carter?

Allie assentiu.

— Bom, era verdade. Só que ele tá diferente desde que você chegou. Não vejo ele com nenhuma menina desde então.

Allie abriu um sorriso.

— O quê? Duas semanas inteiras? Assim, fala sério. Quanto controle! Ele deve estar completamente apaixonado por mim.

Tiveram ataques de riso.

— Então, falando de coisas normais agora, o Sylvain me pediu pra encontrar ele amanhã à noite depois do jantar — disse Allie. — Acho que é tipo um encontro.

— Uuuh, um encontro de verdade — exclamou Jo, sorrindo. — Sério, esquece tudo que eu disse sobre o Carter. Só tô de babaquice. Muito maneiro que é você que vai pegar o Sylvain. Todas as meninas vão morrer de inveja.

— Tenho certeza de que isso vai fazer todas elas serem muito legais comigo — rebateu Allie, sarcasticamente, mas Jo ergueu a sobrancelha como quem sabe do que fala.

— Se o Sylvain for seu namorado, elas não vão ousar ser nada além de gentis.

Antes que Allie pudesse perguntar o que queria dizer com isso, ela falou:

— Tá, chega de brincadeira. A gente precisa de 1.500 toques antes do jantar, que é em... — checou o delicado relógio de ouro no pulso — pouco mais de três horas.

— Fascista — disse Allie.

Mas ela já estava escrevendo.

No jantar daquela noite, toda a discussão se concentrou nos boatos de que o terreno do colégio agora estava aberto aos alunos “nos limites do aceitável”. O problema era que ninguém sabia o que isso significava.

— Quer dizer que a gente pode voltar a ir lá fora sem morrer? — perguntou Lisa, jogando os longos cabelos sobre um ombro.

— Ninguém morreu, Lisa.

Allie achou o tom de Gabe desnecessariamente afiado. Lisa deu de ombros e mastigou a salada.

— Aposto que é totalmente seguro — disse Phil, em tom de voz intencionalmente calculado —, mas eu tava pensando em ir pra sala comum.

— Eu também — emendou Gabe, rapidamente.

— Eu não. Vou sair. Já cansei de ficar aqui dentro.

A voz de Jo foi enfática, mas seus olhos não cruzaram com os de Gabe. Ele a encarava, mas ela simplesmente olhou ao redor da mesa, fingindo não notar.

— Jo... — começou ele. O tom dele era sinistro, mas ela só lhe lançou um olhar de alerta.

— O quê?

Jogando o guardanapo na mesa, Gabe chegou a cadeira para trás e se levantou, murmurando:

— Perdi a fome.

Saiu furioso sem olhar para trás.

Fez-se um breve silêncio desconfortável enquanto todo mundo fingia não notar o que tinha acontecido bem diante deles. Allie viu Phil e Lucas trocarem um olhar.

Ruth tentou distrair todo mundo com uma história sobre um trabalho de ciências, mas sua voz enfraquecia gradualmente.

— Tá bom, já acabei. Jo? — disse Allie, leal.

Jo sorriu agradecida e a seguiu para fora. Allie esperou até que estivessem suficientemente longe da mesa para ter certeza de que não seriam ouvidas.

— O que foi aquilo?

Jo andava apressada pelo corredor e por um segundo não respondeu; quando o fez, seu tom era amargo.

— Bom, obviamente o Gabe não quer que eu saia porque não é seguro. E obviamente ele quer agir como se eu fosse uma criança e ele o pai, que pode me dizer o que fazer. O que eu *odeio*. Já tenho dois pais inúteis, valeu. Não preciso de mais um.

Ela passou tão depressa pelo elaborado saguão de entrada que, quando chegaram à porta da frente, Allie já estava praticamente correndo para alcançá-la. Jo abriu a porta, impaciente, e as duas pararam lado a lado no alto da escada.

— Ok — disse Allie, olhando para o inocente céu azul noturno. — Me parece perfeitamente seguro.

— Espero que não — disse Jo. — A última a morrer perde.

Rindo, desceu velozmente a escada com Allie logo atrás, e correram pela grama vazia. Por alguns minutos dançaram no gramado, rodando em círculos na liberdade do ar fresco.

— Espera — interrompeu Allie, arfando, alcançando o braço de Jo. — Pra onde a gente tá indo?

Diminuíram o ritmo para um passo mais vagaroso.

— Boa pergunta. Pra algum lugar onde o Gabe não vá me encontrar e me arrastar pra dentro feito um homem das cavernas — falou. Pensou por um instante. — Já foi à capela?

Allie fez uma careta.

— Não, mas já varri a grama.

— Ah, é. Esqueci da detenção. Na verdade é bem legal. Tem poesia antiga nas paredes em, tipo, um milhão de línguas. É supervalha.

A capela ficava no meio da mata. Allie olhou incerta naquela direção — o comportamento maníaco de Jo estava começando a preocupá-la.

— É seguro ir agora? — perguntou. — Quer dizer, com tudo isso acontecendo?

— Não deve ser — respondeu Jo, com um sorriso perverso. — Você vem ou não vem?

Sem olhar para trás, ela saiu pela grama em direção às árvores.

DEZ

O sol refletia no cabelo louro e brilhante de Jo enquanto ela corria pelo gramado, e Allie hesitou um mero segundo antes de ir atrás dela. Enquanto seus pés a levavam rapidamente pela grama, ela sentia uma onda de empolgação tão poderosa que riu alto ao alcançar Jo alguns segundos depois.

— Anda! — gritou ao passar por ela.

Contudo, assim que entraram na mata, o céu azul desapareceu e com ele a luz. Nas sombras, desaceleraram para um ritmo de caminhada e parte da coragem de Allie a abandonou.

— É sempre tão escuro aqui — observou.

Jo não parecia preocupada.

— Florestas são assim. Vocês garotas da cidade não entendem o campo. Só tem uma coisa a se fazer numa floresta assustadora — disse. Deu um empurrão leve e brincalhão em Allie. — Correr.

Jo corria à frente pela trilha com Allie logo atrás. As samambaias que alinhavam o caminho esbarravam suavemente contra os calcanhares delas. Suas risadas ecoavam das árvores, com um som oco. Mas Allie ainda estava inquieta. Todos os sons da floresta — vento soprando por entre as árvores, o pio de um pássaro, um galho estalando embaixo do seu pé — faziam seus nervos fraquejarem.

Pensando melhor agora, aquela não parecia uma boa ideia.

— Talvez a gente devesse voltar — disse ela, depois de um tempo. — A gente pode só jogar algum jogo, alguma coisa assim. Ver o que os outros estão fazendo.

Jo não olhou para trás ao responder de forma reconfortante.

— A gente já tá quase chegando.

Então por que estou tão preocupada?

Alguns minutos depois, no entanto, Jo se virou para ela e sorriu.

— Viu? Já chegamos.

O muro da igreja estava bem à frente, e no pátio havia menos árvores e mais luz. Assim que entrou na clareira, Allie se sentiu melhor, mas Jo já estava na porta, pondo as duas mãos no anel de ferro para levantar a tranca, e em seguida empurrando-a com o ombro. A porta abriu com um rugido, e elas entraram. Na capela, o brilho desbotado do sol era filtrado por vitrais amarelos e vermelhos em cacos de luz colorida. Apesar do frio natural do piso de pedra e das paredes, o local parecia aquecido.

Parada na entrada, Allie não conseguia acreditar no que estava vendo.

— Cacete — sussurrou.

Jo a estudou com um olhar experiente.

— Legal, não é?

Allie foi na ponta dos pés até o meio da capela e girou lentamente em círculo. As paredes estavam cobertas de pinturas. Algumas eram palavras — a maioria, obviamente poemas —, outras eram imagens. A tinta tinha desbotado para um vermelho-ferrugem, amarelo-marfim e preto acinzentado, mas era clara, e era fácil imaginar quão brilhante tinha sido um dia.

— Essa aqui me dá arrepios — confessou Jo, indo até o fundo da capela, onde uma pintura de traços simples retratava um diabo com o tridente espetando almas nuas e sofredoras em uma série de sinas terríveis, com a ajuda de alegres demônios de aparência troglodita.

Allie franziu o nariz.

— Eeeca.

— Exatamente. Essa é melhor — falou Jo ao apontar para uma pintura próxima de uma árvore nodosa cheia de frutos e pássaros. As raízes se

enrolavam formando as palavras “árvore da vida”.

Ao redor das imagens pintadas, havia palavras em línguas arcaicas. Allie examinou as letras cirílicas de uma delas.

— Você entende alguma coisa? — perguntou ela a Jo.

— Um pouco. Parte disso é grego — explicou Jo, apontando para a basílica, e então virou para a parede ao lado. — E ali é alguma forma de gaélico. Mas a maioria é latim.

Na parede acima da porta, havia uma frase pintada em elegantes letras vermelhas. A cor era brilhante o suficiente para que Allie imaginasse se teria sido restaurada. Deu um passo para trás para enxergar com clareza.

— *Exitus acta probat?* — pronunciou as palavras e logo olhou com dúvida para Jo. — Sabe o que isso significa?

— O resultado valida a ação — respondeu Jo, sem hesitar.

Allie olhou para as palavras.

— O que isso quer dizer? — devaneou. — Pra uma frase do tipo “Oi, bem-vindo à igreja!”, essa é meio estranha.

— Não faço ideia. — Jo rodava pela nave central numa dança vertiginosa.

Allie a observou por um momento com cara confusa e logo voltou a atenção para a pintura elaborada de um dragão, cuja cauda enrolava quase até o chão enquanto uma pomba voava para fora do alcance das suas garras.

— Isso é incrível — disse, arfante.

— E agora que você já viu, a gente pode ir embora? — perguntou uma voz. Carter estava apoiado no umbral da porta, os braços cruzados preguiçosamente, o olhar atento.

Allie deu um salto.

— Carter! Jesus. Você me assustou.

Mas ela ficou surpreendentemente aliviada em vê-lo. Jo estava estranha, e agora eles todos poderiam voltar juntos. Quanto mais gente, mais seguro.

Ainda assim, não queria que ele soubesse disso.

— Você não devia ficar espionando os outros — disse, acidamente.

O olhar dele era tranquilo.

— Não tava espionando. Tava caminhando. Não foi assim que vocês chegaram aqui? — perguntou. Quando se voltou para Jo, sua voz se tornou mais calorosa. — Como vai, Jo?

A menina estava no lado oposto da capela, fingindo examinar uma pintura.

— Estamos bem aqui, obrigada, Carter. Pode dizer pro Gabe que não preciso da ajuda dele — atestou. Sua voz era firme, mas Jo não o olhou nos olhos e sua mandíbula estava travada.

Carter gesticulou, tentando acalmá-la.

— Ei, não sou capacho do Gabe. Já vai escurecer lá fora e eu pensei em oferecer escolta pras senhoritas. Por quê? O Gabe tá te procurando?

Jo olhou para Carter com expressão de tédio.

— Desiste, Carter. Eu sei que ele te mandou. Sempre manda alguém me seguir.

— Sério, Jo, o Gabe não sabe que eu tô aqui — disse. — Vocês brigaram, alguma coisa assim?

O rosto de Carter estava tão sério que Allie tendia a acreditar nele, mas Jo saiu de perto e foi até o altar, o mais longe possível dele.

— Alguma coisa assim — respondeu, friamente.

Fingindo examinar as pinturas da parede, Allie foi se aproximando de Carter, que ainda estava parado na porta.

Olhando de propósito para uma pintura delicada de uma rosa branca, sussurrou:

— Como você achou a gente?

Tão discretamente quanto ela, o rapaz respondeu:

— Eu segui vocês.

Seus olhos se encontraram e ambos os desviaram. A pele de Allie formigou.

— O que houve? — perguntou. Os lábios de Carter mal se mexeram quando ele falou, mas a cabeça se inclinou na direção de Jo.

— Não sei — respondeu. — É como se ela fosse... outra pessoa.

— Segredo segredo segredo! — interrompeu a voz irritada de Jo, e, ao se virarem, os dois a viram no altar, com as mãos apoiadas no púlpito, encarando-os. — Por que vocês dois não transam de uma vez e acabam com isso?

Allie encarou Jo, boquiaberta. Teve a sensação de ter levado um soco.

Que diabos está havendo com ela?

Mas tentou manter o tom ofendido distante da voz.

— Ei, isso não é legal, Jo. Olha, tá escurecendo e eu quero voltar. Vem comigo?

Allie estendeu a mão. Jo a examinou por um segundo e cruzou a nave até ela.

— Tá bom. Que se dane. Vamos — concordou. Seu tom de voz era razoável e, ao pegar a sua mão, Jo apertou-a, mas Allie teve a estranha sensação de que algo ainda não estava bem. Quando saíram, a luz estava caindo e a floresta parecia mais escura e ameaçadora do que antes.

Jo se equilibrou na ponta dos pés no degrau da frente.

— Ei, Allie, lembra o que eu disse sobre a única maneira de passar pela floresta assustadora?

Allie a olhou confusa.

— O que? Correr?

Com isso, Jo partiu pela trilha com uma velocidade surpreendente enquanto Carter e Allie ficaram na frente da igreja olhando-a.

— Que diabo foi isso? — perguntou Carter, olhando para o céu como se torcesse para receber alguma espécie de resposta.

— Não faço a menor ideia do que tá acontecendo — disse Allie. — Acho que ela brigou com o Gabe e agora tá, sei lá, muito perdida.

— Ah, que ótimo — suspirou. — Achei que ela já tinha parado com isso.

Allie olhou confusa para Carter.

— O quê? Ela já fez isso antes?

— Ela costumava bancar a louca sempre que alguma coisa dava errado, mas há muito tempo não fazia isso — explicou. Ele parecia irritado. — Agora tenho que me certificar que ela volte pra escola ou o Gabe me mata. Você vai ficar bem? Volto e te busco, se quiser.

— Não precisa voltar — respondeu. — Eu consigo te acompanhar.

Cruzaram o portão e, de início, ela o acompanhou passo a passo. Mas enquanto corriam pelo primeiro trecho escuro de floresta, algo ocorreu a ela.

— A gente deixou a porta aberta — disse ela, diminuindo o ritmo.

— O quê? Na igreja? — indagou Carter, parando de correr em seguida. Primeiro pareceu incerto, mas em seguida deu um tapa na própria testa. — Droga. Tem razão. É melhor eu voltar e fechar.

Mas ele não se moveu. Olhou para a frente, na direção da escola, e novamente para a igreja, como se não conseguisse decidir o que fazer.

Vendo a indecisão de Carter, Allie soube o que tinha que fazer.

— Eu volto — disse ela. — Eu fecho. Você vai alcançar a Jo.

— Tem certeza? — perguntou incerto. — Tá escurecendo, e é quase hora do toque de recolher.

Mas Jo não estava sendo racional e estava sozinha no escuro. E apesar de Allie não se animar com a possibilidade de cruzar a floresta sozinha, sabia que era o certo. Mas tinha a sensação de que ele não a deixaria, então viu que precisaria convencê-lo.

— Nós vamos arrumar problema se ficar aberta — observou. — E eu realmente não acho que seria bom pra Jo ser interrogada pelo Zelazny agora. Além disso, e se uma raposa entrar e comer Jesus?

Ele caiu na gargalhada e por um segundo todo o estresse deixou seu rosto.

— Ok — ele concordou. — Mas eu volto pra te pegar assim que ela entrar.

— Não se preocupa comigo, não tenho medo de escuro — mentiu. — Tá tudo bem.

— Valeu, Sheridan — agradeceu. Allie percebeu o alívio na voz de Carter. Ao disparar para a escola, suas palavras finais flutuaram na brisa. — Eu volto.

— Não! — gritou ela. Ele não deu qualquer indicação de ter escutado.

Assim que Carter sumiu de vista, a coragem abandonou Allie. *Eu podia deixar a porta aberta e pronto*, pensou ao olhar para a trilha. *Talvez ninguém soubesse que foi a gente.*

Aí pensou em como seria horrível se acontecesse alguma coisa com essa capela incrível. E se chovesse a noite toda, a Árvore da Vida fosse arruinada, tudo culpa sua?

Allie deu meia-volta, cruzando a penumbra, de volta para a capela.

A piscina de luz dourada que iluminara o jardim já não estava mais lá e, quando Allie atravessou o portão, a porta da capela se erguia escancarada como uma boca.

Respirando fundo, Allie se apressou e jogou todo o seu peso contra a porta. Ela nem se moveu até que a menina percebeu que era mantida aberta por um gancho preto de metal. Mas mesmo depois de soltá-la da trava, a porta era incrivelmente pesada. Deu-lhe um bom empurrão e estava fechando-a com um rangido relutante quando, por apenas uma fração de segundo, ela viu alguma coisa se mover nas sombras lá dentro.

Allie gelou, olhando fixo para a escuridão. Então, no que a porta continuava a fechar, ela se mexeu, agarrando-a e fincando os pés no chão para tentar segurá-la aberta. Mas a velha porta tinha vontade própria e nada que ela fizesse a pararia. Fechou-se com uma batida retumbante que pareceu ecoar através das árvores.

O coração de Allie batia violentamente enquanto ela encarava a porta fechada.

Putá merda, o que foi aquilo?

Um agito repentino de asas batendo sobre sua cabeça fez com que ela desse um salto, mas eram só pássaros voando de uma árvore próxima para o céu escuro.

Com a mão no anel pesado de ferro que servia de maçaneta, Allie considerou as opções. Alguém certamente estava lá dentro — ela tinha visto.

A não ser que tivesse sido um truque do escuro.

Melhor eu ir. Voltar pra escola, pensou. Só estou assustada.

Então imaginou o que Carter faria se estivesse aqui. Teria aberto a porta sem hesitar e exigido saber quem estava lá.

— Mas ele é um psicopata — sussurrou sem convicção. Não tinha importância, é claro. Ela já sabia o que iria fazer.

Girou o anel.

Puxando-o com esforço, esgueirou o corpo para dentro sem chegar a cruzar totalmente a porta aberta.

— Oi? — chamou. O local estava tão escuro agora que ela mal conseguia distinguir os desenhos na parede. — Tem alguém aí?

O único ruído que ouviu foi o eco da própria voz. Mas o silêncio que se seguiu tinha um peso, como sempre ocorre com silêncios em construções antigas, e ela sentiu arrepios nos ombros. Estava prestes a entrar quando escutou passos velozes no pátio da igreja atrás dela.

Rodopiando, Allie se abaixou como se fosse se desviar de um golpe... não havia ninguém lá.

Não havia qualquer som além do vento soprando nas árvores.

Cerrando os olhos, espiou o matagal ao redor da igreja. Cada ruído a fazia pular.

Quer saber? Foda-se.

Usando toda a sua força, empurrou a porta. Enquanto a tranca ainda estava fazendo barulho ao fechar, ela correu para o portão do pátio da igreja, batendo-o atrás de si descuidadamente. Sem olhar para os lados, correu pela trilha, acelerando à medida que os músculos se esticavam, até estar em plena disparada pela floresta. Mas ao fazer uma curva em alta velocidade no escuro, tropeçou em uma pedra e caiu esparramada no chão, com tanta força que perdeu o fôlego e se engasgou tentando recuperar o ar, apoiando as mãos nas laterais do próprio corpo.

Quando sua respiração normalizou, retirou cascalho de um arranhão na palma da mão enquanto reunia coragem para olhar o joelho. Sangue saía de um machucado superficial e escorria pela perna. Torceu para que a aparência fosse pior do que a ferida.

Arfando entredentes, ela se levantou e testou se a perna aguentava sustentar seu peso. Doía, mas dava para andar. Ela saiu mancando pela trilha, xingando baixinho.

O caminho agora parecia interminável. Parecia que já tinha caminhado por horas quando parou para descansar a perna. Não tinha levado aquele tempo todo para chegar à capela, tinha? Será que ela errara o caminho?

Um farfalhar vindo das árvores conteve seus pensamentos inquietos. Ela prendeu a respiração e ficou ouvindo.

— Carter? — ela experimentou perguntar.

Passado um segundo, escutou de novo, mas agora parecia vir do outro lado da trilha. Allie se virou, cerrando os olhos ao tentar enxergar através das árvores.

— Oi? — Sua voz tremia ligeiramente; ela tentou soar firme. — Quem tá aí?

Silêncio.

— Se isso é brincadeira, não tem graça — gritou para o escuro.

Mais um instante e ela correu pela trilha, mancando o mais rápido que podia.

... 25 passos, 26, 27 ...

O som afiado de um graveto quebrando atrás dela a fez pular. Ela gelou e parou. *Aquele farfalhar de novo. Só que mais perto. Muito mais perto.*

Agora, ignorando a dor, correu pela trilha, saltando por cima de raízes, sentindo pedras rolando sob os pés, mas mantendo o equilíbrio. Seus punhos socavam o ar nos lados do corpo.

Mais um minuto e ela se virou para olhar por cima do ombro — a trilha estava vazia. Mas quando Allie se virou para a frente novamente, alguém estava bem diante dela.

Ela gritou e escorregou, mas as mãos de Sylvain a pegaram e puxaram-na para perto.

— Ei... ei! — Ele olhou preocupado para ela. — Você tá bem? Tá sangrando. O que aconteceu?

Suas palavras saíram em frases quebradas enquanto ofegava.

— Tinha... alguém... a capela... na mata. — A voz estava sem fôlego e assustada.

As mãos de Sylvain apertaram os braços de Allie.

— Alguém te machucou?

Allie balançou a cabeça.

— Não... eu cáí. Mas eu ouvi... alguém... perto. Acho que tava me olhando. Ouvi respirar.

— Você tá tremendo. — Sylvain a abraçou. — Vamos, vamos sair daqui.
— Com o braço dele lhe apoiando, ela mancou em direção ao colégio.

Os dois escutaram os passos ao mesmo tempo.

— Ouviu isso? — Allie sussurrou.

Sylvain fez que sim e olhou na direção do som, empurrando Allie para trás de si. Ela espiou por cima do ombro dele enquanto Carter saía da mata. Seu rosto se fechou ao ver Sylvain.

— Não sabia que você tava aqui. — A voz de Carter soou fria e ele olhou para Allie. — O que houve? Você tá bem?

Saindo de trás de Sylvain, ela fez que sim, se sentindo uma idiota.

— Eu caí. E ouvi alguma coisa se mexendo na floresta.

— Deve ter sido eu. Peguei um atalho. Ou pode ter sido a Ruth, eu mandei ela te buscar. — Virando para Sylvain, Carter falou: — Melhor a gente levar ela de volta. Quer que eu faça isso?

Sylvain considerou, mas logo balançou a cabeça.

— Não, sem problema. Eu a levo. Você tem trabalho pra fazer. Se certifica de que não tem nada por lá.

Allie pôde sentir a relutância de Carter, mas então Sylvain puxou seu braço e ela foi com ele.

A perna doía muito mais agora, e caminhar estava cada vez mais difícil. Ela não disse nada, mas quando uma lágrima escorreu pela sua bochecha, Sylvain notou.

— É a sua perna? — perguntou, limpando a lágrima.

— Desculpa — respondeu. — Tou parecendo um bebê.

— Não seja ridícula — ralhou ele, e sem mais uma palavra a levantou do chão, carregando-a pelo caminho.

— Não dá pra você me carregar, eu sou muito pesada — protestou.

— Você pesa tanto quanto uma menina pesa — disse ele. — Põe os braços no meu pescoço.

Allie fez como ele mandou. Agora que não estava mais apoiada na perna, a dor diminuiu. *Ele é forte*, pensou, percebendo que Sylvain não estava com a respiração mais pesada em função do esforço. Mais um instante e ela apoiou a

cabeça no ombro dele, aproveitando a estranha sensação de ser carregada pela primeira vez desde a infância.

Estavam mais perto da escola do que ela havia imaginado, então se passaram só alguns minutos até ele começar a subir a escada. Alguém abriu a porta para os dois e Allie levantou a cabeça e viu Zelazny à luz da entrada.

— O que aconteceu? — grunhiu o professor para ela.

— Ela caiu no escuro — respondeu Sylvain.

— Claro que estava escuro. O toque de recolher já passou — fuzilou Zelazny.

— Ela caiu antes do toque de recolher — disse Sylvain, protegendo-a, e Allie se pendurou com mais força no pescoço dele.

— Leva ela até a enfermeira — disse Zelazny, com clara má vontade. — Outra pessoa caiu mais cedo, ela está na sala de refeições agora. Entra na fila.

Enquanto o professor se afastava, ela pôde ouvi-lo resmungando:

— Pura falta de jeito, se quer minha opinião...

— Não preciso de enfermeira — disse Allie, mas Sylvain a ignorou, levando-a direto para a sala de refeições.

No que Sylvain a pôs numa cadeira, Allie viu a enfermeira, de uniforme branco com o brasão da Cimmeria, enfaixando o pulso torcido de uma menina que ela não reconhecia. (“Fui jogar tênis à noite e me ferrei”, a menina suspirou ao sair, com o braço em uma tala.)

Estalando a língua ao ver o joelho de Allie, a enfermeira limpou a ferida com um líquido antisséptico que ardeu tanto que Allie tentou levantar e sair (Sylvain não deixou), aplicou pomada e fez o curativo tão gentilmente que ela quase não sentiu.

Sylvain ficou ao lado de Allie o tempo todo, uma mão apoiada em seu ombro.

— Não corra nenhuma maratona nos próximos dias, querida — disse a enfermeira enquanto Allie e Sylvain saíam pela porta —, e logo você vai estar bem.

Allie achava que devia ter passado muito do toque de recolher a essa altura — os corredores estavam silenciosos e Sylvain a ajudou a subir até o dormitório feminino.

— Quer que eu te leve até a porta? — perguntou ele quando chegaram ao topo, seu sorriso sexy transformando a oferta em algo ligeiramente mais safado.

— Acho que daqui eu consigo ir sozinha — Allie riu. — Mas obrigada por me salvar. Outra vez. Isso tá começando a virar hábito nosso.

Quando ela se virou para entrar, ele a pegou pela mão, puxando-a de volta. Antes que Allie tivesse tempo de reagir, ele se inclinou e a beijou. Foi um beijo longo e profundo. Quando terminou, Allie o encarou, ofegando.

— De nada — sussurrou ele.

Surpresa, Allie deu um passo para trás rápido demais, tropeçando nos próprios pés e trombando com a parede atrás de si. Suas bochechas ficaram vermelhas enquanto ela se ajeitava.

— Eu... então... obrigada... Bom, boa noite.

Ao virar e mancar pelo corredor, viu que Sylvain estava tentando não rir.

ONZE

— **E**ntão... O que aconteceu ontem à noite?

Era sábado de manhã; a sala comum estava tranquila e Allie e Jo se sentavam em cantos opostos de um sofá de couro. As duas vestiam shorts azul-escuros que batiam no joelho e camisetas brancas de mangas curtas, e cada uma segurava distraidamente uma xícara branca de chá.

Tinham vindo juntas depois do café da manhã, no qual Gabe não havia se sentado com elas.

Os olhos azul-claros de Jo evitavam os de Allie, percorrendo ansiosamente a sala antes de finalmente repousarem na amiga.

— O Gabe às vezes é meio... controlador. — Na última palavra a voz soou tão baixa que Allie se inclinou para ouvir. Jo se calou por um momento e depois acenou, afastando o pensamento. — E eu odeio isso. Às vezes.

Jo fez nova pausa e Allie esperou.

— Então — suspirou Jo. — Ontem ele realmente tava agindo um pouco demais como se fosse meu pai. “Não faz isso, não faz aquilo. Não me questiona.” E se ele acha que eu vou deixar por isso mesmo, tá muito enganado. E... bom, agora a gente não tá se falando. Ele tava na sala comum quando eu e o Carter entramos... — Ela interrompeu a si própria, olhando preocupada para Allie. — A propósito, o Carter voltou pra te buscar, né?

Allie fez que sim.

— Tem essa história também, mas vamos acabar de falar disso primeiro.

Jo bebericou o chá.

— O Gabe tava lá, e tava tão cheio de si. É todo o “eu disse pra não sair... você devia ter me ouvido” que me deixa... — Jo cerrou o punho direito e balançou. — Então eu disse o que ele devia fazer com os próprios conselhos e fui dormir. Desde então não o vi mais. Espero que você não tenha ficado muito apavorada ontem à noite. Eu realmente não achei que o Carter fosse te deixar sozinha. Deve ter sido um pouco assustador, você nunca tinha ficado lá fora sozinha no escuro.

Allie sentiu um breve desejo de culpar Jo pela perna ferida, mas se conteve.

— Tudo bem. A gente tava preocupado com você. Eu... quis que ele fosse.

Jo pôs a xícara de volta na mesa e levantou as pernas, abraçando os joelhos.

— Então o que aconteceu depois que eu saí? Você ficou bem? O Carter estava muito preocupado com você e muito irritado comigo por ter feito ele te largar.

— Tava? — Allie ficou surpresa, ele parecera muito irritado ao encontrá-la.

— Ele voltou. Mas àquela altura eu já tinha encontrado o Sylvain na trilha. E aconteceu a coisa mais estranha, Jo.

Allie se virou no sofá de modo que ficasse de frente para Jo e cruzou as pernas. Reduziu a voz quase a um sussurro.

— O Sylvain meio que mandou o Carter embora. Foi todo “volta pro trabalho”. O que é isso? Deu pra perceber que o Carter não queria ir, mas foi assim mesmo.

Jo revirou os olhos.

— É só alguma babaquice da Escola Noturna. Acho que o Sylvain tá acima dele na hierarquia.

Allie deslizou sobre o sofá, apoiando a cabeça no encosto, e suas pernas se esticaram na direção da mesa, revelando o curativo branco e limpo.

— Ai, gata, o que aconteceu com o seu joelho?

Allie sorriu com cara de pesar.

— Eu caí na trilha ontem à noite. Feito uma idiota. — Levantou a mão esquerda para mostrar o arranhão nas palmas. — Vou ficar com cicatriz pra sempre.

— Ai meu Deus, é tudo culpa minha. Desculpa por eu ter tido um ataque, Allie. Agora o Gabe tá irritado e você tá machucada. Jesus. Eu sou um desastre. — Parecia verdadeiramente arrependida.

— Não seja boba — disse Allie. — Não é nada. Quase nem dói. — E então ela arfou e levou as mãos ao rosto. — Meu Deus. Não acredito que ainda não te contei. O Sylvain me beijou.

— Beijou? — Jo se sentou reta. — Quando? E onde, como, por quê?

Com as mãos ainda no rosto, a voz de Allie saiu abafada.

— E ele me carregou quando a minha perna doeu.

— Meu Deus, ele tá muito a fim de você — Jo suspirou. — Essa é a coisa mais heroica do mundo. Me conta do beijo.

Allie espiou por entre os dedos enquanto relatava o que acontecera.

— E não foi daqueles de amigo, na bochecha, não — concluiu. — Foi um beijo de verdade. De língua.

Jo a empurrou de brincadeira.

— Então? Foi bom?

— É, acho que foi. — Allie se afundou ainda mais nas almofadas, com as bochechas muito vermelhas. — Ok. Foi. Com certeza foi muito bom.

— E você não tem algum tipo de encontro hoje à noite? — Jo a cutucou de novo quando Allie assentiu. — Vai pro meu quarto depois e me conta *tudo* — disse Jo.

Em seguida se sentou ainda mais reta.

— Ei, isso me lembra que o baile de verão é daqui a três semanas. O Sylvain deve te convidar hoje! O que você vai vestir? Conta pra mim.

Ela era tão desprovida de autocensura que Allie teve que rir.

— Meu Deus, você parece criança. Não sei nada sobre esse baile. O que você vai vestir?

— Eu comprei o vestido na minha última viagem pra casa. — Jo se alegrou visivelmente ao descrever o vestidinho justo prateado e de lantejoulas e as sandálias que havia encontrado em uma loja na Bond Street.

Ela lançou a Allie um olhar de avaliação.

— Você tem um vestido?

Allie se encolheu um pouco.

— Bom... não exatamente. Tem alguns no meu armário, e um *vintage* que eu adoro. Mas eu não sei o que fazer com relação a sapat...

— Vem pro meu quarto! — Jo a interrompeu alegremente. — Eu tenho, sei lá, um milhão de pares de sapatos. Problema resolvido. — Ela agarrou a mão de Allie. — A gente pode fazer aquilo de meninas-se-vestindo-para-festa. Penteados o cabelo uma da outra e fazemos a maquiagem. Vamos ficar lindas.

Allie hesitou e então confessou:

— Olha, eu nunca fui a um baile antes. Não um baile de verdade. Quer dizer, os meus colégios meio que não faziam esse tipo de coisa.

Jo afastou suas preocupações com um aceno.

— Você vai amar. É antiquado, mas não é... chato, sabe? Todo mundo fica lindo. Até os professores. Você não vai acreditar como alguns deles se arrumam. É muito legal. Quando o Sylvain te convidar, você vai ter que dizer sim.

Allie agora estava quase deitada no sofá.

— Mas o que eu faço se ele não convidar?

As duas ficaram sentadas em silêncio por um instante, imaginando o verdadeiro terror que seria não ter um par.

— Sempre dá pra ir com o Zelazny — disse Allie, afinal. — Ele parece legal.

As duas caíram na gargalhada.

Naquela noite, quando a ceia acabou, Allie ficou na sala de refeições com Ruth, Lisa e Lucas. Gabe tinha vindo até a mesa buscar Jo alguns minutos antes e todos trocaram olhares significativos quando os dois se retiraram (“megassessão de amassos de reconciliação à vista”, previu Lisa).

— Acho que a gente devia ir lá pra fora — disse Ruth. — Tá quente aqui e a noite está tão bonita. Ficamos perto da escola. Podemos só sentar na grama e conversar.

Lucas parecia incerto. Ele abriu a boca, mas a voz de trás de Allie saiu primeiro.

— Concordo. É uma boa noite pra jogar croquet, não acham? — Allie se virou e viu Sylvain atrás dela.

Lucas olhou para ele e ergueu uma sobrancelha; Sylvain acenou com a cabeça muito discretamente. Lucas deu de ombros.

— Ok então. Vamos lá.

Quando Allie se levantou, Sylvain estendeu-lhe a mão e eles saíram lado a lado. Ele se aproximou dela.

— Acho que você vai gostar. Croquet parece chato durante o dia, mas à noite é muito melhor.

O hálito de Sylvain fez cócegas na orelha de Allie e ela tremeu deliciada. Sorriu para ele e então correu alegremente, puxando-lhe a mão.

— Então vamos. Sem perder tempo.

Sylvain riu e correu com ela. Lá fora, os outros pegavam material de um pequeno galpão de armazenamento perto da entrada principal. Todos ajudaram a colocar as traves na relva.

— Precisamos de um sexto jogador — observou Lucas.

— Vou buscar o Phil — disse Ruth, apressando-se de volta para dentro.

Allie viu que Lisa estava ficando vermelha — ela claramente ficaria feliz em ser parceira de Lucas, mas ele ainda não tinha notado. Sylvain interrompeu-lhe o devaneio.

— Enquanto a gente espera o Phil, tem uma coisa que eu preciso fazer. — Seu tom era profissional, e ele se voltou para Allie. — Você me ajuda?

— Claro.

O garoto olhou para os outros dois.

— A gente já volta.

Pegando-a pela mão, Sylvain a puxou para a lateral da casa tão depressa que ela teve que correr para acompanhar. Quando dobraram a esquina, ele parou.

Allie olhou em volta, confusa.

— Onde a gente...

Sem aviso, ele a empurrou contra a parede de pedra e a beijou com força. Num instante, a surpresa se transformou em desejo e ela jogou os braços entusiasticamente ao redor do pescoço dele, retribuindo o beijo. Sylvain era,

concluiu Allie, muito bom nisso — a menina nunca tinha beijado ninguém assim antes e não queria que acabasse.

Quando ele parou, os dois estavam ofegando e olhando nos olhos um do outro.

— Desculpa. Não podia esperar nem mais um minuto — disse, arfando, seus olhos azuis sustentando os dela.

— Faz de novo — pediu Allie, puxando insistentemente os ombros dele.

Ele sorriu.

— Já que você insiste...

O segundo beijo foi mais longo, e, se possível, mais apaixonado, pois os lábios do rapaz se dirigiram para o pescoço dela, e as mãos apertaram seus quadris.

— É melhor a gente voltar pra perto dos outros — sussurrou Sylvain, com cara de pena, depois de alguns minutos, seu hálito quente na garganta dela. Ele roçou nos lábios inchados de Allie com o polegar. — Apesar de detestar dizer isso, eles devem estar imaginando onde a gente está.

— São uns bobos — murmurou Allie.

Ele sorriu e deu um passo para trás, apesar de ainda estar segurando a mão dela.

— Agora vamos lá jogar croquet.

— U-hu — disse Allie, sem ânimo. — Croquet.

Quando dobraram a esquina de volta, ela viu que todos estavam esperando pelos dois, inclusive Carter, que conversava com Lucas. Seus olhos diziam que ele sabia exatamente o que estavam fazendo.

— Allie! Sylvain. — O tom era de zoeira. — Que ótimo. Tavam fazendo o quê?

Surpresa pela agressividade dele, Allie ficou roxa de raiva. Pensou que tiveram um momento na floresta em que haviam se entendido e talvez pudessem ser amigos.

Mas agora Carter parecia pior do que nunca.

Sylvain a puxou mais para perto.

— Infelizmente, Carter, nossos times já estão organizados. A gente não precisa de outro jogador.

— Eu não vim pra *jogar* — disse Carter, enfatizando a última palavra. — Vim saber como a Allie estava depois da queda de ontem à noite.

Allie pôde sentir os olhos de todo mundo em cima dela.

— Eu... tô bem, Carter. Obrigada. — Vacilou sob o olhar do rapaz, que parecia desafiá-la, como se ela tivesse feito alguma bobagem.

— Que ótimo. Você parece mesmo *muito* recuperada. — Suas palavras transbordavam sarcasmo. — Machucou a boca também? Ou isso é outra coisa?

A mão de Allie voou para cobrir a boca, enquanto Sylvain deu vários passos para a frente.

— Por que você continua aqui, Carter? — perguntou com frieza.

Carter o encarou, sem se mover.

— Só queria ver se o que eu suspeitava era verdade.

— Já viu tudo que precisava ver? — A voz de Sylvain era baixa e ameaçadora.

— Ei, gente — Ruth se colocou entre os dois. — Peraí. Fiquem calmos. Não vamos arrumar um problema aqui.

Carter a ignorou.

— Ah, já vi o suficiente, Sylvain. Você sabe o que eu vou dizer, não sabe?

Ruth suspirou e saiu do caminho. Eles agora estavam a menos de trinta centímetros de distância um do outro. Allie fechou os braços sobre o próprio corpo.

— Não faço ideia do que você vá dizer, Carter — disse Sylvain.

— Deixa a Allie em paz. — Carter deu mais um passo, o que o deixou a poucos centímetros de Sylvain. — Você sabe que isso é errado.

Sylvain sorriu com satisfação.

— Valeu pelo conselho, Carter. Agora sugiro que nos deixe jogar o nosso jogo.

Ficaram se encarando por mais um instante e então Carter se voltou para Allie.

— Não acredita em nada que ele te disser. Ele é um mentiroso.

Apesar de estar bastante confusa, Allie empinou o queixo desafiadoramente.

— Não preciso dos seus conselhos, Carter. Eu tomo minhas próprias decisões.

A menina viu raiva nos olhos dele, que, sem dizer mais nada, saiu rumo à floresta.

As mãos de Allie estavam tremendo. *Qual é o problema dele?*

— Bom, isso foi desagradável — disse Sylvain, balançando um taco casualmente. — Vamos jogar? Allie, vamos ser do time azul? — Allie assentiu, muda, sua cabeça ainda zumbindo com o aviso de Carter.

No que teve um tempo para isso, agarrou o braço de Sylvain.

— Do que o Carter tava falando? — sussurrou Allie.

Ele afastou o cabelo da testa dela.

— Acho que ele gosta de você, *ma belle*. Talvez esteja com ciúme.

Enquanto ele se afastou para dar sua tacada, Allie franziu o rosto. *Talvez ele estivesse tentando me afastar do Sylvain*. Mas, a julgar pela forma como falara com ela, era difícil acreditar que Carter estivesse a fim de alguma coisa.

Allie não conseguia imaginar que, depois disso, a noite acabasse sendo qualquer coisa além de terrível, mas no fim das contas até que foi divertida. As traves eram pintadas com tinta fosforescente, o que significava que quanto mais escuro ficava, mais brilhavam. Os tacos tinham luzes ativadas por um botão no cabo. As bolas cintilavam nas cores que tinham sido pintadas. Isto tornou o gramado gradualmente mais colorido à medida que a noite caiu. No final, mal enxergavam um ao outro, mas conseguiam seguir os movimentos por meio dos tacos iluminados e das bolas coloridas.

Ruth era muito boa e mostrou a Allie algumas técnicas sobre como manter a bola rolando em linha reta. Quando Allie conseguiu jogar uma das bolas de Phil para fora da área de jogo, Ruth riu.

— Te ensinei bem demais!

Quando o jogo acabou e eles começaram a guardar o equipamento, Allie reparou que estava rindo com Ruth e se apoiando confortavelmente em Sylvain, que passara o braço casualmente em torno dos seus ombros. Os olhares dos dois se encontraram e ela sentiu um formigar de ansiedade.

— Você tem olhos lindos — disse ele. — São transparentes, como a sua alma.

Virando-se, ele desejou boa-noite aos outros e sussurrou no ouvido de Allie:

— Vem comigo?

Ela assentiu ansiosa, sua garganta apertando.

Caminharam pela sombra pela parte de trás da escola. Perto da porta dos fundos, ele parou e a puxou para seus braços, sussurrando docemente:

— Tive uma noite ótima, Allie. Que bom que o Carter não te encheu muito o saco. Ele te quer só pra ele.

Apesar de Allie duvidar desta última declaração, não demonstrou. Sorriu.

— Eu também me diverti.

E era verdade, apesar de tudo.

Em seguida ele a puxou para perto e encostou o nariz no seu pescoço antes de levar a boca à dela, e Allie sentiu todas as suas preocupações se desfazerem. Ele fazia as coisas mais incríveis com aqueles lábios. O coração de Allie disparava e a respiração rateava no que ele beijava suas orelhas, lambendo suavemente os lóbulos. Levantando os braços, ela girou os pulsos por trás da cabeça dele.

Quando Zelazny gritou “toque de recolher!” pela porta dos fundos alguns minutos mais tarde, Sylvain levantou a cabeça com ar de pesar.

Allie não queria que ele parasse.

— Faz de novo — insistiu ela.

Ele sorriu, com as mãos calorosas na cintura da menina.

— Toque de recolher. A gente tem que entrar.

— Mais uma vez?

Tentadoramente, ele se inclinou para perto. Ela levantou a cabeça e abriu a boca ansiosa, mas ele lhe deu um rápido beijinho na bochecha.

— Pra dentro, mocinha, antes que você arrume uma detenção.

— Toque de recolher! — gritou Zelazny novamente. — Última chamada!

Sylvain passou o braço por trás dos ombros dela, como quem clama posse. Ao se juntarem ao resto dos alunos na porta, eles passaram por Katie e Jules. Quando Allie viu o veneno no rosto de Katie, sorriu com expressão cândida para ela.

Allie: um, Katie: zero.

DOZE

Quando Allie desceu para o café na manhã seguinte, Jo a esperava impaciente do lado de fora da sala de refeições.

— Como foi? — perguntou sem preâmbulos, seguindo Allie para dentro do salão. — Me conta tudo.

Enquanto empilhava ovos mexidos e torrada no prato, Allie riu dela.

— Você é tão intrometida.

— Ele te beijou de novo, não beijou? — perguntou Jo. Quando Allie fez que sim, ela soltou um gritinho. — Ele tá louquinho por você. Te convidou pro baile?

— Não — respondeu Allie. — Talvez ele só goste de me beijar.

— Ele *vai* convidar — afirmou Jo confiante, enquanto se dirigiam à mesa habitual.

— O Carter é que estava totalmente estranho ontem — disse Allie, contando o que aconteceu, e Jo franziu o rosto.

— Isso é... bizarro — disse Jo. — Acha que ele tá com ciúme?

— Nunca — confirmou Allie. — Ele me odeia. O jeito como agiu ontem à noite... foi como se eu repelisse ele. E eu não sei o que tava rolando entre eles, mas foi muito pesado. Por um segundo pensei que fossem partir pra briga.

— O Carter não ousaria — disse Jo. — Ele ia arrumar milhões de problemas se fizesse isso. Mas e daí? O Sylvain gosta de você! E com certeza vai te chamar pro baile.

Durante a semana, só se falava no baile — quem iria com quem, o que iriam vestir e como todos podiam beber champanhe e não haveria toque de recolher.

Sylvain estava envolvido num projeto enorme, por isso ela quase não o viu. Mas a maneira como ele a olhava quando se viam deixava claro que a noite de sábado não tinha sido uma aberração. Ele não conseguia manter as mãos longe dela. Quando se encontravam no corredor ele a abraçava ou acariciava seu braço. E todas as vezes os encontros a deixavam ligeiramente sem fôlego e com fome de mais.

Mas ele ainda não a tinha convidado para o baile.

Ao mesmo tempo, Carter a ignorava por completo. Sempre que o encontrava, ele olhava como se não a visse. Na aula, seus olhares nunca se cruzavam. Ele a tratava como se ela não existisse. Quando a sexta-feira chegou, Allie estava determinada a descobrir o que estava acontecendo. Só não sabia ao certo como fazer isso.

Depois da aula naquela tarde, ela correu para a biblioteca na esperança de encontrar um livro obscuro de poesia para a aula de inglês de Isabelle. Quando abriu a porta, bateu em alguém que vinha no sentido oposto.

— Desculpa — disse, e então parou. Do umbral, Carter olhava furioso para ela.

Quando ele passou por Allie sem dizer nada, a menina deu um basta.

— Ei! — sussurrou ríspidamente. — Qual é o seu problema?

— Nenhum. — Sua voz estava distante.

— Ah, é? — disse ela. — Então por que você ficou tão perturbado? — Se enfiando na frente dele, ela entrou na biblioteca. Ouviu a porta se fechando atrás. E então Carter a pegou pelo braço, virando-a para ficar de frente para ele.

— Você não pode me chamar de perturbado — sibilou num sussurro dramático.

Allie pôde ver quão irritado ele estava, mas não deu a mínima.

— Posso te chamar do que quiser, Carter — falou, sacudindo a mão dele para longe do seu ombro. — E o jeito como você tem agido ultimamente não é normal. É babaca demais.

— O que é normal, Allie? — sussurrou irritado. — Defina normal pra mim. O Sylvain é normal, por exemplo?

Ela sentiu um calafrio na espinha.

— Que pergunta é essa? O que ele tem a ver com a forma como você me trata?

— Nada — respondeu, mas seus olhos diziam outra coisa. Suas sobrancelhas estavam abaixadas e Allie sentia a tensão antes mesmo de ele falar mais alguma coisa. — *Tudo*. Como você pode ser tão burra? Pensei que fosse inteligente, mas é só mais uma menina burra. Não sabe nada sobre ele ou sobre esse colégio e mesmo assim se pega com o cara pra todo mundo ver.

Os olhos da menina se arregalaram.

— Eu não...

— Não o quê? — interrompeu Carter. — Não tá caindo nas frases ensaiadas dele? Porque pra mim pareceu que estava.

O menino estava tão furioso que Allie sentiu um pânico crescente ao tentar argumentar.

— Carter, não tô entendendo! Então eu tô ficando com o Sylvain... e daí? Por que você se importa? Você me odeia.

Ele estava tão perto que Allie sentia a respiração dele na bochecha. Tinha cheiro de especiarias e café.

— Acha que eu te odeio? — Aqueles olhos negros e profundos sustentaram o olhar dela. — Não a odeio. Só pensei que fosse inteligente.

Quando Allie abriu a boca para discutir, ele colocou o dedo delicadamente em seus lábios. Seus olhos encararam os de Carter por um longo segundo. Sentia o gosto de sal da pele dele em sua língua. Então ele praguejou baixinho, se virou e saiu.

— A pergunta do dia, Allie, é: você deve usar o cabelo preso ou solto? — indagou Jo. Ela estava segurando um pente de dentes largos e examinava atentamente a cabeça da amiga. Era sábado de manhã e elas estavam no quarto de Jo. Allie sentava-se diante do espelho e, por toda a volta, vestidos do armário de Allie e sapatos do estoque ilimitado de Jo as cercavam. Jo insistira que elas precisavam “treinar”.

Allie enrolou uma mecha de cabelo no dedo e em seguida a soltou.

— E isso importa? O baile é dentro de duas semanas e o Sylvain ainda não me convidou. Posso pintar meu cabelo de verde e fazer um moicano.

Jo segurou um sapato perto de um vestido, considerou, então testou outro par.

— O Sylvain vai te convidar — afirmou ela. — Sei de fonte segura.

Allie a olhou esperançosa.

— Sério?

— Sério — Jo apontou um salto para ela em tom de acusação. — Então vamos falar sério. Cabelo preso ou solto?

— Hmm... não sei. — Pegou uma escova e passou no cabelo. — Então... com quem o Lucas vai?

— Com a Lisa, é claro. — A voz de Jo saiu abafada enquanto ela pegava outro par de sapatos delicados.

— E o Carter?

— Soube que ele convidou a Clare. — Jo repousou os sapatos. — Acho que preso fica melhor.

— Pode ser preso. Quem é Clare?

— Pequeninha, loura, bonita. É da nossa aula de biologia. Terceira fila. Acho que ela faz inglês com você também. Eles saíram ano passado e aí ele deu um fora na menina. Todo mundo ficou com raiva dele porque ela é um amor. Parece que estão voltando.

Allie se olhou no espelho. *Por que eu daria bola pra com quem o Carter vai?*

Ela levantou o cabelo com as mãos.

— Que babaca. É, acho que você tem razão. Preso fica bom.

Jo sorriu.

— Excelente. Depois que a gente escolher um vestido eu vou saber o que fazer. — Dispôs os três vestidos na cama, avaliando-os criticamente. — Certo. Tira a roupa e experimenta esses daí. Hoje a gente decide.

O primeiro vestido que Allie experimentou era preto e justo. Encostava nos calcanhares, tinha gola alta e deixava as costas nuas. Era incrivelmente sofisticado.

— Adorável — disse Jo, estudando o corte do vestido. — Mas para pessoas um pouco mais velhas que você.

— Total. Eu pareço ter, tipo, trinta anos. — Allie o retirou por cima da cabeça, jogando-o de volta na cama. O vestido seguinte era branco, com uma saia longa e lisa, e de alcinha.

— Lindo! — declarou Jo. — Com cara de verão. Virginal.

Allie franziu o nariz e então rodopiou na frente do espelho de Jo.

— É meio colado — disse, incerta. O vestido abraçava cada curva, deixando pouco para a imaginação.

— Mas você se garante — afirmou Jo. — Fica lindo com seu tom de pele, e eu tenho um sapato perfeito pra ele.

O último vestido era o favorito de Allie. Seda azul-escura, até o joelho, tinha uma saia volumosa com um forro de organza. O decote em V decorado com contas tinha o comprimento ideal na frente e as costas altas. As mangas eram justas e terminavam logo abaixo do cotovelo. Caía como uma luva.

Quando Allie puxou o zíper lateral e se virou, Jo exclamou dramaticamente, com a mão no coração:

— Você está *maravilhosa*. Esse é um vestido que você tinha que usar todos os dias da sua vida. Menos no baile de verão.

— Por que não?

— É um vestido de inverno. Todo mundo vai estar usando roupas leves de verão e você vai suar nessa seda pesada. Guarda pro baile de inverno. Que é muito mais importante que o de verão, aliás. Mas esconde esse vestido até lá. Vai ser o que você vai usar na noite em que for chocar todo mundo.

Jo parecia tão certa que Allie não viu razão para discutir. Entendia pouco de roupa, pois sempre fora do tipo calça jeans e tênis. Nas raras ocasiões em que se arrumara para casamentos, fora sua mãe quem escolhera as roupas. Mas tinha que admitir que o vestido branco ficava bom.

Jo levantou um par de sandálias prateadas com salto baixo.

— Que tal? Perfeitas ou perfeitas? — perguntou, radiante de orgulho.

Erguendo as mãos como quem se rende, Allie riu.

— São perfeitas.

— Agora, o seu cabelo...

Jo a fez se sentar de novo na cadeira. Passou um pente pelas ondas espessas do cabelo dela e o prendeu em um rabo frouxo. Sem a henna que usava em casa para pintá-lo em tons vibrantes de vermelho, o cabelo de Allie estava desbotando aos poucos para o castanho natural.

Jo trabalhou em silêncio por um tempo, mas Allie via que estava pensando. Depois de um tempo, ela falou:

— Então, por que você se importa com quem o Carter vai levar pro baile?

Allie se contorceu, sentindo-se desconfortável.

— Na verdade, eu não me importo... só estava curiosa. Como você tem tanta certeza de que o Sylvain vai me chamar?

Jo enrolou uma mecha de cabelo num coque lustroso e o prendeu no lugar.

— Um passarinho me contou. Um passarinho muito sábio.

— Queria que ele me convidasse de uma vez — murmurou Allie, vendo o seu cabelo ganhar uma aparência estilosa. — Todo mundo já tem com quem ir.

— Pronto — exclamou Jo. Ela recuou e sorriu pelo espelho, obviamente satisfeita. — A sorte é do Sylvain de ir com você.

Os cabelos normalmente rebeldes de Allie estavam lisos e brilhantes, presos em um penteado leve com um laço branco de seda, formando um coque. Algumas mechas onduladas emolduravam seu rosto oval, ressaltando os olhos de cor cinza.

— Tá incrível — suspirou Allie, olhando-se espantada.

— É assim que você vai usar o cabelo — disse Jo, acrescentando —, se gostar.

Allie abraçou a amiga.

— Amei. Onde você aprendeu a fazer essas coisas?

— Escola de menina — respondeu Jo alegremente, enquanto recolhia os sapatos do chão. — Na qual acho que você também está matriculada agora.

Allie ficou quieta por tanto tempo que Jo, que estava ocupada guardando os sapatos, parou e a olhou preocupada.

— Tá tudo bem? Não quis insinuar nada com isso.

Allie sorriu para ela.

— Tudo bem, não se preocupa. É que eu tive o pensamento mais estranho.
— Qual? — Jo voltou a organizar os calçados.
— Mesmo com tudo que anda acontecendo, mesmo com o Carter sendo babaca, o Sylvain não me convidando e as aulas sendo superdifíceis, com tudo isso, acho que eu estou meio... feliz.
— Isso é porque você é louca. — Jo riu.
— Não, é sério. Feliz mesmo. Pela primeira vez em muito tempo. Sabe, achei que eu ia odiar esse lugar. Estava pronta pra isso. E minha antiga versão teria odiado pensar em vestidos, bailes, sapatos, cabelo e preocupação com aparência. Mas eu não odeio. Eu... até que gosto.
Ajoelhada arrumando tudo no armário, Jo olhou para ela.
— E isso é bom, não é?
— É — respondeu Allie, pensativa. — Acho que é.

Cerca de uma hora depois, Allie levou os vestidos de volta para o quarto e os guardou no armário. Ajeitou o cabelo num rabo de cavalo, guardando cuidadosamente os laços na gaveta superior da escrivaninha. Olhando para o relógio, correu — só faltavam 20 minutos para fecharem a sala de refeições depois do almoço.

— Oi, Allie. — Ao ouvir a voz atrás de si, virou-se e viu Jules caminhando na mesma direção.

Ótimo. Exatamente o que eu precisava agora.

— Ah. Oi, Jules.

Como sempre, o cabelo louro cortado reto de Jules estava absolutamente macio, e ela estava com as sandálias Birkenstock cor-de-rosa. Allie pensou novamente no quão injusto era ter que usar os seus próprios sapatos.

— Eu tava pensando — disse Jules —, você vai no baile? Devia ir. Sei que você é nova, mas é uma experiência que não vai querer perder. Não precisa ter um par.

Allie se arrepiou um pouco com a última frase.

— Sim, eu tô planejando ir — respondeu.

— Ah, que ótimo! Sabe como é, talvez você nunca mais curse a escola de verão aqui, aí seria péssimo não ir ao baile.

Allie franziu o rosto.

— Por que eu nunca mais cursaria a escola de verão?

Jules pareceu confusa.

— Ah, não quis dizer nada com isso. É só que, você sabe, normalmente é só pros melhores alunos. Eu entendo que você está aqui por... outros motivos.

Allie se sentiu como se tivesse levado um soco.

— Como assim? Que motivos?

— Ah, você não sabia? — Jules parecia cada vez mais desconfortável. — A Isabelle fez um esquema especial pra essa temporada. Depois disso, presumo que você vá se juntar aos outros... aos alunos normais, sabe?

Allie ajustou os ombros e deu um passo para a frente.

— O que você tá tentando dizer, Jules? Que meu lugar não é aqui?

— Não, claro que não! — Jules deu um passo precipitado para trás. — Espero que eu não tenha te ofe...

— Me ofendido? Sim, Jules, você me ofendeu. — Virou-se e correu, os punhos cerrados com tanta força que as unhas formaram luas crescentes nas palmas das mãos.

Ao pé da escada, ela se virou num solavanco e quase trombou com Sylvain, que a segurou com facilidade.

— Você nunca caminha normalmente pra lugar nenhum? — Ele riu, segurando-a.

— Só quando a ocasião exige — respondeu, a voz mais brusca do que pretendia. Ela respirou fundo e tentou se acalmar.

— O que houve? — examinou-a com olhos preocupados. — Tudo bem?

Allie deu de ombros.

— Acabei de topar com a Jules. É... Ah, não vale a pena. Ela é uma escrota. Ele pareceu se divertir.

— Ah, ela às vezes é bem... difícil. Mas eu não a levaria tão a sério. Ela é do bem.

Ele tinha um jeito de sorrir com o olhar a que Allie simplesmente não conseguia resistir e, um instante depois, ela retribuiu o sorriso.

— Tem razão. Eu não devo deixar ela me afetar.

— Eu tava torcendo pra te encontrar, pra falar a verdade. — Sylvain se apoiou na parede, pegando a mão dela, e a puxou mais para perto, para uma conversa mais íntima.

Ele é o máximo. Como ele faz isso?

— Queria te perguntar se você já tem companhia pro baile.

Allie sentiu as bochechas ficarem vermelhas e o coração acelerar. *Tenho que parecer o mais tranquila possível.*

Balançou a cabeça;

— Não, ainda não.

Sylvain continuava olhando fixo para ela.

— Estava torcendo pra você aceitar ir comigo.

Ir pro baile? Quero me apaixonar e me casar com você. Ter filhos, comprar uma casa, morar na França...

— Adoraria — respondeu calmamente.

— Ótimo. Mal posso esperar. — Ele sorriu de forma sexy e sonolenta.

Ficaram parados por um instante, como se relutassem em se separar um do outro, e então ele levantou a mão dela, deu um beijo singelo e a soltou.

— Melhor ir almoçar antes que fechem.

Ela concordou.

— Até mais tarde.

— *À bientôt.*

Allie flutuou até a sala de refeições numa nuvem de felicidade e quase não viu Jo na mesa de sempre acenando para ela. Estava comendo uma salada verde quando Allie se aproximou.

— Não como nada além de salada até o baile ou não entro no vestido... o que houve? — Jo foi tão rápido da declaração para a pergunta, e Allie estava tão embriagada de amor, que por um segundo ficou só encarando a amiga. — Você tá com cara de que aconteceu alguma coisa. Conta, o que foi? — exigiu Jo.

Allie sorriu com cara de sonhadora.

— O Sylvain me convidou.

Jo saltou da cadeira, gritou e dançou ao redor da mesa, abraçou Allie.

— Eu sabia! Não falei? Eu sou, tipo, onisciente.

— Você é um gênio — afirmou Allie, rindo. — Acho que é melhor eu também só comer salada se for usar aquele vestido branco.

De volta ao próprio assento, Jo passou a tigela de salada.

— Esse vai ser o melhor baile de verão de todos os tempos.

Mas enquanto Allie servia folhas no prato, ergueu os olhos e viu Carter encarando-a furiosamente numa mesa próxima. Quando ele percebeu que ela o tinha visto, se levantou e saiu contrariado.

TREZE

As duas semanas até o baile pareceram durar meses, e Allie sentia que a escola inteira estava em estado de animação suspensa. As aulas se arrastavam. Os professores se recusavam a ceder à apatia e à distração dos alunos, de forma que os trabalhos se acumulavam, mas, pela primeira vez, a biblioteca estava bem vazia à noite.

— Se eu não conseguir acompanhar essa semana... que seja — declarou Jo. A dramaticidade da afirmação foi relativamente prejudicada pelo fato de que ela estava sentada na cama e balançando uma tiara. — Semana que vem eu recupero.

— Eu também! — Allie estava deitada no chão, de barriga para baixo, folheando uma revista de beleza e contemplando penteados. — Será que eu devia cortar o cabelo curto? — perguntou, levantando uma foto de uma modelo que parecia uma fada.

Jo inclinou a tiara na direção de Allie.

— Um novo corte de cabelo eleva o espírito, jovem Allie. Nunca se esqueça disso. Mas esse é curto demais pro formato do seu rosto, só pra você saber.

Allie virou a página.

— Sábias palavras, Josephine. Sábias palavras.

No seu quarto, o vestido branco estava convidativamente pendurado na porta do armário, com os sapatos de Jo no chão logo abaixo. Toda manhã, ao

acordar, era a primeira coisa que ela via, e toda noite riscava uma data em seu calendário mental.

Ao mesmo tempo que Allie tentava deixar o trabalho escolar em dia, achava quase impossível se concentrar. Então, alguns dias antes do baile, quando se pegou lendo o mesmo parágrafo do livro de História pela quinta vez, desistiu de vez. Levantando-se da escrivaninha, se espreguiçou e então ficou parada olhando o pôr do sol pela janela.

Preciso me mexer.

Ela pegou a roupa de corrida e prendeu o cabelo num rabo de cavalo. Ao descer as escadas só passou por outra aluna e, quando se inclinou de forma que fosse possível olhar para baixo e avistar o andar principal, não viu ninguém. Lá fora, o sol batia na grama verde e macia. Da escadaria da entrada dava para se ver vários corpos cozinhando sobre toalhas e cobertas espalhadas pelo gramado, mas ela nunca conseguira entender o atrativo de se deitar ao sol. Em vez disso, partiu em direção ao caramanchão, correndo em ritmo veloz. Movimentar-se sempre a ajudara a se acalmar, e ela mergulhou de cabeça na atividade. Correndo mais depressa pela trilha. Contou cada passo silenciosamente.

— Duzentos e noventa e seis. Duzentos e noventa...

— Por que você faz isso?

A voz parecia ter vindo do nada e espantou Allie de tal maneira que ela tropeçou e quase caiu, tendo que agarrar um galho para servir de apoio.

Carter estava na beira da trilha, com as mãos nos quadris. Ofegando, ela se curvou para apoiar as mãos nos joelhos enquanto recuperava o fôlego.

Ao se levantar, jogou o rabo de cavalo sobre o ombro.

— Que é isso? Você está falando comigo agora, Carter? Que honra.

Desde a discussão na biblioteca, Carter vinha evitando-a e ela não se incomodara nem um pouco em permitir que ele o fizesse.

Carter agiu como se Allie não tivesse dito nada.

— Essa coisa de contar. Já te ouvi fazendo isso antes. Por que você faz isso?

— Não é da sua conta, seu maníaco. Agora sai fora.

Voltando para a trilha, ela começou a correr outra vez, mas ele acompanhou o ritmo com grande facilidade.

— Foi uma simples pergunta.

Allie soltou um ganido frustrado e acelerou, estimulada pela raiva. Mas ele não ficava para trás, e ela finalmente gritou em ondas curtas.

— Você não. Ignora alguém. Por semanas. E depois. Faz perguntas. Pessoais. Seu. Babaca.

— Temperamental.

— Que seja.

O silêncio se abateu enquanto ela se concentrava em não falar com ele.

— Allie, não confia no Sylvain.

— Eu estou te ignorando.

— Não posso explicar o motivo. Mas ele não é quem você pensa.

Allie diminuiu o ritmo e o encarou.

— E o que isso significa?

Ele começou a falar e parou. Balançando a cabeça, enojada, ela correu pela trilha — após um tempo, não ouvia mais os passos dele.

Quando o telhado do caramanchão apareceu sobre as árvores, mesmo com toda aquela raiva, Allie suspirou. Não tinha conseguido vê-lo de fato na noite da chuva. Era lindo — uma construção fantástica, com um telhado estreito e pontudo se erguendo a sete metros e meio, coberto por telhas mouras coloridas e de design elaborado.

Seis pilares delicadamente esculpidos sustentavam o vívido telhado. Ela subiu os degraus até o interior a céu aberto, encoberto por sombras, onde um corrimão de pedra e bancos circulavam as bordas. Acomodando-se no assento gelado, Allie apoiou o queixo no braço e olhou para a floresta. Carter não estava em lugar nenhum.

Do que ele estava falando? Seria só ciúme? Ou era sério?

Parecia sério.

Tentou pensar em algo que Sylvain tivesse feito para deixá-la desconfiada. Ele sempre estava presente quando ela arranjava problema. Ele a protegera de Zelazny. Sim, Sylvain era malandro, e sim, parecia ser riquíssimo, mas não

bancava o esnobe. Parecia gentil. Carter, por outro lado, sempre foi difícil, insistente, dono da verdade, ameaçador.

Era bastante óbvio em quem ela deveria confiar.

Só não entendo por que o Carter se importa tanto.

Naquela noite no jantar, quando Allie chegou à mesa, Jo, Lisa e Ruth estavam conversando animadamente em voz baixa.

— Tem que fazer, Lisa — disse Jo. — É a tradição.

— Eu vou fazer, e você sabe que eu odeio esse tipo de coisa — disse Ruth.

Claramente relutante, Lisa mexeu a comida no prato, os cabelos longos e lisos caindo para a frente ao redor do rosto.

— Não sei. É um pouco estranho.

— O que é estranho? — perguntou Allie, puxando uma cadeira. — O que tem pra jantar hoje? Espero que seja lasanha.

— O Mergulho de Verão! — Os olhos de Jo reluziam de entusiasmo. — É sempre na noite anterior ao baile de verão, e a Lisa não quer fazer. Mas tem que fazer. E eu pensei que você só fosse comer salada.

— Ah, droga — disse Allie. — Tinha me esquecido da coisa da salada. E que diabo é um Mergulho de Verão?

Ela se serviu de um copo d'água da jarra na mesa.

— Caramba. Esqueci completamente de te contar. — Jo soltou o braço de Lisa e se voltou para Allie. — É tradição. Os alunos das últimas séries saem escondidos à meia-noite na noite anterior ao baile pra ir nadar no lago.

Confusa, Allie olhou para Lisa.

— Qual é o problema? Você não sabe nadar?

Erguendo o queixo, Lisa lançou um olhar acusatório a Jo.

— Não é só nadar. Conta a verdade.

Jo revirou os olhos.

— Ok, tá bom. É sem roupa. Precisa ser tão pudica, Lisa? Vai ser sensacional!

Allie engasgou com a água.

— O quê? Todo mundo? Meninos e meninas? Pelados?

Ruth a afagou nas costas.

— É no escuro, Allie. — Jo estava começando a soar irritada. — E não é nada de mais. Você só mergulha, sai e se veste de novo. Não é filme pornô. É diversão legal, sem problema, é uma tradição, e você tem que fazer, porque eu não quero ir sozinha.

Allie se inclinou em direção a ela.

— Deixa eu ver se tô entendendo: você, eu, a Ruth, a Lisa, nossos pares de sexta à noite e um monte de estranhos vamos ficar pelados num lago. Juntos. Por diversão.

— Exatamente! — respondeu Jo alegremente. — E todas nós vamos, certo? Lisa parecia nauseada.

— Com certeza a Allie não está convidada. — Katie estava ao lado da mesa, linda como sempre. — Ela é nova demais na escola. Isso é só para os alunos da Cimmeria.

— Ah, não enche, Katie. Sério. — Jo a encarou, furiosa.

Katie ficou onde estava.

— É sério, Jo. Não acho justo. Vou falar com a Jules sobre isso.

— Não pode falar com a Jules, sua idiota — argumentou Jo. — É extraoficial. Ela não pode fazer nada.

— Jo — disse Allie, com os dentes trincados —, quando você disse que rola esse mergulho?

— Quinta à meia-noite — respondeu a menina, com um brilho endiabrado nos olhos.

— Ótimo. Eu vou estar lá.

Katie a olhou friamente.

— Se fizer isso, Allie, depois não vai chorando pra Isabelle se alguma coisa acontecer. Só lembra que eu avisei.

Enquanto Katie se afastava, Allie murmurou baixinho:

— É, e você se importa porque é minha *melhor amiga*, Katie.

Jo deu um risinho.

— Esquece ela. Que bom que você vai. Tou ansiosa por isso desde que entrei na Cimmeria. Se a Lisa e a Ruth também vierem, nós podemos fazer todas juntas, e vai ser melhor ainda.

Parecendo infeliz, Lisa encarava o prato vazio. Allie sorriu para Jo, mas seu coração afundou. Já estava arrependida de ter concordado tão rápido. Mesmo assim, o que poderia acontecer?

— Mas como a gente sai da escola sem ninguém ver? — perguntou. — Quer dizer, os professores simplesmente deixam você mergulhar nua no lago no escuro?

O olhar de Jo lhe respondeu antes mesmo que ela dissesse uma palavra.

— Eles fazem o possível pra impedir. Quer dizer, imagina a fúria dos pais se alguém se machucasse? — Sorriu alegremente. — Escapar é metade da graça.

Quando as portas da cozinha se abriram e os funcionários surgiram carregando travessas de lasanha, Allie resmungou.

— Não sei o que é pior, ser forçada a deixar passar a lasanha ou nadar pelada com a Katie Gilmore.

— Eu e o Gabe temos um plano pra escapar — disse Jo. — Vamos conversar sobre ele depois do jantar. Vem pro meu quarto às oito e a gente monta nosso esquema. — Começou a encher o prato de salada. — Adoro isso.

Às dez para as oito daquela noite, Allie estava no corredor, do lado de fora da porta do quarto de Jo. Ouvindo vozes lá dentro, levantou a mão para bater... e abaixou-a novamente. Um instante depois, se recompôs e bateu à porta, girando a maçaneta e entrando em seguida.

Jo, Lisa, Ruth, Gabe e Lucas estavam sentados em um círculo. Allie assumiu um lugar no chão entre Ruth e Lucas, e, levantando os pés, abraçou os joelhos. Gabe estava apontando para uma pequena área num mapa.

— ... então, considerando tudo isso, acho que a única forma segura é pela ala das salas de aula.

Lucas parecia cético.

— Espera, tudo que a gente sabe é que as outras portas vão ser vigiadas. Por que não vigiariam essa também?

— Dois motivos — disse Gabe. — Primeiro porque As Regras afirmam que a gente não pode ir pra essa ala fora do horário de aula de jeito nenhum, então, a encrenca que a gente ia se meter se fizesse isso seria enorme. Segundo, porque é marcada como uma porta de incêndio com alarme.

— O que a gente vai fazer em relação ao alarme? — perguntou Allie.

A resposta de Gabe foi simples.

— Não tem alarme.

Houve uma comoção e Gabe, que pareceu se divertir com o espanto, levantou as mãos pedindo silêncio.

— Não tem alarme em lugar nenhum nesse prédio. Todas as placas de “alarme” são falsas.

A voz quieta de Lisa interrompeu o silêncio de espanto.

— Por quê?

— Não sei — respondeu Gabe. Observando-o de perto, Allie teve a impressão de que estava mentindo. Ele sabia exatamente o motivo. Só não queria revelar.

Não tem alarme de incêndio. Nem alarme contra roubo. Nada pra alertar ninguém sobre coisa alguma.

— Então — Jo afastou a conversa sobre o alarme —, como a gente entra na ala das salas de aula sem atrair atenção?

— Essa eu sei — disse Lucas. — A gente faz o seguinte...

CATORZE

— **A**i! — Pulando para cima e para baixo no escuro, Jo agarrou o dedo do pé.

— Shhhh. — Apesar de Jo não conseguir vê-la, Allie levantou um dedo para os lábios e ambas congelaram.

Eram onze e meia da noite de quinta, e elas estavam na escada, no escuro, o chão lustroso de madeira frio contra seus pés descalços. Haviam elaborado o plano até tarde da noite na véspera e conversado sobre ele por metade do dia. Allie tinha concluído que sair do prédio do colégio certamente seria a melhor parte.

Agora estavam atentas a quaisquer sons, qualquer sinal de que haviam notado a presença delas, mas a velha escola estava em silêncio. Passado um instante, começaram de novo a tatear escada abaixo, ambas levando os sapatos numa mão e se segurando ao corrimão com a outra. Lucas as lembrara que o antepenúltimo degrau rangia e elas o saltaram cuidadosamente. Quando chegaram lá embaixo, Allie olhou na direção da sala de Isabelle — não se via qualquer luz por baixo da porta.

Os olhos dela estavam se ajustando à escuridão: já enxergava um pouco melhor.

Enquanto caminhavam nas pontas dos pés pelo amplo corredor até a entrada da ala das salas de aula, Allie parou.

— Ouviu isso? — sussurrou, mal movendo os lábios.

Jo balançou a cabeça, mas então ambas ouviram o ruído. Passos. Perto.

Allie girou em círculos, procurando um lugar para se esconder. Pensando rápido, correu para trás de uma coluna de pedra, puxando Jo consigo. Alguns segundos depois, uma sombra ágil esvoaçou pelo corredor. Allie se encolheu contra a parede, mas Jo se inclinou para a frente, cerrando os olhos na escuridão. Antes que Allie pudesse contê-la, ela correu atrás da sombra.

— Jo! — sussurrou Allie, mas não houve resposta. Ela hesitou por um momento, pensando no que fazer, e então foi atrás dela. A princípio não conseguiu ver nada, mas então esbarrou em Jo, que estava no final do saguão com Lisa.

— Achei ela! — sussurrou Jo, claramente contente.

Lisa parecia menos animada, e Allie ficou imaginando por que ela teria vindo. Fora tão relutante em todas as conversas sobre o assunto. Agora parecia incapaz de ficar de pé, saltando nervosa de um pé para o outro como uma dançarina ansiosa antes de uma apresentação, os olhos enormes no rosto delicado. Allie a olhou com solidariedade, em seguida apontou para a entrada da ala das salas de aula.

Jo assentiu.

— E a Ruth? — Allie sussurrou.

— Tá atrasada; não dá pra esperar.

Allie girou a maçaneta. Se a porta rangesse, estariam mortas.

A porta abriu silenciosamente nas dobradiças que Gabe lubrificara naquela tarde.

Entraram e então correram o mais rápido possível pelo longo corredor. A última porta era marcada com placas ameaçadoras de aparência oficial que alertavam sobre alarmes e segurança; havia números para os quais telefonar em caso de emergência. Allie imaginou quem iria atender se ela os discasse.

Paradas por um rápido instante, trocaram um olhar nas sombras, e então cada uma colocou uma das mãos na porta. Quando Jo sinalizou, a empurraram.

A porta abriu sem qualquer ruído.

Apressadas, tropeçaram por uma trilha coberta de cascalho que cortava seus pés descalços. Saltitavam comicamente, calçando os sapatos e tentando não

gritar. Pensando em quão ridículas pareceriam a qualquer pessoa olhando, Allie abafou uma risada.

— Vaivaivai! — sussurrou Jo, e correram descuidadamente pela noite, esticando os braços umas para as outras, até que as três estivessem de mãos dadas.

Quando chegaram às árvores, Jo e Lisa estavam sem fôlego e pararam um instante para recuperá-lo. Allie estava ansiosa — ainda estavam perto demais da escola.

— Qual é o caminho? — sibilou. Jo apontou para a direita com a cabeça, e Allie deu sinal para que se movessem. Continuaram em um ritmo menos acelerado.

De início, o bosque estava quase que inteiramente silencioso, mas gradualmente Allie começou a perceber ruídos sussurrados e o som de gravetos estalando. Esticando o braço para Jo, apertou a mão dela e apontou com a cabeça para a direção do barulho. Pôde ver os dentes brancos de Jo na escuridão quando a amiga sorriu.

— Os outros — sussurrou.

À medida que se distanciavam da escola, as pessoas ficavam mais descuidadas, e logo conseguiram escutar outros ruídos: risadinhas abafadas, xingamentos sussurrados ocasionalmente quando alguém tropeçava, chamados falsos de pássaros seguidos de mais risadas sufocadas. Allie sentiu a tensão entre as omoplatas começar a diminuir.

Jo parou tão repentinamente que Allie e Lisa quase tropeçaram nela.

— Chegamos — sussurrou, e desapareceu atrás de um arbusto. Espiando pela escuridão, Allie não conseguiu ver nenhum lago, só árvores e vegetação. Mas ela e Lisa seguiram Jo para um canto afastado.

— Por que a gente tá se escondendo? — sussurrou Lisa.

— Ninguém pode saber quem está aqui até meia-noite — disse Jo. — É tradição.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Allie.

— Meu irmão me contou quando ele estudava aqui — explicou Jo.

Jo tinha um relógio com mostrador que brilhava no escuro, e as três ficaram olhando enquanto o ponteiro dos minutos se movia inexoravelmente rumo à

meia-noite.

— Cadê a Ruth? — perguntou Allie.

Jo estendeu as mãos vazias.

— Era pra ela ter nos encontrado na escola ou no caminho, então imagino que já esteja aqui em algum lugar. — Verificou o relógio. — Quase — sussurrou, abrindo um sorriso largo. — Se preparem.

Allie sentia Lisa tremer. Queria confortá-la, mas ela própria estava muito assustada. Respirou fundo e olhou na direção em que imaginou que o lago estivesse.

Eu vou mesmo fazer isso? Quer dizer, quem é que nada pelado? Não é uma coisa que só acontece nos filmes?

Naquele instante, uma voz grave masculina rompeu o silêncio fazendo-a pular.

— Tá na hora, galera. Abaixem as calças.

Enquanto Allie e Lisa hesitavam, Jo começou a desabotoar o short, mas quando viu que as duas ainda não tinham se mexido, parou e lançou-lhes um olhar de alerta.

— Melhor entrar na onda — falou. — A essa altura seria pior voltar sem fazer.

Lisa e Allie trocaram um olhar de pavor.

— Se você for, eu vou — disse Lisa, afinal.

Allie ouvia agora gente caindo na água às gargalhadas. Suspirou pesadamente.

— Ah, dane-se. — No que ela abaixou a calça, Jo vibrou e arrancou o short. Em segundos estavam todas nuas. Lisa e Allie cruzaram os braços protetoramente sobre os peitos, mas Jo agarrou as mãos de ambas.

— Se vão fazer, que seja com orgulho — declarou, puxando-as pelo caminho.

No escuro, Allie só via corpos de relance no que as pessoas pulavam para dentro e para fora de um lago que ela não conseguia enxergar direito no breu.

— No três — disse Jo, rindo. — Um. Dois...

Saltaram no escuro, espirrando água gelada. Allie mal conseguia enxergar o lago. O ruído claro das risadas ao seu redor foi abafado e se transformou em silêncio quando ela mergulhou. Surpreendeu-se com a profundidade; ela nunca fora grande nadadora. Debatendo-se a caminho da superfície, veio a ela a memória repentina de um dia quente de sol. Tinha 7 anos de idade, e Christopher a estava provocando por afundar como uma pedra na piscina.

— Você corre igual a um coelho, mas também nada igual a um coelho... —
ria ele, enquanto ela batia os braços desgovernadamente.

Agora, ao emergir em busca de ar, espalhando água e tremendo, não via Jo nem Lisa em lugar nenhum.

— Jo?

Como ela se perdera das duas em segundos? Mas o lago estava lotado de alunos rindo — nenhum dos quais parecia familiar. Ao se debater na água gelada procurando um rosto conhecido, Allie foi ficando cada vez mais em pânico. Estava sozinha e nua em um lago repleto de estranhos. Lágrimas quentes de medo e vergonha queimaram seus olhos. De repente percebeu que estava lutando para respirar. Há semanas não tinha um ataque de pânico, mas agora estava encadeando três respirações sofridas enquanto lutava para permanecer boiando.

Não consigo... respirar...

Submergiu por um segundo e sacudiu as pernas com força tentando chegar de novo à superfície. Embaixo da água o pé de alguém atingiu sua canela, e ela sentiu uma dor muito forte na perna. Não gritou — não tinha ar suficiente para isso.

Mais uma vez a água fria se fechou sobre sua cabeça, e mais uma vez ela tentou subir. Mas desta vez duas mãos fortes a agarraram pelos ombros, puxando-a para a superfície. Sentiu uma onda de gratidão, mas ao ver quem a estava ajudando, lutou para se soltar ao mesmo tempo que tentava cobrir os peitos com as mãos.

— Tá tudo bem, Allie. Olha pra mim. — A voz de Carter era calma e imperativa e seus olhos estavam grudados nos dela. — Respira devagar pelo nariz. Não olha pro lado. Respira devagar.

Ela tentou explicar para ele que estava morrendo, mas nenhuma palavra saiu.

— Inspira — disse ele, demonstrando, com olhos que a encorajavam a tentar. — E expira. — Ele soprava ar com força.

Quando ela tentou fazer o que ele pedia, a respiração saiu fraca e uma onda de medo tomou conta dela. Não iria conseguir.

Mas tudo bem, de verdade. Se eu puder só descansar um segundo...

Seus olhos se fecharam e a escuridão pareceu cobri-la.

Quando Carter lhe deu um tapa no rosto, ela se espantou tanto que respirou por reflexo. Aquela onda de oxigênio renovou suas esperanças.

— Você consegue, Allie. Respira comigo. — Ela sentiu que ele estava tentando manter a voz firme e lhe ocorreu que realmente poderia morrer.

Carter respirou fundo e ela tentou fazer o mesmo. Desta vez um pouco de ar entrou nos pulmões.

— Ótimo! — disse ele. — Outra vez.

Ela respirou mais fundo e sentiu a rigidez do peito começar a se soltar. Ele a encorajava, mas Allie tremia tão forte agora que na quarta respiração bem-sucedida se debulhou em lágrimas.

— Tá tudo bem, Allie — disse Carter, colocando os braços gentilmente ao redor do seu pescoço. — Continua respirando.

Protegendo o corpo dela com o próprio, ele a retirou da água, levando-a até a margem. Allie ouvia as pessoas rindo e jogando água ao redor, mas não sabia, tampouco se importava, se estavam rindo dela.

A voz de Carter soou suave.

— Cadê sua roupa, Allie?

— Não sei — sussurrou, rouca.

Ele sorriu um meio sorriso.

— Por que eu não me surpreendo em ouvir isso? — Ele a ajudou a sair da trilha e conseguir relativa privacidade atrás de uma grande árvore. — Fica aqui. Eu vou achar alguma coisa pra você vestir.

Carter caminhou para dentro das sombras e Allie viu os músculos se movendo em seus quadris e costas, e se forçou a continuar respirando.

Ele é lindo, pensou.

Quando Carter reapareceu, alguns minutos depois, já tinha vestido um short. Nas mãos trazia uma camisa de homem e um short feminino.

— Foi o melhor que eu consegui — disse, se desculpando.

Como ele estava sem camisa, Allie teve a sensação de que a roupa de homem que trouxera fosse dele próprio.

Ela se virou enquanto vestia o short e então voltou-se para ele, estendendo a mão para pegar a camisa. Carter a entregou sem dizer nada. Allie não conseguia ver o rosto dele no escuro, mas ao se ajeitar na camisa larga sentiu o coração bater tão alto no peito que achou que ele certamente estaria ouvindo.

— Pronta? — Allie notou que a voz dele tremeu.

— Sim.

Esticando a mão para pegar a dela, ajudou-a a sair do esconderijo de volta para a trilha. O calor da mão de Carter a confortava — seus dedos eram fortes, e Allie os agarrou.

— Não consegui achar nenhum sapato pra você — explicou o rapaz, ansioso. — Você pode machucar os pés. Quer usar os meus? Ou posso te carregar?

Apesar de pedras afiadas estarem cortando seus pés, Allie balançou a cabeça.

— Eu tô bem — afirmou.

Ao se afastarem do lago, os barulhos e risadas foram se calando atrás deles. Mais alguns minutos e o único ruído que escutavam era o das próprias respirações. Carter continuava segurando a mão de Allie.

Quando teve certeza de que estavam sozinhos, Allie parou e o olhou.

— Carter... obrigada.

Soltando-lhe a mão, ele olhou para baixo.

— Não foi nada.

— Não, Carter. — Allie pegou a mão dele de novo. Quando se olharam, os olhos dele estavam tão vulneráveis que ela não conseguiu desgrudar os dela. — Foi *muito*.

Ficaram se encarando por um longo instante, mas logo que ele começou a falar...

— Allie! Carter! — A voz de Jo, correndo pela trilha em direção a eles com Gabe e Lisa logo atrás, quebrou o encanto.

Agarrando Allie pelos ombros, Jo a sacudiu, preocupada.

— Onde você tava? Tá tudo bem? Te procurei por *todos os cantos*.

Mesmo ao fazer que sim com a cabeça, Allie sentiu o choro indesejado voltar.

— Não consegui achar vocês. O Carter me... — virou-se para encará-lo, mas ele não estava mais lá — ... ajudou — sussurrou.

O café da manhã no dia seguinte transcorreu em silêncio absoluto — os alunos que haviam passado boa parte da noite na floresta eram facilmente identificáveis pelos cabelos desalinhados e os círculos sob os olhos. Jo e Allie sentaram-se praticamente em silêncio, com Lisa bocejando ao lado. Nenhuma delas estava com fome. Allie segurava uma xícara de chá quente, como se fosse a única coisa que lhe mantinha viva, enquanto Jo quebrava um pedaço de torrada em partículas minúsculas.

Allie passara a noite no chão do quarto de Jo depois de voltarem despercebidas para a escola, usando a mesma porta pela qual haviam saído uma hora antes.

Haviam conversado até quatro da manhã e Allie então dissera a Jo que se sentia melhor, mas não era verdade.

Quer dizer, como superar um ataque de pânico, pelada, na frente da metade da escola?

Ao menos agora ela sabia o que tinha acontecido depois de pularem todas no lago. Durante a noite, Jo contou toda a história. Como Gabe e Lucas já estavam na água e tinham visto as meninas se jogando. Que Gabe agarrara Jo assim que ela voltara à superfície e a puxara para onde eles estavam nadando, perto de uma árvore. Como ela tinha conseguido agarrar Lisa e arrastá-la mesmo com Lisa tentando se esconder de Lucas. E como em toda a comoção se perderam de Allie.

— O lago encheu de gente tão rápido e tava tão escuro que quando eu voltei pra onde a gente tinha entrado na água, ou onde eu achei que a gente tinha entrado, não te achei em lugar nenhum — dissera Jo. Foram Jules e Ruth

que acabaram contando a ela que tinham visto Allie com Carter, e que Allie parecia mal. — A Ruth acabou indo com a Jules no fim das contas, porque a Jules não queria ir sozinha. E ela achou que a gente tinha bebido, e que por isso você tava passando mal, e ficou me enchendo o saco, por isso demorei séculos pra te achar.

— Não vi o Sylvain lá, mas a verdade é que eu não vi ninguém — disse Allie.

— Acho que ele não foi — disse Jo. — Mas basicamente todo o resto da galera foi.

Allie, que tinha preparado uma cama de casacos e suéteres no chão, enterrou a cara no travesseiro sobressalente de Jo.

— Fico pensando... quanta gente me viu tendo um ataque?

Na cama, Jo se espreguiçou e bocejou.

— Quase ninguém, com certeza. Acho que, fora a Jules, ninguém te viu hora nenhuma.

— Mas ela vai contar pra todo mundo.

— Não vai. Ela é monitora. Sabe, ela tem o dever de te apoiar ou algo assim — disse Jo. — Mas então, o que aconteceu exatamente?

Allie explicou sobre o ataque de pânico e como Carter a resgatara. Não falou de como se sentira quando ele a retirou da água e a ajudou a respirar. Ou sobre tê-lo olhado se afastando ao luar. Em vez disso, focou em quão calmo ele foi e a tranquilidade com que lidara com a crise.

Jo pensou por um instante e, quando falou, foi escolhendo palavras com cuidado.

— As pessoas daqui têm um pé atrás com o Carter porque ele age como se fosse melhor que todo mundo e porque já magoou de verdade muitas meninas esse tempo todo. Finge que gosta delas e de repente não gosta mais. E, sabe, ele é na dele. Eu tô até um pouco surpresa de ele ter aparecido no lago hoje à noite ou ontem à noite — olhou para o relógio — ... essa madrugada. Enfim. É o tipo de coisa que o Carter costuma evitar. Aí as pessoas acham que ele é distante. Mas ele às vezes é legal, de verdade.

Bocejou longamente.

— Muita gente sabe que ele não gosta delas ou acha elas fúteis. Ele deixa claro.

— É isso que eu gosto — balbuciou Allie, fechando os olhos. — Ele é tão honesto.

— Honestidade pode ser uma coisa boa — respondeu Jo, apagando a luz. Suas últimas palavras flutuaram da escuridão, desencarnadas. — Mas também pode ser ruim.

Agora, enquanto elas se sentavam mexendo o cereal nos potes, ninguém parecia ter nada a dizer. Lisa era a mais alegre de todas — sobrevivera ao mergulho, e Lucas a acompanhara até a escola depois. Achava que ele estava começando a gostar dela. Mas até Lisa estava cansada.

— Meu Deus, vou precisar de um cochilo antes de hoje à noite — disse, apoiando a cabeça na mão. — Tô acabada.

— Eu tô um caco — resumiu Jo, pegando o açúcar. — Quem diria que dormir serve pra alguma coisa?

— Caco resume bem a minha situação também — disse Allie, bebericando o chá escaldante e bocejando. Ninguém falara nada com ela sobre a noite anterior e, quando a menina entrou na sala de refeições, não houve cochichos. Talvez Jo tivesse razão e, de tão escuro e lotado, ninguém a tivesse visto ficar histérica na noite anterior.

Por tradição, as aulas acabavam ao meio-dia no dia do baile de verão. Durante as aulas da manhã, Allie lutou para se manter acordada, anotando coisas que mais tarde não fariam o menor sentido.

Carter a ignorou propositalmente na aula de biologia e, na de inglês, ela cochilou enquanto esperava a aula começar e não o viu entrar. Quando levantou a cabeça, ele estava lá, mas não estava olhando para ela. Tudo bem. Em oito horas Allie iria ao baile com Sylvain. Não era o momento de pensar em estar na água nos braços de Carter. Nua.

Ela ajeitou os papéis sobre a mesa e tirou o livro da mochila.

Não — não é o momento.

Isabelle já assumira o seu lugar na beira do círculo de carteiras.

Ela olhou ao redor da sala, entendendo tudo.

— Nossa, alguns de vocês parecem muito cansados. Não dormiram bem?
Eles se mexeram desconfortavelmente nas respectivas cadeiras. Alguém riu.

— Ouvi falar que houve uma agitação no lago ontem à noite. Espero que vocês não tenham sido incomodados.

Mais risos nervosos. A expressão da diretora ao botar os óculos era enigmática.

— Tenho certeza de que a maioria de vocês está sonhando acordada com as danças nos braços dos respectivos pares, mas nós precisamos ter a aula de hoje ainda assim — declarou, abrindo o livro. — Pensei em falar de romance hoje. Vamos começar com um belo poema sobre amor secreto. *Silentium amoris* foi escrito por Oscar Wilde, que vocês provavelmente associam mais ao humor, mas esta é uma história de amor direta e simplesmente linda.

Isabelle leu as duas primeiras estrofes com sua voz rica e poderosa. Perdida na prosa floral, Allie se desligou quase que de imediato, desenhando uma borboleta no caderno. Estava decorando elaboradamente as asas quando ouviu seu nome.

Confusa, se endireitou na cadeira. Todos estavam olhando para ela.

— Desculpa? — disse, ficando vermelha.

— Bom dia — Isabelle disse sarcasticamente enquanto a turma ria baixinho. — Eu disse, você se importaria de ler a terceira estrofe pra mim?

Levantando, Allie pegou o livro, limpou a garganta e começou a ler — começou rapidamente, mas desacelerou na medida em que as palavras começaram a tomar forma.

Mas certamente para ti meus olhos demonstraram
Porque estou em silêncio e meu alaúde sem cordas;
Seria melhor nos separarmos, e ires,
Tu a lábios de mais doce melodia
E eu a cuidar da lembrança estéril
De beijos não dados e canções não entoadas.

Uma onda incontrolável de tristeza se abateu sobre ela. Por um segundo achou que pudesse chorar, mas lutou contra o impulso.

Que diabos há de errado comigo?

— O que o poema te diz, Allie?

Horrorizada de ver que Isabelle ainda focava nela, tentou pensar no que dizer.

Sua voz foi quase um sussurro.

— Ele tem medo de contar pra alguém como se sente, mas fica triste por a outra pessoa não saber o que ele sente.

— E por que o medo de revelar os sentimentos à pessoa? — perguntou Isabelle.

— Porque pode ser que ela não sinta o mesmo. — Não chegou a ser surpresa para Allie que tivesse sido Carter a responder. Ela abaixou os olhos para o caderno enquanto sua caneta desenhava círculos pequenos e interligados em volta da borboleta. — Então ele acha melhor nunca chegar a descobrir se for esse o caso.

— Vale apontar que esse poema pode muito bem ser um “ele” escrevendo sobre outro “ele”, mas, para não desviar a conversa, nós podemos discuti-lo em termos mais convencionais. Então, por que ele acharia melhor assim? — refletiu Isabelle, cruzando a sala para se apoiar numa carteira vazia. — Ela pode sentir a mesma coisa, mas, se ele não perguntar, nunca vai saber.

— Ele tem medo de se machucar — sussurrou Allie, acrescentando mais um elo à corrente que criara.

Isabelle olhou dela para Carter, curiosa.

— Isso explicaria — disse. — Agora, por falar em se machucar, tenho um poema de um tipo diferente pra vocês, escrito pela americana Dorothy Parker...

O resto da aula pareceu durar uma eternidade. Quando acabou, Allie se levantou rumo à porta de cabeça baixa, decidida a não fazer contato visual com ninguém.

Muito menos Carter.

Foi a primeira a chegar à escada. E seus pés bateram com força nos degraus ao subir apressada, contando na cabeça.

... 31, 32, 33...

No santuário do próprio quarto, fechou a porta e se apoiou nela, olhando para o espaço impecável e tão familiar.

O que foi que acabou de acontecer? O Carter estava tentando me dizer que gosta de mim? Ou eu estou imaginando coisas? O Sylvain tem razão?

Estava tão cansada que não confiava em si mesma para pensar em coisas sérias agora. E a cama na qual não dormira na noite anterior parecia chamá-la. Derrubando a mochila no chão, ajustou o despertador para as seis da tarde e fechou a persiana, bloqueando a luminosidade. Parou apenas para tirar os sapatos e deitar completamente vestida. Era ótimo estar sozinha, e no frescor da escuridão pensou mais uma vez em Carter, antes de se esquecer de tudo e cair no sono.

QUINZE

Quando Allie chegou ao quarto de Jo, às seis e meia, ela e Lisa já tinham enchido o cômodo de vestidos e sapatos. Allie estava se sentindo muito melhor — mais normal. De alguma forma, o sono a tranquilizara. Independentemente do que acontecesse amanhã, hoje iria se divertir. Aproveitar o baile. Então a noite de ontem aconteceu. E daí? Já tinha passado por coisas piores. Não se importava com o que ninguém pensava a seu respeito antes de vir para a Cimmeria, e isso não ia começar agora.

Lisa, que ia ao baile com Lucas (“só como amigos, sabe?”), estava corada de tanta empolgação.

— Eu acho esse vestido simplesmente perfeito.

Sua animação era contagiante e Allie imediatamente passou a pensar de forma mais positiva em relação a tudo.

— Vai ficar lindo, eu tenho certeza.

— Sinceramente, só de poder passar um tempo com o Gabe já vai ser ótimo. — Jo suspirou. — Há dias que a gente mal se vê.

— Alguma pista do que está acontecendo? — perguntou Allie, pendurando o vestido branco sedoso na porta do armário.

Jo balançou a cabeça.

— Nem um pio. Só “tô trabalhando num projeto...”. — Ela engrossou a voz e utilizou um tom ligeiramente defensivo. Ficou tão parecido com o Gabe original que Lisa e Allie riram.

— É, o Sylvain já é mais “é imporrTANT o que estamos fazENDÔ” — disse Allie, e caíram na risada outra vez.

Uma bandeja prateada de sanduíches cortados em triângulos dominava a escrivaninha de Jo, junto com jarras de suco. Jo insistiu que precisavam comer alguma coisa antes de sair (“ano passado quase desmaiei no baile porque estava animada demais pra comer durante o dia”). Magra feito um caule de margarida, Lisa mordiscou delicadamente a borda de um sanduíche de pepino antes de repousá-lo em um guardanapo. Jo lhe lançou mais um olhar de aviso.

— Come, Lisa.

— Mas eu não estou com fome... — disse Lisa, afastando o sanduíche.

Allie, que não tinha comido antes de dormir, pegou um sanduíche de queijo e deu uma mordida grande.

— Meu Deus, como você pode não estar com vontade de comer? Eu tô faminta. *Morta* de fome.

Lisa, ainda indecisa quanto a como prender o cabelo e começando a entrar em pânico, sem dizer nada levantou uma revista, que estava aberta na foto de uma estrela loura com um penteado elaborado.

— Eu queria que você só me deixasse fazer a magia acontecer e parasse de se preocupar com isso — disse Jo. — Eu faço melhor do que isso. Aliás, Allie, vou fazer seu cabelo agora. Tenho a sensação que o da Lisa vai demorar uma eternidade.

Allie enfiou o resto do sanduíche na boca.

— Mmhp — respondeu, concordando enquanto sentava na cadeira.

— Exatamente. — Jo penteou o cabelo da amiga e começou a girá-lo suavemente com o laço.

— Adoro fazer o cabelo — revelou Allie, fechando os olhos. — É como receber uma massagem na cabeça.

— Se esse colégio caro não der certo pra mim, definitivamente vou abrir um salão em Mayfair em Londres. — Jo fez um coque habilmente e o prendeu no lugar. — Vou botar o nome de MayHair.

Allie riu.

— Você pensou mesmo no assunto. Tudo bem, então. Se seu colégio caro não funcionar, eu vou ser sua primeira cliente.

Conforme Jo previra, se arrumar demorou uma eternidade. Só o cabelo de Lisa levou séculos. No fim, e após muita discordância, fez um coque simples que realçou seu pescoço longo e esbelto.

— Está perfeito. — Lisa sorriu para si mesma no espelho. — Jo, você é um gênio.

— Eu sei — respondeu Jo, alisando o próprio cabelo em um belo estilo gamine. — Mas adivinha que horas são.

Allie olhou para o relógio e grunhiu.

— Depressa, meninas, a gente só tem mais dez minutos.

Pegaram os respectivos vestidos.

— Eu sabia que isso ia acontecer — disse Jo, colocando o vestidinho prateado por cima da cabeça. Allie puxou o zíper das costas para ela.

— Sabia mesmo. E nos fez um bem danado.

Enquanto Allie ajeitava o longo vestido branco, Jo calçava as sandálias de tira e se virava para ajudar.

Allie a olhou com admiração.

— Você parece uma estrela de cinema.

— Querida, pode até ser, mas você parece uma princesa de um conto de fadas.

Lisa estava com um vestido de seda azul e prateado com tiras delicadas, e um xale de seda combinando nas costas. Quando finalmente calçou os sapatos, Jo e Allie, irônicas, aplaudiram.

— Você tá linda, mas, meu Deus, como demora pra ficar pronta — comentou Jo.

Lisa pegou a bolsa carteira e sorriu sem rancor.

— Todo mundo diz isso.

— Espera! Ninguém sai do quarto até eu tirar uma foto. — Jo sacudiu na frente delas uma pequena câmera.

Puxou Allie e Jo para o espelho de corpo inteiro e elas se espremeram uma ao lado da outra, rindo. Quando todas estavam aparecendo no reflexo, Jo levantou a câmera e bateu a foto.

— Perfeita — disse, verificando a imagem. — Estamos lindas.

— Provavelmente a gente nunca mais vai ficar linda assim de novo — disse Lisa, sombriamente. Allie e Jo a encararam por um segundo e então caíram na gargalhada.

— Você é impossível, Dona Melancolia — disse Jo, abraçando-a. — Não me faz bagunçar o seu cabelo.

Saíram juntas pela porta às oito em ponto. Quando chegaram ao topo da escada, um grupo barulhento de meninos tinha se reunido na base, todos usando gravata branca.

As meninas ficaram paradas por um segundo enquanto o grupo levantava os olhos para elas e ficava em silêncio. Para Allie o instante pareceu surreal — como um sonho. Tinha tido um ataque e quase se afogado no lago ontem à noite, e, no entanto, cá estava apenas algumas horas depois, com um vestido lindo, com boas amigas. Parecia que estava vivendo a vida de outra pessoa.

Sylvain, Lucas e Gabe estavam no grupo, mas não havia sinal de Carter.

Ela se ajeitou e encolheu a barriga. Jo a encarou, deu uma piscada e estendeu-lhe a mão. Allie aceitou e se esticou para dar a outra mão para Lisa. Desceram as escadas juntas, como se fossem borboletas de seda num flamar conjunto.

Concentrada em não perder o equilíbrio nos saltos emprestados de Jo, Allie manteve os olhos nos degraus à frente. Quando levantou o olhar, Sylvain estava diante dela, sorrindo. Ela soltou a mão de Jo.

Sylvain a admirou abertamente ao levantar sua mão, beijá-la e tomá-la nos braços.

— Você tá linda — disse ele.

Ela viu calor e desejo nos olhos dele. Seu estômago tremeu.

Levantando o queixo, ela sorriu para ele.

— Você também tá. — E estava. Sylvain tinha tudo a ver com aquele terno escuro sob medida. O corte realçava os ombros e o tórax musculoso. Ele sorriu seu sorriso perfeito.

Allie sentiu uma onda repentina de dúvida. *Será que eu estou fazendo a coisa certa? Será que o Carter está falando a verdade?*

Como se o rosto dela tivesse traído o pensamento, Sylvain passou levemente os dedos em sua testa, alisando um cabelo invisível.

— Mal posso esperar pra dançar com você. Vamos entrar. — Sua voz era tão tranquilizadora e os movimentos muito seguros. Allie esticou os ombros e entrou com ele.

Ao se juntarem ao fluxo de alunos lindamente vestidos no salão, viram funcionários de smoking que se posicionavam perto das portas segurando bandejas com taças altas de champanhe. Cada um pegou uma ao entrar.

Lá dentro, Allie esperava encontrar uma discoteca. Em vez disso, viu uma cena elegantemente anacrônica se desenrolando na sua frente. Havia uma pequena orquestra em um dos cantos, tocando valsa. Em todos os lugares velas brilhavam: sobre as mesas, nos candelabros, em arandelas nas paredes, na lareira. Vasos de flores brancas cobriam todas as superfícies. As mesas estavam cobertas de linho branco; as cadeiras, envolvidas com laços brancos de seda. O cheiro de jasmim flutuava pela brisa.

Isabelle apareceu em um vestido branco esvoaçante de seda cilhado na cintura, com um cinto de corda dourada. Allie olhou para o próprio vestido e achou que, comparada a Isabelle, parecia uma menininha. Esticou o braço e puxou a mão de Jo para chamar sua atenção e apontou com a cabeça para a direção da diretora.

Jo sorriu como quem entendia.

— O que a gente pode fazer? Nossa diretora é gata.

Gabe os levou até uma mesa de canto. Por um momento, ficaram todos parados ao redor dela, de forma algo desconfortável.

— O que nós estamos esperando? — sussurrou Allie para Jo.

— Você vai ver.

Depois de um momento, Isabelle bateu levemente com uma colher de prata numa taça de champanhe, e a sala ficou em silêncio.

— Bem-vindos ao 223º Baile de Verão da Cimmeria.

Todos aplaudiram animadamente, e ela esperou que as palmas terminassem.

— Todo ano esta é uma ocasião muito especial. Nós nos reunimos para celebrar a escola, sua história e todos vocês; vocês são o futuro da Cimmeria. Os pais de muitos de vocês vieram a este baile anos atrás, e os avós e bisavós de

boa parte dos alunos antes disso. Vocês estão agora onde eles já estiveram. Jovens e esperançosos como eles foram. Agora fazem parte do ciclo. Inquebrável.

Isabelle ergueu a taça.

— Ao baile de verão. E à Academia Cimmeria.

— Ao baile de verão — ecoaram. — E à Academia Cimmeria.

— Divirtam-se! — gritou ela, rindo com os aplausos ruidosos.

Quando Sylvain puxou uma cadeira para Allie, ela se surpreendeu com a formalidade, mas então notou que Gabe e Lucas tinham feito o mesmo por Jo e Lisa.

Tradição, pelo jeito.

Allie, que só tinha tomado golinhos de champanhe no Natal, achou o gosto parecido com o da cidra que costumava tomar com Mark e Harry. Parou e ficou olhando para a taça. *Quanto tempo fazia que eu não pensava no Mark e no Harry?*

Ficou imaginando como eles estariam. Se continuavam arranjando problemas. O que quer que estejam fazendo, pensou, correndo os olhos pelo salão, não é nada nem parecido com isto.

Ergueu a taça outra vez. O segundo gole de champanhe foi melhor.

Foi então que a orquestra começou a tocar uma música extraordinária. Soava exótica, mas Allie não conseguia situá-la. Húngara? Turca? Mal começou e já dava para sentir no ar o entusiasmo, a eletricidade. Alguns casais começaram a dançar uma coreografia complexa que parecia envolver círculos dentro de círculos. Era vertiginoso assistir, e ela logo virou as costas, sentindo-se tonta.

— É uma canção tradicional da Cimmeria. — Sylvain a vinha observando. — Foi escrita pra própria escola há muito tempo por um compositor egípcio que estudou aqui.

— Nunca ouvi nada parecido — disse Allie.

A menina teria pedido mais informações, mas naquele instante passaram garçons com aperitivos e Gabe, Sylvain e Lucas se serviram de vários. Jo e Allie

pegaram um cada uma, mas Lisa dispensou a bandeja com um aceno. Jo franziu o rosto para ela, e Lisa deu de ombros inocentemente.

— É tudo tão bonito — comentou Allie, mordendo um camarão frito.

— Começaram a preparar tudo ontem de manhã — disse Jo. — Eu ouvi eles aqui martelando hoje também.

— Tudo perfeito — declarou Sylvain, sorrindo para Allie. — Acho que a gente devia dançar. Mas você tem que acabar seu champanhe primeiro.

Obediente, Allie tomou mais um gole, franzindo o nariz com a agradável sensação das bolhas no nariz.

— Com o tempo a gente vai gostando de champanhe — murmurou ela, meio que para si mesma. Os outros riram.

— É — disse Gabe alegremente. — Vai gostando mesmo.

— Não bebe rápido demais — alertou Jo, lançando um olhar de aviso a Sylvain.

Allie a dispensou com um sorriso.

— Lembra, mamãe, eu bebia bastante.

Jo não pareceu se tranquilizar.

— O champanhe da Cimmeria é bem forte, Allie.

— Ela vai ficar bem — respondeu Sylvain. Levantando-se, ele estendeu a mão. — Me dá o prazer dessa dança?

Ela sentiu formigamentos com o toque dele.

— Não faço ideia de como dançar essa música, Sylvain. Tô prevendo que vai ser uma humilhação se a gente dançar.

— Ah, não acho que vai chegar a isso.

O rosto dele era tão confiante que ela quase acreditou. Foram até a borda da pista de dança onde os casais ainda giravam em círculos elaborados. Moviam-se com uma velocidade impressionante e a perfeição derivada da prática, e Allie assistiu maravilhada. Viu Isabelle se movendo graciosamente nos braços de um homem bonito e de cabelos escuros que ela nunca vira antes. Ela era incrivelmente elegante e Allie suspirou com inveja.

— Como é que todos eles sabem dançar assim?

— Quase todos nós fizemos aulas de dança desde crianças.

— Que estranho as pessoas ainda fazerem isso.

— É? — Ele puxou Allie para os seus braços e levantou o queixo dela, de modo que ela olhasse para seus olhos mais azuis que o azul. Em seguida a segurou firme, com a mão direita na lombar da menina, colocando-a mais perto do peito, a mão direita dela na sua esquerda. — Parece muito estranho pra mim que alguém não faça isso. Essa noite eu vou te ensinar uma dança, uma simples. Me segue. Vamos começar bem devagar. É esquerda, direita, esquerda, esquerda, direita. Assim.

Ele demonstrou e ela o seguiu cuidadosamente. Inicialmente olhou para baixo, para os próprios pés, e pisou nos dedos dele, mas em seguida ele levantou-lhe o queixo com o indicador, para que seus olhos encontrassem os dele.

— Não olha pra baixo. Olha só pros meus olhos, eles vão dizer pra onde você vai a seguir. E é esquerda, direita, esquerda, esquerda, direita, sem parar. Está pronta?

— Não.

Sylvain riu, e girou-a para a pista de dança.

— Esquerda, direita, esquerda, esquerda, direita... Esquerda, direita, esquerda, esquerda, direita... — Allie murmurou as instruções para si enquanto se movia, mas manteve os olhos no rosto de Sylvain. Rodaram três círculos lentos sem nenhum erro. E então quatro. Cinco!

Allie não acreditava.

— Como é que você tá fazendo isso? — riu incrédula. — Sério, Sylvain, eu não sei dançar.

Ele manteve os olhos fixos nela, subindo e descendo com os passos.

— Nós estamos conseguindo porque você está confiando em mim. Eu conduzo. Você segue. É muito simples — explicou com um sorriso. — Além disso, a gente está indo muito, muito devagar...

Na medida em que rodaram e Allie ganhou confiança, Sylvain aumentou gradualmente a velocidade, até que estivessem se movimentando sem problemas pela pista.

Quando ela estava se movendo com confiança, Sylvain a beijou levemente no pescoço, logo abaixo da orelha. Todos os sentidos de Allie formigaram. Ele sussurrou:

— Você está tão linda essa noite, Allie. Obrigado por ter vindo comigo.

Allie sentiu o sangue correr para o rosto e seu corpo respondeu quando Sylvain a puxou para perto. Rodaram durante todo o tempo em séries suaves e constantes de círculos. Allie estava começando a ficar tonta — o resto do salão era um borrão em aquarela. Sylvain e ela estavam completamente sozinhos.

— Isso é incrível — sussurrou Allie.

Após o que pareceram apenas alguns minutos, os círculos os conduziram à borda da pista de dança e ele a levou de novo para a mesa, com o braço firme em sua cintura.

A cabeça de Allie estava girando e ela se apoiou nele para ter um suporte.

— Tô me sentindo tonta.

— É a dança. Você não tá acostumada.

Ela voltou a olhar para a pista e observou os dançarinos girarem. Alguns dos casais não eram exatamente perfeitos nos seus movimentos e os outros passavam por eles rodopiando, como água fluindo em torno de pedras.

Com uma mão, Sylvain ergueu duas taças de uma bandeja que passava.

— O que você precisa é de mais champanhe.

Allie aceitou a taça que ele lhe passou com um sorriso grato.

— Obrigada. Tô com muita sede. — A bebida estava gelada e refrescante, e ela engoliu rapidamente. — Sabe, estou começando a gostar muito de champanhe.

A risada de Sylvain era calorosa e ele estava tão perto de Allie que ela conseguia senti-la no próprio corpo.

— Você é que tá dizendo.

Allie procurou Jo na multidão de dançarinos. Seu vestido muito curto tornava fácil vê-la — era certamente o menor do salão. Ela e Gabe rodopiavam com segurança na pista de dança. Allie viu o vestido de Lisa esvoaçando não muito longe deles, enquanto ela e Lucas rodavam em círculos fáceis.

Mal notou Sylvain tirar a taça vazia de sua mão e a trocar por uma cheia.

Observando o salão, viu Ruth e Phil indo para a pista de dança, de mãos dadas — Ruth usava um vestido de seda rosa-claro que exibia sua figura atlética. Ali perto Jerry estava sentado, conversando confortavelmente com

Eloise, da biblioteca; ela usava um vestidinho preto sexy com decote nas costas e os cabelos longos estavam soltos.

— Ela não é nada velha — disse Allie, surpresa.

— Quem?

— A Eloise. Sempre achei que fosse velha. Ou ao menos, assim, mais velha. Sylvain sorriu.

— É, acho que ela quer que as pessoas pensem que ela é mais velha. Se soubessem que é tão nova, ninguém ia levá-la a sério. Ela estudava aqui há seis anos. — Olhou para a bibliotecária, analisando-a. — Muito sexy, Eloise.

Allie socou levemente o seu braço.

— Ei! Presta atenção. Lembra quem é o seu par.

O sorriso de Sylvain era endiabrado.

— Nunca me esqueceria. E, aliás, acho que é hora de o meu par dançar comigo de novo. Vai, acaba de beber. — Ele terminou a própria bebida e esperou até que ela tivesse esvaziado a taça antes de estender-lhe a mão.

Ao voltarem para a pista, ela se sentiu um pouco sem firmeza e tentou segurar o braço de Sylvain para se equilibrar. Nesse momento, Carter surgiu na frente deles. Seus olhares se encontraram e, lembrando da aula de inglês daquela manhã, Allie sentiu uma faísca de eletricidade. Notou então que ele estava com o braço ao redor de uma garota baixinha de vestido de tafetá azul. Era bonita, tinha cabelos louros, longos e ondulados. Antes que Allie pudesse lhe dizer qualquer coisa, ele se virou de forma bem deliberada e sorriu para a menina, sussurrando alguma coisa ao seu ouvido que a fez rir.

Allie corou e deve ter tensionado os músculos, pois Sylvain olhou para ver o que tinha lhe chamado a atenção. Quando viu Carter, seus olhos se enevoaram e seu braço segurou com mais força a cintura dela.

— Tá tudo bem? — perguntou Sylvain calmamente a Allie.

Forçando um sorriso, ela o puxou para a pista de dança.

— Tudo perfeito. — Mas ela notou que arrastara a última palavra e franziu o rosto se concentrando, tentando entender o porquê.

Putá que pariu — eu tô bêbada? Já?

— Você parece — disse ele ao darem os primeiros passos na pista — um anjo.

Carter estava bem ali na beira da pista, Allie tinha certeza. Provavelmente estava de olho neles. Com o seu par.

Tudo bem então. Ela lhe daria alguma coisa para olhar.

Puxou Sylvain mais para perto.

— Mas não me sinto como um anjo.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, e começaram a dançar mais rápido. Desta vez os passos de dança eram mais fáceis e, a princípio, Allie relaxou com o movimento e a música, e deixou Sylvain escolher a direção que tomavam na pista. Ela sentia a cabeça leve e agradavelmente tonta. Sucumbiu à sensação com um suspiro suave, apoiando-se de novo no braço de Sylvain e deixando totalmente por conta dele segurá-la. Sentiu as lufadas do ar ao redor deles.

Sylvain a puxou mais para perto até seus lábios encostarem na orelha dela; quando mordeu o lóbulo, Allie engasgou e teria tropeçado se ele não a estivesse segurando com tanta firmeza.

Depois disso ele ficou tanto tempo calado que Allie olhou preocupada.

— Tá tudo bem?

— Desculpa — disse, com a voz tensa. — Você é irresistível. — A expressão de Sylvain era tão intensa que a deixou nervosa.

Rodopiando, ele os levou para a beira da pista de dança e dali, apressadamente, para fora da sala. Sentindo-se meio alta, Allie segurou-lhe a mão enquanto ele corria noite escura afora, passando por um pequeno grupo reunido perto da porta dos fundos, e dali dobrando a esquina para um canto silencioso, longe das vistas alheias.

Allie tentou falar sem enrolar a língua.

— Onde a gente...?

Ele a empurrou com força contra a parede e Allie gritou com o impacto, ainda que o tenha sentido como se tivesse sido amortecido por uma almofada de lã.

— Para! Sylvain, você tá me machucando.

Os olhos dele reluziam ao luar e ela viu algo como ferocidade neles.

— Nem mais um segundo. — Sylvain a beijou com tanta violência que ela bateu com a cabeça na parede e mordeu a língua. Lágrimas encheram seus olhos com o golpe. Ela lutou para escapar, socando o peito dele, mas tudo lhe parecia um pouco nebuloso e, em mais um segundo, ela não conseguia se lembrar por que estava lutando.

Uma vaga lembrança do alerta de Carter passou pela cabeça dela em meio à confusão: *não confia no Sylvain. Ele é um mentiroso.*

Então Sylvain levantou o queixo de Allie e a beijou no pescoço. Por um segundo ela gostou, mas então o rapaz mordeu a pele dela com tanta força que a machucou e a menina arfou, seu corpo se movimentando involuntariamente contra o dele ao tentar escapar. Mas não conseguia se mover: Sylvain fazia pressão contra ela. As mãos foram dos quadris para os seios de Allie, que começou a entrar em pânico de verdade. Uma lágrima correu por sua bochecha ao empurrá-lo com força, mas não pareceu provocar qualquer efeito nele.

— Você me quer — sussurrou ele. Levou a mão ao pescoço de Allie, segurando com tanta força que a menina teve dificuldade para respirar.

— Para! — Sua voz não passava de um sussurro.

Ela arranhou os pulsos de Sylvain, mas ele era forte demais.

— Fala — disse, pressionando com mais força. — Diz que me quer.

— Pergunta a você mesmo, Sylvain. Se você força alguém a te querer, a pessoa te quer de verdade? — A voz de Carter veio logo de trás de Sylvain.

Sylvain afrouxou a pegada o bastante para que Allie conseguisse respirar, mas não a soltou ao se virar para encarar Carter. Enquanto ela recuperava o fôlego, o sorriso de Sylvain era selvagem.

— Ah, vai embora daqui, Carter.

Carter permaneceu onde estava.

— O que você está tentando forçar ela a dizer, Sylvain? Me explica direitinho. Como se eu fosse burro.

— Isso não é da sua conta, Carter. Seu ciúme é patético.

— Fala isso pra Isabelle. E aproveita e conta o que você tava prestes a fazer com a Allie. Aí vocês podem ter uma conversa longa sobre as Regras.

Tonta e aturdida, Allie lutou para se libertar enquanto olhava de um menino para o outro. Lambeu os lábios e tentou falar claramente.

— Carter, o que tá acontecendo? Eu não estou entendendo...

Carter manteve a atenção em Sylvain.

— Não, mas o Sylvain está, não é, Sylvain?

Os olhares dos dois se encontraram num gélido confronto. Por um segundo Allie achou que Sylvain não fosse recuar e imaginou o que Carter faria. Mas então, sem qualquer aviso, Sylvain a soltou e se afastou dela.

— Tudo bem, Carter. Seja o herói. Salve a menina. Mas nós dois sabemos que você é patético. E é a mim que ela quer.

Contraindo os ombros e cerrando os punhos, Carter deu um passo enfurecido à frente, mas antes que pudesse socar, gritos cortaram a noite. Carter e Sylvain gelaram.

Carter se voltou para Allie, a raiva já distante do seu rosto. Agora estava alerta; de guarda.

— Allie, fica aqui. Não sai daqui.

Sylvain nem se voltou para ela e os dois já saíram correndo na direção do outro lado do prédio.

Tremendo, Allie ficou exatamente onde a deixaram. Quando esticou a mão para tocar a parte de trás da cabeça sentiu um galo sob as pontas dos dedos.

Como é que eu fiquei tão bêbada? E que porcaria é essa que acabou de acontecer?

Ela cruzou os braços com força sobre o peito. Estava toda dolorida; sabia que teria hematomas nos braços ao acordar e sua cabeça doía muito. Sylvain estivera louco, mas Allie não havia lutado direito. Não havia se defendido direito.

Bêbada demais, pensou, enojada. Ou... sua expressão mudou, ele pôs alguma coisa na minha bebida?

Ela não era inexperiente com bebida alcoólica e também nunca tinha ficado bêbada com uma lata de cidra. E só havia tomado três taças de champanhe. Enquanto a ideia tomava forma, um olhar horrorizado passou pelo seu rosto.

O Sylvain faria uma coisa dessas?

Gritos estridentes, antes que ela pudesse completar o pensamento. O som vinha de perto; logo da esquina. Ela saltou de volta para as sombras, pressionando a coluna contra a parede.

Ouviu ruídos de algo quebrando; sons de luta. E então, silêncio.

Prendeu a respiração.

Mais um instante, e passos na escuridão. Correndo na sua direção. Depressa.

— Carter? — arriscou perguntar.

Os passos pararam.

Arfando, Allie se deu conta do erro. A onda de adrenalina lavou o torpor do álcool e ela se encostou na parede novamente, os tijolos frios contra sua pele. Se encolheu o máximo possível. Apesar de não conseguir enxergar nada, havia alguém ali; podia sentir a pessoa olhando para ela. Congelada, sem respirar, contou as batidas do coração.

... 10, 11, 12...

Passos vieram em sua direção outra vez. Mais devagar agora.

Jogando-se para longe da parede, Allie correu pela esquina em direção à entrada da escola. Os passos a seguiram. Depressa.

Ela acelerou o passo para escapar deles e então tropeçou em alguma coisa macia no chão. Gritando, perdeu o equilíbrio e caiu rodopiando no chão.

Sobre a grama fria e úmida, ela se encolheu toda e cobriu a cabeça esperando o ataque. Que não veio. Em vez disso, ouviu os passos se afastarem depressa, sumindo gradualmente noite adentro.

Allie ficou parada por um instante até ter certeza de que estava sozinha. Sentou-se com cuidado, então, e olhou em volta.

Suas mãos estavam cobertas por alguma coisa molhada e grudenta. Enquanto os olhos se ajustavam, viu que tinha tropeçado numa menina de vestido claro, deitada de bruços no chão. Tocou a menina com cuidado, mas ela não se moveu. Com as mãos nos ombros da garota, virou-a de frente.

— Ei, tá tudo bem?

Então ela viu. E engoliu a respiração.

O mundo pareceu ficar em silêncio total.

Allie se afastou da garota aos tropeços, olhando fixamente para o vulto no escuro.

Entorpecida, levantou cambaleando e caminhou a passos lentos para a porta dos fundos. Lá dentro as luzes haviam se apagado e o corredor estava escuro e caótico. Cheirava a fumaça. As pessoas gritavam e passavam correndo por ela. Allie se sentiu desencarnada — distanciada de tudo ao seu redor. Olhou direto para a frente, com as mãos ensanguentadas abertas, cada uma de um lado do corpo.

Sem parar, pensou as mesmas palavras: *nada disso é real. Não pode ser real. Nada disso é real. Não pode ser real...*

Ao voltar na direção do salão, a fumaça se tornou mais espessa, fazendo-a lacrimejar. O salão, tão lindo mais cedo, com velas piscando e flores brancas, estava pegando fogo. As únicas luzes vinham de algumas lanternas carregadas por professores, e do próprio incêndio. À meia-luz, meninos de smoking batiam nas chamas com toalhas de mesa molhadas enquanto meninas com vestidos de gala carregavam água usando qualquer coisa que conseguissem encontrar: baldes de gelo, vasilhas de ponche, vasos de flores. O chão estava cheio de sapatos de salto alto abandonados e taças de champanhe quebradas.

As chamas eram baixas e começavam a apagar; claramente os alunos estavam vencendo a batalha. Mas a fumaça intensa era o principal problema. Era difícil respirar.

— Abre uma janela! — gritou alguém.

— Não! — veio uma resposta firme. — Vai piorar os focos de incêndio. Se precisar dar um tempo, vai lá pra fora.

De alguma maneira, a reconhecível voz severa de Zelazny trouxe conforto a Allie, que estava no meio da sala, chocada, sem conseguir assimilar tudo.

— Allie, você tá bem? — Jo surgiu ao seu lado, com o rosto coberto de fuligem, e um jarro vazio na mão. — Meu Deus. De onde veio o sangue? Você tá machucada?

Derrubando o jarro, pegou a mão ensanguentada de Allie, virando-a, procurando machucados aparentes. Allie balançou a cabeça, mas por um

segundo não conseguiu encontrar sua voz. Seus lábios se moveram, mas nenhum som saiu.

— Allie, você tá me assustando. — Lágrimas surgiram nos olhos de Jo. — Por favor, por favor, por favor, me diz que você tá bem.

Suas palavras incomodaram Allie e, subitamente, a verdade jorrou dela, que agarrava as mãos de Jo com tanta força que devia estar machucando-a.

— Ai, meu Deus, Jo. Teve gritos e... tem sangue... em todo lugar.

Os olhos azuis de Jo estavam arregalados de medo — as mãos apertaram as de Allie com tanta força que doeu.

— Allie, por favor, tenta explicar, de onde é esse sangue?

Allie olhou fixamente para as mãos.

— Jo, esse sangue é da Ruth. Ela tá lá nos fundos. A garganta dela tá... cortada. Feio. Eu acho que ela tá morta.

Engolindo em seco, Jo girou gritando desesperada:

— Jerry!

Allie viu Jo correr, em meio ao escuro e à fumaça, na direção do professor que batia em brasas incandescentes com uma toalha de mesa ensopada. O rosto dele estava negro de fuligem. Eloise estava por perto, os cabelos longos emaranhados nas costas. Ela havia tirado os sapatos e esguichava espuma de um extintor de incêndio.

Jo falou rapidamente, seu rosto em pânico. Allie não entendia as palavras.

Jerry e Eloise trocaram um olhar. Eloise entregou o extintor a uma professora e os dois saíram correndo do salão.

Quando Jo voltou para o seu lado, Allie olhou em volta.

— Cadê a Lisa?

Jo mordeu o lábio.

— Não consegui achar nenhuma de vocês em lugar nenhum.

— Então você não viu ela hora nenhuma? — Allie ouviu a histeria na própria voz, mas não conseguia evitar. — Jo, ela pode ter se machucado! Pode estar... igual à Ruth.

Lágrimas encheram seus olhos e Jo agarrou-lhe as mãos ensanguentadas.

— Fica calma, Allie. Eu não tive como procurar por ela. — Olhou ao redor. — Parece que quase todo o fogo já apagou. Vamos procurar juntas.

Movendo-se rapidamente, Jo cruzou o salão puxando Allie consigo. Passaram pela fumaça que resistia, verificando todas as pessoas que conseguiam encontrar.

Nada.

— Lá na frente. — Jo corria à toda agora, e Allie vinha logo ao lado. Miraram a porta da frente e então frearam. No hall de entrada, um corpo frágil com um vestido azul e prateado estava deitado imóvel no chão de pedra, um embrulho comprido e fino esticado de cada lado dela, como que soprado em uma brisa que somente ela podia sentir. Um suporte de vela comprido de madeira estava caído em cima do corpo.

— Ah, não. — As palavras de Jo saíram num sussurro enquanto as meninas corriam para perto de Lisa.

Allie se abaixou e pegou a mão de Lisa.

— Ela tá viva — declarou.

Jo tirou o suporte de vela de cima dela e jogou-o para o lado. O cabelo de Lisa tinha caído na cara e Allie o retirou gentilmente, revelando um corte profundo na bochecha. Jo soltou um gritinho e sua mão cobriu a boca, os olhos cheios de lágrimas.

— Lisa? Lisa, acorda. Tá me ouvindo? A gente precisa que você acorde. — Allie pronunciou a última palavra com tanta força que pareceu reverberar.

Viu gotículas caindo no vestido de Lisa e levou um instante para perceber que estava chorando. Enterrando o rosto nas mãos, soluçou, enquanto Jo chorava ao lado.

— Acorda.

DEZESSEIS

Nas horas caóticas que sucederam o ataque, os professores conduziram os alunos à sala de refeições, então de luzes apagadas, e tentaram acalmar o pânico. Funcionários traziam caixas de lanternas e as entregavam, enquanto as enfermeiras montavam um posto num canto. Os feridos fizeram fila para receber curativos nos machucados, verificar queimaduras e colocar talas em tornozelos torcidos ou quebrados.

A sala, de maneira geral, estava livre da fumaça que permanecia nos corredores, mas, em vez disso, o ar estava tomado por choros abafados de alunos e conversas brutalmente eficientes da equipe médica.

— Me passa esses curativos.

— Esse tornozelo precisa de um balde de gelo, tem algum sobrando?

— Injeção de antibiótico.

Lisa permanecia inconsciente e foi levada por dois funcionários para o posto de enfermagem. De início, Jo e Allie insistiram em ir com ela, circulando a maca como pássaros estridentes. Mas Eloise as convenceu a ficar.

Eloise tinha uma mancha de fuligem em uma das bochechas e ainda estava com o vestidinho preto. Apesar de os sapatos já terem desaparecido há muito tempo, seus olhos estavam acesos e incansáveis.

— Prometo que ela vai ficar bem. Ela precisa descansar. A gente precisa muito da ajuda de vocês aqui. Por favor, me digam que eu posso contar com vocês.

Ainda que relutantes, elas fizeram que sim e Eloise as mandou subirem para se limparem do sangue e trocarem de roupa.

Enquanto subiam as escadas, o ruído medonho das consequências da tragédia ia sumindo aos poucos no silêncio escuro da ala dos dormitórios. Jo segurava a mão de Allie. A cabeça de Allie latejava e o estômago revirava. Achava que podia vomitar.

Quando se separaram no topo, Jo falou:

— Aqui é seguro, né?

— Ela não teria mandado a gente pra cá se não fosse — respondeu Allie, mas sua voz estava incerta.

— Tudo bem. Seja muito, muito rápida. Eu te encontro no banheiro.

Allie abriu a porta do quarto lentamente e correu a lanterna para verificar que estava vazio. No escuro, ele parecia estranho — como se não tivesse qualquer ligação com ela, e seus pertences tivessem sido colocados ali a esmo. Ela correu até o armário, agarrando a roupa que apareceu primeiro.

Mais tarde, num banho frio e escuro, iluminado apenas por uma lanterna apoiada nos sapatos emprestados de Jo, ela esfregou furiosamente o sangue do corpo. O frio e a água desanuviaram sua cabeça, como se estivesse lavando todos os acontecimentos da noite. Jo esperou pela amiga perto de uma pia, balançando a luz ao redor do recinto. Ocasionalmente uma chamava a outra só por segurança.

— Ainda tá viva?

— Sim. E você?

— Acho que sim.

Quando acabou, Allie deixou o vestido branco estragado e os sapatos prateados cintilantes no chuveiro.

Ela e Jo correram para o andar de baixo, onde a atmosfera de pânico havia se transformado numa de sinistra eficiência.

Fachos de lanterna esvoaçavam pelos corredores enquanto alunos carregavam móveis queimados para fora do salão. Do lado de fora da porta dos fundos, um gerador roncava firmemente e cabos pretos espessos se esticavam como cobras pelo corredor até o salão, onde holofotes produziam um brilho alienígena no espaço ainda em combustão latente.

Professores armados de pranchetas orquestravam o trabalho. Alguns se colocavam de pé sobre cadeiras e gritavam instruções, enquanto outros estavam recolhidos aos cantos em pequenos grupos sussurrantes.

Jo e Allie estavam lado a lado, examinando o recinto.

— Bom, acho melhor a gente achar a Eloise — disse Allie, com a voz trêmula.

Mas em vez da bibliotecária encontraram Isabelle empoleirada perigosamente numa cadeira frágil de madeira, emitindo ordens calmamente para professores e alunos que trabalhavam ao redor. Seu vestido branco estava manchado de fuligem, mas fora isso perfeito, apesar de o cabelo ter escapado dos prendedores e estar caído em ondas sobre os ombros. Pareceu aliviada em vê-las — principalmente Allie.

Abaixou para pegar as mãos da menina, e a puxou mais para perto. Falando tão baixo que só Allie conseguia ouvir, disse:

— Sinto muito que você tenha tido que ver aquilo. Você está bem?

Ao olhar nos olhos preocupados de Isabelle, Allie foi varrida por uma torrente de emoções conflitantes. Quis chorar por Ruth e por si mesma. Quis abraçar a diretora por se importar. Em vez disso, combateu as lágrimas e fez que sim com a cabeça para mostrar que estava bem. Dando um aperto final nas mãos de Allie, Isabelle se levantou de novo.

— Ok, vocês duas — disse a diretora, totalmente profissional outra vez. Entregando-lhes uma prancheta com um lápis pendurado por uma corda, continuou: — Preciso ter certeza de que nós sabemos onde está todo mundo. Ao todo, tem 52 alunos aqui nesse semestre. Identifiquem todos que puderem encontrar. Procurem na área central do térreo; não procurem nas alas e nem lá em cima. Não saiam do prédio em hipótese alguma.

Um grupo de professores se aproximou e Isabelle virou de costas para lidar com eles.

Inicialmente, Allie e Jo ficaram estressadas — estava muito escuro e as pessoas passavam por elas feito borrões. Mas depois bolaram um sistema, marcando os nomes de todos que já tinham visto, e então partindo para os alunos que não reconheciam.

O trabalho acalmou os nervos das duas. Foram de sala em sala riscando nomes da lista enquanto o número de alunos desaparecidos diminuía. Depois de mais ou menos uma hora a eletricidade foi restabelecida, o que facilitou a tarefa. O cheiro amargo de queimado permaneceu, mas o ar clareou gradualmente.

Durante aquilo tudo, Allie teve uma estranha sensação de distância — de estar se assistindo na televisão enquanto andava pela escola fazendo o que tinha que ser feito. Não conseguia nem sentir a própria exaustão. Seu corpo se movia, mas ela se sentia desconectada das ações.

Quando o sol surgiu, cerca de 21 alunos da lista ainda não tinham sido encontrados. Entre eles Gabe, Carter, Sylvain, Jules e Lucas.

— Onde você acha que eles estão? — perguntou Allie.

— Na Escola Noturna. — Jo esfregava a testa e sua voz soava fatigada. — Eles são todos da Escola Noturna. Procuramos em todo canto, isso é o máximo que a gente vai conseguir. Vamos lá entregar.

Depois de procurarem na sala de refeições e na biblioteca, acharam Isabelle com Jerry e Eloise no salão vazio. O fedor de madeira e gesso queimados era forte e enjoativo. A luz ainda estava apagada e o gerador tinha sido desligado. Estava escuro, difícil de enxergar. Uma luz ambiente desbotada, oriunda do corredor, brilhava sobre as partículas de fumaça que ainda dançavam pelo ar. Pareciam, Allie pensou, pequenos cristais negros. Dava para ver que uma parede estava completamente escurecida até o teto. Pequenas pilhas de cascalhos ainda ardiam sem chamas aqui e ali. Mas fora isso, a sala estava menos danificada do que ela esperava.

Isabelle examinou a lista rapidamente e a entregou a Jerry, que a revisou e acenou afirmativamente com a cabeça.

— Obrigada, vocês duas — disse Isabelle. — Fizeram um ótimo trabalho.

— Mas ainda tem muita gente sumida! — protestou Allie.

Isabelle tinha olheiras sob os olhos avermelhados. Parecia tão cansada que Allie se sentiu culpada por incomodá-la.

— Nós sabemos onde eles estão, e estão bem — revelou ela, colocando o braço em volta de Allie. — Não se preocupa com eles.

— São os caras da Escola Noturna, né? — Os braços de Jo estavam firmemente cruzados sobre o peito.

— Você sabe que a gente não pode conversar sobre a Escola Noturna com você, Jo. Mas imagino que também saiba a resposta da própria pergunta. — A voz de Eloise estava aguda.

Jo se manteve firme.

— Desculpa, Eloise. Só acho que seria bom se nós fôssemos um pouco mais honestos agora do que normalmente somos.

Isabelle apertou gentilmente o ombro de Allie e o soltou antes de se virar para Jo.

— E muitos professores concordariam com você — disse, para surpresa de Allie. — Mas agora nós temos que sobreviver às próximas 24 horas.

— Quantas pessoas foram... mortas? — A voz de Allie estava pequena.

— Uma, Allie. — A voz de Isabelle estava carregada de solidariedade. — E eu sinto muito que você tenha tido que ver aquilo. Se quiser conversar sobre o assunto com algum de nós... estamos aqui a qualquer hora.

Allie, que achava que não pudesse sentir nada, ficou surpresa ao sentir uma lágrima escorrendo por sua bochecha.

De onde veio isso?, imaginou, limpando-a.

De saída, Jerry apertou seu braço e Eloise a envolveu num abraço caloroso.

— Aguenta firme, querida — sussurrou a bibliotecária.

Quando os dois se retiraram, Jo se voltou novamente para Isabelle.

— Como está a Lisa? A gente pode ver ela?

— Ela ainda não acordou. O médico disse que precisa descansar. — Isabelle olhou preocupada para elas. — Gostaria muito que vocês dessem um tempo e fossem comer alguma coisa. Eu acho vocês lá se a gente precisar de vocês.

Apesar de ser difícil sequer imaginar comer, a insistência dela fez Jo e Allie descerem o corredor escuro. A sensação na sala de refeições era de silêncio e exaustão. Amanhecia e a luz entrava pelas janelas com uma alegria inadequada. Cansados, alunos sujos se sentavam ou dormiam na maioria das mesas — com pratos semidevorados na frente deles. Num dos cantos da sala, havia uma mesa

de bufê com pilhas altas de sanduíches, e grandes jarros metálicos conservavam café e chá.

Ficaram na frente da mesa, olhando para a comida. Parecia estranho se importar em comer agora, mas depois de fazerem os respectivos pratos encontraram uma mesa desocupada; empurraram as xícaras e pires usados para terem espaço. Por algum tempo comeram num silêncio de exaustão. Jo sentou com as pernas cruzadas na posição de lótus, os cabelos louro-platinados afofados numa auréola desalinhada. Allie dobrou a perna para pôr um dos pés no assento e apoiou o cotovelo no joelho. Em repouso, seu rosto estava pálido e preocupado. Ela terminou o sanduíche e empurrou o prato.

— O que você viu? — fez a pergunta sem qualquer aviso prévio.

Jo pareceu confusa por um instante e então arregalou os olhos.

— Ontem à noite?

Allie fez que sim com a cabeça.

Jo repousou a xícara de chá, e sua expressão se tornou sombria.

— Ai, Allie, foi uma loucura. Onde você tava? Primeiro tava tudo lindo, sabe? Eu e o Gabe estávamos dançando, de repente fez um barulho, que nem uma explosão, e as luzes se apagaram. Aí ficou tudo muito confuso, porque tava totalmente escuro, todo mundo correndo pra onde achava que ficava a porta e as pessoas começaram a gritar que não conseguiam sair e aí derrubaram uma mesa e o fogo começou, e a fumaça foi... horrível. Horrível mesmo. Eu e o Gabe nos abaixamos pra poder respirar e fizemos tipo umas máscaras de ar com guardanapos. Nós fomos pra longe do fogo, e aí ele disse que tinha que ir e ver o que tava acontecendo, tipo, por que as pessoas não tavam saindo do salão. E aí ele... sumiu.

Allie esperou por mais, mas Jo parou, quebrando a casca do pão em pedacinhos.

— E o que aconteceu? — cutucou Allie.

— Tava escuro. Eu só... ouvia gritos e a fumaça era um horror. Acho que a porta tava trancada, alguma coisa assim, porque de repente eu ouvi uma batida e aí veio o ar fresco, mas isso piorou o fogo. As pessoas começaram a apagar as chamas com água e extintores, aí começou a dar pra sair e foi quando você entrou.

Jo suspirou e deu mais uma mordida no sanduíche, mas Allie viu que ela agora estava se forçando a comer.

— Você viu o Gabe depois disso?

Jo balançou a cabeça e uma lágrima correu pela sua bochecha.

— Eu tô tentando não ser boba. A Eloise disse que todos estão bem, então ele tá bem. É só que ele... me largou ali. Num incêndio.

Ela escondeu o rosto nas mãos e Allie percebeu que a amiga estava chorando.

— Ai, amiga... — Allie esticou a mão para apertar o braço dela e tentou pensar em alguma coisa para dizer. — Ele se certificou que você tava segura antes, não foi? Foi a primeira coisa que ele fez. E sabe o que mais? Ele bota fé que você é forte, que sabe tomar conta de si mesma. E isso até que é legal.

Jo concordou com a cabeça, apesar de claramente não estar convencida, e então fechou os olhos e inclinou-se sobre cotovelo.

— Estou tão cansada.

Allie puxou a cadeira mais para perto e apoiou a cabeça de Jo em seu ombro.

— Eu também.

Em mais alguns instantes, as duas estavam dormindo abraçadas.

O barulho de movimento as acordou pouco tempo depois. O grupo da Escola Noturna havia voltado.

Gabe foi o primeiro a atravessar a porta. Assim que o viu, Jo voou pela sala e se atirou nos braços dele. Desapareceram pela porta conversando aos sussurros.

Sylvain vinha logo atrás de Gabe. Allie, que sentia que não tinha tido tempo de processar o que se passara entre eles na noite anterior, ainda não estava pronta para vê-lo. Abaixou-se no assento e encarou a xícara vazia, torcendo para que ele não a notasse.

Não tinha tido um segundo para pensar no que se passara entre eles na noite anterior. Ou sobre como tinha ficado bêbada tão depressa.

Ao pensar na noite anterior, passou os dedos distraidamente sobre o calombo na cabeça. Estava menor, mas ainda doía.

Quando Carter e Lucas entraram, alguns minutos depois, Allie sentiu uma onda de alívio. Ambos pareciam cansados e imundos — seus rostos manchados de sujeira e os cabelos molhados de suor.

Enquanto Carter fazia o prato e pegava um café, ela ainda mantinha a cabeça baixa, de forma que ele não a notou. Mas Lucas a viu imediatamente.

— Alguma notícia da Lisa? — perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Nada ainda.

Os lábios dele se contraíram.

— Eu tô me sentindo péssimo por... Eu queria só ter estado com ela.

Percebendo quão desgastado e derrotado ele parecia, Allie o abraçou.

— A Isabelle disse que ela vai ficar bem e eu acredito nisso. — Ele fez que sim com a cabeça no ombro de Allie. — É melhor você dormir, Lucas. Tá com uma cara péssima.

Lucas conseguiu dar um sorriso.

— Obrigado, Allie. Você parece o Carter, ele tava me dizendo a mesma coisa.

Enquanto Lucas se afastava, Allie procurou Carter. Estava sozinho sentado junto a uma das mesas mais afastadas com as pernas esparramadas. Comia com uma perfeição mecânica; olhos fixos no prato, como se realmente não quisesse ver mais nada.

Ela esperou até que Carter tivesse acabado de comer antes de ir até ele. O desgaste deixara seu rosto tão vulnerável que Allie perdeu o fôlego — parecia um menininho. Mas o olhar cauteloso retornou quase imediatamente. Puxando uma cadeira, ela não esperou que ele a convidasse para sentar.

— Oi — disse Allie.

— Oi também. — A voz de Carter estava distante.

Ela examinou o rosto dele.

— Tá tudo ok?

— Eu tô bem. — Carter olhou para ela. — Tudo ok?

Allie deu de ombros.

— Eu tô viva.

— Eu soube da Ruth...

Ela levantou a mão por reflexo.
— Não quero conversar sobre isso.
— Desculpa — disse ele.
— A culpa não é sua. — Afastou da mente imagens sombrias do corpo de Ruth. — É só que... eu não consigo falar disso agora. Não tô pronta.
— Tudo bem. — Tomou um gole do café.
Um silêncio se abateu sobre eles.
Allie esperou três respiradas.
— Carter?
— Quê?
— Você viu o Phil? Ele tá bem?
Carter balançou a cabeça.
— Não tá, não. Tá arrasado. Ele se culpa por não ter estado com ela quando tudo aconteceu, coitado. Vai voltar pra casa por um tempo.
Allie absorveu esta informação antes de falar novamente.
— Sobre ontem à noite...
— Allie... — Carter lançou a ela um olhar de alerta, mas ela o ignorou.
— Eu tava bêbada? Ou, sei lá... drogada? Quer dizer, eu já fiquei bêbada antes, e eu sei como se fica bêbada, óbvio. Mas eu só tinha tomado *três* taças. E eu... Bom, não sei exatamente o que deu em mim.
— Eu também não sei o que deu em você, Allie.
Seu tom era de acusação, e ela se inclinou para longe dele, ferida.
— Ei. Isso não é justo.
— Quer saber o que eu acho? — Seus olhos escuros brilharam de raiva reprimida. — Acho que você bebeu demais e confiou no Sylvain. Eu tentei te avisar.
— Eu sei! Eu sei que você tentou. — Ela também estava com raiva, mas sua raiva era de si mesma. — A culpa foi toda minha. E eu sinto muito por não ter te ouvido. Fui burra. Sou uma idiota, tá bom? Me perdoa agora?
A expressão dele suavizou.
— Olha, Allie, é só que... eu já te disse isso antes. Você não tá aqui há tempo suficiente pra entender como as coisas são nessa escola. Só toma

cuidado, tá? As coisas não são sempre o que parecem. As pessoas não são sempre *quem* parecem ser.

Apesar de o tom de Carter estar mais gentil, o aviso a fez gelar.

Que colégio é esse, afinal? Quem é essa gente? Uma sensação de preocupação queimou seu estômago. *Posso confiar em alguém? Até mesmo no Carter? Ele sempre foi tão irritante, mas será que já mentiu alguma vez?*

Ela estudou a expressão séria de Carter, então esticou a mão e tocou-lhe o braço.

— Obrigada, Carter.

Surpreso, ele ergueu uma sobrancelha.

— Pelo quê?

— Você meio que me salvou da minha burrice ontem. Já foram duas vezes em 24 horas. Em alguns países eu te deveria minha vida, meu primeiro filho, algo assim.

Ele abriu um quase sorriso, mas ela ainda viu certa reserva nos seus olhos.

— Só... acredita em mim da próxima vez, tá?

Ela fez que sim com a cabeça vigorosamente, mas tudo que falou foi:

— Tá.

Ao se inclinar para trás na cadeira e tomar um gole do café que estava esfriando, ele cerrou os olhos e os fixou em alguma coisa atrás dela. Allie virou. Do outro lado da sala de refeições, Sylvain estava sentado sozinho, perfurando-os com o olhar. Ela pôde sentir a raiva irradiando dele como calor.

Carter retribuiu o olhar, sem se esquivar.

— Ai, saco — Allie murmurou.

— Você vai ter problemas com ele — disse Carter, virando-se para ela. — Ele é poderoso por aqui e não vai ficar feliz se não tiver o que quer. E o que ele quer é você.

Encarando Sylvain destemida, Allie disse:

— Que pena. Porque ele não pode me ter.

Chegando a cadeira para trás, ela se levantou e foi na direção em que Sylvain estava sentado, na frente da sala. A expressão dele era intimidante, mas

ela agora estava sóbria. Inclinou-se até que as mãos se apoiassem no braço da cadeira de Sylvain e seu rosto estivesse a poucos centímetros do dele.

Ao falar, sua voz soou como um sussurro ameaçador.

— Aquele foi o pior encontro da minha vida. E entre nós. Acabou. Tudo.

Ela esperou apenas o suficiente para cronometrar o olhar surpreso no rosto dele e então se virou para a porta. Com o canto do olho, viu Carter sorrir.

Ao subir as escadas para o dormitório feminino, contou cada passo. Chegando ao quarto, 61 passos depois, abriu a porta.

Estava tudo como ela havia deixado horas atrás. As gavetas da cômoda ainda estavam abertas. As roupas que ela espalhara pelo chão em sua procura apressada por alguma coisa para vestir no meio da madrugada continuavam lá.

Respirando fundo, deu o passo de número 62 para dentro do quarto e iniciou o processo de fazê-lo parecer seguro de novo. Primeiro pegou e guardou as roupas; depois organizou a já organizada escrivaninha e fechou a porta do armário. Finalmente, quando tudo estava perfeito, fechou a persiana para bloquear a luz do dia, tirou os sapatos e deitou por cima da colcha. Estava totalmente exausta. Mas também estava elétrica demais para conseguir dormir.

Por meia hora virou de um lado para outro enquanto os eventos da noite giravam em sua mente como os dançarinos do baile. *Quem matou a Ruth?... O Carter deve me achar uma vagabunda... Eu tava bêbada? A Jo disse que o champanhe era forte... Mas a Ruth tava... Ela tava...*

Imagens escuras e borradas do corpo ensanguentado de Ruth lhe causaram ânsia de vômito e ela se sentou de repente, com o coração acelerado e as mãos molhadas de suor.

Não conseguia respirar.

Ar. Preciso de ar.

Saltando da cama, cambaleou até a escrivaninha e abriu a janela. A luz do dia inundou o quarto e ela respirou engasgada o ar fresco, caloroso...

— Ai!

A voz do lado de fora da janela a assustou tanto que ela quase caiu da escrivaninha ao chegar para trás. Agarrando a cadeira como se isso fosse protegê-la, respirou com dificuldade.

— Quem...?

— Allie? O que houve?

— Carter? — ela arfou. — Que... diabos... você...?

Ignorando a pergunta, ele esticou o braço pela janela e a puxou para perto — o corpo dela deslizou com facilidade sobre a madeira polida da escrivaninha; ela não teve força para resistir.

Os olhos negros de Carter estavam sérios ao observá-la lutando para respirar.

— Lembra o que você fez naquela outra noite? Precisa fazer outra vez. Inspira pelo nariz. Lentamente. E expira pela boca.

Allie tentou assimilar o que estava acontecendo.

— Você tava... me espionando...?

Ele a encarou.

— Porra, Allie. Quer calar a boca e respirar?

Com os olhos nos dele, as mãos de Carter agarrando as suas, Allie respirou em sincronia com ele, asperamente no início, e gradualmente com mais facilidade. Quando ela parecia estar respirando normalmente, ele a soltou e as perguntas explodiram dela.

— Você é um completo *tarado*? Como foi que subiu aqui? E como é que achou o meu quarto? E...

Sentado no parapeito, Carter riu e levantou as mãos.

— Ah, Allie, eu morei a vida toda nessa escola. Conheço cada centímetro daqui. Inclusive o telhado. Onde, aliás, é bem fácil subir. Fico meio surpreso de você ainda não ter tentado isso.

Allie procurou qualquer sinal de que ele estivesse mentindo, mas não viu nada além de exasperação.

— Você veio do seu quarto? — Ela fez uma pausa, olhando em volta. — Onde é o seu quarto, aliás?

Carter apontou para o outro lado da construção.

— Olha, o dormitório masculino é no último andar do prédio principal. Minha janela é a terceira ali no andar de cima, tá vendo?

Allie contou as janelas dos quartos e fez que sim. O rapaz se voltou novamente para ela.

— É fácil ir daqui pra lá.

De repente ela teve uma lembrança de algumas semanas anteriores. Encarou-o.

— Você já veio aqui antes. — O tom era de acusação. — Logo que eu vim pra cá, eu acho que ouvi alguém fora da minha janela um dia de madrugada. Foi você, não foi?

Ele teve a decência de parecer constrangido.

— Ai, cacete. Não achei que você tivesse escutado. Desculpa.

— Você me matou de susto, Carter — disse ela. — O que você tava fazendo aqui?

Ele se encolheu desconfortavelmente.

— Eu... na verdade tava indo ver outra pessoa e você abriu a janela e quase me derrubou do telhado. Não sou um voyeur nem nada assim.

Lembrando-se do alerta de Jo, sobre ele partir os corações das meninas, Allie imaginou quem ele teria ido encontrar. Examinou-o, especulando.

Quem diabos é você, afinal de contas, Carter West?

Tê-lo na defensiva fez com que ela se sentisse mais no controle. Ela cruzou as pernas e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Então por que você tá aqui agora, Carter? Indo ver outra menina de novo?

O garoto se inclinou na moldura da janela, evitando os olhos de Allie. Ao fazê-lo, deslocou uma pedra do rebordo e ela a ouviu bater até o chão, a três andares dali.

— Não. Claro que não. Não é nada. Só fiquei... preocupado com você, sei lá — disse afinal. — Foi uma noite horrível e você tem essas crises de pânico, então eu só... sabe?... fiquei preocupado.

Os dois ficaram se olhando por um instante, mas os olhos de Carter eram tão infinitamente escuros que pareciam evocar imagens dos eventos terríveis da noite anterior. Ela cobriu o rosto com a mão para bloqueá-las.

— Eu não paro de ver a Ruth e de me lembrar... Foi horrível, Carter. Muito horrível. Tava escuro, mas deu pra ver que a garganta dela tava cortada. Tinha tanto sangue... E depois os passos. Eu achei que eu ia ser a próxima.

— Que passos?

Quando Allie levantou o olhar, Carter estava olhando fixamente para ela. Pela primeira vez lhe ocorreu que, com todo o caos, não tivera chance de contar a ninguém o que tinha acontecido lá fora.

Depois de ficar em dia com a história, ele insistiu nos passos que ela escutara.

— Você tem certeza de que os passos vieram de dentro da escola e depois foram pra longe?

Allie fez que sim. Dava para ver que a mente de Carter estava trabalhando.

— Quantos passos você ouviu? Assim, quantas pessoas você acha que estavam lá? — perguntou ele.

— Uma, eu acho, mas não sei bem. Eu tava assustada demais. Carter, quem pode ter feito isso? Você acha que pode ter sido um aluno? Ou... um professor?

Até agora, a ideia não havia lhe ocorrido, mas de repente tudo estava parecendo assustadoramente possível. Torcia para que ele risse dela, ou dissesse que estava sendo boba. Mas não foi o que ele fez.

Em vez disso, ele esfregou os olhos.

— Não sei. Acho que não... mas não sei mais.

— Por que não me mataram também? — Sua voz estava lamuriosa ao finalmente dizer as palavras que vinha evitando desde a noite passada. — Por que eu continuo viva?

Carter olhou para o terreno da escola. Não falou nada por um longo instante. Ao fazê-lo, sua voz estava áspera.

— Não sei, Allie. Mas se for possível que o assassino tenha te visto e talvez ache que você o viu... Bom. Você precisa tomar muito cuidado a partir de agora.

A manhã estava morna, mas Allie estremeceu. Reduziu a voz a um sussurro.

— Carter, o que tá acontecendo?

Os olhos dele se fixaram nos dela e ela sentiu o quanto ele queria falar alguma coisa, mas o momento passou e ele balançou a cabeça.

— Não posso, Allie. Não posso.

Ela estava tão cansada que não aguentava discutir — há quase dois dias não dormia direito. Apoiando a cabeça na mão e fechando os olhos, ela bocejou.

— Eu quero ficar acordada e combater assassinos, mas estou cansada demais — murmurou. — É muito ruim estar sozinha agora, Carter. Queria que você pudesse ficar.

Um longo silêncio pairou sobre eles, mas ela cochilou um pouco e não percebeu até Carter falar novamente.

— Chega pra lá — disse ele.

Ela abriu espaço para ele por cima da escrivaninha, ele entrou habilmente pela janela e então a fechou.

Uma onda súbita de adrenalina a fez se sentir muito desperta.

— A gente vai se encrencar muito se a Jules descobrir isso — disse ela, apesar de não se importar.

— Ah, eu sei lidar com a Jules — comentou. Sentando-se no chão ao lado da cama, ele esticou as pernas com um resmungo de prazer; sua forma esguia ficara comprimida no parapeito e ele devia ter passado a noite inteira correndo. — Além do mais, hoje tá uma loucura. Ninguém vai perceber. Deita na cama e vamos tentar dormir.

Após um segundo de hesitação, Allie desceu da escrivaninha e subiu na cama. Fingindo indiferença, puxou o cobertor azul do pé da cama e entregou-o a ele. Mas quando os dedos de ambos se tocaram, os dois congelaram por um segundo.

— Precisa de um travesseiro? — perguntou ela, forçando a voz a soar firme.

— Obrigado, não, assim tá bom. — Ele soava calmo, mas ela viu como estava com a mandíbula rija ao desdobrar o cobertor.

Allie se espreguiçou e tentou relaxar, mas seu corpo estava duro — todos os músculos tensos, como se estivessem prontos para lutar. Colocou as mãos no rosto.

— Não consigo fazer isso. Eu nunca vou dormir.

Carter levantou uma das mãos de Allie do rosto e ficou segurando-a.

— Já te contei que eu tinha crises de pânico?

Surpresa, Allie rolou para o lado de modo que conseguisse vê-lo.

— Tinha? Quando?

— Alguns anos atrás. — Ele estava deitado de costas, olhando para o teto. — Eu tava passando por um período difícil e comecei a ter esses... momentos. Um amigo muito bom me ajudou. E uma coisa que ele me ensinou foi a parar de pensar no que tava me enlouquecendo e em vez disso me concentrar em coisas que me deixavam seguro. Até... feliz. A forçar pensamentos melhores na minha cabeça. O que te faz feliz, Allie?

Ela pensou muito. *O Christopher, vivo, bem e normal. Fazer parte de uma família normal. Estar aqui. Pelo menos até ontem à noite.*

— Não sei — sussurrou.

Carter ficou quieto por um tempo, segurando a mão dela no peito dele. Quando falou novamente, ela sentiu a vibração da voz através das pontas dos dedos.

— Imagina... que a gente está em outro lugar. Algum lugar muito bonito. Talvez em uma praia com areia branca e água azul.

Allie tentou se enxergar com Carter à sombra de uma palmeira, com areia entre os dedos dos pés.

— Aqui você tá segura — ele disse, com a voz baixa e firme. — Talvez mais tarde a gente possa fazer snorkel e ver os peixes nadando. Peixes coloridos. Está vendo?

Concentrando-se nas palavras dele, imaginou poder enxergá-los passando pela água cristalina. Começou a ouvir o rumor rítmico das ondas. A voz de Carter era tão calmante que seus ombros relaxaram afinal, enquanto cardumes brilhantes de peixinhos tropicais azuis, vermelhos e amarelos se espalhavam por sua imaginação. Sua respiração foi ficando mais uniforme. Sentiu-se afundando na água morna — lenta e deliciosamente.

— É lindo. — Estava com a voz pesada de sono.

— É sim — ele disse, ainda segurando sua mão.

Mentalmente emergiu da água e viu um navio no horizonte, com velas abrindo enquanto caía no sono.

DEZESSETE

Quando Allie acordou, algum tempo depois, estava sozinha, mas tinha a sensação nada desagradável de que Carter tinha estado com ela durante quase todo o tempo. Tinha meio que acordado diversas vezes com pesadelos, e no torpor exaurido teve a impressão de tê-lo ouvido sussurrar:

— Está tudo bem. Dorme.

Sentando-se, olhou para o despertador. Faltavam pouco para as sete.

Da manhã? Ou da noite?

Uma olhada para a janela revelou uma noite de verão. Tinha passado o dia inteiro dormindo.

Ao esticar os músculos fatigados, sua barriga roncou tão alto que de início não entendeu o que estava ouvindo.

— Morrendo de fome — anunciou para o quarto vazio.

Saltando da cama, foi direto para a porta, e em seguida freou ao se ver no espelho da parede. Estava com os cabelos arrepiados, o rosto manchado de fuligem e usando as mesmas roupas que vestira no meio da noite, agora quase irreconhecivelmente amarrotadas.

Fez uma careta para si mesma. *Ai, droga. Nem eu posso sair desse jeito.*

Pegando uma escova da mesa, forçou-a pelos emaranhados fios ondulados, pulando em um pé só e praguejando para si mesma quando a saia prendeu nos sapatos que tinha calçado antes.

Ainda abotoando o cinto, correu para fora do quarto, parando brevemente diante do espelho para esfregar a fuligem do rosto, e se apressou pelo corredor vazio até o primeiro andar, onde parou.

Estava quieto. Estranhamente quieto.

Um pensamento horrível cruzou a mente de Allie: *e se todo mundo foi embora enquanto eu estava dormindo e só esqueceram de mim?*

Apesar de saber que era uma ideia absurda, sentiu uma onda de medo ao correr pelas escadas vazias, ouvindo apenas o barulho da borracha dos seus sapatos nos degraus. Mas, ao se aproximar do térreo, viu grupos de alunos se movendo em um silêncio tristonho em direção à sala de refeições e desacelerou. Se sentiu ridícula.

Claro que não tinham ido embora.

Você está se descontrolando, repreendeu-se, antes de respirar para se acalmar e se juntar à multidão.

O cheiro de comida se misturava desagradavelmente ao odor pungente de madeira e gesso queimados. Ao olhar em volta à procura de um rosto familiar, notou que muitos que a cercavam tinham curativos visíveis. Um deles estava de muletas.

Na sala de refeições, a bagunça da noite anterior já havia sido removida, mas as mesas não foram postas para o jantar com os cristais e as louças de sempre. Havia pilhas de pratos sobre todas as mesas, e os alunos estavam passando-os uns para os outros. Nenhuma vela brilhava (depois do incêndio, ficou feliz por isso). Todos se sentavam quietos como se ninguém soubesse exatamente o que dizer.

Notou aliviada que Jo, Gabe e Lucas estavam à mesa habitual, e se dirigiu diretamente para eles, mas então Carter foi para perto dela.

— Oi.

Ao virar para olhar nos olhos escuros de Carter, seu estômago revirou. Repentinamente tímida, enfiou as mãos nos bolsos da saia.

— Oi pra você também.

— Dormiu bem?

O rapaz tinha tomado banho e mudado de roupa — ainda estava com as bochechas rosadas por causa da água quente e os cabelos estavam úmidos nas pontas. O cansaço havia desaparecido do rosto.

Allie concordou com a cabeça, tentando permanecer calma, como se meninos dormissem em seu quarto todos os dias. Mas o calor subiu às bochechas, traindo-a.

— E você? Que horas saiu?

— Uma hora atrás, mais ou menos.

Carter tinha uma maneira de falar tão quieta que ela foi forçada a se inclinar para perto dele para escutar. Fazia até conversas comuns parecerem íntimas.

— Precisava trocar de roupa — prosseguiu. Allie estava completamente ciente do fato que seu braço estava esfregando no dele. — Não quis te acordar, você demorou tanto pra dormir.

A tensão entre os dois era insuportável. Um deles teria que desviar o olhar, mas Allie não queria que fosse ela.

O que está acontecendo comigo?, imaginou. *Não posso gostar do Carter. Simplesmente... não posso.*

— É — concordou a menina, sem fôlego. — Quer dizer... eu também tive que trocar de roupa.

Olhando em volta, Carter percebeu que quase todo mundo já tinha sentado.

— É melhor a gente ir ou o Zelazny vai começar a gritar.

Ele a conduziu até a mesa e esperou até que estivesse sentada. Em seguida, para surpresa de Allie, puxou a cadeira ao lado dela. Carter nunca sentava com o grupo dela nas refeições, e a garota tentou não demonstrar o quanto ficou feliz.

Gabe não teve os mesmos escrúpulos.

— Carter! — disse, inclinando-se para trás na cadeira com um sorriso provocador. — Quanta honra.

Carter deu de ombros.

— Ah, sabe como é, Gabe. Às vezes preciso ficar perto de você.

Jo, que ainda parecia cansada, se inclinou na direção de Allie.

— Você dormiu?

— Acabei conseguindo — respondeu. — E você?

— Na verdade não. — Jo sorriu um sorriso cansado. — Mas acho que tô morrendo de fome. Isso faz de mim uma má pessoa?

— Espero que não — respondeu Allie. — Parece que morte e destruição causam impacto negativo numa dieta de baixa caloria. Quem podia imaginar?

— Alguém tem notícias da Lisa? — perguntou Carter.

Foi Lucas que respondeu.

— Encontrei a Eloise há uma hora e ela disse que a Lisa está acordada e bem. A gente deve poder visitá-la em breve.

Allie se sentiu sorrir pela primeira vez desde a noite passada. A atmosfera ficou mais leve, e por um tempo a conversa fluiu quase normalmente.

Então a voz de Lucas se destacou entre os murmúrios.

— Ei, todo mundo ficou sabendo do anúncio?

Allie olhou em volta da mesa, mas percebeu que ninguém sabia do que ele estava falando.

— Que anúncio? — perguntou Carter.

— A Isabelle vai fazer alguma espécie de grande anúncio hoje à noite sobre o que aconteceu. Tá correndo um boato de que vão mandar todo mundo pra casa e fechar o colégio até o fim do verão.

— Não! — Jo pareceu arrasada e Allie olhou para ela, surpreendida pela veemência do tom. Gabe colocou a mão em seu ombro e ela olhou para ele com olhos transtornados. — Não podem mandar a gente pra casa. Não *podem*.

— Tenho certeza de que não vão. — A voz de Gabe era tranquilizante e Allie desviou o olhar enquanto ele tentava acalmar a namorada.

As portas da sala de refeições se abriram e os funcionários surgiram com os trajes pretos habituais, carregando vasilhas e travessas que emitiam vapor. Apesar de estar morrendo de fome, Allie assistiu com um estranho desinteresse enquanto colocavam a comida na mesa. Comer parecia, de certa forma, tão sem propósito, depois de tudo que acontecera.

Sentindo uma movimentação, olhou para baixo e viu Carter servindo ensopado no prato dela. Encontrou o olho dela e sorriu culpado.

— Hmmm... Ensopado delicioso — disse debilmente, e ela se surpreendeu rindo.

Carter serviu alguns legumes em seguida, mas quando lhe entregou um pão, ela levantou as mãos, se rendendo.

— Tá bom, tá bom. Para. Vou comer. Prometo. — Deu uma garfada obediente, mastigando com falso entusiasmo. — Satisfeito?

Ocupado limpando o próprio prato, Carter ignorou o sarcasmo. Aliás, aquela primeira mordida foi muito boa, e Allie viu que a segunda desceu com mais facilidade ainda. No fim das contas, esvaziou o prato e limpou o resto do molho com o pão. Em seguida sentou para trás com um suspiro satisfeito.

— Você realmente estava com fome — Carter observou, entretido.

— Meu irmão sempre fala que eu como que nem um menino... — Allie falou sem pensar, e seu sorriso foi embora tão depressa quanto chegou. Nunca falava sobre Christopher.

O murmúrio na sala aumentou gradualmente na medida em que os boatos se espalhavam sobre o anúncio iminente, e Allie se sentiu aliviada por as coisas parecerem ligeiramente mais normais, ainda que apenas momentaneamente. Mas olhou em volta da mesa e viu que Jo parecia abatida e preocupada enquanto mexia na comida. Antes que pudesse dizer qualquer coisa a ela, uma voz falou da frente da sala.

— Atenção, por favor.

Trajando calças pretas e um casaco azul-claro, Isabelle esperou até todo mundo ficar em silêncio. O homem com quem ela dançara na noite anterior se encontrava a alguns metros dela, com as mãos cruzadas em uma posição de calma. Seus olhos alertas pareciam notar tudo. Então Allie sentiu o coração acelerar — Sylvain entrou pela porta e ficou perto dela, como se fosse parte de um triunvirato.

O que ele está fazendo?

O rosto de Isabelle estava sombrio, mas Allie ficou maravilhada pelo quão normal ela parecia.

— Sei que muitos de vocês passaram a noite em claro, e entendo que estão cansados. Também agradecemos muito pelos esforços em apagar o incêndio.

Allie olhou para Carter e viu que ele estava fitando Isabelle com uma ligeira carranca.

— O que aconteceu ontem à noite foi algo sem precedentes na história da Cimmeria — prosseguiu Isabelle. — É algo perturbador e que vai exigir bastante trabalho da nossa parte para reajustar as coisas. O incêndio por si só comprometeu paredes muito antigas. Pedacos da nossa história se foram para sempre. Mas nós vamos restaurar esta escola, não tenham dúvida, e ela vai continuar como sempre foi.

Aplausos hesitantes dos alunos pareceram pegá-la de surpresa, e Isabelle esperou que cessassem.

— Lamento muito que os eventos de ontem à noite tenham acontecido. Foi chocante para todo mundo. Somos solidários àqueles que eram próximos de Ruth Janson, era uma menina adorável, ainda que perturbada, e sentiremos muito a sua falta. Seu suicídio foi um choque terrível.

Allie engasgou e cobriu a boca com a mão. *Suicídio? Do que ela está falando?*

— Sabemos que alguns de vocês podem ter problemas em lidar com a morte dela, e estamos todos, os professores e eu, prontos para ajudar a qualquer hora se precisarem de aconselhamento ou alguém para ouvi-los. — Os olhos de Isabelle transbordavam compreensão. — Não precisam sofrer sozinhos.

Um murmúrio atravessou o recinto e Allie percebeu que alguns alunos estavam chorando. Virando para capturar o olhar de Jo, viu que a menina estava mordendo o lábio e tentando não chorar — Gabe ainda estava com o braço em torno dela.

— Haverá uma missa na capela na semana que vem. Tenho certeza de que os que a conheciam bem vão querer comparecer.

Após esperar um instante para que todas aquelas informações fossem absorvidas, Isabelle continuou mais rapidamente.

— Alguns alunos feridos no incêndio vão nos deixar amanhã para se recuperarem em casa, e desejamos tudo de bom a eles. Esperamos vê-los de

volta no outono. Para aqueles que vão continuar na escola, as obras de reparação devem demorar cerca de um mês, e temo que haverá algum transtorno nesse período. É incômodo, porém necessário. O salão, obviamente, está proibido por enquanto.

Isabelle deu um passo para trás.

— Enquanto isso, o toque de recolher será mais cedo esta noite; queremos todos de volta aos respectivos quartos até as nove, e terão que permanecer dentro da escola o tempo todo, pelo menos ao longo das próximas 48 horas.

Assim que Isabelle terminou de falar, os professores se agruparam ao seu redor e os alunos começaram a se dirigir para a porta, imersos em conversas sussurradas.

Virando para Carter, Allie sussurrou:

— Que diabos...?

Com os lábios cerrados, ele balançou a cabeça.

Olhando para Isabelle, Allie se levantou.

— Preciso descobrir quando vamos poder visitar a Lisa. Eu alcanço vocês.

Carter a pegou pelo braço, e seus olhos continham um aviso.

— Allie...

— Consigo dar conta — disse, sacudindo a mão dele. — Prometo que não vou ter um ataque. Quero saber sobre a Lisa.

— Te encontro depois — prometeu Carter, se apressando atrás de Gabe e Lucas.

Na beira do grupo de professores, Allie esperou um intervalo na conversa. Estavam claramente agitados, mas sussurravam tão baixo que ela só conseguia identificar uma frase aqui e ali.

— Perigoso demais...

— Manda todo mundo pra casa! — frase dita com grande veemência por Jerry, que foi repreendido.

— ... sobre o Nathaniel.

Então Eloise a notou ali.

— Podemos ajudar, Allie?

Todos se calaram ao virar para olhar para ela. Allie cruzou um tornozelo atrás do outro em gesto inconsciente de nervosismo.

— Só estava pensando se a gente pode ver a Lisa...

Isabelle atravessou o grupo e envolveu Allie com um braço.

— Ela tá bem, Allie. Está acordada, mas um pouco grogue. Você pode visitá-la amanhã.

Allie sustentou os olhos de Isabelle de forma desafiadora. De perto, ela parecia mais ansiosa do que aparentara a distância — estava com olheiras. Mas a diretora não se esquivou do olhar da menina.

— Precisa de mais alguma coisa, Allie? — perguntou calmamente.

Por apenas um segundo, Allie se imaginou dizendo “*Preciso! Por que você está fingindo que a Ruth cortou a própria garganta de orelha a orelha?*”

Mas algo lhe disse que não era a hora e nem o lugar para desafiar Isabelle.

— Não... obrigada — respondeu ela, se apressando para a porta.

Logo antes de chegar à saída, ouviu os sussurros começarem outra vez.

Do lado de fora da sala de refeições, Jo estava sozinha, apoiada contra a parede. Parecia menos pálida do que durante o jantar, mas Allie não gostou da maneira como ela abria e fechava as mãos.

Jo pareceu se alegrar um pouco quando Allie deu a boa notícia sobre Lisa, mas alguma coisa ainda estava errada.

Enquanto as duas subiam as escadas para a ala do dormitório feminino, Allie virou e viu Jo olhando para baixo, quase chorando.

— O que foi, Jo? — perguntou. — O que tá acontecendo?

— Não é nada, Allie — respondeu ela, sem olhar nos olhos de Allie, e a menina sabia que Jo não estava falando a verdade, mas não achou que insistir no assunto fosse ajudar.

Quando chegaram ao quarto de Jo, Allie entrou com ela, repentinamente com medo de deixar a amiga sozinha. Alguma coisa estava terrivelmente errada. Jo sentou na cama, tirando os sapatos da maneira habitual, mas estava apertando as próprias mãos.

Allie se inclinou para trás na escrivaninha. Falou em um tom calmo.

— Jo, tem alguma coisa que eu possa fazer?

— Preciso falar com o Gabe — falou Jo, e em seguida repetiu a frase de maneiras diferentes. — Eu só... preciso falar com o Gabe. Preciso ver o Gabe.

— Mas a gente acabou de deixar o Gabe — disse Allie, confusa.

Jo balançou a cabeça.

— Preciso falar com ele sozinha. Estou tendo um ataque. Ele vai saber o que fazer.

Examinando o rosto pálido da amiga, Allie tomou uma rápida decisão.

— Tudo bem, não se preocupa. Eu acho ele. Me faz um favor e descansa um pouquinho, tudo bem? Você dormiu alguma hora hoje?

— Mas eu não tô cansada — disse Jo, sentando na cama. — Tô ligada demais pra dormir.

— Eu também estava — disse Allie. — Mas tenta, tudo bem? Deita e eu fico aqui até você dormir. Eu acho o Gabe, prometo.

— Preciso falar com ele. — A voz de Jo estava arrastada de exaustão. Seus olhos se fecharam, mesmo enquanto uma lágrima escorria pela lateral do rosto. Finalmente, ela se apoiou nos travesseiros.

— Só descansa um segundo — pediu Allie suavemente. Ela estava perto da porta aberta; a brisa ainda estava fresca. — Vou achar o Carter e ele traz o Gabe aqui.

— Como você vai achar o Carter? — A voz de Jo estava sonolenta.

Olhando pela janela para as sombras compridas na grama abaixo, Allie respondeu:

— Eu sempre acho o Carter.

Quando a respiração de Jo estava firme e regular, Allie fechou silenciosamente a janela e a persiana. Em seguida saiu nas pontas dos pés, fechando a porta atrás de si com um clique quase silencioso.

Lá embaixo, encontrou o térreo praticamente vazio. Todos os alunos que estavam por ali tinham desaparecido para os respectivos quartos. Ela não sabia ao certo por onde começar a procurar — nunca tinha ido ao dormitório masculino e nem sequer tinha certeza quanto a como chegar lá, exceto pelo telhado, o que não parecia uma boa ideia agora.

Naquele instante ouviu um barulho estalado pelo corredor e viu Jules caminhando com determinação, com uma prancheta contra o peito. O barulho vinha das sandálias batendo a cada passo.

Lembrou-se das palavras de Jo ao perguntar se havia meninas na Escola Noturna. “*Talvez a Jules...*”

Allie se colocou no caminho da monitora.

— Oi, Jules. Tudo bem? — Utilizou seu tom mais amigável, e Jules pareceu um pouco espantada.

— Oi, Allie. — Ela desacelerou, mas não parou, e Allie a acompanhou.

— Sabe onde o Gabe e o Carter estão?

— Por quê? — perguntou a outra, desconfiada.

Allie tentou uma abordagem gentil, porém chateada.

— É uma história longa e louca, mas o Carter está com uma coisa minha e eu preciso dela, e a Jo achou que ele pudesse estar com o Gabe. Você sabe? Tipo... onde eles estão?

Jules examinou o rosto de Allie.

— Não — respondeu friamente, apressando o passo.

Praguejando em silêncio, Allie correu atrás dela.

— Olha, Jules. É muito importante. Eu não perguntaria se não fosse.

Jules parou e virou para ela.

— Eles estão numa reunião na ala das salas onde você não pode entrar, tudo bem? Mas se você ficar perto da porta, provavelmente vai encontrar com eles quando saírem. Por outro lado, eu não faço ideia de quanto tempo vai demorar.

A essa altura, Allie queria sacudi-la, mas não ia desistir.

— Então — disse ela, desenhando uma linha no chão com o dedão do pé —, aonde você tá indo?

Colocando a prancheta embaixo do braço, Jules fingiu uma paciência exagerada.

— O que você quer, Allie?

— Só que se você estiver indo pra essa reunião, pode mandar o Carter aqui. Agora? Ou diz pra ele que eu tô esperando aqui e que preciso falar com ele. É muito importante.

Com cara de que não conseguia acreditar no que acabara de ouvir, Jules começou a andar outra vez.

— Claro, Allie. Quer que eu traga chá e chocolate de lá? Afinal, não tenho nada melhor pra fazer hoje do que ser sua mensageira.

Ficando para trás dela, Allie levantou o dedo do meio para as costas da menina.

— Não, obrigada — disse, com a voz alegre e firme. — Posso pegar meu próprio chá.

A voz de Jules flutuou em retorno quando a menina dobrou a esquina.

— Que ótimo.

Apoiando-se na parede, com os braços cruzados sobre o peito e a sola de borracha de um dos sapatos encostada no antigo painel de madeira atrás de si, Allie esperou. Depois de dez minutos escorregou pela parede e sentou no chão, cruzando as pernas. Naquela posição, a mesa barroca com topo de mármore que estava perto dela a escondia, assim Isabelle não a viu quando passou ao seu lado, acompanhada por seu parceiro de dança, alguns minutos depois.

— ... ela precisa saber que o Nathaniel tá fora de controle. — Sua voz estava gelada de raiva. — Não dá pra aceitar o que aconteceu ontem à noite. Ela tem que fazer alguma coisa a respeito. Pelo menos escolher um lado. Meu Deus, Matthew, pessoas se machucaram. *Crianças* se machucaram. Isso não pode continuar.

Matthew murmurou em resposta alguma coisa que Allie não conseguiu identificar.

— Bem, então você vai ter que se encontrar com ela pessoalmente — Isabelle se irritou enquanto os dois saíam do seu alcance auditivo.

As palavras da diretora provocaram um efeito eletrizante em Allie, que se inclinou para a frente a fim de espiar em volta das pesadas bases de madeira esculpida da mesa.

Então não foi um professor e nem um aluno, afinal. Allie puxou os joelhos para perto do corpo e os abraçou enquanto uma estranha sensação de alívio caía sobre ela. Pelo menos o assassino não era alguém que considerava como amigo.

Mais passos.

Allie se inclinou outra vez e viu Carter por perto, olhando para cima e para baixo do corredor amplo.

Levantou-se aos tropeços.

— Carter.

— Allie! Aconteceu alguma coisa? A Jules disse que você tava me procurando.

Allie quase sorriu. *Não acredito. Ela falou pra ele.*

Aproximou-se de Carter e abaixou a voz.

— O Gabe tá nessa reunião que você estava?

Carter assentiu.

— Ele precisa ir pro quarto da Jo, ela está tendo um ataque — revelou Allie.

Carter não pareceu surpreso.

— Vou falar com ele. Vi que tinha alguma coisa errada durante o jantar, ele não queria deixar ela sozinha, mas...

Os olhos de Allie estavam preocupados.

— Ela tá muito estranha, Carter. Não parece ela.

— Eu disse pra ele que isso ia acontecer. — Fez-se uma pausa enquanto ele parecia tomar uma decisão. — Allie, a gente precisa conversar.

— Claro. O que foi?

Carter olhou em volta.

— Não, em particular. Pode me encontrar na capela daqui a vinte minutos?

Allie o olhou desconfiada.

— A gente não pode sair daqui, senão podemos provocar a fúria de Isabelle, e já passa das nove.

— É a hora perfeita — declarou Carter. — Todo mundo tá em reunião, ou já voltou pro quarto por causa do toque de recolher. Os professores estão todos distraídos.

Allie pensou em dizer não. A última coisa que precisava era de uma detenção. Mas Carter parecia muito determinado. Torceu para que o que quer que ele tivesse para falar explicasse parte do que estava se passando.

— Tudo bem, mas se eu for expulsa vou dedurar você.

Apesar de os lábios dele terem se curvado em um sorriso, seus olhos estavam sérios.

— Ótimo. Te vejo lá. Me dá uns dez minutos pra avisar pro Gabe da Jo. Depois corre depressa.

Enquanto ele se afastava, Allie murmurou para si mesma:

— Correr depressa? Pensei que você tivesse dito que todo mundo estava ocupado demais pra perceber.

Ela marchou de um lado para o outro impacientemente (*391 passos*) enquanto esperava os dez minutos passarem. Depois de oito minutos, ela começou a se dirigir para a porta da frente (*33 passos*) com uma indiferença casual. A entrada estava quieta, mas quando sua mão tocou a maçaneta da porta, ouviu vozes vindo pelo corredor.

Além dos grandes suportes de velas e das tapeçarias, havia pouco neste espaço, exceto por uma mesa de ferro forjado coberta por um tecido pesado. Allie correu para trás da mesa exatamente quando Eloise e Zelazny dobraram a esquina.

— Vai demorar? — perguntava Eloise enquanto os passos se aproximavam. Ela parecia irritada.

— Espero que não. — Zelazny abriu a porta. — Mas depende do que a gente descobrir.

— Por onde quer começar?

Ao atravessarem a porta, Allie escutou a resposta de Zelazny:

— Onde encontramos o corpo da Ruth.

O clique da fechadura ecoou na entrada de pedra vazia.

No esconderijo, Allie franziu a testa. *O que eles estão procurando?*

Primeiro achou que não ia conseguir sair de jeito nenhum com Zelazny e Eloise lá fora, mas então lembrou que o corpo de Ruth tinha sido encontrado nos fundos. A capela ficava no bosque, próximo ao gramado da frente da casa. Apesar de não ter escutado o que Zelazny estava dizendo, se iam começar pelos fundos, ela deveria ter tempo suficiente para chegar ao abrigo da floresta antes que alguém a visse.

Para dar a eles tempo de saírem da frente da escola, contou até cem antes de abrir a porta. Girou silenciosamente as dobradiças e espiou o lado de fora.

Nem uma alma à vista.

Saindo sob a luz noturna, Allie fechou cuidadosamente a porta atrás de si.

Acabara de passar do toque de recolher das nove horas estipulado por Isabelle, e o sol estava prestes a se pôr ao fim do longo dia de verão. No degrau superior, iluminada pelo brilho dourado, Allie olhou para cima durante um longo instante como se estivesse tentando absorver a luz para sua alma. Em seguida correu pelo gramado e avançou em direção à floresta.

Uma vez que chegou em segurança ao bosque (*97 passos*), desacelerou um pouco para recuperar o ar, em seguida correu pela trilha através das sombras que aumentavam. Tudo estava silencioso e obscuro. Quando chegou ao pátio da igreja, cinco minutos mais tarde, o silêncio era opressor.

Se o Carter está aí, certamente não o estou ouvindo. O clique metálico da fechadura ao abrir o portão pareceu ecoar pela pacífica clareira.

Instintivamente ela se dirigiu à árvore onde sentaram no dia da detenção. Ao se aproximar viu um pé calçado com um sapato preto pendurado. Esticando o braço, agarrou-o e foi instantaneamente puxada.

— Oi, você conseguiu. — Ele estava sentado no mesmo galho espesso, com as costas apoiadas no tronco. Ao se inclinar para ajudá-la, Allie mais uma vez ficou maravilhada com a força de Carter, que a levantou com facilidade para perto dele. Ela se ajeitou em um ponto liso e se sentou de frente para o rapaz, com os joelhos dobrados e os pés apoiados no galho entre os dois.

— Então... o que você quer, Carter? — perguntou, inclinando a cabeça. — Por que quis me encontrar bem aqui, na terra da detenção?

— Porque não queria que ninguém ouvisse, e esse é o único lugar que eu conheço onde posso ter 100% de certeza de que podemos conversar em segurança.

Alguma coisa na postura de Carter parecia desconfortável. Ele parecia ter dificuldades em decidir o que falar, e ela não conseguia capturar os olhos dele.

— É que... — disse ele, e então parou. Após um instante tentou outra vez. — Tem algumas coisas que você precisa saber.

Graças a Deus, pensou ela. *Finalmente algumas respostas.*

Allie não esperou Carter começar.

— Carter, o que você sabe sobre isso tudo? Por que eles estão fingindo que a Ruth se matou? A garganta dela estava... Impossível ela ter feito aquilo consigo mesma. E havia outros lá. Eu ouvi. E a Isabelle sabe sobre eles.

Carter já tinha começado a interrompê-la antes que ela tivesse mencionado Isabelle. Agora ele mesmo parou e a encarou.

— O que te faz pensar que a Isabelle sabe?

Rapidamente ela relatou sobre ter escutado os professores e em seguida a própria Isabelle falando sobre alguém chamado Nathaniel, e a implicação de que ele estaria envolvido nos acontecimentos.

Carter passou os dedos no cabelo.

— Então eles acham que ninguém da escola teve nada a ver com a morte da Ruth, mas vão falar pra todo mundo que ela se matou.

Allie se inclinou.

— Mas por quê? A polícia não vai olhar pra ela e perceber imediatamente que não foi um suicídio?

Carter encontrou o olhar de Allie.

— Que polícia?

A garota olhou pasma para ele.

— Está falando sério? Acha que não chamaram a polícia?

— Não chamaram. Nem vão chamar.

— Mas... como...?

A resposta foi imediata.

— A polícia não veio aqui porque a polícia não faz ideia do que está acontecendo aqui, e ninguém vai contar. Nunca vão saber que a Ruth morreu aqui. O corpo dela vai aparecer em um beco em algum lugar, e os pais dela, que passam o tempo quase todo na França, vão dizer pra polícia que ela tinha fugido. E os policiais vão acreditar porque o pai dela é um banqueiro do ramo de investimentos e a mãe dela usa roupas de marca, e esse tipo de gente não mente, certo?

Allie não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Tá falando sério? Carter, você está dizendo que tudo isso vai ser encoberto?

— Claro que vai, Allie. Existe um motivo pelo qual você nunca ouviu falar na Cimmeria antes de vir pra cá. — Seu tom era amargo. — Ainda não entendeu? Não sabe onde está?

Allie não sabia o que dizer. Procurou as palavras certas.

— Carter, o que está acontecendo aqui, sério?

— É isso que estou tentando descobrir — disse, olhando para o pátio da igreja. — Olha, a Cimmeria é um lugar muito incomum e bem costurado. Todo mundo conhece todo mundo. Todo mundo está aqui por um motivo. Lembra de quando a gente teve aquela espécie de discussão, quando a gente se conheceu? Você achou que eu tava falando que você não tinha direito de estar aqui?

Enrubescendo com a lembrança da humilhação, Allie fez que sim com a cabeça.

— A gente não recebe alunos novos que não tenham alguma ligação forte com a escola no meio do verão. Tipo se os pais não fizerem parte do conselho. Ou se a família inteira não tiver estudado aqui. Coisa assim — explicou Carter. — Eu só estava tentando descobrir qual dessas coisas você era. Mas não é nenhuma. Você não tem qualquer ligação com o colégio.

Carter olhou diretamente nos olhos dela.

— Isso não acontece simplesmente.

Prendendo-se ao galho com os joelhos, Allie mordeu a unha do polegar enquanto tentava processar o que ele estava dizendo. A noite estava invadindo o sol de verão e estava mais difícil identificar as feições do menino à luz desbotada.

— Não sei o que dizer — falou Allie. — Meus pais disseram que a polícia recomendou a Cimmeria... ou pelo menos — parou para pensar — eles meio que disseram isso. Mas foram supersecretos em relação ao assunto antes de a gente vir pra cá. Não me disseram nem onde ficava o colégio. Ainda não sei o nome da cidade mais próxima. Foi tudo muito apressado, estranho e com ares de James Bond.

Carter balançou a cabeça.

— A polícia de Londres não teria recomendado essa escola porque nunca ouviram falar daqui. Então seus pais mentiram. Agora, por que fariam uma coisa dessas?

Sentindo o coração bater loucamente, Allie tentou respirar normalmente e não entrar em pânico. (*Cinco inspiradas, quatro exaladas.*)

— Quer saber, Carter? — A voz soou apertada e ela engoliu em seco. — Tem razão. Eu realmente não sei onde estou.

— Então precisa descobrir — disse Carter. — E precisa resolver depressa em quem vai confiar.

DEZOITO

Isto tudo era demais para Allie assimilar. Tremendo, ela abraçou o próprio corpo.

— Carter, se você tá tentando me assustar, consegui. Então já pode parar?

Por um longo minuto ele não disse nada, em seguida suspirou pesadamente.

— Desculpa despejar isso tudo em cima de você. E não quero te assustar. Mas quero que perceba que tudo isso é muito sério.

— Eu soube que era sério na hora em que caí em uma poça de sangue da Ruth — disparou. — Eu tô entendendo, tá legal? Estou entendendo até demais. A gente tá muito encrencado. Alguma coisa absurda está acontecendo. Pessoas estão morrendo. Essa escola é muito estranha e o meu lugar não é aqui.

Carter deslizou pelo tronco, chegando tão perto dela que os joelhos dos dois se tocaram, e a abraçou. Inicialmente ela tentou afastá-lo, mas ele a segurou firme.

— Desculpa. Eu não devia estar fazendo isso com você. Só não quero que se machuque — disse ele.

Respirando trêmula, ela se permitiu relaxar nos braços de Carter. O calor do seu corpo parecia seguro.

Soltando-a, ele se inclinou para trás o suficiente para enxergar seu rosto.

— Eu estava tentando te assustar, mas só porque tenho medo do que pode acontecer. O negócio é o seguinte, eu vim aqui hoje pra te convencer a voltar

pra casa.

Surpresa, ela olhou para Carter enquanto ele continuava, agora se atrapalhando com as palavras.

— Acho que te liberam por, tipo, estresse mental ou coisa do tipo.

Allie abriu a boca para discutir, mas Carter continuou antes que ela pudesse protestar.

— Só que eu decidi que na verdade não quero. Que você vá, quero dizer. O que estou querendo dizer é... espero muito que você fique. A gente vai descobrir o que fazer.

— Acho que não temos outra saída — disse Allie, simplificando —, porque eu não tenho mais pra onde ir.

No escuro, Allie não conseguiu enxergar os olhos de Carter quando ele respondeu.

— Então você é exatamente como eu.

Carter olhou para o céu, onde o restinho da última luz agora estava se apagando.

— É melhor a gente entrar. Tá ficando tarde.

Saltando do galho com a leveza de um atleta, ele virou e colocou as mãos na cintura dela para trazê-la para baixo. Allie agarrou os ombros de Carter enquanto ele a colocava no chão. Os olhos do rapaz prenderam os dela por um segundo, em seguida ele virou para o portão.

— Pisa fundo, Sheridan — disse ele, com a voz áspera.

— Estou logo atrás de você.

Ao se apressarem pela trilha de cascalhos, o sol desapareceu por completo e com o escuro veio a inquietação. Allie olhou em volta enquanto corriam no crepúsculo da noite, tentando sentir qualquer movimento ou perigo na floresta ao redor. A brisa soprando através dos topos dos pinheiros emitia um chiado lúgubre. Allie pôde perceber que Carter tinha total consciência de cada ruído — tinha olhos atentos — e ela se manteve perto dele, igualando cada passo. Nenhum dos dois falou até chegarem à borda da floresta e a escola se tornar visível. Pararam para recobrar o fôlego na beira do gramado.

Apesar de Allie saber que nada mais era seguro, ficou satisfeita ao ver a escola, com luzes brilhando através dos vitrais chumbados, e se alegrou um

pouco.

— Muito bem — disse Carter, arfando após a corrida pela floresta —, vamos fazer o seguinte: provavelmente ninguém tá vigiando a porta da frente agora. Corre o mais rápido possível até lá. Eu vou logo atrás.

Allie o olhou desafiadoramente.

— Como se pudesse me ultrapassar.

Ele não conseguiu conter o sorriso.

— Tudo bem então. A gente aposta corrida.

— E o que o vencedor ganha? — perguntou Allie, erguendo uma sobrancelha.

Carter riu.

— Vou pensar em alguma coisa.

— Ou eu vou pensar em alguma coisa. Um, dois, três e JÁ! — Allie o pegou desprevenido ao partir, com os braços pulsando e as pernas acelerando pelo gramado; ele correu para reagir antes que ela abrisse muita vantagem.

— Isso... é roubo — arfou Carter atrás dela.

— Aceita — respondeu, acelerando.

Allie tinha que admirar a força dele — apesar de ter começado na frente, eles chegaram aos degraus quase ao mesmo tempo. Lutando para ser a primeira a alcançar a porta, eles brigaram por espaço e agarraram a maçaneta ao mesmo tempo, com a mão de Allie sobre a dele. Brincalhões, se empurraram na disputa para ver quem seria o primeiro a abrir.

— Shhh! — sibilou Carter subitamente, e ambos congelaram, escutando.

Então Allie ouviu o que ele tinha escutado antes: passos do lado de dentro. Não ousou se mover. Estavam completamente emaranhados — os braços de Carter em volta do corpo dela, alcançando a porta, enquanto Allie estava com uma das mãos nela e outra no braço do rapaz. Os músculos dos braços e do peito de Carter estavam duros contra o seu corpo. O coração de Allie acelerou ao respirar o cheiro característico do menino, de café e tempero. Ela o sentiu tremer e levantou os olhos para ver que Carter a olhava, com olhos tão escuros quanto a noite acima deles.

— Acho que já foram — sussurrou Carter, com os olhos ainda nos dela.

Allie fez que sim com a cabeça, não ousando falar.

— Preparada? — ele perguntou.

— Estou. — Seu sussurro foi quase inaudível.

Arrancando os olhos dos dele, ela virou para a porta, pressionando novamente as costas contra o calor do corpo dele apenas pelo tempo em que levou para girar a maçaneta. Em seguida a porta se abriu silenciosamente — o saguão de entrada estava vazio.

— Age com naturalidade — sibilou Carter, empurrando-a singelamente para o quarto.

O empurrão pareceu devolvê-la à realidade.

— Sempre — respondeu ela, empinando o queixo e passeando pelo chão de pedra.

Carter fechou a porta atrás de ambos e eles atravessaram o corredor.

Allie ainda estava se recuperando do que quer que tivesse acabado de acontecer entre eles, mas Carter falou do jeito sucinto de sempre, como se nada tivesse acontecido.

— Você é rápida — observou ele.

— Sempre gostei de correr. — Tentou atingir o mesmo tom casual. — Gosto de saber que posso escapar.

Um sorriso se formou nos lábios dele.

— De algum jeito, isso não me surpreende. — Estavam perto da escada agora. — Certo. Vou pro dormitório masculino. Daqui você vai bem?

— Super — ela respondeu.

— Tudo bem — disse ele, levantando o punho. — Até mais, então.

Allie socou o punho dele, e em seguida se voltou para a escadaria. Mas enquanto Carter desaparecia pelo amplo corredor, ela sussurrou atrás dele, tão baixinho que seria impossível que escutasse:

— Boa noite, Carter.

Através das janelas, o sol inundava a escadaria principal enquanto Allie a descia na manhã seguinte, os cabelos molhados sobre os ombros. Estava tão desgastada na noite anterior que dormiu em minutos. Devia ter dormido bem, pois não tinha lembranças de pesadelos, nem de sonhos, por sinal. Agora,

depois de um banho quente, sentia-se como ela mesma pela primeira vez desde o baile de verão.

A sala de refeições estava movimentada, ainda que menos barulhenta que o normal, mas nem Jo nem Gabe estavam em lugar algum, então ela se sentou ao lado de Lucas.

— Oi — cumprimentou ela, mal olhando para o menino. Seu foco estava nos ovos mexidos e no bacon empilhados em seu próprio prato.

Lucas mal esperou Allie sentar.

— O Gabe e a Jo sumiram desde ontem à noite. Aconteceu alguma coisa? — questionou Lucas.

Mastigando entusiasmadamente, ela balançou a cabeça.

— Não vi os dois hoje — respondeu, engolindo com esforço. — Sério, tô com muita fome.

— Já foi ver a Lisa? — perguntou.

— Não, e você?

Lucas fez que sim com a cabeça.

— Hoje de manhã. Ela tá bem machucada, mas tá acordada e conversando.

Por um instante Allie se sentiu tão aliviada que se esqueceu de comer.

— Ai, Lucas, isso é ótimo! Vou achar a Jo depois que sair daqui e a gente vai visitar a Lisa.

Após tomar rapidamente o resto do café da manhã, Allie se apressou para o andar de cima para encontrar Jo, movendo-se com tanta velocidade que estava praticamente correndo quando uma porta se abriu bem no seu caminho. Ela teve que desviar enquanto Katie saía, soprando o esmalte das unhas.

— Quer olhar por onde anda, Allie? — irritou-se, tirando a mão com as unhas perfeitas em rosa-claro do caminho. — Você vive correndo por esse corredor como uma manada de gnus.

— Desculpa, va... quer dizer, Katie. — Allie disse, mantendo a voz doce ao passar por ela em ritmo menos acelerado.

Mas Katie foi atrás.

— Pra onde você tá indo? Tá procurando a Jo?

Allie não virou para olhar para ela.

— Por que, Katie? Você é a assessora de imprensa dela?

— Não seja idiota. Eu só tava... preocupada com ela.

Não soava nem um pouco preocupada, e Allie sentiu os nervos formigando. Sinais de alerta acenderam em sua mente. Parando onde estava, virou.

— Por que tá preocupada com ela? O que houve?

Katie soprou as unhas com uma fraqueza proposital.

— Não aconteceu nada. Só vi ela hoje de manhã parecendo perturbada. Sabe, não sou nenhuma especialista, mas ela estava com cara de que tinha tomado alguma coisa.

O estômago de Allie apertou.

— Como assim, “tomado alguma coisa”? A Jo não usa drogas.

— E eu pensei que vocês duas fossem amigas — disse Katie. — Bem, se ela não te contou, então acho que não confia em você. Então é melhor eu não falar mais nada.

Fechando as mãos ao lado do corpo, Allie virou novamente para a direção do quarto de Jo.

— Que seja, Katie. Vai fazer suas fofocas maldosas pra Jules ou pras suas outras amigas idiotas. Mas me deixa fora disso.

— Com todo prazer — respondeu Katie, caminhando na outra direção. — Mas você tá indo pro lado errado. Na última vez que eu vi a Jo ela estava entrando no seu quarto. Não no dela.

Allie se recusou a reagir e continuou indo para o quarto de Jo, mas se moveu em um ritmo acelerado enquanto as palavras de Katie ecoavam em seus ouvidos. Por que Jo entraria no seu quarto? Bateu duas vezes à porta antes de abri-la sem esperar resposta.

O quarto estava vazio.

A persiana encontrava-se aberta, mas todas as luzes estavam apagadas e a cama amarrotada, mas não parecia que alguém tinha dormido nela. Havia roupas empilhadas no chão de um jeito estranhamente bagunçado. As gavetas da escrivaninha estavam semiabertas, como se Jo estivesse apressada e procurando alguma coisa.

Determinada a não dar ouvidos a nada do que Katie dissesse, Allie se sentou na escrivaninha e esperou um pouco, caso Jo estivesse por perto e fosse voltar logo, mas depois de um tempo foi forçada a admitir que isso não aconteceria.

Atravessando o corredor para o próprio quarto, foi mais devagar. Assim que abriu a porta, teve uma vaga sensação de pavor.

Nada estava do jeito que tinha deixado. A luz estava acesa e o quarto, um desastre. As gavetas da escrivaninha tinham sido abertas e reviradas — canetas, livros e papéis se encontravam no chão.

Allie olhou em volta cautelosamente antes de dar um passo para dentro, mas o quarto estava vazio. Ao atravessar catou os pertences espalhados em um torpor, empilhando papéis e reunindo livros. Ao chegar à escrivaninha viu que estava segurando sua cópia das Regras, que tinham sido rasgadas.

Alguém tinha traçado uma linha grossa na primeira página e escrito:

ISTO É UMA BABAQUICE!!

Ao virar a folha, ela viu um bilhete atrás. O garrancho furioso estava difícil de entender, mas ela soube que era de Jo mesmo antes de ler o recado.

A

Está tudo arruinado. Todo mundo está mentindo. Você precisa saber a verdade, mas ninguém vai te contar. Vem conversar comigo: estou no telhado. NÃO FALA PRO GABE onde estou.

J

— Merda. — Mesmo enquanto Allie suspirava a palavra notou que a janela acima da escrivaninha estava escancarada.

Correu de volta para a frente do quarto e fechou a porta. Sua mente estava girando. *O que eu faço? O que eu faço?*

Subindo na escrivaninha, olhou pela janela. Os quartos do dormitório ficavam logo abaixo do porão. Ela se inclinou e olhou para o chão.

Era uma distância longa.

Mas Carter já tinha feito aquilo e disse que era fácil. Se ele conseguia, Allie também era capaz. Respirando fundo, se ajeitou com cautela até estar sentada no rebordo onde ele havia se empoleirado no outro dia, apoiando os pés na velha calha vitoriana abaixo.

— Jo? — sussurrou experimentando.

Não obteve resposta.

Muito abaixo dela conseguia ouvir vozes e o ruído entrecortado de pessoas caminhando pelo caminho de cascalhos.

Segurando firme a moldura da janela, testou a força da calha antes de ficar em pé nela. Era sólida. Virou de maneira que olhasse para a parede e, agarrando primeiro a janela e em seguida as telhas, deslizou pelo rebordo e subiu nele, encontrando espaços para os dedos nos tijolos. Uma vez lá, parou e respirou com dificuldade, olhando em volta.

— Jo?

Um ruído chiado acima da cabeça a fez olhar para cima, mas Allie não enxergou nada. Em seguida ouviu um risinho amargo.

— Achado não é roubado. — A voz de Jo soava irritada.

Grunhindo com o esforço, Allie subiu no rebordo seguinte; de lá conseguia ver o telhado. Jo estava sentada bem no alto, apoiada em uma chaminé. Seus cabelos eram um verdadeiro emaranhado, e Allie percebeu que ela tinha chorado.

— Jesus, Jo. Como chegou aí? E como a gente vai descer?

Jo acenou a mão em sinal de descarte.

— Não seja tão covarde, Allie, pelo amor de Deus. Se arrisca de vez em quando, que tal? — Em seguida saltou e ficou de pé destemidamente, se equilibrando bem na ponta do telhado.

Prendendo a respiração, Allie começou a procurar uma forma de chegar lá em cima. Viu uma seção denticulada de telhas onde imaginou que conseguiria se segurar e subir, e foi cuidadosamente para lá. Depois que começou a subir, viu como as telhas formavam séries naturais de apoios para mãos e pés.

Mas no último trecho seu pé escorregou. Ao se sentir deslizando, tentou gritar, mas não saiu nenhum som.

Seus dedos agarraram um pedaço de alvenaria e se seguraram. Uma vez que conseguiu um apoio sólido, foi sentindo a parede com as pontas dos pés até que localizasse uma telha denticulada.

Assim que ambos os pés se ajeitaram no telhado, ela se levantou com um grande esforço, se espalhando no telhado com um salto deselegante.

Apoiada na chaminé, Jo — que nem se movimentou para ajudá-la — aplaudiu sarcasticamente.

— Parabéns pra Allie. Ela subiu pro topo da escadaria do sucesso da Cimmeria rapidinho. Acho que ela merece uma bebida. Não concordam, plateia?

Abaixando o braço, pegou uma garrafa de vodca escondida atrás dos pés dela e a entregou a Allie. Estava pela metade.

— Bebe um pouco. A plateia acha que deve beber.

Agora irritada e ainda trêmula por causa da quase queda, Allie ignorou a garrafa.

— Que plateia, Jo? De que diabos você tá falando? E o que tá fazendo aqui em cima?

Dando de ombros, Jo tirou a tampa da garrafa e tomou um gole, fazendo uma careta.

— Sabe, isso não melhora com o tempo — disse, tampando novamente a garrafa. — Eu realmente contesto a escolha de vodca da Isabelle. Você pensaria que ela tem Grey Goose ou Absolut, mas não. Só essa porcaria russa.

Como ela pode estar bêbada às oito da manhã?, questionou Allie.

— Jo, você passou a noite inteira bebendo?

— Não! Não seja ridícula. Só as últimas hor... Que horas são? — Ela virou o braço para checar o relógio, derramando vodca no telhado. — Ops!

Allie tentou parecer calma.

— Por favor, senta, Jo, e fala comigo.

— Claro, Allie! — Jo sorriu para ela, tão alegremente quanto se estivesse na sala de refeições conversando depois do almoço. — Quero falar com você. Mas estou sentada há horas. É ótimo levantar e me esticar.

Rodando em um pé, ela oscilou desgovernadamente. Engasgando-se, Allie cobriu a boca com as mãos, mas em seguida Jo se equilibrou e riu.

— Essa foi por pouco.

O coração de Allie estava batendo tão acelerado que ela temeu sofrer um enfarto.

— Por favor, Jo. Por favor, senta e fala comigo. Eu tomo a vodca. Mas... senta.

Como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer, Jo abaixou até estar sentada no telhado. O sorriso havia desaparecido de seu rosto. Agora parecia lúgubre e lágrimas corriam silenciosamente dos seus olhos.

— Ninguém me entende, Allie. Nem você. Você é minha melhor amiga e não posso te contar a verdade. Isso me deixa tão triste.

Fungando, pegou a garrafa e tomou mais um gole. Em seguida passou o braço sobre os olhos e entregou a vodca a Allie. Allie inclinou a garrafa e fingiu tomar um gole, em seguida segurou a garrafa descuidadamente, como se tivesse esquecido que estava com ela.

Inclinou-se para perto de Jo.

— Ah, querida, eu sinto muito vendo você triste. Aconteceu alguma coisa?

Jo olhou para ela como se estivesse irritada.

— Claro que aconteceu alguma coisa, Allie! A Ruth está morta! Ela tá morta. E ninguém nunca vai contar a verdade sobre o que aconteceu. Todo mundo é mentiroso.

Levantando o braço, Jo apontou para Allie.

— E você não sabe nada. Todo mundo está escondendo as coisas de você porque não sabem por que você tá aqui. Ou quem você é. Quem é você, Allie Sheridan?

Allie levantou as mãos.

— Eu só sou... eu, Jo. Não sou ninguém.

Balançando a cabeça veementemente, Jo pareceu gradualmente mais irritada.

— Não, não, não! Isso também não é verdade. Você não sabe nada. Realmente não sabe. E isso é... estúpido. E ninguém vai te contar. Ninguém vai te contar. — De repente levantou o olhar e encontrou o de Allie no que pareceu uma paródia de clareza total. — Eu sei das coisas e não vou contar.

Allie engoliu em seco.

— O que você sabe, Jo? Sabe quem matou a Ruth?

Jo cerrou os olhos maliciosamente.

— Todo mundo sabe o que tá acontecendo, Allie. Todo mundo, menos você. — Acrescentou com uma voz entoada. — Mas não vou te contar...

— Jo, você tem que me contar. — O coração de Allie estava acelerado, mas ela lutou para manter a expressão vazia. — É muito importante. A polícia tem que saber.

Balançando a cabeça de um lado para o outro, Jo pareceu chorosa novamente.

— Meus pais não me querem por perto, sabia, Allie? Eles não dão a mínima pra mim.

Allie tentou acompanhar.

— Tenho certeza de que dão, Jo. Devem dar. São seus pais. Mas me fala da Ru...

— Não dão não! — gritou Jo. — Meus pais amam dinheiro, e amam Saint Tropez, Hong Kong e a Cidade do Cabo. Mas não a mim. A mim não.

Ela estava soluçando agora. Enquanto estava distraída, Allie atravessou o telhado mais para perto dela — perto o bastante para que pudesse, se preciso, segurá-la.

— Ai, Jo. Eu não sabia. — Jo estava completamente descontrolada, mas Allie precisava fazê-la conversar sobre Ruth. — Me fala quem machucou a Ruth, Jo. E aí a gente pode conversar mais sobre a sua família.

Jo a encarou.

— Não tenta me enrolar, Allie.

Ao falar, Allie escutou uma movimentação logo abaixo delas. Antes que pudesse reagir, Carter apareceu, subindo agilmente o telhado para perto delas.

— Olá, meninas. — A voz soou propositalmente casual. — E aí?

Através das lágrimas, Jo sorriu para ele.

— Carter West! Eu te amo, Carter West. Você é tão bonito, e tem esses olhos escuros profundos. Eu teria te escolhido se não tivesse escolhido o Gabe. — Em seguida pareceu confusa por um segundo. — Não, eu teria escolhido o Lucas se não tivesse escolhido o Gabe. Mas se não desse certo, escolheria você. Definitivamente. Ou talvez o Sylvain.

Carter não hesitou.

— E eu também teria te escolhido, Jo. Porque você é a menina mais bonita do colégio.

Sorrindo timidamente, com o rosto rubro e inchado, os cabelos arrepiados, Jo disse:

— Sério? Essa é a coisa mais gentil que já me disseram. Me dá um abraço.

Saltando sem qualquer aviso, ela cambaleou muito, com os braços rodando. Allie exclamou e esticou o braço para segurá-la, mas Carter estava ao lado de Jo em um instante, envolvendo-a em um abraço forte e rindo com ela.

— Cuidado, Jo, a gente está um pouco alto aqui.

Ela ignorou as palavras dele.

— Eu te amo, Carter West. Você é muito mais gentil que o Gabe.

Carter a abaixou gentilmente para uma posição sentada outra vez, com os olhos nela o tempo todo.

— Você sabe que o Gabe te ama, não sabe? Vocêalaria com ele, se ele subisse aqui?

— O Gabe não me ama. Ele não fala a verdade sobre nada. É um mentiroso como todo mundo. — Olhou Carter, analisando-o. — Mas não tenho certeza se você também é mentiroso.

Jo se levantou sem firmeza, afastando as mãos de Carter quando ele tentou ajudá-la.

— Carter, você sabe o que o Gabe é. A Allie não sabe de nada. Mas você sabe. — Ela se voltou para Allie. — O Gabe é importante, muito mais importante do que você, do que eu ou o Carter. Ele é da Escola Noturna, sabe o que é a Escola Noturna, Allie?

Carter estava congelado no lugar, olhando fixamente para Jo como se não soubesse o que fazer. Allie balançou a cabeça.

— Não. O que é, Jo?

— É um bando de meninos e meninas fingindo que são cavaleiros, soldados, deuses ou alguma coisa. Acham que vão ser reis do mundo. — Jo apontou para Allie. — Eles não gostam de você, sabia? Acham que você é perigosa. Eu não paro de repetir que eles estão enganados, mas não me ouvem! Cadê minha garrafa?

Enxergando a garrafa aos pés de Allie, Jo deu um passo rápido em direção a ela. Levantando-se, Allie pegou a vodca e olhou para Carter sem dizer nada, mas antes que pudessem decidir o que fazer, Jo avançou para a bebida.

Carter se esticou para alcançá-la, mas foi tudo muito rápido; uma telha solta prendeu no pé de Jo, que perdeu o equilíbrio. Caindo sem controle, ela rolou pelo telhado íngreme e, com um grito estridente, desapareceu.

A garrafa de vodca caiu das mãos sem força de Allie, rolou pelo telhado e atingiu o chão abaixo com uma batida cristalina. No terrível instante que sucedeu, Allie ouviu uma voz gritando longe, e percebeu que era a dela própria.

Carter ficou olhando para o espaço onde Jo estivera, com o rosto vazio. E um segundo pareceu se estender além dos limites permitidos pela física.

Em seguida os dois escutaram um ruído arranhado vindo da ponta do telhado. Antes que Allie pudesse reagir, Carter já tinha se jogado de bruços e começado a descer o telhado íngreme para a borda. Allie foi atrás, e ambos viram mãos ensanguentadas tentando se segurar. Se atiraram para Jo no mesmo instante. Carter agarrou o pulso esquerdo de Jo, e alguns segundos depois Allie segurou a mão direita. Sobre o ombro de Jo, Allie enxergou a queda íngreme para o chão.

Agora estava ouvindo um resmungo agudo abaixo do telhado, como se Jo estivesse assustada demais para chorar. O sangue em suas mãos as tornou escorregadias e, enquanto Allie lutava para segurá-la, Carter gritou tenso:

— Pega o pulso.

A essa altura Allie já agarrara o braço de Jo, mas por causa da proximidade com a encosta íngreme, teve que se utilizar de toda a sua força para sustentar Jo sem que ela própria caísse. Puxá-la era impossível. O rosto de Carter estava roxo de tanto esforço, mas na posição em que estavam até ele estava tendo dificuldades.

— Tudo bem, vamos tentar de um jeito diferente. Solta o braço dela — disse ele, arfando. — Eu vou tentar rodar, para ficar sentado direito. Aí consigo alguma tração pra puxar ela de volta. Pega a minha cintura e segura firme. — Capturando o olhar dela, acrescentou: — Não deixa a gente cair, Allie.

Tão apavorada que não conseguia respirar, Allie fez que sim com a cabeça para confirmar que tinha entendido. Segurando o braço de Jo com garras de ferro, Carter se virou para sentar com um rosnado de esforço. Assim que ele estava pronto, Allie soltou o braço de Jo e, movimentando-se o mais depressa que conseguia, se colocou atrás de Carter, apoiando os pés com força nas telhas. Enquanto Allie agarrava a cintura dele, ele gritou:

— No três, e puxa com toda a sua força. Um, dois...

No três, Allie enterrou os calcanhares e a içou.

O tronco de Jo apareceu sobre a borda do telhado.

Carter e Allie pararam e em seguida:

— De novo! — gritou Carter. — Puxa!

Desta vez, Jo subiu completamente, e os dois alcançaram os braços da menina para puxá-la de volta em segurança.

Lágrimas de alívio queimaram os olhos de Allie. Ofegante com o esforço, engatinhou para perto de Jo.

— Você está bem? — Agarrou as mãos de Jo para ver os machucados e franziu a testa. — Ah, Jo — disse. Várias das unhas de Jo tinham sido arrancadas e havia um corte profundo na palma da mão esquerda, que sangrava livremente.

— Allie? Jo? — A voz de Gabe veio de baixo deles.

Carter e Allie trocaram um olhar. Mas foi Jo que respondeu.

— Gabe — gritou, soluçando. — Gabe, me ajuda!

— Jo? — ele berrou de volta, a voz carregada de medo.

Allie pôde ouvi-lo subindo rapidamente em direção a elas, aparentemente pelo mesmo caminho percorrido por Carter.

Pulando para o telhado, Gabe ficou parado olhando para eles por um segundo, espantado, antes de correr para Jo.

— Que diabos aconteceu? O que houve com as suas mãos? — Quando ela não respondeu, ele se voltou para Carter. — Carter?

A voz de Carter estava entorpecida por uma tensão exausta.

— Ela caiu do telhado. Acho que se machucou tentando se segurar. A gente precisa levar ela pra enfermeira.

— Jesus Cristo. — Gabe envolveu Jo nos braços e a levantou de modo que ela ficasse de pé, apoiada nele. Olhando para Carter por cima do ombro, mexeu a boca sem emitir som: — Vodca?

Carter fez que sim com a cabeça. Apesar de Gabe parecer entristecido, estava com a voz calma.

— Estou com você, amor. Vou te levar lá pra baixo. Carter, pode me ajudar?

Voltando-se para Allie, Carter disse:

— Fica aqui, tudo bem? *Não se mexe*. Eu volto pra te mostrar o caminho seguro pra descer.

Sem fala, Allie assentiu, e Carter foi atrás de Gabe. Ela ouviu os dois abaixando Jo para o rebordo, e em seguida manobrando-a pela janela. Houve um murmúrio baixo de conversa que ela não conseguiu escutar, e em seguida o ruído de Carter retornando.

Ainda sentada no telhado com os braços firmes envolvendo o corpo, ela estava se balançando para trás e para a frente, contando cada movimento (*cento e dezessete, cento e dezoito, cento e ...*)

— Você está bem? — Carter agachou ao lado dela de modo que o rosto estivesse alinhado com o de Allie. A menina pôde ver a preocupação nos olhos do rapaz ao limpar com as pontas dos dedos uma lágrima no rosto dela.

Ajeitando-se, Allie assentiu.

— Então vamos sair desse telhado maluco — disse Carter.

O rapaz a ajudou a se levantar, em seguida a conduziu pelo local por onde Allie havia subido anteriormente, para um pedaço onde o telhado se inclinava mais gradualmente em direção ao parapeito. Dali foi mais fácil descer para um peitoril menos estreito, e em seguida atravessar a curta distância até a janela do quarto.

Do parapeito, pulou para a própria escrivaninha, batendo a cabeça com força na parte superior da moldura da janela. Lá dentro ela titubeou pelo quarto, segurando a cabeça enquanto Carter deslizava graciosamente pela janela e olhava maravilhado para Allie.

Apesar de tudo que tinham acabado de passar, ela o viu tentando não sorrir.

— Allie, o que fez com você mesma agora?

A menina apontou para a cabeça.

— Vem cá. — Ele agarrou o braço dela, puxou-a para si e examinou brevemente a cabeça. — Sério, se você sobreviver à Cimmeria, vai acabar sem neurônio algum.

Ele deu um beijo no machucado, seus lábios leves como um desejo.

— Pronto. Acho que esse é todo o tratamento médico que precisa.

Provavelmente foi coincidência, mas a cabeça *realmente* melhorou.

— Como você achou a gente? — perguntou Allie.

— A Jules falou que talvez houvesse um problema. Vim te procurar. Você não estava, mas vi aquilo. — Carter apontou para o bilhete na escrivaninha. — Depois vi a janela aberta, e somei dois e dois.

— Obrigada, Carter. — A voz de Allie estava exaltada. — Acho que você salvou a vida da Jo.

— Preferia que vocês não tivessem se encrencado — disse ele, mas sorriu.

— Agora vamos achar o Gabe e a Jo e verificar que ela está bem?

Allie concordou, espantada ao perceber que estava sorrindo em retribuição.

— Obrigada.

— De nada — disse ele. — Agora tenta não se machucar enquanto atravessa o corredor. — Allie o socou no braço quando Carter abriu a porta, e em seguida pulou para trás.

Isabelle estava no corredor lá fora, com as mãos na cintura.

DEZENOVE

Allie e Carter percorreram o corredor cercados por Isabelle e Matthew. Allie tinha a sensação de que estavam sendo conduzidos. Não houve discussão. Isabelle apenas disse:

— Carter, Allie. Venham conosco, por favor.

E foram.

Caminharam rapidamente para o escritório de Isabelle. A diretora segurou a porta aberta para eles e entrou por último, antes de sentar na cadeira atrás da sua mesa, com Matthew ao lado, apoiando uma mão nas costas da cadeira dela. Ela não o apresentou.

— Chamei vocês aqui porque quero saber se cometi um erro — Isabelle fixou os olhos em Allie.

— O que... o que quer dizer? — respondeu Allie cautelosamente.

— Violei muitas regras pra te aceitar nesta escola. — A voz de Isabelle estava carregada de raiva. — Errei?

Enquanto Allie sentia medo se desenrolando em seu estômago, ouviu-se uma batida rápida na porta.

— Entra. — A voz de Isabelle era uma ordem.

Sylvain entrou. Olhou em volta, evitando o olhar de Allie, em seguida fechou a porta atrás de si, e apoiou as costas nela.

Com o coração afundando, Allie se voltou novamente para a frente.

— Não estou entendendo — disse. — O que foi que eu fiz?

— Dei instruções claras de que os alunos não deveriam sair e descubro que você não só esteve no telhado bebendo com Jo Arringford, mas também foi à capela. Eu te pergunto, o que devo pensar, Allie, além de que é uma insubordinada?

Allie a encarou, boquiaberta. *Como ela sabe sobre a capela?*

Carter se inclinou para a frente.

— Espera aí, Isabelle. Ela foi pra capela porque eu pedi. Estive com ela o tempo todo. Ela esteve em segurança.

— E a Jo estava muito chateada — disse Allie. — Tive medo de que ela se machucasse. Só estava tentando ajudar.

O olhar de Isabelle era gelado.

— Uma garrafa que caiu do telhado não acertou um aluno por poucos centímetros. Se ele tivesse sido atingido, nós teríamos sido responsáveis. Tem vidro, e vodca, devo acrescentar, espalhados na frente da porta de entrada.

Allie estava tão chocada e furiosa que teve que abaixar os olhos para que Isabelle não visse a raiva em sua expressão. *A Ruth morre, o colégio pega fogo, e ela está preocupada em ser processada por vidro quebrado?*

Isabelle transferiu a atenção para Carter:

— E por que, pergunto, você esteve com ela o tempo todo? Você conhece as regras.

— Depois do que aconteceu com Ruth e Lisa, a Allie ficou nervosa. Estava pensando em abandonar a escola — explicou Carter. — Queria que ela pudesse conversar livremente, sem medo de ser ouvida por bisbilhoteiros.

Impressionada com a tranquilidade com que ele utilizou a verdade para, bem... mentir, Allie olhou para Isabelle, para ver como ela estava recebendo. Não parecia impressionada.

— Entendo que a Allie estivesse chateada, mas há lugares onde essa conversa poderia ter se passado aqui na casa, Carter — disse ela secamente. — E não gosto quando minhas regras são solenemente ignoradas, principalmente quando foram instauradas de maneira tão clara e tão recentemente.

Carter estendeu as mãos, com as palmas para cima.

— Bem, então sou eu que devo me desculpar, e não ela. Fui eu que sugeri a capela. No início ela até se recusou a ir, porque não queria violar as regras, mas eu a convenci. Se alguém foi insubordinado, fui eu. Mas fiz isso por razões que considereei válidas.

A voz de Carter estava surpreendentemente confiante, pensou Allie. Seu tom mais parecia o de um filho acalmando uma mãe irritada do que o de um aluno se dirigindo a uma diretora.

— Me permite, Isabelle? — Sylvain olhou para a diretora interrogativamente e ela lhe dirigiu um curto aceno de cabeça.

— Carter, você não só desobedeceu as instruções de Isabelle, como também as minhas — disse, suas vogais francesas elegantes envolvendo cada palavra. — E ao fazer isso, colocou a Allie em perigo, e isso é inaceitável.

Pela primeira vez na conversa, Carter pareceu tenso. Allie o viu cerrar os punhos e em seguida relaxá-los muito deliberadamente sobre o colo. Não disse nada.

Isabelle suspirou.

— Basta. Carter e Allie, esta foi uma transgressão muito séria às regras que estabeleci ontem à noite. Entendo que vocês dois ainda estejam chateados com os acontecimentos da noite de sexta-feira. Do contrário, receberiam detenção e um aviso por escrito. Em vez disso, estou apenas alertando que mais uma infração não será permitida.

— O que vai acontecer com a Jo? — A pergunta explodiu dos lábios de Allie antes que ela pudesse se conter.

Isabelle direcionou um olhar afiado a ela.

— Vamos começar com o que exatamente se passou no telhado hoje de manhã, Allie, podemos?

Allie contou sobre o bilhete, sobre ter notado a janela aberta e sobre ter subido para encontrar Jo no telhado e tudo que sucedeu.

— Eu realmente não sabia o que fazer além de ajudar — explicou. — Ela está bem?

— Quatro das unhas da Jo foram arrancadas — relatou Isabelle — e uma das mãos sofreu um corte fundo. Ela tá muito machucada. Todos estes ferimentos presumivelmente ocorreram durante a queda. Além disso, está

bêbada. Como os machucados são superficiais e a embriaguez é temporária, ela foi tratada pelas enfermeiras e sedada. Vai continuar na enfermaria até a gente decidir um castigo. Os pais dela serão avisados.

— Ela vai ser... expulsa? — Allie agarrou os braços da cadeira com tanta força que suas juntas embranqueceram.

Isabelle parecia reprovadora.

— Não vou discutir ações disciplinares envolvendo outros alunos com você, Allie.

Matthew se inclinou para sussurrar alguma coisa ao seu ouvido. Quando terminou, Isabelle se voltou para Allie.

— Pode ir, Allie. Gostaria de conversar em particular com o Carter um instante.

Allie olhou para Carter, mas ele estava com os olhos fixos à frente enquanto ela saía da sala. Notou que tanto Sylvain quanto Matthew ficaram para trás.

Nem tão particular assim.

Fechando a porta atrás de si, ela se apoiou tentando ouvir, mas não dava para escutar nada através da madeira sólida.

Girando, correu pelas escadas para o dormitório feminino, parando no número 335.

Bateu, em seguida deu um salto para trás quando a porta se abriu quase instantaneamente.

Jules estava, como sempre, imaculada — uniforme engomado e cabelo perfeito.

— Allie... O que eu posso fazer por você?

Se ficou surpresa em vê-la, não demonstrou.

— Quero visitar a Lisa — revelou Allie —, mas não sei onde fica a ala de enfermagem, e imaginei que você soubesse.

— Ouvi dizer que ela finalmente acordou — disse Jules. — Vai até o térreo, atravessa a ala das salas de aula. Depois sobe a escada no fim. É no primeiro nível que chegar. Vai saber quando vir.

Allie hesitou, desejando que pudesse confiar em Jules o bastante para realmente conversar com ela. Quando ela não se moveu, a monitora loura

ergueu as sobrancelhas perfeitamente arqueadas e perguntou:

— Algum problema?

— É só que... — Allie enrolou a bainha da camiseta em um dedo — o Carter me falou que você deu meu recado ontem à noite. Eu queria te agradecer. Não precisava.

Jules cruzou os braços sem muita firmeza.

— De nada. Mas eu me sentiria melhor se você falasse a verdade sobre o motivo pelo qual queria falar com ele. E agora, com tudo que aconteceu com a Jo Arringford, estou pensando se devo me arrepender da minha decisão.

— Mas tudo que eu fiz foi tentar ajudar a Jo! — protestou Allie. — Eu não dei a vodca pra ela, nem levei ela pro telhado. Só tentei salvar a vida dela. Não entendo por que isso é tão horrível.

— Bem, por que não veio me chamar antes? — perguntou Jules.

— Por que eu faria isso? — rebateu Allie. — Você só ia tentar arrumar encrenca pra ela.

Jules pareceu irritada, mas também, pensou Allie, um pouco ferida.

— Você e a Jo são minha responsabilidade enquanto estão neste andar, Allie. Você nunca deve se colocar em perigo como fez hoje. E o Carter me contou sobre as suas crises de pânico, por que você não me falou isso? Eu não tô aqui pra te dar detenção, nem gritar com você. Estou aqui pra ajudar. Mas independente do que eu faça, você me trata como se eu fosse sua inimiga.

Isto foi tão surpreendente que por um instante Allie ficou sem palavras.

— Eu só... pensei que você me detestasse — disse afinal.

— Nunca te detestei — disse Jules. — Você sempre pareceu intimidada por mim, irritada, e eu não sabia como te fazer enxergar que eu não sou sua inimiga.

— Mas você é amiga da Katie Gilmore e ela me odeia demais.

Para sua surpresa, Jules deu uma risada breve. Levantou a mão se desculpando.

— Sou amiga da Katie, e sim, ela te odeia, mas é só ciúme. Ela gosta do Sylvain e o Sylvain gosta de você, e isso fere os sentimentos dela e faz ela parecer malvada. Ela tá acostumada a conseguir o que quer. Mas você precisa saber que isso não tem nada a ver comigo. Eu sempre falo pra Katie que ela

precisa crescer e te deixar em paz, mas — deu de ombros — ela é uma pessoa independente.

Sua expressão se tornou mais séria.

— Não me julgue pelo comportamento dela. Me julgue pelo meu.

Agora tímida, Allie esfregou a ponta de um pé na outra.

— Desculpa, Jules. Eu fui completamente babaca.

— Tudo bem — disse Jules. — Eu devia ter sentado e conversado com você antes. Sou a monitora e tinha que saber como lidar com esse tipo de coisa. Mas gostaria muito que pudéssemos deixar isso pra trás.

Com um olhar desafiador, ela estendeu a mão.

— Amigas?

Após uma fração de segundo de hesitação, Allie aceitou.

— Amigas.

— Muito bem, agora vai ver a Lisa; ela provavelmente tá solitária lá, sem companhia — disse Jules, recuando para o próprio quarto, acrescentando com seu tom mais oficial: — E sem mais passeios pelo telhado, por favor.

Enquanto se apressava pela rota indicada por Jules, Allie reviveu mentalmente a conversa que tivera com a monitora.

Como posso ter errado tanto em relação a ela? Será que me enganei tanto assim?

Lembrou-se de Carter e Sylvain rindo dela por não gostar de Jules — ambos pareciam achá-la ótima, apesar de Sylvain ter concordado que ela sabia ser difícil.

Mas ser difícil não é ser ruim.

Costumava incomodá-la o fato de que os dois a tinham defendido. Mas talvez, se tivesse errado no juízo que fizera de Jules, tudo fizesse sentido.

Tentou se lembrar das coisas que a monitora tinha dito que a deixaram magoada, e de repente só conseguia se recordar da expressão de espanto quando Allie ficou com raiva ou chateada.

Mas mesmo assim parecia estranho que Jules de repente queria ser amiga dela. As palavras inebriadas de Jo no telhado apitaram em seus ouvidos: “*Eles não gostam de você... acham que você é perigosa.*”

As luzes estavam apagadas na ala das salas de aula, e ela apalpou a parede procurando um interruptor. Quando não o achou, andou depressa. Seus passos ecoaram enquanto ela praticamente corria pelo corredor, passando por portas que abriam em salas vagas, onde cadeiras vazias e mesas se dispunham em fileiras fantasmagóricas e círculos.

No fim do corredor, uma porta sem nenhuma marca tinha um vidro fosco através do qual passava a luz do dia.

Parece promissora.

Abriu.

Atrás da porta havia uma escadaria que levava para cima, bastante iluminada por janelas em todos os andares. O primeiro nível ao qual chegou foi um mezanino entre o térreo e o primeiro andar. Saindo da escada, entrou imediatamente em um corredor onde os tetos baixos e os pisos de linóleo contrastavam com os espaços crescentes e a madeira polida em outros lugares da casa. Em um dos lados do corredor tinha uma fileira de portas brancas fechadas, cada qual com uma janela de vidro fosco subdividida por uma cruz azul cuidadosamente pintada. A outra parede era alinhada por janelas através das quais luz e ar fresco entravam.

— Olá? — Allie chamou.

Sua voz ecoou pelo corredor vazio.

Estava tão silencioso que ela se sentiu enervada ao percorrer o corredor ensolarado. Bateu em cada porta que passou e as forçou. Ninguém respondeu, e as três primeiras que tentou estavam trancadas.

Mas a quarta abriu.

O quarto estava escuro, com todas as cortinas fechadas. O lugar era pequeno e tinha apenas uma cama.

Allie pôde ver um chumaço brilhante de cabelos louros no travesseiro.

— Jo? — sussurrou, dando um passo inseguro para dentro do quarto. — Você está bem?

Não obteve resposta, mas algo lhe dizia que Jo estava acordada. Deixando a porta aberta, atravessou o quarto nas pontas dos pés para se ajoelhar ao lado da cama. Os olhos de Jo estavam fechados, mas a respiração estava irregular.

— Ei — Allie sussurrou —, você está bem?

Uma lágrima escapou do olho de Jo e correu pelo lado do rosto. Ela limpou-a com mãos cheias de ataduras, como uma múmia.

— Não quero conversar agora, Allie. — Estava com a voz rouca e entorpecida.

Ferida, Allie pensou em discutir, mas em vez disso foi para a porta. Ao abri-la, olhou para trás — Jo estava deitada de costas, olhando para o teto como se já estivesse sozinha.

De volta ao corredor, Allie tentou as outras portas. A duas portas do quarto de Jo, espiou e viu um recinto ensolarado, pintado de branco, no qual duas fileiras de quatro camas hospitalares eram separadas por cortinas brancas esvoaçando com uma leve brisa que sussurrava pela janela semiaberta. Apenas uma das camas estava ocupada.

Deitada sob uma coberta branca em uma cama branca, contra uma parede branca, Lisa estava pálida e com os olhos fechados — seus cílios espessos projetavam sombras como hematomas na pele. Seus cabelos longos e sedosos estavam espalhados pelos travesseiros, e uma atadura grande cobria um dos lados do rosto. Um dos braços estava com uma tala.

Allie se assustou com a magreza de Lisa. Será que em algum momento ela comia? Parecia tão... quebrável.

Ao sentar em uma cadeira de madeira na beira da cama, emitiu um rangido fraco e Lisa abriu os olhos.

Ela sorriu sonolenta.

— Allie.

Allie retribuiu o sorriso, mas linhas de preocupação se acumularam entre os olhos.

— Oi. Como você está? Tudo bem? Soube que tinha acordado.

Lisa se ajustou nos travesseiros. Estava com um gesso no pulso, por onde um soro havia sido passado em algum momento, e hematomas escuros arroxeados manchavam a parte superior dos braços.

— Tudo bem. Eu tô bem dopada, eu acho. Não sei há quanto tempo estou aqui.

A fragilidade de Lisa fez com que seus olhos parecessem enormes e como os de uma criança, e Allie sentiu uma onda inesperada de instinto de proteção.

— Não muito. — Allie teve que parar para pensar. — Quer dizer, é... Que dia é hoje? Domingo, eu acho. — Enrubescou com a própria confusão, mas Lisa pareceu satisfeita.

— Ótimo. Pensei que fosse mais. — Ela olhou pela janela e uma sombra passou pelo seu rosto. — Mas já vai escurecer, não vai? — Parecia tão assustada que Allie pegou sua mão e a apertou.

— Não se preocupa. Você tá totalmente segura aqui.

Lisa não pareceu convencida, mas a medicação parecia afetar sua habilidade de sustentar um pensamento, e um instante mais tarde ela relaxou outra vez.

— Lisa, o que aconteceu com você? — perguntou Allie. — A Jo disse que perdeu você quando as luzes se apagaram e não te viu mais até a gente te encontrar... bem, você sabe, no saguão de entrada.

Com os olhos escurecendo, Lisa franziu o rosto se concentrando.

— Está tudo muito confuso. Lembro de dançar com o Lucas. Depois a gente decidiu sair pra andar e respirar um pouco. A gente ia pela porta da frente porque a de trás estava lotada. Mas aí as luzes se apagaram. No começo não foi nada de mais; aliás, pareceu até divertido. As velas estavam iluminando a entrada, então ainda dava pra enxergar e tudo. Mas as pessoas começaram a gritar.

“O Lucas me mandou ficar lá e falou que voltava pra me buscar. E correu pro salão pra ver o que estava acontecendo.”

Lisa parou e olhou para Allie com olhos vazios.

— E foi isso. Não me lembro de mais nada. Tudo não passa de um branco imenso.

Allie afagou a mão da amiga.

— A Isabelle disse que você tá bem; teve concussão ou alguma coisa? Uma vez o meu irmão teve e não conseguiu se lembrar de ter caído até duas semanas depois.

— É, a enfermeira falou que eu bati a cabeça em alguma coisa quando caí, e me cortei de algum jeito; levei 12 pontos. — Ela tocou o curativo inconscientemente.

— E os seus braços? — Inclinando-se mais para perto, Allie levantou cuidadosamente as mangas curtas da camisola hospitalar de Lisa para poder enxergar melhor a pele. — Esses hematomas... parecem... marcas de mão.

Olhando para os braços, Lisa falou:

— Parecem? Não faço ideia de como apareceram aí. E torci o pulso quando caí, eu acho.

— Eles... — Allie hesitou e recomeçou. — Imagino que tenham te contado sobre a Ruth?

Confirmando com a cabeça, Lisa pareceu prestes a chorar.

— Mas não acredito — sussurrou. — Como ela poderia... se matar? Nunca pareceu triste nem deprimida. E tinha vários planos pro futuro. Queria viajar pelo mundo, sabe? Não entendo por que ela faria uma coisa dessas.

Allie pensou em revelar as próprias suspeitas a respeito da versão oficial da morte de Ruth, mas não achava que Lisa fosse a pessoa certa para contar isso. Não que não confiasse nela, era mais uma questão de não querer preocupá-la.

Durante um tempo ficaram quietas e Lisa cochilou, mas quando Allie se mexeu na cadeira, o rangido a acordou novamente.

— Ainda está aqui. — A voz sonolenta de Lisa parecia satisfeita.

— Claro que estou — respondeu Allie. — Você não deve ficar sozinha o tempo todo. É muito chato. Onde estão as enfermeiras?

Lisa olhou em volta como se esperasse vê-las saltando de trás de um armário.

— Não sei. É estranho, ficaram muito aqui ontem, mas quase não as vi hoje. — Bocejou. — Me fala, o que anda acontecendo no mundo real? O que está rolando?

Allie imaginou o quanto deveria contar. Em seguida decidiu que Lisa conhecia Jo melhor do que ela.

— Não muita coisa. As coisas só estão um pouco estranhas. E... Lisa, a Jo meio que teve um ataque hoje de manhã, e agora tá seriamente encrencada.

Lisa pareceu mais alerta.

— Como assim? Por que ela tá encrencada?

Allie contou a Lisa o que tinha acontecido naquela manhã no telhado. Quando terminou, esperava ver a menina em choque, mas, em vez disso, ela

apenas balançou a cabeça.

— Coitada da Jo. Ela deve estar muito chateada. Queria poder conversar com ela.

— Lisa, o Carter me falou que ela já fez esse tipo de coisa antes...?

Lisa assentiu.

— Você conhece a Jo — disse. — Ela é absolutamente adorável. Mas os pais ignoram ela. Sempre a ignoraram. Acho que ela fazia esse tipo de coisa pra chamar a atenção deles. Depois se tornou uma espécie de hábito, eu suponho. Eles cansaram e mandaram ela pra cá. Mas ela é feliz aqui, então há muito tempo não acontecia. A única coisa que consigo pensar é que o que aconteceu no baile foi demais.

Parecia triste.

— Ela gostava muito da Ruth, sabe?

Allie assentiu.

— Acho que faz sentido. Mas nunca a vi assim antes. Não soube o que fazer.

Lisa esticou a mão para pegar a de Allie e apertou-a.

— Pobre de você. Deve achar que a Cimmeria é um asilo de loucos. Na verdade não é. Pelo menos normalmente não.

— Tudo bem. — Allie pôs a mão em cima da de Lisa. — Quando vão te liberar?

Lisa deu de ombros.

— Ninguém falou.

Olhando para o relógio, Allie se levantou.

— É melhor eu ver o que tá acontecendo lá fora. As coisas andam muito estranhas. Tenho a sensação de que se eu não estiver lá a escola inteira pode simplesmente... explodir. É assustador.

Abaixou para dar um abraço em Lisa, que parecia tão raquítica que Allie quase não a apertou.

Lisa sorriu para ela.

— Obrigada por vir me visitar.

— Eu volto — prometeu Allie. — E se você estiver bem o suficiente pra fazer visitas, a Jo está a duas portas daqui. Mas dá um tempo pra ela recuperar a

sobriedade antes.

Ao fechar a porta, Allie ouviu Lisa dizer:

— Não se esquece de mim...

VINTE

— Oi, Allie!

A voz veio da sala comum enquanto Allie voltava da ala médica para a escola, e ela virou para ver Lucas a chamando com um aceno.

— Oi, acabei de ver a Lisa — disse Allie. — Ela estava bem.

— Ótimo! — respondeu ele. — Sei que ela queria te ver. A Jo também foi? Allie balançou a cabeça. *Ele ainda não sabe o que está acontecendo?*

— Você não falou com o Gabe? — O tom de Allie era cauteloso.

— Não, não vi o Gabe, o Carter ou a Jo. Você sabe o que está acontecendo? Ela diminuiu a voz.

— Aconteceu uma coisa hoje de manhã. — Relatou brevemente os acontecimentos do telhado.

Lucas revirou os olhos.

— Ai meu Deus. Isso de novo não.

Allie recuou surpresa.

— Como assim, “de novo”?

— A Jo fazia esse tipo de coisa o tempo todo. Foi por isso que os pais mandaram ela pra cá. A Jo surta às vezes. Bebe demais, se droga, aí bate o - Porsche de alguém, invade o casamento de um estranho... Você sabe. O “a-mamãe-não-me-ama” de sempre. — Ele não pareceu solidário. — Foi por isso que eu terminei com ela. Todo esse drama chatérrimo. Cansa.

— Você acha que ela vai ser expulsa?

Lucas riu como se Allie tivesse feito uma piada.

— Nunca. Os pais dela são muito bem relacionados e milionários. Ela poderia matar alguém que mesmo assim a deixariam continuar até a formatura, e ainda fariam uma festa de despedida.

Antes que Allie pudesse responder, ele prosseguiu:

— Bom, pelo menos isso explica onde a Jo e o Gabe estão; ela está encrocada e ele, tentando ajudar. Mas cadê o Carter?

Allie relatou a versão editada de como ela e Carter tinham violado o toque de recolher na noite anterior.

— Espero que ele não esteja encrocado demais — disse Allie ao terminar o relato.

— Ah, a Isabelle vai superar, não se preocupa. Ela finge que ele é só mais um aluno, mas todo mundo sabe que ela ama ele como se fosse um filho. — Ele a olhou analisando-a. — O que está rolando entre vocês, aliás? Estão ficando?

Ruborizando, Allie balançou a cabeça.

— Não, claro que não. Só somos amigos.

— Hm-hum. — Lucas não pareceu convencido. — Amigos que fogem pra floresta depois do toque de recolher. O melhor tipo de amizade.

O tom de Lucas era de provocação, e Allie sentiu a cor subir mais ainda.

— Não seja doido — disse ela. — Seja como for, não sei cadê ele agora.

— Espero que o Sylvain não esteja pegando pesado com ele. Ele vai morrer de ciúme de você passar tempo com o Carter agora que deu um fora nele.

Allie estava olhando para o chão para esconder o rubor do rosto, mas levantou a cabeça.

— Como você sabe que eu dei um fora nele?

Lucas sorriu novamente.

— Allie, não existem segredos na Cimmeria, principalmente no que se refere a relacionamentos. A Katie Gilmore anda irritantemente feliz desde sexta à noite, e está contando pra todo mundo que o Sylvain te dispensou — revelou Lucas. — Considerando que ele está completamente infeliz, todo mundo presumiu que, na verdade, foi você que dispensou ele. Adivinhei, certo?

Allie assentiu.

— Ótimo. Ele sabe ser um completo babaca. É o que acontece quando seus pais são bilionários e você é filho único. — Lucas sorriu endiabrado. — Ele não é bom o suficiente pra você. O Carter é bem mais legal.

Enquanto Allie tentava insistir mais uma vez que ela e Carter eram apenas amigos, Lucas riu e a interrompeu:

— Escuta, eu tenho que ir. Vou ver se o Carter voltou pro dormitório masculino. Ou o Phil, ou qualquer pessoa, na verdade. Eu tô muito entediado. Talvez seja forçado a estudar se alguma coisa não acontecer logo. Um verdadeiro pesadelo.

Contudo, enquanto ele se despedia, uma menina alta e graciosa se aproximou.

— Ouvi você ameaçar estudar, Lucas? Por favor, não. A Terra pode parar de girar e hoje tem macarrão no jantar. Não quero perder.

— Tudo bem, então — respondeu Lucas. — Vou arrumar outra coisa pra fazer, não quero que perca o seu espaguete.

Allie e a menina se olharam com expectativa durante um momento até Lucas notar.

— Ah, desculpa. Não percebi que vocês não se conheciam. Allie Sheridan, essa é a Rachel Patel. Rachel, Allie. Vocês deveriam conversar. Podem gostar uma da outra. São duas malucas.

— Babaca — Rachel disse afetuosamente.

Sentindo-se de fora das provocações amistosas, Allie examinou os sapatos, mas depois que Lucas se afastou, Rachel virou para ela com um sorriso largo que exibia dentes brancos perfeitos e covinhas.

— O Lucas é legal. É aquele cara que é tão meu amigo que eu nunca poderia namorar. Você tem um desses?

Ela tinha pele bronzada e olhos em forma de amêndoas, e seus longos cabelos cacheados estavam presos por um elástico prateado fino. Tinha um sorriso irresistível que Allie se viu retribuindo facilmente.

— Acho que todo mundo tem — respondeu, pensando em Mark em Londres.

— Fato. É como uma regra da natureza. — Rachel estudou Allie por um momento. — Então finalmente conheço a famosa nova aluna de quem todo mundo fala.

Allie gostou da voz dela — era quase doce, com um leve toque de um sotaque do norte.

— Ninguém fala de mim — replicou Allie, envergonhada.

— Temo que falem sim. Na verdade você é da minha turma de história, sabia? — disse Rachel.

Allie tentou se lembrar de tê-la visto lá e invocou uma vaga imagem de uma menina séria que sempre sabia as respostas para as perguntas de Zelazny.

— Você usa óculos — disse, com um tom negligentemente acusatório. — E é superinteligente, certo?

Rachel pegou um par estiloso de óculos de moldura escura do bolso da saia apenas o suficiente para que Allie os visse.

— Confesso. Sou uma nerd total. Não consigo evitar. E eu só uso os óculos pra enxergar as projeções.

Ela pausou, em seguida falou:

— As pessoas realmente falam de você, sabe.

Allie fez uma careta.

— Ah, ótimo. O que elas dizem?

Com a testa enrugada enquanto pensava, Rachel passou uma lista resumida.

— Ah, você sabe, primeiro que estava ficando com o Sylvain, depois que não estava mais; que é amiga da Jo, depois que a Jo surtou; que foi você que achou o corpo da Ruth na noite do baile... — pausou. — O que é péssimo, a propósito, se for verdade.

Allie baixou os olhos e a respiração de Rachel sibilou através dos dentes.

— Droga. — Ela olhou para o relógio. — Pra onde você estava indo, aliás? Está ocupada?

Allie balançou a cabeça.

— Vamos almoçar — disse Rachel enquanto caminhavam pelo corredor. — Quero saber tudo. Além da história da Ruth, quero saber o que está se passando com a Jo Arringford. O que houve? Ela realmente se jogou do telhado? A fofoca sobre esse assunto é inacreditável...

Sentada em um canto silencioso da sala de refeições, com xícaras de chá e sanduíches, Allie se viu contando tudo para Rachel. Tudo sobre ter encontrado Ruth e em seguida Lisa, assim como a história dos eventos do telhado. Rachel prestou atenção a cada palavra enquanto o sanduíche permanecia intocado à sua frente.

Por que conseguia contar a ela coisas que não tinha revelado a ninguém, Allie não sabia. *Talvez eu só precise de alguém pra conversar que não seja um menino e que não vá se jogar do telhado*, pensou. Qualquer que fosse o motivo, não parecia capaz de deixar de falar e falar.

Havia algo inerentemente honesto em Rachel. Ela parecia ao mesmo tempo conhecedora e crítica da Cimmeria. Sabia tudo sobre todo mundo da escola, e, no entanto, claramente mantinha uma distância da maioria. Lucas parecia ser seu único grande amigo, mas quando Allie perguntou por que ela não sentava com ele, Gabe e Jo nas refeições, ela fez uma careta.

— Não é a minha — disse.

Mas Rachel não era exclusivamente ouvinte. Provou ser uma verdadeira colunista de fofoca das intrigas da Cimmeria.

— Como você sabe disso tudo? — Allie perguntou em determinado momento.

— Eu simplesmente escuto — disse Rachel. — Você ficaria impressionada com o quanto é possível aprender se simplesmente sentar quieta e fingir cuidar da própria vida. Talvez esteja no meu sangue. Meu pai é uma espécie de investigador.

— Tipo um policial? — perguntou Allie.

— Mais ou menos isso.

Quando a sala esvaziou e as duas ficaram lá sozinhas, Rachel lançou um desafio.

— Fala o nome de qualquer pessoa desta escola e eu te digo tudo sobre ela: coisas sabidas ou suspeitadas.

— Sério? — Allie riu.

— Sério.

— Tudo bem... Katie Gilmore — falou Allie.

Rachel sorriu.

— Boa escolha. Incrivelmente rica. O pai dela é banqueiro investidor, mora em Kensington, transa com a empregada. Compra os filhos com férias em Seychelles e compra a mulher com um American Express Black. — Serviu-se de um copo de suco. — O irmão dela se formou aqui no ano passado, agora estuda em Oxford, onde aprende a fazer dinheiro igual ao papaizinho.

— Impressionante — disse Allie, com um olhar de respeito. — E a Jules? — perguntou.

Rachel fez que sim com a cabeça.

— Jules Matheson, muito inteligente, notas perfeitas, aparência perfeita, toda perfeita. É um pouco assustador. O pai dela é conselheiro da Rainha. O irmão estudou aqui há alguns anos, acabou de se formar com honras em História Antiga em Cambridge. Nada de escandaloso aí. Quer saber da Jo?

Engolindo em seco, Allie hesitou antes de responder. Isto parecia uma certa traição. Mas Jo nunca tinha revelado muito sobre si, na verdade. E depois do que tinha acontecido...

— Quero — respondeu.

— Jo Arringford — desembuchou Rachel. — Filha do banqueiro e ex-ministro de governo Thomas Arringford, que atualmente é um executivo do Fundo Monetário Internacional e mora na Suíça, tem casas em Knightsbridge, na Cidade do Cabo, Saint Tropez... onde você imaginar. Os pais dela são divorciados. O papai tem uma nova mulher, que é seis anos mais velha que a Jo. A mamãe passa a maior parte do tempo morando em Saint Tropez. Um irmão, de oito anos de idade, estuda na Eton. A Jo é muito inteligente, tem notas perfeitas. Já teve três surtos e uma tentativa de suicídio...

— Para! — disse Allie, tarde demais.

— ... há um ano e meio — concluiu Rachel.

— A Jo tentou se matar? — sussurrou Allie.

Rachel assentiu sombriamente.

— No feriado de Natal. Os pais dela... nenhum dos dois a chamou pra voltar pra casa. Ela ficou aqui... tomou uns remédios.

Allie se sentiu enjoada.

— Como...?

— O Lucas que encontrou, eles só estavam ficando há uns dois meses. O cara tinha ficado aqui pra passar o Natal com ela. Quando ela não desceu pra jantar no dia 25, ele subiu até o quarto dela pra ver como estava e... Feliz Natal, pessoal — suspirou. — Fizeram uma lavagem estomacal, mandaram pro psicólogo. O Lucas ficou do lado dela o tempo todo. Quando ela melhorou, terminou com ela. A Jo começou a ficar com o Gabe três semanas depois.

— Não foi à toa... — A frase de Allie pairou no ar.

— O quê? — perguntou Rachel.

— Depois que a Jo... você sabe. O Lucas não pareceu surpreso.

— É, bem. Não ficou — disse Rachel secamente.

— Mas por que todo mundo, por que o *Lucas* ainda é amigo dela?

— Você conheceu ela — respondeu Rachel. Noventa e nove por cento do tempo ela é a menina mais doce e generosa que você já conheceu. Além disso, ela é uma deles.

— Uma deles? — perguntou Allie.

— Você sabe, a família é rica, os pais estudaram aqui, alguns conhecem ela desde pequena. Ela é completamente Cimmeria — declarou Rachel.

Enquanto Allie ficava parada por um instante, pensando, uma ideia ligeiramente terrível lhe ocorreu.

— O que você sabe sobre mim?

Rachel pareceu hesitante.

— Tem certeza de que quer saber?

Allie assentiu.

— Eu aguento.

Claramente desconfortável, Rachel pensou cuidadosamente antes de responder.

— Certo, eu sei muito pouco sobre você, e considero o que sei sem fundamento. — Pausou, parecendo pedir desculpas. — Mas lá vai. O nome Sheridan é desconhecido de todos, então você não tem legado, a não ser que seja pelo lado da sua mãe. Você é filha única até onde todos sabem. Seus pais têm empregos públicos de alguma espécie. Cresceu no sul de Londres. Tem

ficha criminal. Seus pais te mandaram pra cá por castigo. Tem bolsa de estudos. Encontrou o corpo da Ruth.

Allie engoliu em seco. Quando colocado desta maneira...

— Meu Deus, eu pareço uma perdedora.

— Ei, não foi essa a minha intenção. — Rachel pareceu preocupada. — Eu realmente não sei muito sobre você. Não te acho uma perdedora.

Allie considerou isto, em seguida olhou desafiadoramente para Rachel.

— E você?

— O que tem eu... o quê? — disse Rachel, confusa.

— Me fala as fofocas de você.

Rachel sorriu.

— Justo. Tudo bem. Deixa eu ver. Rachel Patel, filha de Rajesh e Linda Patel. Nascida em Leeds. Pai asiático, mãe não. Pai foi aluno bolsista da Cimmeria e agora é um especialista em segurança internacional; trabalha para alguns governos. Assuntos ultrassecretos. É do conselho da Cimmeria, *muito* influente. Rachel tem uma irmã, Minal, que tem 12 anos de idade. A mãe de Rachel tem dois ph.D., um excesso, se quer minha opinião, e administra uma empresa privada de pesquisa médica não muito longe daqui, onde a família tem uma residência suntuosa de muitos acres de terra. Rachel tem notas perfeitas em quase todas as matérias, principalmente em ciências, e quer ser médica quando crescer. Tudo bem?

Allie sorriu, mas seus olhos estavam sérios.

— Tudo bem.

Estavam quites.

Jo não apareceu na aula de biologia na segunda de manhã.

Sem conseguir lidar com o fato de não saber o que estava acontecendo, Allie ficou depois da aula para perguntar a Jerry onde ela estava.

— A Jo transgrediu seriamente as Regras, conforme você sabe, Allie. — Tirou os óculos de armação fina. — Ela recebeu o que a gente chama de suspensão em casa como castigo.

— O que é isso? — perguntou Allie.

Ele esfregou as lentes com um lenço branco e limpo.

— Significa que, quando for liberada da enfermaria, vai ter que ficar no quarto. As refeições e os trabalhos escolares serão entregues lá, mas ela não vai poder participar de nenhuma atividade normal.

Allie girou a bainha da camisa branca nos dedos enquanto considerava as palavras do professor.

— Quanto tempo vai ficar... suspensa?

Jerry equilibrou novamente os óculos no nariz.

— Só uma semana, desde que obedeça às restrições, acompanhe o trabalho escolar e não viole mais nenhuma regra.

— Eu posso ver a Jo?

Jerry balançou a cabeça.

— Sem contato, sinto muito, Allie. Ela deve utilizar esse tempo isolada pra refletir e estudar.

Allie olhou para o chão enquanto ele falou, mas então levantou a cabeça com a expressão cheia de preocupação.

— Ela está melhor? Jo não estava... sabe... normal ontem.

Por trás das lentes brilhantes, os olhos castanhos de Jerry eram generosos.

— Não a vi. Pergunta pra Eloise ou pra Isabelle, elas é que estão supervisionando o castigo. Mas tenho certeza de que está bem.

Allie assentiu.

— Obrigada, Jerry.

Então a Jo está encrencada, mas não foi expulsa, Allie pensou ao atravessar o corredor. O Lucas tinha razão.

Ficou imaginando se Jo ainda estaria louca ou se já tinha voltado ao normal, e em seguida se sentiu desleal por especular. Mas não podia fingir que os acontecimentos do dia anterior não a fizeram questionar se realmente conhecia Jo ou não.

A conversa com Jerry quase fez com que se atrasasse para a aula de inglês, e ao entrar, a maioria dos alunos já estava sentada. Allie sentou ao lado de Carter, que estava rabiscando o canto do caderno.

— Oi.

— Oi pra você também. — Ele levantou o olhar para sorrir por um segundo, em seguida retornou ao desenho.

— Por onde você andou? — perguntou Allie, tirando os livros da bolsa. — Não te vejo desde ontem de manhã.

Carter lançou para Allie um olhar cheio de significado.

— Você sabe. Coisas.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas deixou passar.

— O Jerry disse que a Jo vai passar uma semana em prisão domiciliar — disse, passando as páginas do livro.

— Merece — concordou ele, acrescentando em seguida: — uma camisa de força também não faria mal nenhum a ela.

— Bom dia, turma. — A voz de Isabelle salvou Allie de ter que pensar em um contra-ataque. — Recentemente nós lemos obras de T.S. Eliot, e na semana passada pedi para lerem um trabalho que influenciou muito a sua escrita, os *Rubáiyát de Omar Khayyám*, notoriamente traduzidos por um homem chamado Edward FitzGerald. Discutimos o senhor FitzGerald na sexta-feira...

Depois de tudo que tinha acontecido naquele fim de semana, Allie não tinha qualquer lembrança da aula de sexta-feira. Decidiu que teria que acreditar na palavra de Isabelle.

— Vamos começar com minha passagem preferida, Quadra LXIX. Clare — Isabelle se voltou para uma menina loura bonita —, você pode ler pra gente, por favor?

Allie sentiu uma onda de inveja com uma pontada de culpa — Clare tinha sido o par de Carter no baile, e Allie vinha evitando-a desde então. Lembrou-se do olhar de Clare para Carter com uma espécie de adoração. Mas Carter tinha passado o tempo todo olhando para Allie.

Levantando-se, Clare leu com uma voz doce como um sino:

É um tabuleiro de xadrez de noites e dias
Onde o destino brinca com homens como peças:
Movimentos aqui e acolá, cheques e mortes,
E, um por um, voltam à gaveta.

— Obrigada, Clare — disse Isabelle.

Ao retomar o assento, a menina lançou um olhar esperançoso a Carter, mas ele estava com os olhos grudados no caderno.

Que bagunça, pensou Allie, desenhando um coração preto em uma página branca do caderno, e em seguida apunhalando-o com uma flecha.

Isabelle se apoiou em uma mesa.

— Esta é uma escrita quase existencialista, a maioria de vocês vai se lembrar das teorias básicas do existencialismo que vimos no começo deste período, se não lembram, passem na biblioteca porque isso vai cair na prova, que eu adoro tanto pela visão desoladora da vida quanto pelo humor negro. O equilíbrio é único. Então, o que acham que ele está dizendo?

Quando Allie leu a passagem no domingo, teve um flashback da aula de xadrez de Jo que acabara interrompida há algumas semanas. Mas antes que pudesse levantar a mão, a voz de Carter a surpreendeu — não achou que ele estivesse prestando atenção à aula.

— Acho que ele tá dizendo que nós somos peões. E que o destino escolhe o que acontece com a gente; com quem nos casamos, quando morremos. Mas e o livre-arbítrio? Nós não tomamos decisões? Isso não é poder?

— Precisamente — concordou Isabelle. — Por outro lado, nosso livre-arbítrio não é afetado pelo que o destino nos dá?

— Mas isso é um absurdo. — A voz característica de Sylvain veio do fundo da sala, e Allie virou na cadeira para vê-lo. — Tudo depende de nós. Nós detemos todo o poder. Não existe destino. Como pode existir?

— Típico — murmurou Carter.

Sylvain o encarou.

— O que isso quer dizer, Carter?

Antes que Carter pudesse responder, Isabelle se meteu entre eles.

— Fico feliz que os dois estejam levando a poesia tão a sério, mas nunca tive uma briga na minha sala por causa de Omar Khayyám, e prefiro não ter uma agora. Então, acho que esgotamos minha passagem predileta. A próxima passagem que gostaria de olhar...

Durante a semana seguinte, a escola voltou mais ou menos à normalidade entediante. O cheiro de fumaça desapareceu gradualmente, e as reformas começaram no salão. Uma caçamba de entulho apareceu do lado externo da ala oeste, e pedia-se frequentemente que os alunos evitassem o corredor principal entre o salão e a caçamba. A percussão de martelos e furadeiras que distraía bastante logo se tornou um aspecto tedioso do dia a dia.

Lisa foi mandada para casa para se recuperar dos ferimentos. E, sem ela e Jo por perto, Allie se viu passando quase todo o tempo com Rachel. Isto significava que passava o tempo quase todo na biblioteca, pois era lá que Rachel parecia morar. Então Allie não se surpreendeu nem um pouco quando Rachel sugeriu que fossem para a biblioteca estudar na tarde de sexta-feira. Lucas veio junto meio contra sua vontade, alegando ter um trabalho para segunda no qual ainda nem tinha tocado.

Rachel se provou a companhia ideal para os exercícios de ciências, considerando que sabia tudo.

— Você realmente é um gênio das ciências — maravilhou-se Allie, fazendo uma careta enquanto Rachel explicava a estrutura biológica da tênia, com os olhos relativamente brilhantes de interesse.

Levantando os olhos dos livros, Lucas disse:

— Por que você acha que eu sou amigo dela? Não é como se ela fosse legal, ou coisa do tipo.

Rachel deu uma cotovelada nas costelas de Lucas, e em seguida se voltou novamente para Allie.

— Meu negócio é a ciência, mas você pode me ajudar com francês, que definitivamente *não* é a minha.

— Não fala em francês com a Allie — alertou Lucas. Quando as duas olharam confusas para ele, Lucas mexeu a boca sem falar: — Sylvain.

— Ah, não. — Allie enterrou o rosto nas mãos.

— Muito cedo? — perguntou Lucas.

Allie fez que sim com a cabeça, mas Rachel estava lutando para não rir.

— Quê? — perguntou Allie.

— É que — disse Rachel, rindo — você terminou com o *Sylvain*. É como terminar com, sei lá, Deus ou coisa do tipo.

Rachel e Lucas agora estavam rindo descontroladamente.

— Basicamente todas as meninas desse colégio querem ficar com ele e você simplesmente o dispensou.

Allie sentiu o rosto ruborizar, e olhou em volta para se certificar de que ninguém tinha escutado.

— Querem calar a boca? — sibilou Allie. — Sério!

Enquanto tentavam se controlar, com Rachel limpando lágrimas de tanto rir, Allie virou as páginas do livro, franzindo o rosto.

— Ele é um babaca — murmurou defensivamente.

Isso os ativou novamente, só que desta vez Allie também quis rir. Tinha que admitir, era um tanto engraçado. De um jeito horrível.

Naquela noite, depois do jantar, entediada de tanto ir para a biblioteca, Allie voltou para a sala comum, para ler a tarefa de inglês. Mesmo após uma semana tentando alcançar a matéria, ainda estava atrasada. Apesar do incêndio e da morte de Ruth, os professores estavam aumentando a pressão, e ela tinha montanhas de capítulos para ler. Antes das nove da noite estava quase dormindo, encolhida em uma poltrona de couro perto de um piano inutilizado em um canto da sala, com a cabeça apoiada em uma das mãos, e as palavras na página a sua frente começando a nadar. Quando um pedaço de papel dobrado em um quadradinho apareceu diante dela, Allie levou um instante para notar o que estava acontecendo.

— Seu amigo Carter me pediu pra te entregar — sussurrou Lucas, colocando uma ênfase sarcástica na palavra “amigo”.

— Quê? Cadê ele? — perguntou Allie, sentando-se ereta e olhando em volta.

Lucas deu de ombros.

— Eu passei por ele no corredor há alguns minutos. Tenho que correr. A gente vai jogar críquete lá na frente.

Olhando em volta para se certificar de que ninguém a observava, Allie desdobrou o pedaço da folha de caderno. A caligrafia bonita de Carter

preenchia apenas algumas linhas no centro da página.

Allie

A gente precisa conversar.

Me encontre às 9h30 na biblioteca. Vou estar na seção de latim antigo no fundo do canto esquerdo. Não deixa o Sylvain te ver me procurando.

C

O coração de Allie bateu mais acelerado. Assim que terminou de ler as palavras, dobrou o bilhete ao meio para esconder o recado e o guardou entre as páginas do livro.

Os 20 minutos seguintes passaram lentamente enquanto ela tentava ler, mas achava impossível se concentrar. Finalmente, às 09h25, juntou as coisas e, se espreguiçando de forma teatral para indicar quão cansada estava, caso alguém estivesse de olho, levantou da cadeira.

— Bem, acho que vou dormir — falou para ninguém antes de se dirigir para a porta.

Uma vez no corredor, parou e folheou os papéis, esperando para ver se alguém a seguira. Quando ninguém apareceu, foi para a biblioteca, parando para olhar por cima do ombro antes de abrir a porta.

Lá dentro viu que o local estava cheio, porém silencioso, e ao atravessar os tapetes macios, virou algumas páginas do caderno como se estivesse procurando alguma coisa. Ocasionalmente olhava os números dos livros nas prateleiras. Como se não tivesse achado o que queria, continuava.

Eu deveria ser atriz, pensou. Tão convincente.

Gradualmente foi passando pela parede de painéis elaborados onde os cubículos de estudo dos formandos tinham aqueles murais estranhamente violentos, e chegou à seção de línguas antigas. Quanto mais avançava, menos pessoas via. Ao alcançar as prateleiras da parede do fundo, não havia mais ninguém por perto.

Incerta quanto à localização dos livros de latim, passou por cada fila, puxando livros pesados das prateleiras para identificar a língua. Mas apesar de

ter encontrado livros antigos, com capa de couro, pilhas em grego e em árabe, não achou nada em latim.

— Por que esconderam os livros de latim? — murmurou. — É alguma espécie de piadinha inteligente? Tipo, se quiser ler em latim tem que ir até...

— Allie.

O sussurro que interrompeu seus pensamentos aleatórios veio de algum lugar à frente, no canto mais isolado do recinto.

— Carter? — A luminosidade era fraca. Enquanto Allie cerrava os olhos para ver quem tinha falado, uma mão se esticou das sombras e a puxou para o espaço entre duas enormes estantes de livros.

— Jesus — disse Allie. — Bastava um simples “oi”.

Carter não sorriu.

— Desculpa. Só quis te trazer aqui antes que todo mundo na biblioteca começasse a imaginar o que você estaria fazendo na sessão de línguas antigas falando sozinha.

— Um trabalho sobre Roma Antiga pra aula de história.

Allie estava muito satisfeita com seu álibi, mas Carter não pareceu impressionado.

— A gente está estudando Cromwell.

— Eu estou me adiantando — disse defensivamente. — A gente vai ter que estudar Roma alguma hora.

— Muito convincente.

Quando Allie assimilou a expressão sem humor de Carter, seu coração afundou.

— O que houve, Carter? Qual é a de toda essa trama? Por que não veio me buscar na sala comum?

— Olha, temos um problema. — Cruzando os braços, ele apoiou as costas em uma estante como se estivesse tentando colocar distância entre os dois.

— Certo — disse ela. — Qual é o nosso problema?

— A partir de agora, se alguém te perguntar o que você viu na sexta à noite, você diz que a Ruth se matou, tudo bem?

Allie abriu a boca para protestar, mas ele levantou a mão e continuou falando.

— Porque até onde todo mundo sabe, foi isso que ela fez, tudo bem? Ela se matou.

Um silêncio se abateu enquanto ela pensava no que Carter estava falando.

— Mas eu sei que não é verdade — disse ela.

— Sabe? — questionou. — Como você sabe? Por causa da sua experiência com ciência forense? Estava escuro, Allie. Tinha muito sangue. Você se assustou. Mas não tem como saber se a Ruth se matou ou não. Então para de bancar a detetive.

— A Isabelle te mandou aqui pra me dizer isso? — perguntou irritada.

— Ninguém me mandou. — Ela olhou nos olhos dele, procurando algum sinal de evasão, mas ele não desviou o olhar.

Carter alcançou a mão dela.

— Eu tô do seu lado, Allie. De verdade.

— Então não entendo! — ela disse, libertando a mão. — Por que está fazendo isso? Eu vi o que vi.

Carter se aproximou.

— Olha, Allie, estão espalhando que você estava com ela quando ela morreu.

— Que eu... o quê? — A menina o encarou.

— E que você foi a última pessoa que viu ela viva, e a única que viu o corpo.

Allie balançou a cabeça.

— Eu não...

O garoto escolheu cuidadosamente as palavras seguintes.

— Allie, está rolando um boato de que você teve alguma coisa a ver com a morte da Ruth.

VINTE E UM

Na manhã seguinte Allie desceu as escadas precisamente às 6h43. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo que balançou a cada passo. Parecia cansada, porém decidida.

Quando deixou Carter na noite anterior, foi ao banheiro e jogou água fria no rosto. Ficou lá durante algum tempo, se olhando no espelho, revivendo mentalmente a conversa.

— Como alguém pode achar que eu tive alguma coisa a ver com a morte da Ruth? — perguntara a ele, chocada. — Isso é loucura. A gente mal se conhecia. Por que eu ia querer machucar ela?

— É uma armação, Allie. — O rosto dele estava sombrio. — Também estão falando que você embebedou a Jo no telhado, e que tem... problemas mentais. — Ela abriu a boca para protestar e ele levantou a mão. — Quem quer que esteja espalhando essas coisas sabe que não é verdade. Estão te provocando.

— Mas por quê? Por que alguém ia querer fazer isso?

— Algumas pessoas se sentem ameaçadas por você.

— Como eu ameaço alguém? — ela perguntou lamuriosa. — Eu não sou ninguém.

— Já te disse que não acho que isso seja verdade — disse ele. — E nem ninguém acha.

— Não entendo. — Ela passou os dedos pelo cabelo, pressionando as têmporas com força. — Meus pais são funcionários públicos. Não são ricos. A maioria das pessoas aqui é filha de milionários. Como podem se sentir ameaçados por mim?

— É isso que a gente precisa descobrir — disse Carter.

Depois disso não conseguiu dormir. Agitada, saiu da cama às duas da manhã e abriu a janela para entrar ar fresco. Uma hora depois a fechou porque estava com frio. Em um momento ouviu passos pela porta do seu quarto, e em seguida silêncio.

Mais de uma vez o pensamento passou por sua mente: *será que foi a Rachel? Eu confiei nela. Ela é a única que sabe de tudo. Não contei pra mais ninguém. Ela adora fofoca. Mas ela não faria... Faria?*

Achava que tinha cochilado por volta das quatro da manhã, mas não por muito tempo. Quando o alarme tocou às 6h15, estava completamente acordada, olhando para o teto.

E agora tinha que enfrentar o café da manhã.

Indo o mais cedo possível para a sala de refeições em um sábado, Allie torcia para evitar a maioria das pessoas. Ela e Carter tinham decidido que ela deveria viver o dia como sempre. Mas ela não queria lidar, por exemplo, com Katie Gilmore agora.

Ao entrar, ninguém pareceu prestar nenhuma atenção indevida a ela e enquanto enchia o prato com cereal e torrada, se permitiu uma sensação de alívio. *Talvez essa coisa toda de boato não vá causar nada.*

Olhou ao redor da sala procurando as companhias habituais, mas tinha descido tão cedo que ninguém estava lá.

— Oi, Allie. Vem sentar comigo. — Rachel estava sozinha a uma mesa à direita.

Por um instante Allie hesitou, os pensamentos da noite passada giraram nauseantes. Mas pareceria estranho não sentar com Rachel.

Rachel é a pessoa mais ligada nas fofocas do colégio. Se não mencionar os boatos a meu respeito, vou saber que é ela.

Foi até a menina e repousou a bandeja sobre a mesa.

— Por um segundo achei que fosse ter que sentar sozinha.

— Eu sempre tô aqui cedo — disse Rachel. — Meu pai meio que me programou pra acordar cedo quando eu era pequena e agora acho que vou ser assim pra sempre. É errado atrapalhar o sono de crianças.

Rachel tinha feito um sanduíche de torrada, ovo e queijo, e ao servir leite no cereal, Allie teve que admirar a maneira como ela o devorava sistematicamente.

— Seu café parece melhor que o meu — observou.

— A refeição mais importante do dia, amiga — disse Rachel, mastigando. — Ei, você soube que as pessoas estão espalhando boatos horrorosos a seu respeito?

Allie congelou, com a colher a meio caminho da boca.

— Ouvi alguma coisa — disse cautelosamente. — Ouvi uma coisa louca.

Rachel assentiu.

— O “a Allie é uma assassina psicopata”? Foi esse que eu ouvi. Soube pela Sharon McInnon, conhece?

Allie balançou a cabeça.

— Bem — Rachel estava dando uma mordida no sanduíche —, eu mandei ela se foder.

Uma onda de alívio se abateu sobre Allie. *Não foi a Rachel então. Sabia que não tinha sido.*

— E como ela reagiu? — perguntou.

— Bem — respondeu Rachel. — Acho que ela está acostumada a me ouvir dizendo isso, porque ela é uma vaca.

Agora as duas estavam rindo, mas as preocupações de Allie não a deixaram relaxar por muito tempo.

— Quem está falando essas coisas, Rachel? — perguntou. — São mentiras tão horríveis, quem faria uma coisa dessas?

— Passei a manhã tentando descobrir — falou Rachel, franzindo a testa. — Não se preocupa. Vou desvendar.

Allie ergueu a xícara de chá.

— Com você do meu lado, Rachel, eles não têm a menor chance.

Mas por algum motivo, Allie ainda se sentia desconfortável.

Ao caminhar pelo corredor após o café da manhã, estava perdida em seus pensamentos preocupados.

Posso confiar na Rachel agora. Certo?

Já tinha quase chegado na escada quando a voz afiada de Katie cortou o silêncio da manhã normal de sábado.

— Oi, assassina! Como está passando esta manhã?

Allie virou para encará-la.

— Vai se foder, Katie.

— Olha a boca. — Os lábios perfeitos da ruiva estavam curvados em um sorriso vil. — A gente tinha que saber que, se te deixasse entrar na escola, ia tudo pro inferno.

Seu grupo de puxa-sacos polidas riu ao redor, sussurrando uma para a outra enquanto esperavam uma resposta de Allie.

— Do que você tá falando, Katie? — Allie lutou para manter a voz firme, apesar da raiva que crescia dentro dela. Mesmo tentando pensar na melhor maneira de lidar com a situação, o desejo opressor de socar a cara de Katie estava falando mais alto. Cerrou as mãos em punhos.

Enquanto sua batalha interna explodia, Katie deu um passo em direção a ela.

— Soube que você tem problemas de temperamento. — Sua voz era baixa e maliciosa. — Foi isso que aconteceu com a Ruth, Allie? Ela te chateou? Te irritou?

Allie sentiu o punho levantando antes que tivesse consciência do que estava fazendo. Mas antes de acertar o nariz empinado de Katie, alguém a agarrou por trás e a puxou tão depressa que seus pés chegaram a sair do chão.

— Katie, você não deveria estar tendo um dos seus ataques de bulimia? — A voz sedosa de Sylvain perguntou enquanto Allie se debatia nos braços do rapaz.

Katie o encarou incrédula.

— Não pode estar falando sério, Sylvain. O que você está fazendo? Por que está defendendo essa maria-ninguém? O que você vê nela?

Allie parou de lutar, mas ele ainda a segurava com firmeza. O calor do seu corpo no dela trouxe lembranças desagradáveis.

— Vejo alguém com mais classe do que você jamais terá nessa sua vida miserável. — Os olhos azul-claros varreram o grupo de amigas. — E isso vale pra todas vocês. Agora podem continuar cuidando dos próprios assuntos, por favor.

Após um breve momento de indecisão, o grupo começou a migrar para a sala de refeições. Katie foi na frente, de cabeça erguida.

Só quando estavam completamente fora de alcance visual é que Sylvain abaixou os braços e chegou para trás.

— Queria que tivesse me deixado bater nela — confessou Allie, ingrata.

— Pensei nisso — revelou.

— Ela é horrível. Eu só... Deixa pra lá. — Allie passou a ponta do pé no chão. — Obrigada.

— De nada. Mas temo que você vá ter muitos problemas agora. Esses boatos estão... — Sylvain girou o dedo no ar — em todo lugar. E ela vai usar isso contra você.

— Eu sei — disse Allie. — Só queria saber quem é que tá falando essas coisas.

Ele a olhou com seriedade.

— Quando todo mundo está falando, acho que não importa mais quem falou primeiro. Mas acredito que os primeiros boatos tenham sido espalhados por alguém que tem inveja de você.

Allie olhou para a porta da sala de refeições.

— Tipo a Katie.

— Tipo a Katie — disse ele.

— Não tenho certeza. Mas é uma coisa que... ouvi. Vou investigar. E se descobrir, vou falar com a Isabelle.

Allie não queria ter gratidão a ele, não depois do que tinha acontecido. *Mas se ele pudesse impedir que isso piorasse...*

— Seria ótimo, Sylvain.

— Não se preocupa. Como vocês britânicos dizem, eu te devo uma. — Ela enrubesceu, mas ele continuou, com o sotaque engrossando na medida em que falava. — Tenho que dizer isso, Allie. Na noite do baile... Desculpa pelo jeito duro que te tratei... Eu sei que te machuquei. Foi errado. Você é diferente das outras meninas com quem já me envolvi. Sei que não posso te tratar como elas.

As bochechas de Allie queimaram, mas ela o encarou.

— Você não deveria tratar nenhuma menina assim, Sylvain. Nunca.

Para espanto de Allie, ele abaixou a cabeça.

— Tem razão. *Absolutment*. Por favor, aceite minhas desculpas.

— Eu... eu só... Sylvain, não — gaguejou. Não queria perdoá-lo. Queria continuar com raiva. Mas então um pensamento lhe ocorreu. — Preciso saber uma coisa — disse ela. — Você colocou alguma coisa na minha bebida naquela noite?

Ele pareceu horrorizado, e naquele instante ela soube a verdade.

— Meu Deus. Claro que não. O que você pensa que eu sou? — perguntou Sylvain.

— Desculpa — retratou-se. — Mas eu precisava saber. Porque as coisas ficaram muito embaçadas.

— O champanhe da Cimmeria é forte — disse ele. — Se você não está acostumado e bebe rápido demais, ele sobe. E eu te deixei tomar rápido, isso é verdade. E tentei tirar vantagem disso. Foi errado.

A humildade e a aparente honestidade dela a deixaram sem escolha.

— Está desculpado, Sylvain — falou. — Já esqueci.

Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou:

— Olha, vou fugir antes que mais alguém me chame de assassina ou se desculpe por ter praticamente me estuprado, tá? Não aguento mais nenhuma emoção antes das nove.

Antes de virar para correr para as escadas, ele disse:

— Cuidado, Allie. — Seus olhos estavam intensos. — Existe perigo de verdade ao seu redor no momento.

— Ah, ótimo — exclamou, exausta. — Tava torcendo pra você dizer alguma coisa desse tipo.

Allie jamais teria utilizado esta palavra, mas ela se escondeu no quarto durante boa parte da manhã. Mas antes do almoço já tinha terminado todo o dever de casa e estava olhando em volta, procurando alguma coisa para fazer. E estava com fome.

Incapaz de encarar mais uma refeição na sala lotada, ela desceu um pouco antes da maioria dos alunos, pegou alguns sanduíches, guardando-os na bolsa com algumas garrafas de água e uma maçã.

Mas ao atravessar o corredor para a porta da frente, um grupo de alunos mais novos passou por ela, e Allie escutou um deles sussurrar:

— Olha aí a assassina.

Alguns riram, e outros a olharam com medo.

O que poderia fazer? Não podia lutar contra todos. Então fingiu que não ouviu e continuou andando. Ao descer os degraus da frente, alguns segundos depois, uma das amigas de Katie passou por ela e desenhou um círculo largo ao seu redor, como se ela fosse tóxica.

— Que nojo — disse a menina, olhando-a da cabeça aos pés antes de se retirar apressada.

Com a cabeça erguida, Allie continuou. Mas o gramado estava lotado de alunos esticados sob o sol, e ela imaginou escutar sussurros e risadas ao redor. Em pouco tempo estava correndo pela grama, cruzando a linha das árvores.

Longe de todo mundo.

Na casa de veraneio parou para recuperar o fôlego. Estava completamente vazia — não via ninguém. Sentada nos degraus, ela abaixou a cabeça até os joelhos e respirou lentamente até se acalmar.

Por que essas coisas sempre aconteciam com ela? Por um breve instante pensou que tinha encontrado um lugar onde pudesse simplesmente... viver. Onde estava segura. Onde era quase aceita.

Mas era sempre a mesma coisa.

Todo mundo se volta contra mim. Todo mundo me abandona.

Queria chorar, mas não podia. Olhando para as árvores, se permitiu pensar em Christopher. Ele não desapareceu simplesmente. Primeiro a afastou. Tratou-a como se houvesse alguma coisa errada com *ela*. Como se não a amasse mais.

Agora estava acontecendo outra vez. Só que dessa vez era com todo mundo.
Bem. Quase todo mundo.

Allie tinha Carter. E talvez devesse confiar na Rachel. Havia alguma coisa inerentemente boa nela. E pelo menos por enquanto ainda tinha Lisa, também. Talvez até Lucas.

Então... não estava sozinha desta vez.

Após um tempo, percebeu que realmente estava morta de fome. Saboreando a paz na clareira perto da casa de veraneio, abriu a coberta na grama e comeu os sanduíches no calor do sol — completamente sozinha. Sem sussurros, sem risadas, sem loucura. Mais tarde se esticou apoiando a cabeça na bolsa. Em poucos minutos estava dormindo.

Quando acordou, o sol de verão havia descido, e ela agora estava sob a sombra que rapidamente esfriava.

Juntando as coisas, voltou para a escola com alguma relutância. Sua tarde de paz tinha sido tão agradável, não estava pronta para lidar com a situação na qual estava metida.

Aproximando-se da casa, percebeu que era mais tarde do que pensava — o gramado estava vazio, e no corredor pôde ouvir o agito da sala de refeições. Devia ter passado das sete; todo mundo estava jantando.

Subindo as escadas para o quarto, sentiu uma pontada de fome, em seguida se lembrou de que tinha separado um sanduíche e uns biscoitos para o jantar.

Não vou precisar encarar ninguém até amanhã de manhã.

Sabia que estava sendo covarde, mas não se importava.

Contudo, na medida em que a noite avançou, os defeitos no seu plano se tornaram claros. Não falava com ninguém desde as oito da manhã. Não tinha televisão, computador nem video game. Tinha passado o dia lendo, e dormira durante horas. Às onze e meia estava sentada na escrivaninha olhando para a janela aberta, desperta e muito entediada.

Luzes foram se acendendo nos quartos ao redor, pois os alunos tinham regressado dos jogos que ela os ouviu praticando nos gramados. Há meia hora tinha escutado o berro áspero de Zelazny anunciando o “Toque de recolher!”, seguido de um baixo resmungo de vozes e passos no corredor do lado de fora do quarto.

Agora, deslizando pela escrivaninha para o parapeito, Allie saltou para o rebordo, menos timidamente do que da última vez. Sua saia bateu contra as coxas na brisa fria da noite. Seguindo o caminho que Carter havia mostrado no fim de semana passado, Allie teve que passar por algumas janelas para percorrer o rebordo até o ponto onde o telhado se inclinava em um ângulo suave, para poder subir. De lá atravessaria em segurança o telhado até a construção principal. Ali um ponto semelhante formava uma saída natural para um rebordo que passava pelas janelas dos meninos.

Mas alguns alunos ainda estavam acordados — ainda havia luz transbordando das duas janelas pelas quais teria que passar antes que pudesse chegar à relativa segurança do telhado.

Ao chegar à primeira, espiou cautelosamente através de um canto do vidro. As luzes estavam acesas, mas o quarto parecia vazio, e ela atravessou, soltando a respiração somente quando já o tinha ultrapassado.

A janela seguinte estava totalmente aberta. Ao se aproximar escutou vozes e risadas. Espiando o interior, viu três meninas conversando. Uma delas — uma garota bonita com pele morena e cabelos lisos e escuros que batiam acima dos ombros — estava sentada na cama, na frente da janela. Allie a reconheceu como uma das puxa-sacos de Katie.

As outras duas estavam no chão, de costas para ela. Mesmo por trás, os cabelos curtos e louros faziam com que fosse impossível não reconhecer Jo. A garota ao lado dela tinha um rabo de cavalo ruivo vívido e característico.

Katie.

O que a Jo está fazendo com ela? Pensei que ainda estivesse na enfermaria.

Estarrecida, Allie se segurou nos tijolos e tentou decidir o que fazer. As meninas pareciam relaxadas e poderiam conversar durante horas. Seria

impossível passar pela janela sem que a garota na cama a visse. Mas não podia subir no telhado daqui. Estava presa.

Estava com os dedos doídos pelo esforço de se segurar nos tijolos, e tentando encontrar uma maneira de mudar de posição no rebordo estreito para ficar mais confortável, então não estava prestando muita atenção quando as palavras de Katie flutuaram e ela demorou um instante para perceber de quem estava falando.

— ... e eu acho que alguma coisa tem que ser feita — dizia Katie. — A Isabelle não tem o direito de deixar alguém como ela solta entre nós. Não sabemos nada sobre ela. Primeiro a Ruth, e depois... bem. Ela podia ter te matado naquele telhado, Jo. É um milagre que tenha sobrevivido.

Espera. O que ela está dizendo?

Esperou para que Jo dissesse que Katie estava louca.

— Eu achava que ela fosse minha amiga — disse Jo. — Mas agora não confio nem um pouco nela. A cena no telhado foi assustadora. Eu podia ter morrido.

Eu salvei sua vida! Allie ficou olhando para a parede na frente dela, como se pudesse perfurá-la com os olhos.

— Claro que podia — disse Katie. — Olha o que aconteceu com a Ruth. Não é nenhuma coincidência que a Allie não tenha ido buscar ajuda antes. Ela subiu pra poder ficar sozinha com você num momento vulnerável. Só Deus sabe como você sobreviveu.

— O Carter também estava lá. — A puxa-saco falou, soando surpreendentemente razoável.

— É, o Carter de fato me ajudou... — disse Jo, incerta.

— Mas por que ele não impediu ela de te empurrar? — perguntou a puxa-saco.

Empurrar quem? Ninguém foi empurrado!

— Porque ele tá apaixonado por ela. — A voz de Katie transbordou desprezo, mas Allie sentiu o coração parar.

Ele está apaixonado por mim? Allie sorriu tolamente para a parede diante de si. *Sério?*

— Ele também já está acabado aqui — concluiu Katie.

Allie parou de sorrir.

— A gente nunca deveria ter aceitado ele — prosseguiu Katie. — Nunca entendi a obsessão da Isabelle com esse cara. O lugar dele não é aqui. Ele não tem legado, não como ela. Os padrões estão caindo muito. Vou contar pro meu pai, ele tem que interceder.

Seu tom sarcástico pareceu divertir a puxa-saco.

— Isso deve assustar a Isabelle — riu.

— É melhor que assuste. Ele é do conselho — declarou Katie. — E Jo, você também precisa escrever pro seu pai. Ele é muito influente. Conta pra ele o que aconteceu no telhado, que uma aluna nova louca tentou te matar, e que a Isabelle não está fazendo nada pra te proteger.

Allie prendeu a respiração, esperando que Jo dissesse que esta era uma ideia tola. Que não participaria. Que sabia que Allie merecia estar aqui.

— Tudo bem — disse Jo.

Tudo bem?, Allie pensou, traída. *Tudo bem? Sua mimadinha...*

Alguém bateu à porta.

Allie se inclinou para espiar pela beira da janela. Jules estava na entrada.

— Katie, Ismay, podem vir comigo um segundo? Preciso conversar com vocês. — Jules parecia séria, pensou Allie, mas Katie simplesmente revirou os olhos.

— Sério, Jules? — Ela se levantou e passou pela monitora, cada passo transbordando irritação. — Que coisa mais chata.

O que será que ela quer?, pensou Allie, observando-as sair.

A puxa-saco, que Allie agora sabia que provavelmente era Ismay, foi logo atrás. Jo a seguiu.

Apesar de estar oprimida pelo desejo de se jogar no quarto e exigir uma explicação da ex-melhor amiga, Allie esperou exatamente onde estava. Assim que desapareceram de vista, passou pela janela como uma Fúria. Alguns segundos depois, estava subindo o telhado para o prédio principal e em seguida descendo pelo declive para a janela aberta de Carter.

Ele estava sentado à escrivaninha trabalhando e não a notou logo de cara.

Allie examinou o rosto dele — assimilando a pele clara e os cabelos escuros e lisos ligeiramente despenteados. A maneira como seus longos cílios projetavam sombras em forma de pena nas bochechas. Gostava das mãos do rapaz — tinha dedos longos, porém fortes; as unhas eram quadradas e limpas.

Sentiu um calor inesperado se espalhar pelo corpo ao observá-lo.

Ele é muito encantador...

Como se tivesse escutado os pensamentos dela, Carter levantou o rosto e os olhares se encontraram.

Com um grito de espanto ele se levantou tão depressa que a cadeira caiu. Allie tentou não rir alto enquanto ele voltava à escrivaninha e olhava pela janela.

— Allie? — Carter pareceu envergonhado e irritado, apesar de ela achar que a irritação provavelmente foi só para encobrir a vergonha. — Que diabos...?

— Oi — sussurrou ela. — Não consigo dormir. Quer sair pra brincar?

Ele abriu a janela.

— Você é maluca. Entra aqui antes que você se mate.

— A Katie é tão *vaca* — reclamou ao subir na mesa.

Carter ergueu as sobrancelhas.

— Não tem o que discutir.

— Você não está entendendo. — Allie foi de um lado para o outro no quarto. — Ouvei ela falando pela janela. Ela está tentando “acabar com a gente” e odeia nós dois, e agora está plantando pensamentos terríveis a meu respeito na cabeça da Jo; que eu tentei matar ela no telhado. Acho que ela está por trás desses boatos terríveis sobre a Ruth.

Enquanto Allie discursava, ele fechou a janela atrás dela. Em seguida levantou a cadeira de madeira do chão e a ajeitou sob a maçaneta da porta do quarto, testando para ver se estava estável.

Finalmente se voltou para ela.

— O que exatamente você ouviu?

Ela contou o que tinha acontecido naquela manhã — com Katie e as amigas, e sobre como Rachel já sabia de toda a fofoca antes das sete. Os olhos

de Carter cerraram quando Allie mencionou a intervenção de Sylvain, mas ele não disse nada. Ao falar sobre o que tinha se passado no quarto de Katie, o rosto dele escureceu. Ela pôde perceber que ele estava tentando manter a calma.

— Tudo bem, então existem duas possibilidades — falou Carter. — Ou não foi ela que iniciou o primeiro boato e só está se aproveitando para espalhar mais alguns sobre você e a Jo, ou foi ela que espalhou o primeiro e esse novo só faz parte do plano maligno. — Carter socou a palma esquerda com o punho direito. — Essa vaca socialite.

— O que a gente faz? — perguntou Allie. Então pela primeira vez prestou atenção ao lugar onde estava. — E por que o seu quarto é maior do que o meu?

Ele tinha duas prateleiras de livros contra uma dela, e espaço para uma cadeira extra no canto. Ao passo que as paredes eram brancas como as do quarto de Allie, todos os tecidos no quarto tinham tom azul-escuro, atribuindo um clima mais masculino ao cômodo. Allie notou que todas as prateleiras eram preenchidas com livros muito utilizados. E que havia uma velha bola de futebol na cadeira extra. Ela apontou para a cama muito bem esticada e ele fez que sim com a cabeça. Allie se sentou e esticou as pernas.

— Estou aqui há mais tempo — Carter disse distraidamente.

Ele puxou a cadeira da escrivaninha e se sentou diante dela.

— Essas fofocas são pra causar o máximo dano possível, até para te fazerem deixar a escola. Me parece uma campanha. Pra se livrar de você.

Allie deslizou para a frente até os joelhos praticamente tocarem os dele.

— Tudo bem, Carter. Chega de segredos e de toda essa babaquice. Chegou a hora. Me fala desse lugar.

— Allie...

Carter se inclinou para longe dela, mas Allie ignorou o olhar de alerta que ele lhe dirigiu.

— Á-á. Dessa vez não. Uma pessoa *morreu*. E outra está tentando arruinar a minha vida aqui. Até onde sei, quem matou a Ruth pode vir atrás de mim. Você sabe de coisas. Supostamente é meu amigo. Então me conta tudo. Agora.

Ele atravessou o quarto e se colocou contra a parede, a postura antes relaxada agora rígida de insegurança, os braços cruzados.

— Você não entende, Allie. Não posso. Se eu falasse, e se alguém descobrisse... — Carter balançou a cabeça. — Seria ruim. Confia em mim.

— Como posso confiar em você se você não me conta a verdade? — perguntou. Baixinho, murmurou: — Talvez eu devesse perguntar pro Sylvain...

As bochechas de Carter se avermelharam. Ele marchou de volta para onde ela estava e se inclinou.

— Quer saber o que você significa pro Sylvain? Bem, eu te conto. Todo ano ele escolhe uma aluna nova bonitinha, transa com ela e a dispensa. É isso que ele faz. E todas as garotas pensam que são *tão* especiais. A última acabou abandonando a escola porque todo mundo estava tirando sarro dela. Mas quando os pais dela retiraram a oferta de uma doação generosa pra Cimmeria, a Isabelle alertou que ele nunca mais fizesse isso. — Ele cuspiu as palavras como se sentisse nojo em dizê-las. — Então é isso que você representa pra ele, Allie. A mais nova e ingênua conquista. Que pensa que o menino lindo e rico escolheu ela. Só ela.

— Para! — Allie o empurrou e se levantou em um pulo. Tinha acabado de fazer as pazes com Sylvain, e ele pareceu sincero. — Se isso é verdade, por que não me contou antes, Carter?

Estavam a poucos centímetros um do outro, ambos furiosos. Allie podia sentir no rosto a respiração de Carter.

— Eu tentei — declarou. — Só... não achei que fosse acreditar em mim.

Mas ela não ia deixá-lo escapar tão facilmente.

— Pelo que sei, você também é um arrasador de corações. Como o que o Sylvain faz é diferente do que você faz?

Ele fez uma careta, mas não desviou o olhar.

— A diferença é que o Sylvain faz de maldade. Eu não quero machucar ninguém. Só estou procurando a pessoa certa.

— As pessoas dizem que você gosta de transas de uma noite só — disse Allie em tom de acusação.

— Essas pessoas são as mesmas que falam que você matou a Ruth?

Não tinha pensado nisso.

— Tudo bem — concedeu. — Então me diz. O que falam sobre você é mentira?

Ele estava com os olhos colados nos dela.

— É, Allie. É mentira. Ou no mínimo um exagero. Eu ganhei essa... bem, reputação, eu acho... porque se fico com alguém e percebo de cara que não vai dar certo, termino logo. E a pessoa nunca é a certa. — Seus olhos não pareciam esconder nada dela, ela viu apenas vulnerabilidade. — Não quero machucar ninguém, Allie. Não quero mesmo. Só quero a menina certa.

Estando tão próxima dele, ela imaginou que pudesse sentir o calor do corpo dele atravessando o espaço entre os dois, e sem saber exatamente por que estava fazendo isso, estendeu a mão, com a palma virada para ele e os dedos abertos.

— Tudo bem. Acredito em você. Desculpa.

Carter pressionou a palma na dela.

— Obrigado — disse suavemente.

— Pelo quê?

— Por acreditar.

Ele olhou interrogativamente para as mãos dos dois.

— Isso é alguma espécie de coisa que se faz em Londres?

Quando Allie riu, Carter entrelaçou os dedos nos dela. Ela sentiu arrepios instantaneamente.

— Vocês da cidade grande têm todas essas tradições loucas — disse ele.

— É — ela sussurrou, sua garganta fechando. — Vocês do campo não sabem o que estão perdendo.

— Foi o que fiquei sabendo. E, você sabe, um dia — Carter puxou a mão dela até ela dar um passo em direção a ele — eu gostaria muito de descobrir.

Os rostos estavam tão próximos agora que foi inevitável — quando ele tocou muito suavemente os lábios nos dela, ela suspirou, e em seguida colocou as mãos na nuca dele, puxando sua cabeça para baixo.

O calor da boca de Carter a alegrou quando, com um gemido de rendição, ele a abraçou, seus lábios se movendo em delicados beijinhos de borboleta pelo queixo dela.

— Eu queria fazer isso — sussurrou ao ouvido dela — há muito tempo.

O corpo inteiro de Allie tremeu e ela o puxou com mais força. Calor se espalhou por seu corpo. Os beijos dele eram mais intensos agora, como se fosse devorá-la.

De repente ele se afastou com claro esforço, se distanciando o máximo possível dentro dos limites permitidos pelo quarto. Colocou-se contra a parede oposta, com os olhos escuros e os cabelos bagunçados onde os dedos dela haviam passado.

Ele estava ofegante, e ela soube o que Carter ia dizer antes que falasse.

— Meu Deus, detesto tomar a atitude adulta, mas a gente deveria...

— Não, tem razão. — Ficaram se olhando por um instante. — Muito bem — disse ela. — Então. Tem isso.

— Sim. Tem isso, absolutamente. — Carter riu, um riso íntimo e caloroso. — Você... fica aí um minuto, se não tiver problema. Agora, do que a gente estava falando antes de sermos... interrompidos?

O sorriso dele tinha um impacto quase tão forte sobre o corpo de Allie quanto seu beijo — tinha a sensação de que era a única menina no planeta. Estava difícil se concentrar nas palavras dele.

— Eu estava... acho que estava te pedindo pra me contar tudo — disse ela.

O sorriso de Carter desbotou. Allie lamentou vê-lo desaparecer, mas a conversa precisava acontecer.

— Eu tenho motivos pra não ter te contado tudo, Allie. Não é só porque eu sou um babaca que quer esconder as coisas de você.

— Eu entendo. — Estavam mais calmos agora, e ela teve a sensação de que estava ouvindo de fato. — Mas acho que preciso saber onde estou. Qual é a desse colégio. Pessoas estão se machucando. Não quero me machucar, Carter.

Ele pareceu perturbado.

— Se eu te contar, quebro um juramento. E eu mantenho a minha palavra. É a única coisa que podem falar de mim.

— Mas não está começando a contestar pra quem fez esse juramento? — perguntou Allie. — Me fala, Carter. Me fala sobre a Escola Noturna. E eu juro que nunca vou repetir isso pra nenhuma alma viva.

Os olhos de Carter investigaram o rosto de Allie, como se estivesse procurando algum sinal que lhe dissesse qual seria a coisa certa a se fazer. Finalmente ele sentou na cadeira, apontando para a cama.

— É melhor sentar — suspirou. — Isso pode demorar.

VINTE E DOIS

— **A** primeira coisa que precisa saber é que não sei tudo — disse Carter. — Sou um novo iniciado, comecei no último período. Tem um ano de treinamento antes de te aceitarem.

— Tudo bem. — Allie estava sentada na cama, abraçando os joelhos, olhando atentamente para os olhos dele. — Mas você cresceu aqui. Deve saber alguma coisa.

— Eu sei o que me contaram — revelou. — E é coisa muito séria.

Carter apoiou o cotovelo nas costas da cadeira.

— Esse é o primeiro passo de uma organização maior. Pessoas são recrutadas pela Cimmeria especificamente para entrarem na Escola Noturna, porque as pessoas dessa organização maior querem elas pro resto da vida, faz sentido?

Allie pareceu confusa.

— Mais ou menos...

— Tudo bem, o que estou dizendo é que você começa a Escola Noturna na Cimmeria, depois continua em Oxbridge. E, se você é da Escola Noturna, vai entrar em Oxford, Cambridge ou na LSE, sem dúvida. E faz parte de um clube lá. Então, quando se forma na universidade, vai trabalhar em uma empresa dirigida por um membro da organização. E eventualmente dirige uma empresa que contrata pessoas que começaram na Escola Noturna. E faz o que mandam. O que estou dizendo é: isso é *pro resto da vida*.

Franzindo o rosto, Allie tentou processar a informação.

— Qual é o nome desse grupo maior?

Ele balançou a cabeça.

— Não faço ideia. Não tenho certeza se tem algum nome. Simplesmente... existe.

— Então... — Allie ainda estava tentando entender. — Você está na Escola Noturna agora, e quando terminar vai pra, digamos, Oxford, onde vai participar de uma versão universitária da Escola Noturna. Depois vai trabalhar e ficar muito rico... não entendo. Isso não aconteceria de qualquer jeito? Qual é o objetivo?

Carter reduziu a voz a um sussurro.

— Só posso te contar o que contam pra gente, Allie. E o que contam é que a Escola Noturna controla o mundo.

— Controla o... — Allie olhou fixamente para ele —, o que quer dizer?

— Quero dizer presidentes, primeiros-ministros, membros do parlamento, CEOs, jornalistas, as pessoas que você vê na TV, as pessoas sobre as quais lê no jornal, pessoas que controlam o mundo. A Escola Noturna está em todo lugar.

Enquanto Carter listava profissões, ela pareceu hesitante.

— O quê? Todos eles?

— Não. Mas muitos. E em todos os níveis. A Escola Noturna comanda corporações de imprensa. Empresas de TV. Departamentos de governo. Militares. Tudo. Está em todos os cantos.

— E tudo começa aqui? — perguntou incrédula. — Carter, isso é impossível.

— Mas não sei se é só aqui. A gente vive recebendo alunos de intercâmbio de outros lugares, tipo o Sylvain.

— Então é como uma espécie de... conspiração gigante?

— É.

Atordoada, ela procurou algum sinal no rosto do rapaz que indicasse que tudo não passava de uma piada elaborada. Mas não encontrou nada.

— Como funciona?

Carter balançou a cabeça.

— Isso vai muito além do que revelam aos neos.

— Neos?

— Neófitos — explicou. — É como chamam a gente no primeiro ano.

— Que constrangedor — disse ela secamente. — Então o que eles *de fato* revelam a vocês?

— A gente recebe a grande oferta, todo o discurso da “sociedade de poder” e um jantar chique com um monte de caras ricos usando smoking, que costumavam ser a gente — relatou.

— Tudo bem, mas o que vocês fazem? — perguntou, franzindo a testa. — Digo, aqui, na Cimmeria. Todo esse treinamento de vocês, o que é?

O garoto respirou fundo.

— Meu Deus, é difícil explicar. Eles têm todas essas teorias sobre guerra e sobre estratégia ser a base de tudo, então, sei que parece estranho, mas a primeira coisa que fazem é nos ensinar a jogar xadrez. A gente passa *dias* jogando xadrez. Enquanto nos alimentam com coisas sobre como os cavalos são guerreiros e os peões, soldados...

— Espera, eu já ouvi isso antes. — Ela o encarou. — A Jo me disse essas exatas palavras há algumas semanas. A Jo é...?

— Da Escola Noturna? — Carter pareceu desconfortável. — Não exatamente. O pai dela é, e ele está insistindo pra que ela entre, mas a Isabelle acha que ela não está pronta. A Jo tem esses... problemas, você sabe. Então eles deram um pré-pré-treinamento pra ela, e o Gabe fica de olho.

— Quê? O próprio namorado? — Allie ficou horrorizada. — Está, tipo... espionando ela pra esses caras?

— Não! — Então ele pausou. — Bem, mais ou menos, eu acho. Mas ele não finge que gosta dela.

— Não — Allie respondeu sarcástica. — Ele jamais faria isso.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição.

— Então — continuou ela —, depois do xadrez, é... o quê? Jogos de guerra? É isso que vocês fazem à noite na floresta?

Ele assentiu.

— Mais ou menos. Treinamento de combate, técnicas de evasão. Esse tipo de coisa.

— Que loucura. Por que estão ensinando isso? Vocês são apenas crianças.

— A guerra é uma estratégia pra vida e pros negócios. E alguns vão acabar comandando exércitos. E governos. — Carter deu de ombros com a casualidade de quem falava de um teste de matemática. — Olha, a Cimmeria é isso, até certo ponto. E todo mundo nessa escola é ligado à Escola Noturna de alguma forma.

Carter dirigiu um olhar direto a Allie.

— Exceto, aparentemente, você.

— Exceto eu — atestou ela.

— Então — disse —, o que você está fazendo aqui?

Allie ficou parada, olhando para ele por um longo tempo. Em seguida deslizou para a beira da cama, posicionada para saltar.

— Não sei. Mas estou pronta pra descobrir. Você está comigo?

— Em tese... — ele disse cautelosamente — sim. O que tem em mente?

O rosto de Allie estava vivo, com uma mistura de animação e determinação.

— Lembra que ontem, na biblioteca, a gente decidiu que eu deveria fingir que não tem nada acontecendo e que ninguém está falando de mim enquanto você tentava descobrir o que tá rolando?

Carter fez que sim com a cabeça.

— Bem, esquece isso. O que quer que esteja se passando aqui, o lugar onde vamos descobrir é o escritório da Isabelle. Vamos lá. Agora.

— Nem pensar! — Ele pareceu chocado. — Isso é loucura, Allie. Se formos pegos no escritório da Isabelle vão nos expulsar. Não tenha dúvida. A gente nunca passaria pra uma boa faculdade. Estragaria tudo.

— Mas eu sei como evitar isso — disse Allie, levantando-se com um salto.

— Como?

— Não sendo pegos.

Ela se dirigiu para a porta.

— Allie... — Ela ignorou o tom de alerta de Carter e abriu a porta, mas ele esticou o braço por cima dela e a fechou outra vez. — Espera um minuto.

Ele reduziu a voz a um sussurro.

— O que você está procurando exatamente? O que acha que vai encontrar?

— Duas coisas — falou. — Por que a Ruth morreu. E por que eu estou aqui.

Quando ele não pareceu convencido, Allie levantou a cabeça de forma desafiadora.

— Eu vou, Carter. Vou agora. Não vou esperar até mais tarde, ou até que talvez alguém um dia decida me dar essas informações por pura bondade. Isso não vai acontecer. Tudo bem? Então, você vem comigo? Ou ser o futuro presidente da Cimmeria Ltda. é realmente tão importante assim pra você?

Carter olhou nos olhos dela durante um longo minuto, e então pareceu se decidir.

Ele abriu a porta.

VINTE E TRÊS

— **E**sse é o seu pé? Ou o de outra pessoa?
O sussurro de Allie foi tão silencioso que pareceu desaparecer na escuridão em volta dela.

— Claro que é meu — sussurrou Carter. — De quem mais poderia ser?

Estavam caminhando nas pontas dos pés pelo corredor, da escada para o escritório de Isabelle. Ao redor deles a velha casa estava anormalmente quieta — não rangia nem sossegava. Era como se estivesse prendendo a respiração.

Carter explicou que, como parte do treinamento, os alunos da Escola Noturna patrulhavam os corredores da escola à noite, mas não constantemente. Então, durante a descida, se esconderam em um recanto na parede no primeiro andar e esperaram até um par de sombras passar, silencioso como a morte.

Depois disso, Carter concluiu que tinham mais de uma hora até que a patrulha retornasse. Então desceram as escadas, pulando o degrau barulhento quase no final.

Agora estavam do lado de fora da porta praticamente invisível do escritório de Isabelle, até terem certeza de que a diretora não estava lá dentro.

— Por que ela estaria aqui? — sussurrou Allie. — É uma da manhã.

Carter deu de ombros, mas seu olhar informou a Allie de que era possível.

Depois de não escutarem nada pela porta, ele finalmente decidiu que era seguro entrar. Com a mão na maçaneta, sustentou os olhos dela.

— Três — murmurou —, dois... um... — girou a maçaneta.

A porta estava trancada.

Carter praguejou baixinho e Allie conteve uma risadinha.

— Plano B?

Alcançando o bolso, ele girou um arame.

— Dois minutos — disse. — Pode marcar.

Inclinando-se para baixo, ele enfiou o arame em uma fechadura que Allie não estava enxergando, e o moveu suavemente com as pontas dos dedos, até que, sem aviso, a porta abriu.

— Uau. Menos de dois — revelou admirada. — Onde aprendeu a fazer isso?

Ele olhou para ela.

— Onde você acha?

— Na igreja?

O rapaz sorriu e empurrou a porta. Abriu com um ruído como um suspiro.

— É, tá bom.

— Então — sussurrou Allie entrando no escritório —, como arrombar portas ajuda a formar um primeiro-ministro melhor?

Fechando a porta atrás deles, Carter tirou uma capa de casimira de cor creme de uma das cadeiras de couro e a pressionou contra a base da porta.

— Não faço ideia — falou.

Então, com um clique que pareceu ecoar na escola silenciosa, ele acendeu um pequeno abajur de mesa. Ao lado do móvel, os dois olharam ao redor do escritório de Isabelle, assimilando a tapeçaria de unicórnio em uma parede, os tapetes orientais espessos, as prateleiras repletas de livros e revistas e os muitos armários de mogno organizadamente preenchidos. Uma xícara vazia de chá com o selo da Cimmeria se encontrava sobre a mesa entre as pilhas de papel. O ar tinha um vago cheiro do perfume cítrico característico de Isabelle.

— Estou me sentindo uma criminosa — cochichou Allie, de repente incerta.

— Ah, não se sente assim, não — disse Carter. — Agora a gente já tá aqui. Vamos acabar logo com isso.

Allie sabia que ele tinha razão. Era tarde demais para voltar.

— Por onde a gente começa?

Allie estava falando mais consigo mesma do que com ele, mas Carter respondeu imediatamente.

— Eu cuido das prateleiras de livros. Você olha os armários.

Durante meia hora trabalharam em um silêncio apressado. Carter começou no lado esquerdo da sala e foi de prateleira em prateleira, procurando qualquer coisa estranha. Allie sentou no chão, examinando os armários baixos.

O primeiro tinha basicamente registros de manutenção, registros telefônicos, recibos — nada que interessasse. O segundo parecia conter registros acadêmicos, provas e outros trabalhos escolares de anos anteriores.

Assim que abriu o terceiro armário, Allie soube que estava no caminho certo.

— Bingo — sussurrou.

Carter olhou para ela.

— O que é?

— Registros de alunos.

O rapaz parou o que estava fazendo e foi até Allie. Procurando os registros de Ruth, ela começou a passar pelos Js. E então parou.

— Não está aqui.

Carter pareceu confuso.

— Tem que estar. Procura outra vez.

— Jansen — murmurou Allie baixinho. — J-a-n-s-e-n. Não. Não está aqui.

— Pode ser que esteja no lugar errado, ou coisa do tipo — falou. — Volta para o começo.

Impacientemente, Allie folheou as pastas cuidadosamente etiquetadas, passando por nomes conhecidos, assim como por outros que nunca tinha ouvido, até chegar a um que a fez parar.

— Achou? — perguntou Carter.

— Não... É o meu.

As pontas dos seus dedos estavam em uma pasta grossa com seu nome escrito no topo com tinta preta.

— Pega.

Allie ouviu a tensão na voz dele.

— Você acha? — perguntou ela.

— Duas coisas, lembra? — disse ele. — Estamos procurando duas coisas.

Com relutância, ela separou a pasta e olhou o resto dos registros, pausando no que dizia “Carter West”.

— Quer o seu?

Balançando a cabeça, disse curtamente:

— Já sei o que diz.

— Tudo bem. — Allie olhou o resto. — A pasta da Ruth não tá aqui.

— Devem ter tirado. — Carter foi até a mesa de Isabelle. — Pode estar na mesa dela, vou procurar. Você olha o seu.

Allie ficou sentada no chão, olhando para a capa da pasta, com os dedos posicionados para abri-la. Agora que o momento havia chegado, estava com medo.

Eu realmente quero saber a verdade?

Acima dela, podia ouvir o ruído de Carter revirando páginas e abrindo gavetas. Estava trabalhando com velocidade — ela sabia que não dispunha de muito tempo.

Abriu a pasta.

As primeiras páginas eram coisas normais: formulários de admissão sem nenhuma surpresa, transcrições das duas últimas escolas. Olhando as antigas notas, ela fez uma careta e virou a página.

As coisas ficaram mais estranhas. Uma cópia da certidão de nascimento. Fotos dela quando criança com os pais. Uma foto dela bebê com uma mulher que não reconhecia, rindo para a câmera.

Havia uma carta endereçada a Isabelle, escrita com a letra da mãe de Allie. A menina a segurou perto da luz para enxergar melhor. Então perdeu o fôlego. Palavras e frases pareciam pular para cima dela.

“Precisamos da sua ajuda, Izzy”, “... não sabemos o que fazer”, “O Christopher pode ter sido levado...”, “não queremos envolver a Lucinda, mas achamos que chegou a hora...”, “... perigo...”

“Precisamos da sua ajuda, Izzy?” Ela chama Isabelle de “Izzy”?

Virou a página. Essa carta, escrita em um papel espesso e caro, continha um bilhete com uma caligrafia elegante que ela não reconhecia. A data era de julho deste ano.

Isabelle.

Admita minha neta imediatamente, sob Protocolo de Proteção. Estarei em contato.

Lucinda

Por um instante, Allie parou de respirar.

Por que esse bilhete está na minha pasta? Quem é Lucinda?

Cada vez mais ansiosa, virou a página. As seguintes tinham cópias de velhos registros da Cimmeria, mas não eram dela.

Eram de sua mãe.

Com as mãos tremendo, Allie olhou rapidamente cada página, e em seguida passando-a. Olhando e passando. Olhando e passando.

A última página era um bilhete em um cartão amarelado. Reconheceu a letra do bilhete anterior de Lucinda.

G.

Muito feliz em saber que minha filha está indo bem na Escola Noturna. Está no sangue, como dizem. Ficaria feliz em receber atualizações semanais sobre o progresso dela a partir de agora.

L.S.

Allie derrubou a pasta, como se ela pudesse morder. Mas a voz de Carter interrompeu seus pensamentos acelerados.

— Ei. É melhor dar uma olhada nisso.

Seu tom era sombrio, e Allie se apressou para onde ele estava, segurando um papel sob a lâmpada. Ela espiou por cima do ombro de Carter para enxergar.

Quando terminou de ler, olhou para ele, aturdida.

— Meu Deus, Carter. O que a gente vai fazer?

Depois disso, não ficaram muito tempo no escritório de Isabelle. Allie devolveu rapidamente a página para o lugar no armário, enquanto Carter

ajeitava a mesa. Ele dobrou a capa, a colocou de volta no braço da cadeira de couro e em seguida apagou a luz.

Os dois se inclinaram contra a porta, escutando durante o que pareceu um longo tempo, em seguida ele abriu a porta e saiu enquanto Allie esperava. Quando teve certeza de que o corredor estava vazio, voltou para buscá-la. Fecharam a porta, congelando quando o clique do fecho voltando para o lugar ecoou como um grito naquele silêncio sobrenatural.

Era uma e meia da manhã. Se fossem pegos no corredor agora, não teriam nenhuma desculpa.

Só tinham dado 12 passos quando, sem aviso, Carter parou. Estendendo o braço ao dobrarem a esquina em direção à escadaria, ele conteve Allie. Depois de olhar em volta, o garoto foi para a escuridão embaixo da escada; não precisou dizer uma palavra — ela estava logo atrás dele.

Puxando-a até que estivesse com o corpo pressionado contra o dele, Carter sussurrou quase em silêncio ao seu ouvido.

— Tem alguém vindo aí.

Com a cabeça no ombro dele, inalando o cheiro de café e canela, ela assentiu e virou para que pudesse ver o que estava acontecendo em volta. Os braços de Carter a envolviam protetoramente.

Mas então ela também ouviu os passos. Muito silenciosamente, alguém vinha pelo corredor na direção deles.

Allie prendeu a respiração e tentou fazer o coração bater menos acelerado.

Assistiram enquanto uma figura sombria passou por eles, foi até a porta do escritório de Isabelle e tentou a maçaneta. Ao descobrir que estava trancada, a figura se deteve durante um instante, como se estivesse considerando as opções, antes de se retirar.

Quando Allie olhou para Carter com um olhar interrogativo, ele pressionou o dedo nos lábios dela. Não se mexeram durante cinco minutos, e então, depois que o rapaz saiu e olhou em volta, pegou a mão dela e se apressaram pelas escadas.

Conseguiram atravessar o corredor vazio da ala feminina sem serem vistos, chegaram ao quarto de Allie, onde ela fechou a porta atrás deles e acendeu o abajur da escrivaninha.

— Quem era? — sussurrou ela.

— Não vi — disse Carter. — Mas estava com uniforme da escola. Então é um aluno.

— Acha que ele viu a gente? — perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Não olhou pro nosso lado.

Allie relaxou um pouco.

— Acho que não somos os únicos tentando descobrir o que realmente anda se passando por aqui.

A adrenalina que a impulsionou durante as atividades noturnas pareceu escoar do seu corpo de uma vez só, e ela bocejou longamente.

— Nós dois precisamos dormir — disse Carter. — Amanhã tem aula, afinal de contas.

— Mas a gente precisa conversar sobre isso tudo. — Allie tentou se forçar a ficar mais acordada. — Minha pasta e aquela carta...

— Me encontra na capela amanhã depois da aula — disse ele. — E eu vou pro café às sete, vai na mesma hora e eu protejo você dos fofoqueiros. Enquanto isso... dorme um pouco.

Carter abriu a janela, em seguida se voltou novamente para ela.

— Mais uma coisa. Hoje mais cedo? No meu quarto?

Allie enrubesceu e esperou ele dizer que tinha sido um erro.

— Foi incrível. — Ele sorriu aquele sorriso sexy, com o cabelo caindo nos olhos, e pulou a janela.

Uma inundação de calor se espalhou pelo corpo dela. Todo o estresse do que tinham descoberto esta noite desapareceu e ela sorriu na escuridão.

— Também achei — disse ela.

Na manhã seguinte, Allie desceu para o café da manhã precisamente às sete horas. Carter estava esperando por ela na sala de refeições.

— Milady está pronta para sua escolta? — perguntou Carter quando ela se aproximou.

— Milady poderia assassinar um sanduíche de bacon — disse ela.

— Quanta delicadeza, Milady.

Entraram na sala de refeições rindo, mas sentiram a frieza do ambiente na mesma hora.

— Nossa — murmurou Carter.

Intimidada pela sensação de que estavam todos olhando para ela, Allie foi um pouco mais para perto dele enquanto se serviam no bufê. Ao se apressarem para onde Rachel estava sentada com Lucas, Allie pôde ouvir os sussurros e risadas em torno deles.

Tanto Rachel quanto Lucas pareciam preocupados.

— Que droga — disse Lucas ao sentarem. — O que a gente vai fazer?

— Acho que a Isabelle vai ter que intervir — disse Carter. — Não tem muito que a gente possa fazer, a não ser que a Allie queira que a gente siga ela por todos os cantos.

— Normalmente a Isabelle não permitiria que esse tipo de coisa saísse tanto do controle — concordou Rachel.

— Talvez ela esteja tentando não demonstrar favoritismo — sugeriu Lucas. — Todo mundo sabe que ela tem um interesse especial em Allie.

— Que seja. — Allie colocou o bacon no pão. — Só o que sei é que vou quebrar a Katie se ela chegar perto hoje.

Dando uma mordida gigantesca, ela levantou o olhar para ver Carter balançando a cabeça.

— Quê? — perguntou com a boca cheia.

— Nada — respondeu ele.

— Acho que o que ele está pensando — disse Rachel, sorrindo — é “essa é a nossa garota”.

— Atenção, por favor. — A voz de Isabelle ecoou sobre a agitação da sala de refeições. O silêncio dominou o ambiente.

Na frente da sala, com um casaco lavanda aberto sobre uma saia branca e uma blusa, com um lenço de seda sobre o ombro, parecia mais séria do que Allie já se lembrava de ter visto.

— Gostaria de lembrar a todos os alunos que bullying é base para expulsão com uma única ofensa. Espero não ter que repetir o recado.

Ao sair, seus passos ecoaram pela sala lotada.

Rachel, Carter e Lucas assentiram quando Allie apontou para si mesma e, mexendo a boca sem fazer barulho, perguntou: “Foi por minha causa?”

Mais tarde, ao se dirigirem para as aulas, estavam divididos sobre se Isabelle teria feito ou não o suficiente para acabar com a fofoca. Rachel achava que não, mas Carter e Lucas acreditavam que ela fizera tudo que podia até agora.

Ao entrar na aula de biologia, ela viu que Jo, livre da prisão domiciliar, já estava sentada em seu lugar habitual — os cabelos louros de fada cuidadosamente penteados e a expressão vencida.

Allie não sabia como iria lidar com isso. Não podia demonstrar que tinha ouvido algo ontem à noite, porque como explicaria isso? E não podia mudar de lugar — Jerry iria querer saber o motivo.

A melhor coisa a se fazer, concluiu, seria ser superior.

Se não puder dizer nada bom, não diga nada.

Então se sentou em silêncio ao lado de Jo e virou ligeiramente a cadeira de modo que não ficasse de frente para ela. Contudo, Jo claramente também havia decidido ser superior e as duas sentaram, lado a lado, sem dizer uma palavra durante longos sete minutos, até Jerry entrar e começar a aula.

Depois da aula, Allie se levantou do lugar e foi para o corredor. E não olhou para trás.

No almoço, Jo e Gabe evitaram a mesa habitual, e se sentaram em um canto da sala. Allie se juntou a Rachel e Lucas, que, ela observou, estavam sentando juntos com mais frequência ultimamente.

— Oi — disse ela, largando a bolsa. — O que há com eles?

Rachel e Lucas trocaram um olhar que ela não conseguiu traduzir.

— A fofoca — falou Rachel após um segundo — é que a Jo estava tão bêbada que não consegue mais lembrar o que aconteceu no telhado. Então resolveu acreditar no que dizem sobre os acontecimentos.

— Ah, ótimo — disse Allie, sentando. — Então agora ela acha que eu tentei matar ela?

Os dois fizeram que sim com a cabeça em sincronia.

— Seria engraçado se não fosse comigo — suspirou Allie.

— Não é comigo e eu não acho graça — ofereceu Rachel.

— Vocês não acreditam nela? — perguntou Allie esperançosa.

— De jeito nenhum — disse Lucas.

— A gente conhece ela bem demais — afirmou Rachel. — Olha, vou tentar falar com a Jo mais tarde, pra ver se consigo colocar algum juízo na cabeça dela.

— Ou pelo menos fazer com que ela se lembre do que realmente aconteceu. — Carter puxou a cadeira ao lado de Allie e sentou. — Tipo como ela ficou tão bêbada a ponto de quase matar todo mundo. Se quer saber minha opinião, isso é bem conveniente agora que todo mundo sabe que alguma coisa de louco aconteceu naquele dia. De repente ela não se lembra de ter agido feito uma doida no dia em que foi solta.

— Não é característico dela não lembrar — disse Lucas, franzindo o rosto. — Nas outras vezes que fez isso, ela sempre se lembrou.

A dúvida na voz dele fez Allie sentir uma punhalada gelada de preocupação. *E se até o Lucas e a Rachel começarem a duvidar de mim? Aí só sobrariamos eu e o Carter.*

Como se soubesse o que ela estava pensando, Carter deu um beijo na cabeça dela.

— Não deixa ela te abater — sussurrou ele, e Allie se viu sorrindo apesar de tudo.

Tinha consciência de que Lucas e Rachel estavam olhando e entendendo tudo, e que logo a escola inteira saberia que estavam juntos.

— Eu estou bem — disse ela, com a voz firme. E era verdade.

Durante o resto do dia, Allie não podia dizer que tinha sofrido bullying. Em vez disso foi tratada como um fantasma — como se não estivesse lá.

Ninguém de fora do seu grupo imediato de amigos falou com ela. Mesmo ao passar por Katie no corredor, a menina simplesmente virou a cara e continuou andando.

Enquanto Allie voltava para o quarto após o fim das aulas, Jules a abordou no corredor.

— Só queria dizer que sinto muito pela maneira como todos estão se comportando — disse a monitora. — Conversei ontem com a Isabelle, e ela

deu advertências escritas a Katie e as amigas.

— Então acha que a Katie está por trás das fofocas? — perguntou Allie.

— Conheço a Katie desde sempre, Allie. — Jules parecia frustrada. — Mas falei pra ela que não podemos ser amigas a não ser que ela conserte isso. É muito injusto com você. E isso não vai acontecer na minha frente. Ela sabe qual é a minha opinião, e espero que ela pare com isso.

— Obrigada, Jules. — A gratidão no tom de Allie era sincera. — É estranho ouvir as pessoas dizendo mentiras sobre você.

— Se alguém te assediar ou fizer bullying, fala com a Isabelle ou comigo — disse Jules. — A gente resolve. Mas, olha, eu sei o que aconteceu entre você e a Katie ontem, e prefiro que isso não acabe em socos.

Allie enrubesceu culpada.

— Tudo bem, tudo bem... eu tento me controlar.

Quando Jules se foi, Allie vestiu as roupas de corrida e saiu. Era mais uma tarde anormalmente quente — ela sentia o sol em seus ombros enquanto corria para a capela, e decidiu fazer o caminho longo, passando também pela casa de veraneio. Curtiu tanto a corrida que quase lamentou quando chegou, mas ao mesmo tempo... tinha o Carter.

Ao abrir o portão ela o viu imediatamente, encostado na porta anciã de madeira da igreja, olhando para ela.

— Oi — cumprimentou ela, correndo pela trilha de pedra.

— Oi pra você também — respondeu ele. — Bem na hora. Olha, antes de a gente entrar, tem uma coisa que a gente precisa fazer.

Alcançando a mão dela, ele a puxou para perto, e, à sombra da entrada abaixou a boca para a dela. Ela sorriu nos lábios dele e o puxou mais para perto, até que pudesse sentir o calor do corpo dele no seu. Incentivado pela resposta dela, ele a beijou com mais urgência, segurando-a tão firme que seus pulmões pareceram comprimidos. Quando parou, um minuto depois, ela estava vermelha e sem ar.

— Que bom que já riscamos esse item — declarou Allie.

— Também acho. — Ele segurou a porta para ela. — Então agora espero que a gente consiga focar nas coisas ruins e assustadoras sem se distrair com as românticas e divertidas.

Sua voz ecoou nas paredes de pedra enquanto ele chegou para o lado para deixá-la entrar. Ao passar por ele, Allie parou para passar os dedos tentadoramente no braço dele, do ombro às pontas dos dedos. Arrepios se formaram no caminho.

— Á-hã — disse ela, rindo.

Ele tentou agarrá-la, mas ela dançou para fora do seu alcance, rindo.

— Na igreja não, Carter. A gente vai pro inferno.

— Então não me deixa cair em tentação — disse ele, seguindo-a alguns passos atrás.

— Justo — concordou Allie, ainda muito longe dele. — Contando que você me livre do mal.

— Negócio fechado.

Allie deixou que Carter a alcançasse perto do púlpito. Ele a puxou rindo para um banco escuro de madeira ao seu lado, com o braço sobre seus ombros.

— Esse lugar é incrível — ela exclamou, olhando ao redor, enquanto o polegar de Carter levantava a manga curta da sua camiseta e acariciava a pele morna. — Nunca vi nada como essas pinturas em toda a minha vida.

— Acho que muitas igrejas eram mais ou menos assim. — Os lábios de Carter agora estavam na orelha de Allie e ela fechou os olhos, sentindo o corpo tremer. — Mas mudaram.

— Que chato pra elas — sussurrou Allie.

— Não é?

O beijo foi mais passional desta vez, e após um instante ele colocou Allie em seu colo. Tirando o elástico do rabo de cavalo dela, ele passou os dedos pelo cabelo da garota até caírem ao redor do rosto dele em ondas suaves, enquanto ela se inclinava para a frente para beijá-lo. Virando a cabeça, ele passou os lábios suavemente entre a orelha e o canto da boca de Allie. A respiração dela veio em arfadas curtas.

Mas, após alguns minutos, ela se afastou. Com um suspiro lamentoso, Carter a soltou e ela deslizou do colo do rapaz para o banco ao lado dele.

— Não adiantou nada riscar isso da lista — disse ela com um sorriso torto.

— Eu te avisei sobre me deixar cair em tentação — lembrou.

Allie riu.

— Como eu poderia te tentar? Sou uma atleta toda suada.

Ele puxou um chumaço do seu cabelo solto.

— Tentadora.

Mas após um instante ele suspirou.

— Muito bem, então agora a gente deve destruir o clima adorável que a gente criou e falar sobre o que tá acontecendo.

Todo o calor pareceu abandonar o corpo de Allie e ela estremeceu.

— É, vamos fazer isso. Tem certeza que não tem mais ninguém aqui?

— Estamos seguros aqui — disse ele confiante. Vamos começar com a sua pasta.

Allie concordou.

— Era estranha. Tinha todas as coisas normais do tipo a-Allie-não-é-boa-em-inglês e um monte de papéis que não eram meus.

Carter pareceu confuso.

— Tipo o quê?

— Tipo... os registros escolares da minha mãe. — Olhou para ele com um olhar significativo. — Daqui.

— Daqui... tipo, da Cimmeria? — A voz dele se elevou incrédula.

— Exatamente. Então, ao que parece, minha mãe também não era muito boa em ciências quando tinha a minha idade. Ah, ela estudou na Cimmeria, uma escola da qual ela fingiu que nunca tinha ouvido falar até a semana em que vim pra cá. Aliás, ela conhece esse lugar tão bem que chamou a Isabelle de “Izzy” em uma carta.

— Iz...? — Carter a encarou. — Que diabos está acontecendo?

— Não faço ideia. Mas tem mais. Também tinha um bilhete na minha página de uma pessoa chamada Lucinda para a Isabelle, datado de um mês atrás. *Ordenava* que ela admitisse “minha neta” imediatamente e “a protegesse”.

Carter exalou com um assobio baixo.

— Não suponho que você tenha uma avó chamada Lucinda.

— Uma das minhas avós morreu antes do meu nascimento. A outra morreu há dois anos — relatou Allie. — Ela se chamava Jane.

— Então... — disse Carter.

— Quem é Lucinda? — Allie concluiu o pensamento por ele. — Boa pergunta. Também tinha um bilhete com a letra da Lucinda pra alguma pessoa com a inicial “G”, falando sobre como a filha dela estava indo bem na Escola Noturna. Era bem antigo.

Carter tirou os cabelos dos olhos enquanto absorvia todas essas informações.

— Allie, seus pais já te disseram alguma coisa que fosse verdade, algum dia? Ela se surpreendeu ao sentir lágrimas queimando seus olhos.

— Não sei — disse ela, forçando-as a serem contidas.

Carter segurou a mão dela.

— Tudo bem, então vamos resumir. — Ele riscou cada item com uma batidinha nas costas da mão dela. — Você é péssima em inglês. Sua mãe provavelmente estudou aqui. A Lucinda é sua avó, ou pensa que é, e seus pais se esqueceram de falar dela pra você, durante toda a sua vida. E quem quer que seja essa Lucinda, ela é importante o suficiente pra dar ordens a Isabelle. — Ele parecia ter acabado, mas então acrescentou: — Ah, e a Isabelle tem um apelido ridículo.

Allie sorriu um meio sorriso para ele.

— É isso, eu acho.

— Então... não muita coisa.

— Não — disse debilmente. — Não muita.

— Tudo bem, vamos deixar isso assim por um minuto, porque parece que a gente vai precisar de tempo pra pensar em como lidar com tudo isso. — Ele olhou para a velha pintura da árvore na parede. — Vamos falar sobre a carta.

A carta que ele tinha encontrado na mesa era de Nathaniel para Isabelle, e datava de alguns dias atrás. Era curta e furiosa. “O que aconteceu na noite do baile foi apenas uma provinha do que tenho a oferecer”, dizia. “Me dê o que mereço, ou destruirei a Cimmeria com minhas próprias mãos.”

Indicava uma data e uma hora para uma “conferência no local de sempre”. A noite era amanhã, a hora, meia-noite. Mas o lugar não foi descrito.

— O que é uma conferência? — Allie havia perguntado na hora, acrescentando esperançosa: — Tem o mesmo prefixo de confraternização.

— Conferência é um termo militar — Carter havia respondido, virando o papel. — É uma reunião de inimigos para discutir termos.

— Ah — disse Allie. — Então é uma péssima confraternização.

Agora, encolhida no banco da igreja ao lado de Carter, fez a pergunta que tinha passado o dia lhe perturbando.

— Nós dois achamos que o Nathaniel matou a Ruth?

Carter parecia sério.

— Não sei. Ele só faltou dizer isso na carta. Mas o maior problema que tenho com isso é, por quê? Por que ele faria isso? O que ele quer que a Isabelle não quer dar? E por que quer tanto a ponto de fazer uma coisa dessas?

Ela girou uma mecha de cabelo no dedo ao olhar para a árvore na parede.

— Eu li em algum lugar que a maioria das pessoas que são assassinadas são mortas por pessoas que conhecem elas, tipo família ou namorado. — Soltou a mecha de cabelo. — Meu Deus, queria que a gente tivesse encontrado a pasta da Ruth. Quer dizer, e se o Nathaniel é, tipo, o padrasto malvado dela, ou coisa do tipo?

Carter balançou a cabeça.

— Se fosse alguma coisa desse tipo, por que estaria fazendo exigências a Isabelle, agindo como se eles tivessem uma história e ela tivesse feito alguma coisa ruim com ele em algum momento? Pra mim não faz sentido.

— Pra mim nada disso faz sentido — disse Allie. — O negócio é o seguinte, tem tanta coisa rolando que a gente não sabe. Não tem como descobrir o que está acontecendo a não ser que alguém nos conte.

Carter a encarou.

— É isso, Allie! A gente vai fazer eles contarem.

— Hmm... como? — perguntou, desconfiada.

Ele se inclinou para a frente com as bochechas rubras de animação.

— Simples. A Isabelle vai encontrar o Nathaniel amanhã à noite. Eu sigo a Isabelle pra reunião. Aí posso ouvir a conversa e a gente decide o que fazer em seguida.

— Ótima ideia — concordou Allie. — Eu vou com você.

Carter olhou fixamente para ela.

— Mas não vai mesmo.

— Vou sim.

— Allie... — Os olhos dele alertaram-na para esquecer o assunto, mas ela ignorou.

— Por que você deve ir e eu não? Isso envolve a mim e à minha família, e, apesar de eu saber mais agora, ainda não estou entendendo o que está acontecendo de fato. — Ele tentou falar, mas ela levantou a mão. — É a minha *vida*, Carter. E eu quero entender quem tá bagunçando tudo.

— Pode ser perigoso. — Allie pôde escutar a frustração na voz dele. — E você pode ser expulsa. Allie, não é uma boa ideia.

— É perigoso — afirmou ela. — Mas eu vou. Olha, tinha uma coisa na minha pasta que eu não mencionei. Na carta da minha mãe, ela falou no meu irmão, Christopher. E ela diz “e se ele tiver sido levado”. — Ela se inclinou para a frente, concentrada. — Não vê, Carter? Eu poderia descobrir o que aconteceu com o Christopher. Preciso ir.

Por um longo instante os olhos dele estudaram o rosto de Allie. Ela pôde ver o momento em que ele cedeu.

— Tudo bem — concordou, resignado. — Não gosto nada disso. Mas sei que, se eu não te deixar ir comigo, você vai sozinha e se encrencar ainda mais.

— Obrigada! — Ela jogou os braços no pescoço dele.

— Mas tenho uma condição — apontou, segurando-a. — A gente tem que fazer do meu jeito. Combinado?

— Combinado! — respondeu Allie, abraçando-o mais forte.

— Agora, quantos pontos a gente ganha no inferno se profanar essa capela?
— Carter perguntou, inalando o cheiro do cabelo dela.

VINTE E QUATRO

Segurando-se no parapeito externo dos dormitórios femininos, Allie atravessou lentamente em direção ao declive do telhado onde ela podia subir e atravessar para o quarto de Carter.

Tinha acabado de passar do horário do toque de recolher. A noite estava escura e sem nuvens — tempo perfeito para fugir.

Allie já tinha passado pela primeira janela — agora tinha apenas a de Katie no caminho. Nas pontas dos pés, inclinou-se com cuidado na direção da moldura da janela, para espiar o lado de dentro.

As luzes estavam acesas, mas parecia vazio.

Esticando o braço para alcançar o outro lado da janela, passou apressada.

Vitória, pensou.

Mas ao dar o próximo passo, ela chutou alguma coisa na beira da calha — talvez uma telha ou uma pedra, pensaria mais tarde — que bateu com força no chão, com o impacto percussivo de um pequeno tambor. Congelada no lugar, Allie não conseguiu decidir se seria melhor se apressar no restante da travessia do telhado — se arriscando a fazer mais barulho — ou ficar onde estava, parada como um cadáver.

— Quem está aí? — A voz vinha de menos de um metro de distância do cotovelo direito de Allie.

Allie prendeu a respiração. Estava com suas roupas de corrida — legging azul-escura e uma camiseta da mesma cor. Somadas aos tênis também escuros,

ela concluiu que deveria estar praticamente invisível.

Pensa como a Mulher-Gato, disse a si mesma.

— Jo? É você? — A voz de Katie perfurou a noite. — Ou é a Allie, a assassina louca? Se for você, Allie, só pra te informar, vou procurar a Jules pra te denunciar.

Allie tentou respirar no compasso da brisa, para que o som desaparecesse. Após alguns minutos, silêncio. Contou até cem, em seguida correu para o declive do telhado e subiu, saltando para o lado dos meninos. A prática estava ajudando-a a se tornar mais veloz. Deslizou pelo declive daquele lado até chegar a um cano de escoamento, e de lá foi para o quarto de Carter.

A janela dele estava aberta, a luz acesa, e Carter estava do outro lado do quarto, esperando por ela. Allie teve a impressão de que os olhos escuros de Carter se iluminaram ao vê-la.

Quando ela pulou a janela, o menino se aproximou para levá-la da mesa.

— Oi — sussurrou Carter com aquele meio sorriso sexy que a deixava louca.

— Oi pra você também.

Allie já tinha decidido não contar para ele o que Katie tinha dito sobre denunciá-la para Jules — sabia que não seria preciso muito esforço para Carter insistir que Allie ficasse na escola enquanto ele saía sozinho.

Em vez disso, a menina esticou os braços e puxou o rosto dele para perto.

Alguns minutos depois, Carter levantou a cabeça para olhar nos olhos dela. Ele acariciou a bochecha de Allie.

— A gente precisa ir, seguir a Isabelle e descobrir quem é o assassino.

— *Quel* saco — disse Allie, levantando os lábios para mais um beijo.

— Meu alemão é péssimo, o que isso significa? — murmurou ele.

Allie riu contra a bochecha dele.

— Significa “por que você está falando?”.

Um minuto depois ele se afastou com um suspiro lamentoso.

— Vamos fazer logo a nossa espionagem antes que a gente esqueça o que deve fazer.

Allie ajeitou a roupa.

— Certo. Vamos dar um show de bola.

— Ui, que convincente.

— Obrigada — disse ela. — Passei o dia ensaiando.

Carter abriu a porta e se certificou de que o corredor estava vazio antes de dar passagem para ela. Desceram as escadas, parando em cada andar para ouvir se havia passos ou vozes.

Na porta dos fundos, ele saiu primeiro outra vez, enquanto ela esperava na sombra, e voltou para buscá-la quando teve certeza de que não havia ninguém por perto.

Num ritmo perfeito, eles circularam a ala leste para a frente da casa, seguindo a rota que tinham escolhido mais cedo naquele dia. Na entrada da floresta, se abaixaram atrás da samambaia, se ajeitando para ter uma visão clara da escola. Contanto que a reunião não acontecesse em algum lugar atrás do prédio, estavam bem posicionados.

— Agora — sussurrou Carter — a gente espera.

Acima deles, uma lua cheia projetava um brilho azul fantasmagórico no terreno. Sob esta luz enxergavam claramente. Então, quando um grupo de figuras sombreadas saiu pela porta da frente vinte minutos mais tarde, viram cada movimento.

Depois que as figuras se dirigiram à trilha que levava até a capela, Carter gesticulou para que as seguissem, e correram lentamente pelo caminho, evitando gravetos que pudessem estalar sob seus pés e denunciá-los. Carter correu mais ou menos três metros à frente dela, garantindo que os alvos estavam suficientemente distantes para não escutarem seus passos.

Estavam perto da igreja quando ouviram vozes. Recuando, Carter agarrou o braço de Allie e eles pararam na sombra do muro do pátio da igreja. Logo à frente, o portão de acesso ao pátio estava aberto, e Carter entrou sorrateiramente para olhar em volta, em seguida acenou para que ela o seguisse.

— Esses dramas, Nathaniel, são um saco.

A voz de Isabelle. Allie podia ouvi-la com clareza, mas não enxergava ninguém. *Onde ela estava?*

Carter atravessou até a árvore, evitando com facilidade lápides, pedras e outros perigos, enquanto ela ia cautelosamente atrás.

— Depressa — sussurrou ele.

No escuro, Allie franziu a testa.

— Eu *estou* indo depressa.

Carter subiu no grande galho baixo, em seguida se inclinou para dar a mão a Allie e a puxou para o seu lado. Dessa forma, os dois escalaram a velha árvore, um galho de cada vez, até estarem bem acima do portão. Carter estava em um galho, e Allie logo abaixo. Ela não conseguia vê-lo sem esticar o pescoço, mas mesmo assim podia sentir a tensão no corpo dele. Ele estava alerta; posicionado.

Através dos galhos estreitos e retorcidos ao redor, podiam enxergar o rio que corria atrás da igreja, até o lago. A lua contribuiu iluminando a cena.

Havia um homem na margem, com grama do prado batendo nos joelhos. Tinha um enorme pastor alemão ao seu lado, parado como uma estátua. Isabelle estava em frente a ele, na margem próxima, com os braços cruzados. Allie pôde ver a irritação na postura da diretora.

Inclinando-se para a frente em seu poleiro, Allie estudou Nathaniel com fascínio. Trajando calças escuras e uma camisa preta de manga curta, ele não era particularmente alto nem baixo. Tinha cabelos espessos e escuros, e óculos estilosos. Aliás, sob todos os aspectos tinha uma aparência comum. Mas transpirava poder; mais pantera do que leão.

Desgrudando os olhos dele, Allie olhou para a diretora. Estava com roupas incomuns para ela — uma simples túnica preta e legging com botas que iam até o joelho. Allie teve a sensação de que ela estava tentando parecer dura.

— A única coisa que quero saber, Isabelle, é isso. — A voz de Nathaniel era de barítono e não soava desagradável, mas alguma coisa nela fez Allie sentir medo. — Você está disposta a finalmente fazer a coisa certa?

Isabelle ignorou a pergunta.

— O que provocou isso, Nathaniel? Pensei que estivesse satisfeito com nossa combinação.

O vento aumentou e, por um instante, Allie não conseguiu ouvir as vozes por cima do ruído das árvores. Quando voltou a escutá-las, Nathaniel estava falando.

— ... então eu concordei em fazer as coisas do seu jeito. Fui paciente. Agora é a minha vez.

Pela primeira vez Isabelle se mexeu, caminhando em direção ao rio, fechando o espaço entre os dois.

— O que você fez na noite do baile foi selvagem, Nathaniel. Por que alguém te daria o controle desta escola depois daquilo?

— Fiz o que tinha que fazer — disse. — Se você tivesse honrado o nosso acordo, nada daquilo teria sido necessário.

— O que tinha que fazer? — A voz de Isabelle se elevou de raiva. — Matar uma das minhas alunas a sangue-frio era uma coisa que você tinha que fazer?

Nathaniel ergueu uma sobrancelha.

— Uma das suas alunas foi morta? Não fazia ideia. Talvez você devesse conversar com os seus funcionários. Ninguém foi morto por mim nem pela minha equipe.

Allie viu os ombros de Isabelle enrijecerem.

— A garganta de uma aluna foi cortada de orelha a orelha — disse ela. — Você está me dizendo que não teve nada a ver com isso?

Nathaniel tinha o sorriso de um predador.

— Parece que sua escola é um lugar muito perigoso, diretora. Eu não iria querer meus filhos estudando aqui.

Isabelle o olhou, incrédula, e ele levantou a mão direita.

— Juro que nós não tivemos nada a ver com isso. Pela minha honra.

— Sua honra... — O tom de Isabelle era de desdém, mas alguma coisa em sua voz disse a Allie que a diretora acreditava em Nathaniel. — Deixa eu te dizer o que acho que está por trás disso tudo — disse Isabelle. — Acho que você tá vendo que a escola é bem-sucedida. Que a maré está virando contra você e suas ideias. E que muitos no conselho que outrora discordaram de mim

agora estão reavaliando as próprias opiniões. Mas você é tão arrogante que ainda quer provar que o seu jeito é melhor.

— Já chega disso. — Nathaniel se aproximou da água, o cachorro continuou onde estava, com os olhos fixos em Isabelle. — Essas são minhas condições, Isabelle. Você vai falar pros membros do conselho que mudou suas crenças bizarras. Que percebeu o quanto estava errada. E que quer entregar a direção da Cimmeria pra mim.

Cada palavra transbordava malícia.

Se Isabelle se surpreendeu com alguma coisa do que ele falou, não demonstrou. Em vez disso, soou entretida.

— Ah, Nathaniel, não seja ridículo. Você sabe que estas condições são absurdas. Rejeito todas elas.

O homem deu um passo para trás.

— Então vai sofrer as consequências.

Quando Nathaniel virou para sair, com o cachorro ao lado, Isabelle gritou por trás dele:

— A Lucinda vai saber que foi você, Nathaniel. Ela vai cuidar de você.

Nathaniel desapareceu na floresta sem olhar para trás. Após um instante, Zelazny e Eloise saíram de trás das árvores e foram até Isabelle. Conversaram brevemente, e em seguida voltaram para a floresta. Quando chegaram às árvores, outras duas figuras sombreadas se juntaram a eles.

Com as costas pressionadas contra o tronco da árvore, Allie ficou sentada congelada, com os pensamentos em um turbilhão. Quando Carter olhou para ela, Allie pôde perceber, pela expressão dele, que estava tão confuso quanto ela em relação a tudo isso.

— Vamos sair daqui — disse ele.

Após descerem da árvore, atravessaram o portão; Carter fechou-o atrás deles e estendeu a mão.

— Pronta?

Allie assentiu.

Começaram a correr.

VINTE E CINCO

Na volta, os professores tiveram alguns minutos de vantagem, mas Carter guiou Allie por um caminho alternativo até a escola. Esta rota passava por uma casinha de pedra em um jardim cheio de flores. O aroma de jasmim e rosas flutuou até os dois através da brisa.

— De quem é essa casa? — sussurrou Allie.

— Do Bob Ellison — disse.

A casa já tinha ficado muito para trás quando Carter acrescentou:

— Eu cresci lá.

Allie parou.

— Aquela era a *sua casa*?

— Continua andando — Carter falou, sem olhar para trás. — A gente pode falar disso depois.

As árvores ao redor formavam desenhos fantasmagóricos sob a luz da lua, mas como estavam escapando da mesma forma que na ida — com Carter correndo três metros à frente — Allie se sentiu segura. Coisas que a assustaram no passado — um chiado no mato, o ruído de um graveto estalando ao longe — não a incomodaram em nada.

Mas quando a garota ouviu a voz de Carter, freou. Ele não estava falando com ela.

Carter tinha avançado muito e dobrado uma curva na trilha, então Allie não conseguia enxergá-lo, nem a pessoa com quem ele estava falando, mas

alguma coisa estava errada. Agindo por instinto, ela desviou da rota e se escondeu atrás de uma árvore cercada por samambaias altas. Uma vez no local, ela se ajoelhou e prendeu a respiração.

— ... nada — dizia Carter.

Então veio a outra voz — a voz de Gabe:

— Então você tá fazendo a ronda sozinho, mesmo não sendo o seu turno?

Allie percebeu que Gabe não estava acreditando em Carter.

— Por que, qual é o problema? — perguntou Carter. — Eu sempre faço isso.

— Hoje não — disse Gabe. — Não ouviu o Zelazny? Depois do toque de recolher, a gente só pode sair nos nossos próprios turnos. É melhor você falar com ele. Ele não vai gostar disso.

— Tudo bem — disse Carter. — Até mais tarde.

Allie ouviu o ruído dos passos de Carter desaparecendo ao longe. Em seguida, escutou passos e vozes vindo em sua direção — várias pessoas, pensou. Inclinou-se para espiar em volta da árvore. Ao luar, viu Gabe conversando com alguém, mas o corpo do rapaz estava escondendo quem quer que fosse.

— ... tudo errado às vezes, sabe? — reclamava Gabe. — Ele precisa se ajustar. Não sei por que o Zelazny o atura.

— Acreditou nele? — perguntou a outra pessoa. Allie não estava vendo quem era e não reconheceu a voz.

— Não ligo, na verdade — disse Gabe. — Se ele continuar fazendo besteira, não vai fazer diferença se for verdade ou não. — O rapaz caminhou pela trilha. — Nunca entendi por que a Isabelle insistiu pra gente deixar ele entrar na Escola Noturna.

Naquele instante, um barulho forte no bosque atrás de Allie a fez saltar. Ela se agachou outra vez, abaixo das folhas da samambaia ao redor.

— Quem está aí? — perguntou Gabe. A voz dele soou mais próxima e Allie ficou estática, com o coração saindo pela boca. À luz do luar, pôde ver que Gabe estava na borda da trilha, olhando diretamente para ela. Conseguia ouvir a respiração dele.

Conhecia Gabe. Sempre foram mais ou menos amigos. Mas alguma coisa estava muito errada aqui. Ele soava diferente. Furioso. Até mesmo ameaçador.

Todos os seus instintos mandaram que ela continuasse escondida.

A voz de Lucas veio da mata próxima.

— Sou eu, cara.

— Jesus. — Gabe soou enojado. — Pega leve, cara.

— Desculpa! Eu tropecei numa droga de um tronco. Está escuro nas árvores.

— Que seja. — Gabe voltou para a trilha. — Vamos continuar.

Após esperar o silêncio voltar e ter certeza de que eles estavam longe, Allie voltou para a trilha e em seguida correu rapidamente de volta para a escola.

Já tinha chegado na entrada da floresta quando uma figura saiu de trás dos arbustos ao lado da trilha e se colocou no seu caminho. Dando um salto para trás, Allie abriu a boca para gritar, mas uma mão tampou seus lábios e um braço a envolveu enquanto ela se debatia para se soltar.

— Allie — murmurou Carter. — Sou eu. Para de se debater.

— Jesus. — Ela relaxou nos braços dele. — Você quase me matou de susto, Carter.

— O Gabe te viu? — sibilou.

Allie negou.

— Eu me escondi.

Claramente aliviado, ele apontou para a direita.

— Por aqui.

Mantendo-se às sombras na beira do gramado, deram a volta para a porta dos fundos. De lá foi fácil voltar. Atravessaram sorrateiramente a porta, mas a discrição não foi necessária — os corredores estavam vazios. Ouviram as vozes elevadas que vinham do escritório de Isabelle, mas não ficaram por lá para escutar e correram pelas escadas.

— Que merda é essa que tá acontecendo?

Carter andou de um lado para o outro no chão do quarto de Allie, passando as mãos pelos cabelos escuros.

Sentada na beira da escrivaninha, ela não tinha nenhuma resposta para ele.

— Quem é Nathaniel? — murmurou Carter para si mesmo. — Por que ele tá fazendo isso?

— Um cachorro! — disse Allie futilmente.
Carter olhou para ela e a menina explicou.
— Foi um cachorro que eu e a Jo ouvimos naquele dia no jardim interno.
O Nathaniel devia estar lá.
— Faz sentido — disse Carter. — Mas continuo não entendendo o que tá acontecendo. Quem é ele?
— Tudo bem, vamos pensar no que ele disse. Ele falou sobre o conselho — disse Allie. — Disse pra Isabelle se reunir com o conselho.
Carter olhou para Allie, inquirindo.
— Bem, por que ele próprio não procura os integrantes? — perguntou. — Quer dizer, se ele é tão poderoso. E se ele não pode se dirigir ao conselho, tem que ter um motivo.
— Isso. — Uma expressão de compreensão se formou no rosto de Carter. — Ou porque já teve problemas com eles, ou porque não gostam dele.
— Ou não conhecem ele. — Allie fez uma careta, pensando. — O Nathaniel pode ser totalmente de fora. Mas tive a impressão de que ele e a Isabelle se conhecem muito bem. Como se fossem dois velhos amigos que se desentenderam, ou familiares brigados, ou alguma coisa.
— É. Ou ex-amantes — disse Carter.
Seus olhares se encontraram.
— Com certeza — concordou ela. Pensaram nisso por um instante, Allie balançando o pé e Carter andando de um lado para o outro.
— E a Lucinda — lembrou Allie, interrompendo o silêncio. — Ela disse “A Lucinda vai saber”.
— Eu ouvi. — Ele girou e continuou andando.
— Outra vez Lucinda... — murmurou ela, olhando Carter ir de um lado para o outro. — Você acreditou nele? No Nathaniel, quero dizer. Acha que ele não matou a Ruth?
— Não sei. — Seu tom revelou frustração.
— Acho que a Isabelle acreditou nele.
— Ótimo — murmurou. — Simplesmente ótimo.
— Então isso significaria... — deixou a frase no ar. Não queria pensar no que isso significaria. Levantando os pés para a mesa, abraçou os joelhos.

— Meu Deus, isso é um pesadelo... O que a gente faz agora?

Carter parou de andar de um lado para o outro.

— Não faço ideia.

Ao longo do resto da semana, Allie se sentiu isolada. Todos os alunos sentaram nos lugares de sempre e os professores prosseguiram com as aulas como sempre, mas nada estava igual. Alguma coisa muito ruim ia acontecer — Nathaniel ia fazer *alguma coisa* — e, dentre todos os alunos, só ela e Carter sabiam disso.

Pior, continuava sendo tratada como se fosse invisível por muitos alunos. Era ignorada quando andava com eles pelos corredores, quando passava por eles nas escadas, quando escovava os dentes no banheiro. E apesar de se recusar a admitir, aquilo estava começando a afetá-la. Era uma experiência estranhamente extracorporal ser tratada como se não estivesse presente.

Na quarta de manhã, uma menina que ela não se lembrava ter visto antes derrubou uma caneta perto dela na aula de francês. Quando Allie a pegou e entregou, a menina agiu como se não estivesse vendo, mesmo quando Allie acenou de um lado para outro na frente dela. Afinal, deixou a caneta cair no chão.

— Dane-se — murmurou Allie, voltando-se novamente para o caderno.

Na manhã de quinta-feira, Jules a chamou e disse que estava fazendo tudo que podia para fazer com que Katie encerrasse a campanha contra ela.

— Estou tentando, Allie, de verdade — disse. — Mas ela é teimosa. Tentei conversar com a Isabelle, mas nunca soube que ela era tão ocupada.

Allie sabia perfeitamente bem por que Isabelle estava ocupada, mas não podia contar isso a Jules.

— O Jerry falou com os meninos e disse que eles poderiam ser castigados se não parassem, então acho que devem voltar ao normal logo. Claro, alguns podem ficar com mais medo da Katie do que do Jerry. — Jules pareceu desconfortável. — Mas dessa vez vai dar tudo certo. O período termina em algumas semanas, e o próximo vai ser melhor...

Ou no próximo a Katie envenena mais gente ainda contra mim. E então a situação vai se tornar impossível, Allie pensou.

Jo ainda estava evitando os antigos amigos — nas refeições se sentava com Gabe ou com Katie e sua legião de puxa-sacos, do outro lado da sala em relação à antiga mesa.

Allie achou que ela parecia infeliz. *Mas provavelmente estou imaginando.*

Na sexta-feira, no entanto, já tinha aguentado o suficiente. Depois da última aula, atravessou o corredor até o quarto de Jo, batendo na porta com violência antes de abri-la.

Jo estava sentada na cama, lendo uma revista de moda.

— Você podia bater — resmungou, irritada.

— Eu bati. E você podia não ser uma vaca — respondeu Allie.

Suspirando com pesar, Jo voltou a atenção para a revista, passando a página com um barulho agudo e irritado.

— Olha, Jo — disse Allie, apoiando-se na escrivaninha —, a gente precisa conversar... Agora.

— Tudo bem. Conversa. — Jo continuou virando as páginas.

Crack. Crack. Crack.

— Do que você se lembra sobre o que aconteceu no telhado naquele dia? — perguntou Allie.

Os olhos azul-claros de Jo, normalmente calorosos, pareciam duas pedras de gelo.

— Não me lembro de muita coisa, mas sei que eu quase acabei morrendo de algum jeito.

Involuntariamente, Allie olhou para as mãos de Jo, onde gesso ainda cobria as pontas dos dois dedos.

— O não lembrar é que é o problema aqui — declarou Allie. — Porque eu me lembro. Me lembro de tudo. E o que não consigo entender é por que nenhuma vez você veio perguntar o que tinha acontecido pra mim ou pro Carter.

Jo fechou a revista com paciência exagerada e olhou para ela.

— Não fui até você porque eu não confio em você, Allie — disse. — Olha, o negócio é o seguinte: com uma semana deitada na cama com as mãos cheias de ataduras, eu tive muito tempo pra pensar em tudo. E percebi que não faço

ideia de quem você seja ou de onde tenha vindo. Só sei o que você me contou. E também sei que as coisas só deram errado desde que a gente se conheceu.

As bochechas de Allie enrubesceram e ela encarou Jo, incrédula.

— Você tá me dizendo que acha que o que anda acontecendo aqui é culpa minha?

— Pensa, Allie — disse Jo. — Não é sua culpa, pelo menos um pouquinho? Parece que a confusão te persegue. Talvez a Katie tenha razão. Talvez você realmente seja louca.

Seu tom foi venenoso e as palavras a machucaram. Por um instante, Allie perdeu a fala.

Jo supostamente era sua amiga.

Mas então empinou o queixo e encarou a garota com um olhar duro.

— Quer saber o que aconteceu no telhado, Jo? Tudo bem. Eu te conto. Você bebeu meia garrafa de vodca e dançou no telhado. *Dançou*. Se jogou de um lado pro outro como uma fada bêbada. Não sabia onde estava e não se importou com quem estava afundando com você. Tanto eu quanto o Carter nos arriscamos para salvar você naquele dia. E agora, eu preciso dizer, tô um pouco arrependida.

Jo tentou falar, mas Allie a interrompeu.

— Se não acredita em mim, pelo amor de Deus, acredita no Carter. Você o conhece há anos. Ou acredita na Jules, ela tem tentado falar com você. Mas não acredita nas pessoas que só estão te usando pra me atingir. Porque isso é muito patético.

Com o rosto rubro de raiva, Jo jogou a revista nela. Ao voar pelo quarto, Allie a segurou com facilidade.

— E o que eu me arrependo agora é de ter pensado que podia ser sua amiga. — Jo disparou as palavras contra ela. — Agora sai daqui.

Lutando contra as lágrimas, Allie caminhou aos trancos e barrancos pelo corredor em direção ao santuário do próprio quarto.

Não vou deixar ninguém me ver chorando.

Mas naquele momento Rachel se colocou na frente dela carregando um monte de livros. Deu uma olhada no rosto de Allie e pegou a mão dela.

— Comigo — disse com firmeza, puxando-a para o próprio quarto.
Derrubando os livros sobre a escrivaninha, sentou na cama ao lado dela.

— O que aconteceu?

E foi o suficiente.

Com o corpo tremendo por causa dos soluços, Allie revelou o confronto com Jo e a reação da menina. Acrescentou as coisas que ouvira Katie falando (mas deixou de fora a parte sobre estar no rebordo da janela agarrada a uma parede).

Rachel segurou a mão de Allie e ouviu tudo, estalando a língua ocasionalmente em sinal de solidariedade, mas basicamente permitindo que a menina abrisse o coração.

— Só não entendo como ela pôde dizer aquelas coisas pra mim... ou sobre mim — disse Allie finalmente, enquanto os soluços diminuía.

Rachel esperou até que as lágrimas cessassem para responder.

— A Jo tem... problemas — argumentou diplomaticamente. — Ela é frágil. A vida familiar dela não é... boa. Mas ela tem bom coração. Todos nós sabemos disso. Ela tá sendo manipulada pela Katie e pelo cordão das puxa-sacos pra acreditar nessas bobagens a seu respeito. Mas eu sei que isso não é um grande consolo. Dói, só queria que tivesse mais alguma coisa que eu pudesse fazer.

Rachel entregou uma caixa de lenços a Allie.

— Acho que ela vai acabar voltando ao normal. E quando isso acontecer, vai se arrepender de tudo que disse até agora.

— É por isso que você nunca andou com a Jo e com a Lisa? — perguntou Allie, secando os olhos. — Porque a Jo é um pouco, como você chamou? Frágil?

Rachel hesitou antes de responder.

— Eu tive meu próprio... conflito com o grupo da Jo há muito tempo. Lembra quando te falei que o Lucas era o amigo com quem eu nunca poderia ficar?

Allie assentiu.

— Bem, não foi totalmente verdade. — Rachel olhou para as mãos. — Eu fiquei muito a fim do Lucas quando comecei a estudar aqui, há dois anos. Ele meio que cuidou de mim. Não tem muitos alunos asiáticos aqui, e eu era um

pouco insegura. Mas ele fez com que eu me sentisse totalmente bem-vinda. Eu era novinha, bem, você sabe como é. Um menino legal e bonito te adota... Fiquei completamente apaixonada.

Allie a olhou surpresa, e Rachel deu de ombros.

— Algumas semanas depois, uma menina loura bonita chega atrasada no período, o Lucas dá uma olhada pra ela e... — ela bateu as mãos e as deixou cair separadas. — O Lucas vira meu melhor amigo pra sempre.

Allie a olhou, confusa.

— Mas... eles terminaram, não foi?

— Ah, sim. — Rachel revirou os olhos. — Terminaram. Depois que ela teve uma crise — suspirou. — Mas acho que uma parte de mim nunca conseguiu perdoá-lo por ter escolhido a Jo em vez de mim. E outra parte nunca a perdoou por ela ter deixado ele fazer essa escolha. Ou talvez seja a mesma parte fazendo as duas coisas.

— Que droga — disse Allie.

Rachel sorriu tristemente.

— É, uma droga.

Há semanas que Rachel vinha sendo o porto seguro de Allie. Ela parecia muito sábia e madura apesar da idade — Allie queria contar para ela sobre o que tinha descoberto com Carter. Se alguém saberia o que fazer, concluiu, seria Rachel. Não o fez porque prometeu a Carter que não contaria para ninguém. Mas guardar todas aquelas informações era algo impossível. E não havia mais ninguém a quem contar. Talvez ela e Carter precisassem da ajuda de Rachel.

Olhou para Rachel durante um longo tempo enquanto vivia uma batalha interna.

— Quê? — perguntou Rachel, confusa.

Allie limpou as últimas lágrimas dos olhos.

— Preciso te contar uma coisa.

— Você fez o *quê*?

A voz incrédula de Carter ecoou na casa de veraneio. Era depois do jantar e o sol estava desaparecendo no céu, dourando os topos das árvores ao redor. Estavam sentados em um banco de pedra banhados pelo sol.

Allie levantou o queixo teimosa.

— Eu confio nela, Carter. E não podemos ser só os dois lidando com isso.

— Não, mas nós dois deveríamos estar envolvidos na decisão de contar pra alguém, Allie. Não vai permanecer segredo por muito tempo se a gente sair por aí contando pra pessoas em quem a gente acha que pode confiar, sem conversar primeiro — ele disse. — Quer dizer, eu não saí contando pro Lucas.

Allie pensou em Lucas aparecendo no bosque.

— Não faz isso — disse ela rapidamente.

Carter lhe lançou um olhar aborrecido.

— Sério, Allie, quanto você realmente sabe sobre ela? Você já, por exemplo, parou pra imaginar se ela poderia ter alguma coisa a ver com a fofoca sobre você ter encontrado o corpo da Ruth?

Allie achou que o coração poderia ter parado.

— Quê? Está dizendo que ela teve alguma coisa a ver? — perguntou, lutando para manter a calma.

— Estou dizendo que não sei, nem você — respondeu. — Estou dizendo que ela adora fofocar. Eu tô dizendo que é muita coincidência você ter falado pra ela e de repente todo mundo ter ficado sabendo.

— Ela não... — hesitou Allie. Em quem podia confiar, na verdade? Por que Rachel seria diferente de Jo ou Sylvain? Tinha confiado nos dois. Os dois traíram sua confiança.

— Você não sabe, Allie. — A voz de Carter estava mais suave agora. — Não sei o suficiente sobre ela pra saber se a gente pode confiar. Ela sempre foi quieta.

— Que nem você — observou Allie.

— Que nem eu — concedeu relutantemente. — Mas o pai dela é importante na Escola Noturna. Ele faz a segurança de corporações gigantes, aconselha governos... Ele é de dentro, Allie.

— Eu sei disso. A Rachel me falou que o pai dela era um figurão no conselho — disse. — Mas a Rachel não é da Escola Noturna, é?

— Não, e isso é estranho.

— Então é possível que ela não seja de dentro, como o pai — disse.

— É. Mas você se arriscou muito em nome de uma “possibilidade” — declarou.

Allie sabia que ele tinha um bom argumento.

— Tem razão. Desculpa. Vou tomar mais cuidado.

Amolecido, ele sentou pensando por um instante.

— O que ela te disse quando você contou tudo? — perguntou.

— Ela não soube o que pensar. Mas tinha quase certeza de ter ouvido o pai falando sobre um sujeito chamado Nathaniel e reclamando que ele andava arrumando encrenca. — Allie olhou cautelosamente para ele. — Ficou imaginando se deveria perguntar sobre isso pra ele.

— *Quê?* — Carter quase gritou a palavra e Allie desviou.

— Ela não vai fazer isso — assegurou-o apressadamente. — Ela só queria que a gente conversasse sobre essa possibilidade. Ela acha que a gente pode confiar nele.

— Ai, mas que maldição. — Carter abaixou a cabeça nas mãos.

— O quê? — Allie perguntou inocentemente.

— É assim que você guarda segredo, Allie? Sério?

— Não... quer dizer, é. — Dirigiu um olhar a ele. — Só contei pra *uma* pessoa, Carter. Acho que você está exagerando.

— Al, a gente pode se ferrar muito.

— Eu sei — respondeu ela, na defensiva.

— E aí? — disse Carter. — De repente a gente devia tentar *não* contar nossos segredos pros outros?

Allie cerrou os olhos.

— Então acho que você quer que eu fale pra Rachel que você prefere que ela não conte pro pai?

— É, Allie. É isso que eu quero.

— Tudo bem — respondeu ela friamente.

— A gente acabou de ter nossa primeira briga? — perguntou Carter, olhando para ela com aquele meio sorriso que sempre a derretia.

— Não — respondeu Allie. — Acho que a gente brigou bastante antes de ficar, não é?

— É verdade — concordou ele.

— Seja como for — disse ela —, goste você ou não, agora a gente tem mais alguém pra ajudar quando precisar. E ela é muito inteligente.

— Isso pode ser útil — concedeu com má vontade.

— É — falou. — Foi o que pensei.

Carter deu um soquinho de leve no ombro dela. Allie respondeu fazendo cócegas nele, e logo os dois estavam rindo. Colocando o braço nos ombros da menina, ele a beijou na têmpora.

— Desculpa — disse ele. — Eu não devia ter ficado tão irritado. Vai ficar tudo bem.

— *Vai* ficar tudo bem — declarou — se a gente fizer ficar bem. De algum jeito.

— O que me lembra que eu queria te contar o que descobri hoje — disse.

Apesar de Carter parecer sério, ela achava difícil se concentrar nas palavras dele quando olhava naqueles olhos grandes e escuros.

— Tudo bem — disse ela, pensando de maneira sonhadora: *ele realmente é meu. Por vontade própria!*

— Allie, é importante.

— Desculpa. — Allie se soltou dele e sentou-se ereta. — Pode falar.

— A Escola Noturna está recomeçando a fazer treinamentos no meio da noite.

Allie franziu o rosto.

— O que significa isso?

— Significa que a gente recebe umas instruções muito estranhas. Vamos patrulhar o território em turnos, durante toda a noite. Vamos nos revezar, pra todo mundo dormir um pouco. — Olhou para as árvores. — Nós já patrulhamos o território antes, por questões de treinamento, mas dessa vez é diferente. É muito intenso. Estão dizendo que é um novo projeto pra ensinar o que eles chamam de “proteção e defesa”. Vão encenar ataques falsos que a gente tem que combater. Disseram até que a gente pode ter folga das aulas da manhã depois dos nossos turnos da noite. Isso nunca aconteceu. Começa hoje, e a gente vai passar o fim de semana inteiro treinando.

Observando o rosto dele, Allie viu a preocupação em seus olhos.

— Estão se preparando pro Nathaniel — constatou ela.

Carter assentiu.

— Suponho que não tenha a menor chance de ligarem pra polícia pra pedir ajuda?

— Á-hã.

— Então... nada de escapar durante a noite? — supôs.

— De jeito nenhum — respondeu ele. — A segurança está prestes a ficar intensa aqui.

— Tudo bem — disse ela quietamente. — Então ele está vindo.

— Ah, sim. — Os olhos de Carter examinaram o horizonte. — Ele está vindo.

VINTE E SEIS

Para Allie, aquele fim de semana pareceu se arrastar por uma eternidade, desacelerado por uma mistura tóxica de pavor e solidão. Carter e Lucas estavam presos na Escola Noturna, então a campanha anti-Allie liderada por Katie continuava firme.

Pela primeira vez, percebeu o quanto passara a se apoiar em Carter. Mal o viu, e quando o fez, só tiveram tempo para um rápido abraço. Quando perguntou a ele como as coisas estavam indo, o garoto apenas respondeu:

— Está intenso.

Mas os olhos de Carter disseram tudo que Allie precisava saber — ele estava cansado. E preocupado.

A forma que encontrou de lidar com isso foi não lidar. Passou a maior parte do tempo na biblioteca. Na semana seguinte seria o fim do período, e ela tinha trabalhos para terminar e testes para os quais se preparar. Com toda a emoção das últimas semanas, ela acabou ficando para trás. Depois de tudo que tinha passado neste verão, não pretendia tirar notas ruins.

Rachel passava o dia inteiro lá, todos os dias, então Allie sempre tinha com quem estudar.

— Colegas de estudo — Rachel gostava de dizer, com uma alegria indevida.

Mas as sementes de dúvida plantadas por Carter continuavam na mente de Allie. *Será que a Rachel espalhou boatos sobre mim? Posso confiar nela?*

Rachel dava tanto apoio e era tão aberta e honesta em relação às coisas que isso parecia impossível. Mas Allie sabia que nada era impossível.

A mesa da bibliotecária estava sendo controlada por alunos voluntários, fato que Rachel observou com sobrancelhas erguidas.

— Acho que a Eloise está de folga, praticando jogos de guerra — murmurou, depois que os voluntários lhe trouxeram o livro errado pela terceira vez. — Queria que ela pudesse esperar até o fim do período.

— Você sabia que a Eloise era... — Allie gesticulou vagamente.

Rachel assentiu.

— Ela é uma velha amiga do meu pai. Acho que ele foi um dos treinadores dela quando era aluna. De qualquer forma, a Eloise não tem segredos para mim. — Fechando o livro, acrescentou: — Pelo menos é o que eu acho. A essa altura, quem sabe?

— É assim que me sinto em relação a tudo. — Allie não olhou nos olhos dela.

Rachel olhou para o relógio.

— Meio-dia. Quer dar um intervalo e comer alguma coisa?

Deixando os cadernos abertos sobre a mesa para reservarem o lugar, foram para a sala de refeições. Estava estranhamente quieta — muitos alunos estavam levando sanduíches lá para fora, para o sol de fim de verão. Escolheram uma mesa em um canto quieto onde poderiam conversar sem que ninguém as ouvisse.

— Alguma notícia do Carter? — perguntou Rachel.

Allie deu de ombros.

— Pouca coisa. Ele disse que tem muito trabalho e que não há intervalos. O que o Lucas disse?

— A mesma coisa.

Rachel mordeu o sanduíche, franzindo o rosto. Allie pôde perceber que ela estava pensando em alguma coisa, mas esperou até que estivesse pronta para falar.

— O que você vai fazer nas férias, Allie? — perguntou afinal. — Sei que você e os seus pais têm “problemas”. — Fez gesto de aspas na última palavra. — Mas você vai pra casa?

A pergunta pegou Allie de surpresa. Com tudo que estava acontecendo, não tinha pensado no que fazer. Não estava pronta para voltar para casa, para os silêncios desconfortáveis e as expressões desconfiadas. O relógio correndo e os arrependimentos contidos. Mas o que mais poderia fazer?

— Eu acho que vou pra casa — suspirou. — Sabe, não falo com os meus pais desde que cheguei aqui. Fiquei com tanta raiva de me mandarem pra cá. Depois fiquei com raiva de terem mentido pra mim. Queria que percebessem que eu não tinha ligado e ligassem pra mim. Só pra terem certeza de que eu estava bem. — Puxou a casca do sanduíche. — Não ligaram.

Rachel se inclinou para perto dela.

— É o seguinte, se você não conseguir encarar, pode ficar na minha casa. Falei sobre isso ontem com a minha mãe; contei tudo sobre você. Ela me falou pra te dizer que é bem-vinda a qualquer hora e que pode ficar o tempo que quiser. Temos muito espaço.

Isso prova, pensou Allie. Ela é minha amiga de verdade. Do contrário não me chamaria pra casa dela, certo? É isso que verdadeiros amigos fazem.

Mas seu subconsciente paranoico tinha um contra-argumento: *que bela maneira de me espionar.*

Mesmo assim, a ideia era tentadora. Passar algumas semanas em uma enorme casa de campo com Rachel versus voltar para casa, para seus pais infelizes, discutir problemas de família na casinha de Londres? Não tinha nem competição.

Mas.

— Rachel, muito obrigada. Posso pensar? — pediu. — Sei que alguma hora tenho que lidar com meus pais. Mas no momento não vejo por quê.

— Eu sei. — Os olhos de Rachel eram solidários. — Deve ser difícil.

— Sua família parece tão maravilhosa — comentou Allie. — Acho que você ganhou a loteria da família.

Rachel não pareceu convencida.

— Você não conhece meu pai. Ele quer que eu siga os passos profissionais dele. Me enche o saco pra entrar na Escola Noturna desde que eu cheguei aqui. Ele fica louco por eu não entrar. E não tá muito feliz porque eu quero estudar

medicina. Ele odeia médicos, diz que são todos uns “charlatães”. A gente vive discutindo por isso. — Terminou o sanduíche. — Viu? A família de ninguém é perfeita.

Allie não estava acreditando.

— É, mas tem os imperfeitos e tem a minha família. Somos imperfeitos como uma bomba nuclear prestes a explodir é imperfeita.

Rachel riu.

— Bom argumento. O clá Sheridan claramente não está muito bem agora.

— Allie Sheridan? — Um aluno mais novo, que Allie não se lembrava de já ter visto, estava à mesa delas, olhando para Rachel.

— Ela. — Rachel apontou para Allie.

— Eu — disse Allie, olhando curiosa para ele.

— A Isabelle perguntou se você poderia ir até o escritório dela, por favor?

Allie não conseguiu conter a surpresa.

— Quê? Por quê?

Ele a olhou sem expressão.

— Allie... — Rachel estava tentando não rir. — O que você fez dessa vez?

Allie deu de ombros.

— Ela provavelmente só quer me dizer o quanto sou incrível. De novo.

— Á-há — disse Rachel. — Bem, eu vou passar a tarde toda na biblioteca, me encontra quando ficar livre. Se ela não te jogar no calabouço ou coisa parecida.

— Muito obrigada — disse Allie, juntando as coisas. — Mas tenho que dizer que, a essa altura, se eu descobrisse que tem um calabouço aqui, não ia me surpreender.

O escritório de Isabelle estava vazio quando Allie chegou, mas a porta estava aberta, então a menina sentou em uma das cadeiras. Enquanto esperava, olhou em volta, nervosa, como se mesmo agora pudesse descobrir que ela e Carter tinham deixado alguma coisa fora do lugar que fosse denunciá-los.

Isabelle entrou alguns minutos depois, parecendo distraída, com os óculos no topo da cabeça.

— Aceita uma xícara de chá? — perguntou, ligando uma chaleira sobre uma pequena geladeira em um canto. — Eu estou precisando muito de uma.

— Claro — respondeu Allie educadamente, apesar de não estar com vontade de tomar chá.

A chaleira ganhou vida com um ronco enquanto Isabelle procurava uma xícara extra, e em seguida se certificava de que estava limpa. Quando o chá ficou pronto, a diretora entregou uma xícara a Allie, virando cuidadosamente a alça para que ela não se queimasse, e em seguida sentou em uma cadeira ao lado.

— Assim está melhor. — Bebericou o chá, refletindo um pouco, em seguida focou o olhar em Allie. — Não existe nada de errado com o mundo que não melhore com uma boa xícara de chá. Obrigada por ter vindo, Allie. Não quero te tirar dos estudos por muito tempo. Mas com o fim do período na sexta-feira, queria conversar com você para descobrir quem você é. Já está com a gente há seis semanas, então já teve tempo para se adaptar. Sei que este foi um período fora do comum, e fiquei imaginando se você quer conversar sobre alguma coisa.

Por um instante, Allie perdeu a fala.

Ela está brincando?

Isabelle estava olhando para Allie com expectativa, e ela soube que teria que dizer alguma coisa.

O que eu devo falar? “Bem, o assassinato foi um pouco perturbador, e o incêndio me preocupou um pouquinho. Quase fui estuprada e minha ex-melhor amiga está louca. Mas pelo menos vou tirar A em história”?

— Certo... — disse ela, cautelosamente.

Tentou pensar em alguma coisa menos sarcástica para dizer, mas sua cabeça estava cheia de coisas sobre as quais não podia conversar — coisas que não deveria saber. E sabia que Isabelle não estava interessada em seu desempenho em biologia, ou em por que atrasara um trabalho na semana passada.

Enquanto seu silêncio se estendia, Isabelle ergueu uma sobrancelha e ofereceu uma corda de salvação.

— Há algum tempo não tem crises de pânico, pelo que sei. Acho que é um progresso.

Até aquele instante, Allie não tinha notado a extensão de tempo desde o último ataque. Mas já fazia mais de duas semanas. E, na verdade, agora que estava pensando, não vinha contando coisas com tanta frequência.

— É verdade — admitiu. — Acho que não estou... me descontrolando tanto quanto antigamente.

Isabelle riu.

— Bem, as coisas andam estressantes por aqui, mas me parece que você está lidando melhor com o estresse. E fico feliz em constatar isso. — Repousou o chá. — Agora, você e a Jo...

Allie franziu o rosto. Esta não era uma conversa que queria ter.

— Percebi que estão menos próximas do que costumavam ser, por quê?

Hesitante, Allie relatou em linhas gerais o que tinha se passado. Consternada, Isabelle fechou os olhos castanhos dourados enquanto escutava.

— Vou falar com a Jo — disse, quando Allie concluiu. — Ela também está passando por dificuldades. Então você talvez tenha que ser paciente com ela. Mas sei que sua amizade é importante para ela.

— Era importante — murmurou Allie, enfatizando a primeira palavra.

— E voltará a ser — disse Isabelle, confiante. — Se você for paciente.

Repousou a xícara de chá.

— A campanha da Katie também é um problema com o qual estou lidando. Sei que a Jules falou com você e sinto muito não ter tido tempo de fazer isso até agora. Ando muito ocupada. Mas quero que saiba que a Jules anda me atualizando diariamente e que tem lutado contra Katie por você.

“Você tem sido surpreendentemente paciente com ela, mas acho que chegamos a um ponto em que terei que considerar suspendê-la se ela não parar — disse Isabelle. — Ela conhece muito bem as Regras, assim como os pais dela. Escrevi para eles sobre isso, mas eles não responderam. Então vou dar um último aviso a ela hoje. Agradeço muito o seu controle.”

— Cuidado! — disse Allie, antes que pudesse se conter.

A diretora a olhou curiosa.

— Quer dizer... Os pais dela não são do conselho? Acho que são superpoderosos; ela vive se gabando disso. Eles seriam... você sabe. Maus inimigos... eu acho. Se forem como ela.

Isabelle se inclinou para a frente.

— Você é muito gentil por se preocupar comigo, Allie. Fique tranquila, vou tomar cuidado.

Mudando para um assunto menos perigoso, conversaram sobre as matérias por alguns minutos. Isabelle elogiou sua dedicação e observou que as notas tinham melhorado bastante. Até Zelazny elogiou o trabalho sobre a Guerra Civil.

— Então, na verdade, minha única preocupação é o que acontece agora — disse.

— Como assim? — perguntou Allie, confusa.

— Durante seu período aqui, eu falei várias vezes com a sua mãe. Ela tá preocupada com você. Seus pais sentem sua falta.

Imediatamente, lágrimas queimaram os olhos de Allie, que lutou para contê-las. Ficou muito surpresa com o quanto isso a machucou. Tinha evitado falar com os pais porque estava com muita raiva deles. Mas não sabia por que eles não tinham entrado em contato.

Ao mesmo tempo, se sentia traída pelo que havia encontrado no seu arquivo. Isabelle conhecia bem a sua mãe e nunca revelou isso. Se seus pais a traíram não contando a verdade, Isabelle não fez a mesma coisa? Aliás, não tinham todos mentido?

Talvez hoje fosse o dia da verdade.

— Você conhece bem os meus pais? — perguntou Allie.

A expressão de Isabelle se alterou na mesma hora. A diretora ficou visivelmente tensa.

— Por que está perguntando isso? — rebateu, cautelosa.

— Uma coisa que a minha mãe disse quando estava me trazendo para cá anda me incomodando — mentiu Allie. — Ela te chamou de “Izzy” sem querer, e em seguida se corrigiu. Como se te conhecesse. E depois a Katie e a Jo falaram que aqui todo mundo tinha legado. Isso me fez imaginar o que eu estava fazendo aqui se não tenho legado.

Ela encarou a diretora.

— Eu tenho legado, Isabelle?

Emoção passou pelo rosto de Isabelle enquanto ela hesitava por mais um segundo, mas no fim a resposta foi simples.

— É, Allie. Você tem um grande legado.

VINTE E SETE

Após deixar o escritório de Isabelle, Allie foi jogar água fria no rosto antes de voltar para a biblioteca. Ao sentar, Rachel a olhou curiosa. — O quê? O calabouço estava ocupado ou coisa do tipo? — perguntou, com um sorriso provocador. Mas ao notar o rosto vermelho de Allie, sua expressão mudou para uma de preocupação. — Ei, o que houve?

Allie respondeu com um sorriso abatido.

— Não foi nada, na verdade. Só virou uma sessão inesperada de terapia.

— Detesto quando terapia aparece e te surpreende desse jeito — disse Rachel, mas seu olhar continuava preocupado. — Quer dar um tempo e conversar?

A solidariedade de Rachel deixou Allie outra vez com lágrimas nos olhos, e a menina assentiu. Não queria chorar na frente de todo mundo.

Rachel a conduziu até um canto silencioso afastado da biblioteca e saiu em busca de lenços, voltando com uma caixa e duas xícaras de chá.

— Me conta tudo — disse, sentando-se. — Ou pelo menos tudo que quiser me contar.

Allie começou a falar, mas em seguida parou. *Se hoje é o dia da verdade, por que parar na Isabelle?*

Não conseguia pensar em um bom motivo.

— Antes de te contar, preciso fazer uma pergunta — declarou. — Pode ser que te machuque. Mas espero que entenda por que preciso perguntar.

Os olhos em forma de amêndoas de Rachel estavam arregalados de surpresa, mas ela não perdeu a calma.

— Tudo bem — concordou Rachel. — Pode me perguntar qualquer coisa.

— Você já fez fofoca sobre mim?

Rachel sequer hesitou.

— Antes de te conhecer, sim — revelou. — Porque eu fofoco sobre todo mundo. Mas assim que te conheci, eu parei e nunca mais fiz fofoca. Nunca.

Olhando-a de perto, Allie não viu qualquer indício de hesitação. Nenhum sinal de que nem sequer se sentira desconfortável com a pergunta. Simplesmente parecia... ela mesma. Todos os instintos de Allie disseram que podia confiar em Rachel.

— A questão é que — disse Allie —, todo mundo parece mentir pra mim. Meus pais. A Isabelle. A Jo. Tô perdendo a fé...

— Em todo mundo? — concluiu Rachel no lugar dela. Allie assentiu.

Rachel colocou a mão no coração.

— Juro pela minha família, Allie, não sou uma das mentirosas. Pode confiar em mim.

De algum jeito, Allie sabia que era verdade.

Inclinando-se para a frente, deu um abraço em Rachel.

— Acredito em você. Desculpa por ter que perguntar.

— Eu entendo — respondeu Rachel, retribuindo o abraço. — Talvez mais do que você imagine. Não esquece, já tô aqui há um tempo. Existe um motivo pelo qual escolho não ter muitos amigos. Agora, me conta o que aconteceu pra deixar você chateada.

Allie relatou brevemente a reunião com Isabelle e sobre ter perguntado se ela teria legado. Quando contou a resposta de Isabelle, a respiração de Rachel sibilou através dos dentes.

— Ela admitiu? Nossa! O que você disse?

— Eu tentei fazer ela ser específica — disse Allie, lembrando-se do olhar de Isabelle. Ela parecia dividida.

— *Minha mãe estudou aqui, não estudou? — perguntara a Isabelle. — Vocês se conheceram nessa época.*

Isabelle assentira.

— *Estudou. A gente era da mesma turma. Sua mãe era uma das minhas melhores amigas.*

Allie franziu a testa.

— *Então por que eu nunca conheci você? E nem ouvi falar nesse colégio?*

— *É uma longa história, Allie, mas quero que saiba que sua mãe nunca se desentendeu comigo. Ela se desentendeu com a Cimmeria. E com as pessoas por trás da escola — explicou, em um tom sombrio. — Acho que você tinha que conversar sobre isso com ela. Ela não gostaria que fosse eu a te contar a história dela. Não é um direito meu. Mas eu posso te dizer que assim que ela completou os estudos aqui, deixou tudo isso. E nunca mais olhou pra trás. Ela odiava essa escola. E acho que foi por isso que ela nunca te contou a respeito.*

Repousando a xícara sobre a mesa, Allie levantou as pernas e abraçou os joelhos.

— *Mas ela me mandou pra cá.*

Isabelle fez que sim com a cabeça.

— *Por que me mandaria pra um colégio que odiava? — queixou-se Allie.*

— *Ela não estava conseguindo lidar com você — disse Isabelle. — E isso não é culpa sua, é dela. E ela sabe disso. Depois que o Christopher... fugiu, sua mãe mudou. Foi dominada pela preocupação até que chegou ao ponto em que ela não conseguia mais ser uma boa mãe pra você.*

Uma onda inesperada de pesar inundou Allie, que se inclinou para a frente até a cabeça estar apoiada nos joelhos, tentando não chorar.

— *Tê mandar pra cá foi uma das coisas mais corajosas que ela já fez na vida, Allie — disse Isabelle gentilmente. — Ela sabia que você estava encrocada onde estava. Mas pra te mandar pra cá, ela teve que pedir ajuda a... a umas pessoas que tinha deixado pra trás há muito tempo. E isso foi difícil.*

Allie assistiu uma lágrima cair no joelho.

— *Por que não me contou antes? — perguntou, com a voz abafada. — Você e minha mãe são superamigas e nenhuma das duas me disse nada. Não é o mesmo que mentir?*

Isabelle colocou a mão no ombro de Allie. Falou com a voz baixa e calma.

— Ela me implorou pra não contar, e eu tive que fazer o que sua mãe queria, porque você é filha dela, e não minha. Acho que ela errou em não te dizer a verdade, e ela sabe que penso assim. Mas eu não podia trair a confiança dela. — Ela soava como se também estivesse lutando contra as lágrimas agora. — Mas também não queria trair a sua confiança. Sinto muito por não ter te contado.

Allie respirou trêmula.

— Você está escondendo mais alguma coisa de mim?

Fez-se um longo silêncio.

— Adultos — respondera Isabelle com cautela — não podem contar tudo que sabem para os jovens. Não é assim que as coisas funcionam. Contam o máximo que podem para os deixarem seguros. Então, sim, estou escondendo algumas coisas de você, até achar que você está pronta pra saber delas. Mas, por favor, acredite que vou contar quando você estiver pronta.

A tristeza de Allie foi superada pela raiva. Por que os adultos sempre se acham mais preparados para lidar com assuntos importantes só porque são mais velhos? Por que acham que isso dá a eles o direito de mentir?

Mas Isabelle ainda não tinha acabado.

— E parte disso, uma boa parte disso, tem que vir dos seus pais. Não de mim. Você precisa fazer essas perguntas a eles primeiro, e dar a chance de serem honestos com você. Se não contarem, ou se você achar que não estão sendo honestos, então me procura. Eu conto o que puder.

— Como eu posso perguntar alguma coisa pros meus pais? — A voz de Allie se elevou. — Eu não liguei pra eles porque estava esperando pra ver se me ligavam. Achei que iam telefonar se sentissem saudades. Ou pelo menos iam mandar cartas. Mas não fizeram nada disso. São inúteis.

— Sua mãe não falou com você porque queria te dar um tempo pra pensar — comentou Isabelle tristemente. — É hora de decidir se você quer ou não continuar aqui. E se consegue ou não perdoar a sua mãe. Eu sei sem sombra de dúvidas que ela lamenta muito pelo quão difícil isso tem sido pra você. Por ser quem é, ela não consegue te dizer isso.

Ela acrescenta com um sussurro:

— *Mas eu consigo.*

Allie escondeu o rosto nas mãos, para que Isabelle não a visse chorar, mas sentiu a diretora a abraçar.

Mais tarde, quando se acalmou, Isabelle lhe deu um lenço e colocou novamente a xícara de chá nas suas mãos.

— *Você precisa entender, Allie — disse ela —, que ainda tem muito a aprender sobre você mesma. Sua família tem uma história longa e única. Sua mãe rejeitou essa história, então ela escolheu não te contar sobre ela. Eu acho uma pena. Você vem de uma linhagem incrível. Pergunta pra ela. E espero que você perdoe seus pais. Eles fizeram o que achavam certo.*

Quando Allie terminou de contar a história, Rachel se inclinou para trás no assento.

— Uau — exclamou. — Que coisa mais intensa. E não estou nem aí pro que ela diz. Seus pais são muito idiotas. Mas eu tô muito curiosa pra saber o que ela quer dizer com sua linhagem.

— Só pode ser a Lucinda — constatou Allie. — Seja ela quem for.

— Sua misteriosa possível avó... — refletiu Rachel. — Não há dúvidas de que ela é a chave. Você não perguntou sobre ela?

— Não. Me distraí com essa merda-dos-meus-pais-serem-uma-merda.

— Eu tô ficando louca — disse Rachel. — Quem é ela?

— Gostaria de saber.

Rachel lançou um olhar desafiador para Allie.

— Você sabe o que vou falar.

Allie suspirou.

— Seu pai...

— ... sabe tudo — concluiu Rachel no lugar dela. — Deixa eu contar pra ele o que tá acontecendo.

— O Carter não quer contar pra mais ninguém, principalmente pra um membro do conselho, como o seu pai — disse Allie. — Ele ainda está irritado comigo por ter contado pra você.

— Tudo bem — concordou Rachel. — Mas não é da família dele que a gente tá falando. É da sua e da minha.

Rachel tinha razão.

— Deixa eu pensar — disse Allie. — Talvez tenha que convencer o Carter mais um pouquinho.

— Ok — falou a outra —, mas não demora muito pra pensar. O período acaba na sexta.

Na segunda-feira, Allie ainda não tinha se decidido quanto ao que falar a Rachel sobre contar ao pai dela. Mas quando entrou na sala de refeições na hora do almoço, todos os pensamentos sobre o fim do período, Lucinda e perigo deixaram sua mente ao ver Lisa na entrada. Ela estava pálida e mais magra do que nunca, mas o único lembrete visível do ataque era a cicatriz vermelha na bochecha.

— Lisa! Meu Deus. — Allie correu para abraçá-la. — Quando você voltou? Como está?

— Oi, Allie. Cheguei há algumas horas. — Sorriu abatida. — Meus pais não queriam que eu perdesse as provas e eu estava me sentindo melhor, então...

— Que droga — disse Allie. — Bem, seja bem-vinda de volta! As coisas ficaram muito erradas sem você. Fico feliz que vá ficar aqui durante cinco dias inteirinhos.

— Obrigada. — Lisa olhou ao redor da sala, claramente confusa. — O que está acontecendo? Não tem ninguém na nossa mesa. E a Jo está lá com... — apontou para o canto da sala onde Jo estava sentada com Ismay e Katie.

Allie assentiu.

— Um horror. A Jo me odeia agora.

— Mentira. — Lisa a olhou incrédula.

— Não, é sério. Muita coisa aconteceu enquanto você não estava aqui. O grupo basicamente acabou por enquanto. Está todo mundo dividido. Eu tenho sentado com a Rachel Patel e com o Lucas na maioria das vezes, se eles estiverem por aqui, e com o Carter.

— Por quê? O que aconteceu?

— Meu Deus, é a história mais longa da história da burrice — disse Allie, com um suspiro. — Confia em mim: a Jo me odeia. Mas de algum jeito estou

sobrevivendo.

Lisa parecia perdida.

— Não faço ideia de onde sentar agora — disse resmungando.

Os lábios de Allie se curvaram em um sorriso endiabrado.

— Bem, você pode sentar com a Jo e a Katie Gilmore. Ou comigo e com o Lucas.

— Vamos, então — disse Lisa com um riso culpado. Foram até onde Rachel e Lucas já estavam enchendo os pratos com sanduíches.

Durante o almoço, se revezaram no relato do que tinha se passado enquanto Lisa estivera em casa se recuperando. Allie tentou ser justa ao contar seu lado da história, mas Lisa não pareceu ter qualquer problema em acreditar no pior.

— Ah, Jo... — disse ela, balançando a cabeça. — Isso outra vez não.

Lucas suspirou.

— Foi exatamente o que eu disse. Tudo parece um pouco familiar demais.

— Mas botar a culpa na Allie quando todo mundo sabe que ela faz essas coisas... — comentou Lisa. — É uma maldade.

— A Katie tá tirando vantagem dela — disse Rachel. — Está usando ela. E a Jo deve estar muito mal se tá caindo na dela.

Quando Carter apareceu atrasado, deu um beijo leve na cabeça de Allie antes de sentar ao lado dela. Os olhos de Lisa se arregalaram, mas Allie estava sorrindo para Carter e não se importou com o fato de Lucas ter dado uma singela cotovelada nas costelas de Lisa.

Fora isso, no entanto, não houve nenhuma faísca entre Lisa e Lucas. Aliás, em determinado momento, Allie percebeu Lisa olhando preocupada para Lucas e Rachel, e pela primeira vez notou quão próximos se sentavam, e quão companheiros pareciam.

Talvez Rachel estivesse pensando em perdoá-lo, afinal.

Não gostava da ideia de se encontrar no meio de um triângulo entre Rachel, Lucas e Lisa, mas, ao mesmo tempo, queria que Rachel ficasse com o menino que a fazia feliz.

Uma ruga de preocupação se formou brevemente em seu rosto.

Por que o amor tem que ser sempre tão complicado?

Às onze horas daquela noite, Allie tirou a cara dos livros.

— Comida — murmurou. — Preciso de comida.

Ela estava estudando na biblioteca com Carter, Lisa e Rachel desde o final do jantar. O toque de recolher da biblioteca tinha sido estendido até a meia-noite naquela semana, e mesmo a essa hora a sala continuava lotada.

— Vou buscar alguma coisa pra beber — informou Allie. — Alguém quer?

— Eu estou bem — disse Lisa, mal desgrudando os olhos do livro.

Rachel se pronunciou:

— Não quero ser pedante, mas a gente *acabou* de fazer um intervalo há uma hora.

— A Allie gosta dos intervalos mais do que gosta de estudar — observou Carter.

— E o que tem de anormal nisso? — disse Allie, se levantando. — Tudo bem. Vocês ficam. Eu volto quando encontrar comida. E quando todos vocês desmaiarem de fome mais tarde, não pensem que vão poder se alimentar de mim.

Saindo da biblioteca com os olhos turvos, foi direto para uma mesa estocada com barras de cereais, vasilhas de frutas e jarras de café e chá no lado de fora da biblioteca. O corredor estava cheio de alunos dando intervalo nos estudos, se espreguiçando, dormindo e conversando antes de voltarem aos livros.

— Café — murmurou, dirigindo-se até a mesa.

Ao servir café em uma xícara branca com o brasão da Cimmeria em azul, examinou a comida com desânimo.

— Por que não tem biscoito aqui? — disse, a ninguém em particular. — E cadê o chocolate? Como posso trabalhar nestas condições?

— Eu trago chocolate.

Allie deu um salto e girou, quase derrubando o café.

— Sylvain, que maldição. Você me assustou.

— *Désolé...* não tive intenção de te assustar.

A menina não pareceu convencida.

Enquanto Sylvain se servia de café, Allie virou para sair.

— Bem, foi ótimo falar com você...

Sylvain deu um rápido passo em direção a ela.

— Allie, espera. Por favor. Eu queria falar com você... de verdade.

— Ai, meu Deus, precisa mesmo? — Conversar com Sylvain era a última coisa que ela queria agora.

— Não, claro que não — disse ele, parecendo ferido. — Mas eu ia ficar muito feliz se você me desse alguns minutos do seu tempo.

Allie suspirou.

— Tudo bem. Desde que você prometa que não vai se desculpar outra vez.

Os olhos azuis de Sylvain brilharam.

— Eu não posso prometer que nunca mais vou me desculpar, mas eu quero conversar sobre outra coisa agora. Contudo, mil descul...

— Pronto, chega — disse ela, afastando-se dele, mas Sylvain a segurou levemente pelo braço, rindo.

— Eu não resisti! Por favor, não vai. Prometo que não faço de novo.

Allie não teve a intenção de sorrir para ele, mas o fez.

— Tudo bem, eu desisto. O que foi?

— Você se importa...? — Ele gesticulou para o fim do corredor. — É melhor a gente ir pra outro lugar.

— A gente não pode ir a nenhum lugar além daqui. — Ela apontou para a biblioteca. — Já passa das onze.

— Ah, as regras não são tão rígidas pra mim. — Quando ela o olhou cheia de dúvida, ele acrescentou imediatamente: — A gente não vai muito longe.

— Cinco minutos. — Ela levantou a mão com os dedos abertos. — Depois tenho que voltar pra estudar.

— Combinado.

Carregando a xícara de café, ela o seguiu pelo corredor em direção ao saguão de entrada vazio. Os passos deles ecoaram pela passagem espaçosa.

Assim que ficaram sozinhos, o comportamento dele mudou. Ele parecia desconfortável, e olhou em volta para se certificar de que não tinham sido seguidos. A tensão de Sylvain a deixou desconfortável.

— Então... sobre o que você queria conversar? — perguntou ela.

Sem qualquer aviso, ele deu um passo para perto de Allie e a puxou para um abraço. Antes que a menina pudesse se afastar, Sylvain sussurrou ao ouvido dela:

— Sinto dizer, Allie, que você está correndo perigo.

— Sylvain — sibilou —, me solta.

— Por favor, Allie, finja que a gente tá conversando como amigos próximos. — O tom suplicante de Sylvain a espantou o suficiente para que parasse de tentar se afastar.

— Que diabos está havendo? — sussurrou ela de volta.

— Não posso falar muita coisa — respondeu —, mas acredito que você esteja correndo perigo. Que alguém vai tentar te machucar.

Allie procurou qualquer sinal de que o rapaz estivesse brincando, mas ele não estava sorrindo. Pela primeira vez sentiu uma pontada de medo.

— Quem, Sylvain? Quem quer me machucar?

O garoto balançou a cabeça.

— Não posso contar nada. Não tinha nem que te contar isso. Mas eu tô preocupado com você. Por favor, acredita em mim, é verdade.

— É o Nathaniel?

Assim que Allie falou as palavras a mão dela voou e cobriu sua boca.

Uma faísca de interesse iluminou o rosto dele.

— Como você sabe sobre o Nathaniel?

O Carter vai me matar.

— Eu... Eu só... devo ter ouvido um boato ou alguma coisa...

Sylvain a encarou, como se procurasse alguma pista.

— Quem te ameaça — disse ele suavemente — importa menos do que o que pode acontecer se não te mantivermos em segurança. Acho que você deve ficar com amigos o máximo possível, não fica sozinha em momento algum. Principalmente lá fora.

Para Allie, ainda parecia estranho ser Sylvain quem estava lhe contando sobre isso. Ela inclinou a cabeça para o lado, desconfiada.

— A Isabelle sabe?

— Sabe, mas não quer te assustar e acha que pode te proteger. Todo mundo acha que pode te proteger. Eu não tenho tanta certeza. Por favor, acredita em mim. É um fato real.

O calor do corpo dele ainda pressionando o dela era perturbador. Seu cheiro familiar a fez se lembrar de como já se sentira em relação a ele — aos beijos dele.

De repente precisava estar longe de Sylvain.

Allie exalou.

— Certo. Tudo bem. Vou ficar com amigos e não vou sair muito. Não pira.

A menina esperava que ele fosse se retirar naquele instante, mas Sylvain ficou onde estava, olhando nos olhos dela.

— O quê? Tem mais? — perguntou ela. — Por favor, diz que não tem mais.

— Não. Ainda tô tentando descobrir como você sabe sobre o Nathaniel.

— E eu ainda tô tentando descobrir quem quer me machucar — rebateu acidamente. — Então acho que a gente empatou.

Ela pôde enxergar nos olhos do rapaz algo que parecia refletir suas próprias emoções conflituosas, e isso também a preocupou. Manobrando para se livrar dos braços dele, ela pegou o café e começou a voltar pelo corredor. Ele foi ao lado dela.

Quando chegaram à porta da biblioteca, ele disse baixinho:

— Lembra do que eu disse. Cuidado.

— Estou tomando — respondeu a menina com crueldade.

Allie não conseguia decidir se deveria contar a Carter sobre a conversa com Sylvain ou não. Tinha quase certeza de que Carter não ficaria feliz em saber que ela tinha falado com Sylvain. E definitivamente não ia gostar que a conversa tivesse ocorrido como aconteceu. Mas não contar parecia errado. Não necessariamente como uma traição. Mais como uma mentira. Um pouco.

Mas quando voltou para a biblioteca ele estava guardando os livros para ir para a Escola Noturna, então a decisão foi tomada por ela — só teve tempo para uma rápida despedida, e não voltou a vê-lo naquela noite. No dia

seguinte, como ele foi liberado para dormir, não o encontrou nas aulas da manhã. Então não teve chance de contar.

Pelo menos foi assim que explicou para si mesma. E para Rachel, que, para sua surpresa, levou a notícia muito a sério.

— O Sylvain é muito importante na Escola Noturna, Allie. Ele pode ser um babaca completo, mas se alguém vai saber sobre esse tipo de coisa, é ele. — Rachel franziu o cenho ao pensar no assunto. — Você falou com a Isabelle?

Estavam sentadas onde Allie e Sylvain haviam conversado na noite anterior, cada uma com uma xícara quente de chá e um biscoito intocado. Apesar de não ter ninguém em volta, conversavam aos sussurros.

— Deveria? — perguntou Allie. — Isso está me incomodando. Ele não falou que eu não deveria. Mas me pareceu meio... não sei. Em *off*. Como se ela não quisesse que eu soubesse.

— Mas se você tá mesmo correndo perigo, por que ela não quereria que soubesse? — Rachel parecia preocupada.

— Não sei, essa história toda soa muito estranha. Mas o olhar no rosto dele... me pareceu que estava realmente preocupado. — Allie se inclinou para trás com um suspiro. — Tem alguma coisa errada.

— Deixa eu pensar — disse Rachel. — Vou ter alguma ideia.

Mas Allie também achou que ela parecia preocupada.

Com o aviso de Sylvain pairando sobre ela, Allie dormiu mal na segunda-feira. Na terça, após mais um dia de aulas intensas e uma noite terminando um trabalho na biblioteca, a garota estava exausta quando subiu as escadas à meia-noite.

Seus dentes receberam uma breve visita da escova e já estava semidormindo quando colocou o pijama.

Deixando a janela aberta para a brisa noturna morna, murmurou:

— Boa noite, quarto.

E caiu num sono tão profundo que não conseguia se lembrar de nenhum sonho.

Quando acordou mais ou menos duas horas depois, primeiro não soube o que a perturbou. Abriu os olhos. Ainda imersa no borrão entre sonho e vigília,

ela viu uma figura inclinada sobre a cama, observando-a. De início, achou que estivesse sonhando.

Em seguida o ouviu respirando.

— Carter? — murmurou, se mexendo.

Allie sentiu mais do que viu o movimento súbito enquanto a figura saltava agilmente para a mesa e saía pela janela com a facilidade de um acrobata.

Não é o Carter.

A percepção a arrancou do torpor e ela se sentou na cama, ereta, olhando para a janela aberta por uma fração de segundo antes de pular para acender a luz.

O quarto estava vazio, mas alguém tinha estado lá, tinha certeza disso. Os livros e papéis na escrivaninha tinham sido bagunçados. Uma caneta que tinha repousado em um caderno antes de dormir agora estava caída no chão.

Não foi um sonho.

Forçando-se a continuar respirando uniformemente, ela subiu na escrivaninha e olhou pela janela, mas tudo que viu foi a paisagem, banhada pelo brilho desbotado de uma fatia de lua.

Tremendo apesar da noite morna, Allie fechou a janela e a trancou — testando a força da tranca antes de voltar para a cama e abraçar os joelhos. Ficou acordada por um longo tempo.

VINTE E OITO

— Talvez você estivesse sonhando — sugeriu Carter, mas ela viu que os músculos do rapaz tinham ficado tensos.

— Não estava — insistiu Allie. — Coisas saíram do lugar. Além disso, eu vi ele.

Estavam sentados com Rachel na casa de veraneio. As aulas do dia tinham terminado há alguns minutos. O céu estava cinzento e sinistro, mas ainda não tinha começado a chover.

— Você vê pessoas nos sonhos — observou. — Todo mundo vê. Como pode ter certeza de que não foi o vento que soprou as coisas quando você estava dormindo?

— Você se beliscou, Allie? — perguntou Rachel. — Ou fez alguma coisa pra se certificar de que estava acordada? Às vezes os sonhos podem parecer muito reais.

— Eu *vi*. — Allie estava cada vez mais frustrada. — Por que não acreditam em mim? Eu estava sentada na cama enquanto ele pulava a janela. Não foi um sonho. Ele esteve no meu quarto. — A menina estremeceu. — Ele esteve no meu quarto.

— Ei, tá tudo bem. — Rachel colocou o braço em volta dela. — Você está bem. A gente acredita. A gente só quer que você tenha certeza. Conta exatamente o que viu. Como ele era?

Retorcendo o rosto, Allie tentou se lembrar de tudo.

— Ele era mais baixo que o Carter e mais leve. Estava todo de preto e tinha a pele clara. Tenho quase certeza de que tinha cabelos praticamente louros.

Durante um tempo passaram sem muito entusiasmo por uma lista de todos os alunos que poderiam se encaixar na descrição, mas descartaram todos.

— Ninguém na Escola Noturna tem essa aparência — falou Carter. — E só quem é da Escola Noturna pode subir no telhado nessa hora.

— Quem é da Escola Noturna e quem quer que fosse a pessoa no meu quarto ontem à noite — disse Allie. — Carter, tem mais uma coisa que eu preciso te contar...

Até aquele instante, ainda não tinha falado para ele sobre a conversa com Sylvain, então revelou tudo de uma vez. Enquanto Carter ouvia, sua mandíbula enrijeceu. Quando ela terminou, o garoto levantou em um pulo, sem dizer uma palavra, e marchou da casa de veraneio até a beira da floresta, onde ficou parado de costas para elas.

— Uh-oh — disse Allie, se movimentando como se fosse levantar e caminhar até ele, e em seguida mudando de ideia e sentando novamente.

— Dá um minuto pra ele. Ele vai ficar bem — tranquilizou Rachel. — E depois eu irrito ele bastante com a minha notícia.

— Notícia? — Allie ergueu uma sobrancelha curiosa.

— Vamos esperar — respondeu Rachel, observando Carter. — Só quero contar uma vez.

Allie viu que ele agora estava voltando. O rubor que havia inundado seu rosto enquanto escutava a história dela tinha sumido e Carter parecia mais calmo.

— Eu acredito nele — disse Carter. — Ele é um babaca, mas se alguém teria essa informação, seria ele. Ele tinha que ter contado pra mim. Não pra você. — Parecia furioso. — Mas ele é a fim de você, então decidi fazer assim. Tudo bem. Agora a gente sabe.

Allie olhou para Rachel, que franziu o rosto antes de se inclinar na direção de Carter.

— Você não vai gostar do que eu tenho pra dizer.

— O quê? — rosou ele. — Tá me dizendo que esse dia ainda vai melhorar?

— Eu contei pro meu pai o que tá acontecendo.

— Ah, ótimo. *Realmente* melhora! — Carter passou a mão no cabelo. — Não fazia ideia de que isso fosse possível. Sabe, entre vocês duas, todo mundo vai saber tudo sobre a gente antes do fim do período na sexta-feira. É melhor a gente alugar um outdoor pra estampar todos os nossos segredos? Talvez possamos montar um site, todososnossossegredos ponto com.

— Aqui não tem computador — lembrou Allie.

— Eu tenho total ciência da falta de tecnologia de internet na Cimmeria — comentou Carter, irritado. — Mas obrigado por me lembrar.

Allie desviou para trás de Rachel.

— Sinto muito — disse Rachel. — Entendo que vocês não saibam que podem confiar no meu pai, mas acreditem, vocês podem. E eu tô assustada pela Allie. Então peguei o telefone da Isabelle emprestado e contei tudo pra ele. Ele sabe quem é o Nathaniel.

A última frase pareceu pairar no ar.

Allie foi a primeira a recobrar os sentidos.

— Quem é ele? — perguntou ansiosa.

— O negócio é o seguinte — disse Rachel, olhando preocupada para Carter. — Ele não quer me contar.

— Claro que não — disse ele sarcasticamente. — Mas ele é totalmente confiável.

— Ele é. — Rachel estava lutando para se manter calma. — Ele disse que não podia me contar isso. Mas meu pai me disse algumas coisas sobre ele. Falou que o Nathaniel fala sério. Que ele e a Isabelle foram muito próximos, e essas foram as palavras exatas que ele utilizou, mas que tiveram uma briga e agora o cara está determinado a assumir a Cimmeria e a Escola Noturna, para meio que ocupar o lugar dela. E meu pai disse que, se isso acontecesse, seria um desastre. Ele abomina o Nathaniel. Disse que ele é muito rígido. Provavelmente louco. E que não vai medir esforços pra conseguir o que quer.

— Ah, ótimo — disse Allie.

— A coisa piora — prosseguiu Rachel. — Alguns membros do conselho estão do lado dele. Tem alguma coisa que a Isabelle tá fazendo que eles não

estão gostando. Tem algo a ver com a organização maior. Seja como for, algumas pessoas gostariam que a Isabelle sumisse e acham que podem se utilizar do Nathaniel pra isso. Deixar o cara se livrar dela e depois se livrar dele. Mas o papai disse que não vai dar certo e que isso poderia arruinar tudo.

“Ele vai conversar sobre isso com a Isabelle na sexta, quando vier me buscar. Mas falou mais uma coisa.”

Rachel olhou para Allie com o cenho franzido.

— Ele disse pra você tomar cuidado.

Imagens da noite anterior acenderam na mente de Allie e a menina estremeceu. Em seguida se levantou, com olhos determinados.

— Vamos falar com a Isabelle.

— O que... — disse Rachel. — Agora?

— Agora.

— Ela tem razão. — Carter se levantou e foi para o lado de Allie. — Já não tenho mais ideias. E alguém entrou no quarto da Allie ontem à noite. Chegou a hora.

— Bem — Rachel se levantou e juntou-se a eles —, talvez ela não expulse todo mundo.

— E você tem certeza de que não estava sonhando? — Os olhos de Isabelle eram penetrantes, mas Allie não esmoreceu.

— Tenho — disse Allie, com a voz mais confiante do que estava se sentindo.

Depois que a abordaram com a história, Isabelle convidou Sylvain e Matthew a se juntarem a eles, e agora estavam todos reunidos no escritório. Allie e Carter sentaram no alto dos armários que revistaram duas semanas antes. Rachel estava sentada de pernas cruzadas no chão abaixo deles. Sylvain, Isabelle e Matthew estavam nas cadeiras de couro da diretora.

Quando Sylvain e Matthew se juntaram a eles, Isabelle apresentou Matthew como um “especialista em segurança”, e em seguida solicitou que Allie, Rachel e Carter contassem novamente a história.

Agora, enquanto processavam a informação, a sala estava em silêncio.

— É uma das pessoas do Nathaniel — disse Sylvain, rompendo o silêncio.

Isabelle o olhou incrédulo, mas ele não recuou.

— Eles já sabem, não sabem, Allie? — perguntou, olhando firmemente para ela.

Enrubescendo, Allie assentiu.

— Como você sabe sobre o Nathaniel? — perguntou Isabelle, com a voz tensa de raiva.

Allie olhou rapidamente para Carter, e em seguida para Isabelle. Sua mandíbula trabalhou enquanto pensou no que dizer.

— Isso realmente importa?

Isabelle sustentou o olhar de Allie por um longo instante, e Allie não conseguiu ler a expressão da diretora.

— Não. Suponho que não. — Olhou para Carter e Rachel. — Vocês todos sabem?

Assentiram, mudos.

— Muito bem, então. Matthew? — Isabelle se voltou para o conselheiro.

— Quem mais poderia ser? — perguntou Matthew.

— Certo. Faltam dois dias para acabar o período — disse Isabelle para todos. — A Escola Noturna já está fazendo o máximo possível para tentar garantir que o território da escola está seguro. Mas não temos gente suficiente, então alguém entrou e não percebemos nada. Não sei o que vocês pensam que sabem sobre o Nathaniel, mas posso falar que ele é muito perigoso e vingativo. Ele esteve por trás de parte do que aconteceu na noite do baile de verão. Então precisamos mudar nossa estratégia. Vou falar com os outros, mas enquanto isso, Sylvain e Carter, o papel de vocês agora é ficar perto da Allie o tempo todo. Noite e dia. Pelo menos um de vocês vai ter que acompanhá-la constantemente. Nunca saiam do lado dela. Trabalhem em turnos. Combinado?

Carter fez uma cara feia para Sylvain, mas concordou.

Sylvain pareceu completamente inocente.

— Combinado.

— Allie — Isabelle se voltou para ela. — Quero que continue com a sua vida normalmente. Vai pra aula. Dorme no próprio quarto. Mas não vai a lugar nenhum sem o Carter ou o Sylvain.

Apesar de não conseguir imaginar como funcionaria (*e quando precisasse ir ao banheiro?*), Allie concordou muda.

— Rachel, sei que você já está fazendo isso, mas fica o máximo possível com a Allie. Ela vai precisar do seu apoio.

— Claro — disse Rachel.

Isabelle continuou:

— Vou falar com o seu pai, para me certificar de que ele concorda com isso, mas tenho certeza de que concordará.

— Agora. — Os olhos de Isabelle passaram pelos alunos. — Por favor, nos deixem. Temos trabalho a fazer.

No corredor do lado de fora do escritório, a tensão no ar era forte. Carter agarrou possessivamente a mão de Allie.

— Quer que eu assuma o primeiro turno? — A voz de Sylvain era seda pura.

Um tendão trabalhou na mandíbula de Carter.

— Eu quero que você vá se f... — começou, mas Allie agarrou o braço dele.

— Carter, não. Calma. — Ela olhou para os dois. — Vocês podem ficar comigo até um ter que ir para algum lugar, tudo bem? Aí o outro assume. Sem briga. Pelo menos não entre vocês.

Nenhum dos dois respondeu.

— Vou passar o resto do dia na biblioteca com a Rachel. Podemos estudar todos juntos — prosseguiu Allie. — Vai ficar tudo bem. São só dois dias.

— Por mim está bom — Sylvain ronronou.

Carter ainda não tinha se pronunciado, e agora Allie olhou para ele, acariciando sua bochecha tensa com as pontas dos dedos.

— Vamos — sussurrou.

— Tudo bem — concordou entredentes. — Nós dois vamos tomar conta de você.

Allie suspirou.

— Ótimo.

— Bem... Tem um livro de química me chamando — declarou Rachel.

Allie a olhou com gratidão.

— E eu ainda tenho que terminar aquele maldito trabalho de história. Só tenho que correr para o meu quarto buscar minhas anotações.

— Eu vou com você — entoaram Carter e Sylvain.

Os dois se entreolharam.

— Ai, meu Deus — murmurou Allie, exaurida. — Isso é *perfeito*.

Pelo resto da noite, fora um rápido intervalo para jantar, os três ficaram estudando na biblioteca, onde a regra do proibido falar significava que não podiam brigar, pelo que Allie se sentiu grata. Mas sempre que davam um intervalo para tomar café, tanto Sylvain quanto Carter se levantavam para acompanhá-la. Carter fazia cara feia para Sylvain, que sempre dava de ombros inocentemente.

— Mas estou com sede.

— Babaca — murmurava Carter, pegando a mão de Allie.

Allie virava para Rachel enquanto ele a puxava, mexendo a boca com o recado:

— Me ajuda.

Rachel sorria solidariamente.

Mais tarde, quando Rachel sugeriu um intervalo para ir ao banheiro, Allie a seguiu ansiosamente. Sylvain e Carter esperaram do lado de fora da porta.

— Então, basicamente, este é o meu pior pesadelo. Meu atual e meu ex-futuro namorados constantemente do meu lado... juntos. — Allie jogou água fria no rosto.

— O Carter está lidando muito mal com a situação. — Rachel suspirou enquanto Allie secava o rosto. — Queria que, para o bem dele, ele tomasse uma bela xícara de calma.

— Precisa mesmo. Não tenho como aguentar isso durante dois dias inteiros — disse Allie, aplicando uma leve camada de brilho labial cor-de-rosa. — Vou enlouquecer.

Olhou para o próprio reflexo no espelho. O cabelo tinha crescido e a henna, desbotado. Agora se pendurava em ondas escuras brilhantes sobre as omoplatas. Seus olhos cinzentos e grandes eram emoldurados por longos cílios negros contra a pele clara. Usava pouca maquiagem; não precisava de mais. A

blusa branca e a saia xadrez do uniforme enfatizavam suas curvas e realçavam suas pernas atléticas. Percebeu que não se parecia em nada com a moleca que sempre foi. Pela primeira vez achou que pudesse enxergar alguma coisa do que Carter e Sylvain viam nela.

Eu mudei, pensou, e viu uma expressão satisfeita no espelho. *Estou meio... bonita.*

— Pronta? — perguntou Rachel, jogando a toalha de papel no lixo.

Allie guardou o brilho labial no bolso.

— Pronta.

— Tem que parar, Carter — disse Allie. — São só dois dias. Eu realmente quero que você faça isso.

— Mas nunca vou me esquecer do jeito que ele te tratou... — comentou, com os ombros tensos.

— Eu sei, mas ele me pediu desculpas e eu aceitei, então você também vai ter que desculpar — disse ela. — Ele está me ajudando. A Isabelle quer que a gente trabalhe em união, então, por favor, para de ser tão macho. Você não é assim.

Já passava de meia-noite e eles estavam sentados na cama do quarto de Allie. As janelas estavam fechadas e trancadas, e uma barra tinha sido afixada para prender melhor. Isabelle insistia que um deles passasse a noite do lado de fora do quarto de Allie, mas os dois estavam insistindo em ficar. Sylvain estava lá fora agora.

— Desculpa — pediu Carter. — Sei que estou sendo ciumento.

— Você acha? — perguntou Allie, rindo.

Ele sorriu envergonhado.

— Um pouco, talvez.

— Eu só quero você, Carter West. — Ela subiu no colo dele de modo que ficou com uma perna de cada lado de Carter, e com o rosto a poucos centímetros do dele. — Você não precisa ter ciúme de nada.

As mãos de Carter deslizaram pelas costas de Allie enquanto ela abraçava o pescoço dele.

— Só você — sussurrou ela, se inclinando para a frente para beijá-lo.

Beijaram-se até todos os pensamentos sobre Sylvain desaparecerem e estarem inteiramente focados um no outro. As mãos de Carter deslizaram para os quadris de Allie, e a puxaram com firmeza contra o próprio corpo, e ela não resistiu. Quando as mãos dele puxaram a bainha da blusa para fora da saia e percorreram suas costas, sua pele formigou. Quando mordeu a orelha dele, Allie sentiu o coração de Carter acelerar.

Quando a garota recuou, ambos estavam sem fôlego; o rosto de Carter estava enrubescido.

— Eu vou ser a adulta dessa vez — disse Allie.

— Tem que ser? — sussurrou ele. A saia dela havia levantado, e ele acariciou suas coxas nuas.

— Infelizmente. — Ela se levantou e, inclinando-se para a frente, tocou levemente os lábios nos dele, recuando antes que Carter pudesse agarrá-la. — Alguém tem que ser, e tenho a sensação de que não vai ser você.

— Não dessa vez — disse ele.

Passando as mãos no cabelo para ajeitá-lo, ela disse:

— Que bom que a gente teve essa conversa...

Carter riu.

— Você vai tentar não ser ciumento?

— Vou tentar — prometeu. Levantando-se, ele tentou alcançá-la, mas em dois segundos Allie já estava na porta, e a abriu.

— Boa noite, então. — Ela olhou em volta do lado de fora, até vir que Sylvain estava sentado de costas para a parede olhando a porta do quarto dela, sem expressão. — Boa noite, Sylvain.

— Boa noite, *ma belle* Allie. — Ela teve a impressão de sentir arrependimento na voz dele.

Carter passou por ela ao sair, inclinando-se para beijá-la levemente.

— Se vir ou ouvir qualquer coisa, grita, tudo bem?

— Prometo.

Assim que ele saiu, ela vestiu um pijama branco limpo e deitou. Depois que apagou a luz, repassou mentalmente a noite, lembrando-se da sensação dos lábios dele. Do quanto ele a queria.

Em nenhum momento pensou em Nathaniel, ou em perigo, ou em precisar de guarda-costas. Em vez disso, imersa no calor da felicidade, caiu no sono.

Mais tarde, imaginaria o que a acordara. Talvez os passos no corredor. Ou as vozes do lado de fora da porta. De qualquer forma, quando sua porta se abriu subitamente e a luz acendeu, ela já estava sentada na cama. Eram três da manhã.

— Levanta, Allie. — O rosto de Carter estava sombrio. — O Nathaniel está vindo.

VINTE E NOVE

Allie lutou para manter a calma. Ainda grogue de sono, tentou calçar o chinelo diversas vezes, mas não parecia capaz de fazer os pés deslizarem dentro deles.

— Deixa. Não dá tempo. — Carter alcançou a mão dela e a puxou para o corredor, onde Sylvain estava alerta, esperando por eles.

— Por aqui — disse Sylvain, conduzindo-os para longe das escadas.

— Pra onde a gente está indo? — sussurrou Allie.

— Sair daqui — respondeu Carter.

Correram para o fim do corredor, onde Jules estava esperando perto de uma porta não numerada que Allie sempre presumiu se tratar de um armário de vassouras. Sem uma palavra ela abriu para revelar uma escadaria estreita e curvilínea, mal iluminada por lâmpadas expostas.

Correram a uma velocidade perigosa, Sylvain liderando, Allie e Carter no meio, e Jules atrás. Ninguém falou nada. Quando chegaram lá embaixo, Sylvain abriu uma porta que levava a uma sala que Allie nunca tinha visto — um espaço com um aspecto de cripta que parecia ter sido talhado em pedra, com pilares espessos de pedra de cal cobertos por elaborados entalhes, iluminado por uma luz que piscava. O chão de pedra estava empoeirado e frio sob os pés de Allie.

Não acredito. Tem um calabouço.

— Onde a gente tá? — sussurrou ela.

— Na adega — respondeu Jules.

Ela, Sylvain e Carter tinham formado uma espécie de círculo com Allie no centro. Estavam todos de costas para ela, espiando as sombras.

— Melhor tirarmos ela daqui? — perguntou Jules.

— A Isabelle falou pra tirar se fosse seguro — disse Carter. — Mas como a gente vai saber?

— Fiquem aqui. — A voz de Sylvain veio de trás de Allie.

Silenciosamente, ele desapareceu nas sombras.

Os outros três ficaram onde estavam, em silêncio. Após cerca de cinco minutos, Sylvain reapareceu e gesticulou para que o seguissem.

Com a mesma formação adotada nas escadas, correram para uma porta escondida nas sombras. Ele indicou que esperassem enquanto ele atravessava. Em seguida, voltou outra vez e acenou com a cabeça para Carter.

Todos os seguiram por uma escada e uma porta tão pequena que tiveram que se abaixar para passar. Uma vez lá fora, ficaram enfileirados com as costas na parede da escola. O braço de Carter se esticou sobre Allie protetoramente, segurando-a no lugar.

A noite estava fria e úmida — nuvens cobriam a lua. De início Allie não conseguiu ver nada, mas seus olhos se ajustaram gradualmente.

Lembrava a noite em que ela e Carter seguiram Isabelle para a reunião com Nathaniel. Desconfortável, olhou para a borda da floresta, escura no horizonte.

Será que agora tem alguém lá, olhando pra gente como nós olhamos pra eles?

Carter puxou a mão dela: estavam indo. Correram em torno da ala oeste para os fundos da escola, passando pelo gramado do pátio, e em direção ao jardim fechado. Pedras cortaram os pés descalços de Allie, mas ela ignorou a dor. Logo antes de chegarem ao portão do jardim, Sylvain desviou da rota e desapareceu. Um por um o seguiram.

A gruta para a qual os levou era tão bem escondida atrás de árvores e mata espessa que Allie nunca tinha notado antes.

Não conseguia identificar os detalhes na escuridão, mas dava para sentir que era feita de pedra e madeira, e conseguiu identificar vagamente uma estátua de

uma mulher nua e graciosa dançando no centro.

Comunicando-se apenas por gestos manuais, Carter, Sylvain e Jules formaram um escudo protetor na frente de Allie, de frente para a escola. Allie tentou ficar tão parada quanto a estátua atrás de si.

Durante um longo tempo, nada aconteceu. Allie já tinha contado 137 respirações quando viu Jules gesticular para um pequeno ponto de luz ao longe. Allie cerrou os olhos e tentou focar nele.

Em segundos, havia mais um. E outro.

Em seguida, havia meia dúzia deles se movendo com tanta leveza que pareciam flutuar. E estavam se aproximando.

Allie estava entre Jules e Carter, tentando enxergar melhor.

— O que são eles? — arfou.

Foi Sylvain que respondeu.

— Nathaniel.

Allie ficou sem ar.

— O que a gente vai fazer?

— Esperar — disse Jules.

Levou cinco minutos para os pontos de luz se tornarem tochas iluminadas. E estavam próximos o suficiente para que Allie pudesse enxergar as formas sombreadas que as sustentavam quando ouviu a voz de Isabelle soar.

— Nathaniel! Para com isso. Não é tarde demais.

— Eu sei que não é. — Aquela voz familiar desdenhosa gelou o sangue de Allie. — É por isso que estamos aqui.

— Deixa essa escola em paz — disse Isabelle. — Não importa o que você faça, nunca vai ter a Cimmeria.

— Você parece tão segura — comentou Nathaniel. — Mas, pensando bem, sempre foi arrogante.

— A Lucinda não quer isso, Nathaniel. — A voz continha um aviso. — Vai contra as vontades dela por sua própria conta e risco.

— Se isso é verdade, então cadê ela? — desdenhou. — Não estou vendo ela correr pra te proteger.

Enquanto discutiam, alguma coisa no ar chamou a atenção de Allie. Uma mudança na temperatura? Ou era... um cheiro?

O que é isso?

Sua mão voou e agarrou o braço de Carter com urgência.

— Fumaça. Eu tô sentindo cheiro de fumaça.

Cheirando o ar, Sylvain virou para Carter e pela primeira vez ela viu desespero no rosto dele.

— Lá! — Jules apontou para a ala do dormitório masculino. A fumaça vazava pela janela do segundo andar e chamas dançavam por trás do vidro.

— Ai, meu Deus — sussurrou Allie.

— Jules, fica com a Allie — instruiu Sylvain. — Carter, vem comigo.

Antes de segui-lo, Carter agarrou Allie pelos ombros.

— Fica aqui. — Estava escuro, mas ela pôde enxergar o medo em seus olhos.

Sem dizer nada, Allie assentiu, esticando-se para agarrar a mão dele com tanta força que doeu. E então ele sumiu.

Agora sozinhas, Allie e Jules ficaram lado a lado olhando para a escola.

A voz de Isabelle não tinha perdido nem um pouco da confiança.

— É esse o seu plano, Nathaniel? Destruir o que não pode ter através de mentiras? De trapaças? De exigências? Sempre soube que você era desaforado, mas isso vai te destruir, e não a Cimmeria.

Ele riu.

— Eu não deveria ficar surpreso com a sua arrogância, Isabelle. Mas, por favor, não me ofenda. Sou mais esperto do que isso.

Uma luz no andar superior chamou a atenção de Allie. Tocando o ombro de Jules, ela apontou. Piscou em uma janela.

— O dormitório feminino — sussurrou Jules, olhando-a fixamente.

— O que a gente faz? — perguntou Allie.

— O Sylvain e o Carter vão cuidar disso — murmurou a outra em resposta.

Mas o tempo passou e nada aconteceu. As chamas na ala das meninas pareceram adquirir força e crescer rapidamente. A fumaça agora estava densa.

— Jules, a gente tem que fazer alguma coisa — disse Allie com urgência.

— Eu prometi ao Sylvain... — argumentou Jules, mas Allie ouviu a preocupação na voz dela.

Allie se decidiu.

— Vamos ficar juntas. Vamos.

Não esperou Jules se decidir — correu da gruta em direção às árvores, mas Jules a alcançou rapidamente e agarrou a manga de seu pijama, conduzindo-a pela lateral da escola para uma entrada longe de Isabelle e Nathaniel.

Correram juntas pela porta, passando por um leve torpor de fumaça. Estavam em uma sala com prateleiras e mais prateleiras de livros.

Estamos nos fundos da biblioteca.

Estavam perto de onde havia encontrado Carter há algumas semanas — latim antigo. Nunca soube que tinha uma porta ali.

— Por aqui — sussurrou Jules.

E em seguida desapareceu.

Aturdida, Allie girou em um círculo procurando por ela, mas estava sozinha.

— Jules? — sibilou na escuridão. — Cadê você?

Não obteve resposta.

— Jules? — Allie ouviu o pânico na própria voz. Respirando trêmula, tentou decidir o que fazer.

Alguma coisa estava errada. Tinha certeza de que Jules não a deixaria... ou deixaria?

Seu coração bateu acelerado. *Será que ela me trouxe para uma armadilha?*

Tossiu. A fumaça estava engrossando.

De repente soube o que fazer.

Correu pela biblioteca, passando pelos recantos dos estudantes e pelas mesas onde já havia sentado tantas vezes com Rachel e Jo, em seguida atravessou a porta da biblioteca. Tinha um alarme de incêndio do lado, e ela o puxou.

Nada aconteceu.

Olhou fixamente para ele, espantada. Em seguida lhe veio uma lembrança — algo que Gabe havia dito antes do mergulho de verão: *“Todos os alarmes nessa construção são falsos. Não tem alarmes.”*

Sem parar para pensar, correu pela escada principal em direção ao dormitório feminino. Ao alcançar o andar e virar em direção à próxima escadaria, viu uma figura no fim do corredor. O homem estava com uma tocha acesa na mão.

Allie congelou. Ele ainda não a tinha visto. Se ficasse completamente parada, ele jamais a notaria, e então poderia subir para o dormitório feminino.

Mas aí ele provocaria mais incêndios. A escola queimaria. Nathaniel venceria. Sentiu-se dividida. O que era mais importante? Alertar as meninas ou contê-lo?

Era uma situação impossível. Não havia ninguém para lhe dizer o que fazer.

Isso sempre acontece comigo. Uma onda inesperada de raiva a sacudiu e Allie deu vários passos na direção de Nathaniel.

— Ei! Você! — gritou a plenos pulmões, e o viu parar e virar.

Por um curto instante tão longo quanto a eternidade, nenhum dos dois se moveu, e os dois se encararam. A chama estava próxima o suficiente do rosto dele para que ela pudesse identificar suas feições.

— Christopher? — sussurrou.

Ela viu nos olhos dele que a tinha reconhecido e mais alguma coisa. E então ele correu.

— Christopher! — Ela berrava agora. — Christopher! Não me deixa!

Através das lágrimas que corriam pelo seu rosto, ela viu que o rapaz tinha desaparecido.

O mundo girou, e Allie se apoiou na parede para ter suporte, enquanto respirava fundo. Mas a fumaça estava espessa demais agora, e ela tossiu com tanta força que achou que fosse desmaiar.

Tudo bem, pensou, engasgando, tentando respirar. *Calma, Allie.*

Podia escutar as palavras de Carter em sua mente, dizendo para se concentrar na respiração. Respirou várias vezes, curta e firmemente, filtrando o ar pelo tecido da manga. Quando o mundo parou de rodar, olhou em volta. A fumaça estava se intensificando.

Não tinha muito tempo.

Puxando a camisa do pijama por cima da boca, ela se curvou para baixo e correu o resto da escadaria (*17 degraus*) para o dormitório feminino. Abriu a primeira porta que viu. A fumaça ainda não tinha chegado ali, e dava para respirar. A menina que estava deitada se sentou.

Era Katie.

— Fogo! — gritou Allie, respirando ar puro. — Katie, levanta e me ajuda. A gente tem que tirar todo mundo daqui.

— Quê? — A voz de Katie estava grogue e confusa, mas ela logo focou em Allie. — Mas que...?

— A escola está pegando fogo, Katie. Por favor!

Sentindo o cheiro da fumaça, Katie saltou da cama.

Enquanto Allie corria para fora da porta, gritou por cima do ombro:

— Todas as portas! Bate em todas as portas! Avisa pra me seguirem.

Katie cuidou de um lado do corredor, Allie do outro. Correram, abrindo portas e, se necessário, sacudindo meninas da cama para acordá-las.

Allie avançou para o quarto de Rachel, mas a menina já estava acordada, perturbada pelas vozes.

— Me ajuda — disse Allie, sem fôlego.

Quando Allie chegou à porta de Jo, a maioria das meninas já estava acordada. O quarto de Jo estava cheio de fumaça, e Allie viu sua cabeça loura ainda no travesseiro. Abaixou no chão e engatinhou pelo quarto.

— Jo — bufou, com a voz completamente rouca. — Acorda.

Mas Jo não se moveu. Mesmo quando Allie a sacudiu violentamente, ela não reagiu.

Esticando a mão, Allie deu um tapa na cara de Jo, com força.

Seus olhos se mexeram.

— Ai — sussurrou fracamente e Allie sentiu um impulso histérico de rir.

— Levanta, Jo. Você tem que levantar.

Com o braço embaixo do ombro de Jo, Allie a puxou para cima, mas ela era pesada demais para conseguir levantá-la sozinha. Quando Rachel entrou, alguns segundos depois, entendeu rapidamente a situação e colocou o braço no outro ombro de Jo. Juntas, levantaram-na.

— Lisa — sussurrou Jo.

Allie dirigiu um olhar de pânico para Rachel.

— Eu vi a Lisa — disse Rachel. — Ela tá no corredor.

Enquanto praticamente carregavam Jo para fora do quarto, Allie olhou em volta, preocupada.

— Tá todo mundo aqui?

— Eu contei. — A voz era de Katie. — A única pessoa faltando é a Jules.

Allie se sentiu como se tivesse levado um soco.

— Ela estava comigo lá embaixo — disse sem fôlego. — Perdi ela.

— Vamos sair daqui primeiro — disse Rachel suavemente. — Depois a gente pode procurar por ela.

Allie conseguia enxergar a razão nas palavras dela.

— Por aqui.

Os pés de Jo estavam se movendo agora, e Rachel conseguia apoiá-la sozinha, então Allie as conduziu pela rota de Sylvain. Aquela escada ainda estava livre de fumaça.

Ao chegarem à adega, Allie virou para Katie.

— Conta outra vez.

Sem hesitar, Katie calculou rapidamente.

— Estamos todas aqui.

Allie gesticulou para que todas a seguissem e as conduziu pelas escadas até a porta, rezando para que estivesse aberta.

Estava.

Saíram pela escuridão, tossindo e inalando profundamente o ar fresco. Allie se afastou o suficiente para que ninguém pudesse vê-la. Então vomitou na grama.

Quando voltou para o grupo, Jo estava em pé sem precisar de apoio, apesar de ainda parecer bastante tonta.

Allie se ajustou e tentou aparentar estar controlada.

— Jo, você pode levar todo mundo para o jardim interno? — perguntou rouca. — Acho que lá vão ficar seguras.

Jo assentiu, e caminhou debilitada pela trilha. Todas as outras foram atrás, exceto Rachel e Katie.

— Aonde você está indo? — perguntou Rachel, desconfiada.

— Tenho que achar a Jules — respondeu Allie. — Ela pode estar machucada.

— Então eu vou com você — disse Rachel.

— Rach, não. — Allie pôde ouvir a preocupação na própria voz. — Você pode se machucar.

— Você também — observou Katie. — E eu vou junto. A Jules é minha melhor amiga. Não vamos deixar você fazer isso sozinha.

— Ai, meu Deus — resmungou Allie. — Meninas, a situação é grave.

— Vai na frente, Allie. — A voz de Rachel era firme. — Onde você viu a Jules pela última vez?

Allie as encarou incerta, mas o tempo estava passando. Sabia que não ia conseguir convencê-las do contrário.

— Na biblioteca. Tem uma porta secreta.

— Eu sei onde é — falou Rachel.

— Sabe?

— Claro que sei — disse. — Sei tudo sobre a biblioteca.

Mantendo-se às sombras, correram para a porta e abriram-na. A fumaça saiu em uma onda cinza e espessa.

Allie sentiu o coração afundar. Isso era impossível.

— Fiquem abaixadas — sibilou Rachel, e elas caíram sobre as mãos e os joelhos, cobrindo as faces com as roupas.

— Onde você estava quando viu ela pela última vez? — perguntou Katie a Allie.

Allie não queria responder que com aquela fumaça espessa tudo parecia estranho. Que não tinha certeza. Prendendo a respiração, levantou e olhou em volta, em seguida abaixou outra vez.

Latim antigo e vai em frente.

— Acho que uns quatro metros e meio em frente.

Engatinharam para a frente. Mas quando chegaram lá, Jules não estava em lugar nenhum.

Rachel tossiu.

— Não estou vendo ela.

— Vamos nos dividir. — A voz de Katie saiu abafada pela camisa. — Não andem mais do que três metros em direções diferentes, e depois a gente se encontra de volta aqui.

— Cuidado... — acrescentou Allie.

Mantendo-se o mais agachada o possível, Allie foi para longe delas, contabilizando mentalmente o avanço. Mas acabou indo mais do que três metros no fim das contas — quando não encontrou Jules, avançou seis. Em seguida sete e meio.

Mas Jules não estava lá.

A fumaça estava mais espessa, e estava difícil enxergar muita coisa. Seus olhos arderam e as lágrimas borraram ainda mais a visão.

Demais. Fui longe demais.

Allie virou para voltar para as outras, mas ficou instantaneamente desorientada — de onde tinha vindo? No escuro e com aquela fumaça, parecia tudo a mesma coisa. Tinha passado por aquela prateleira alta antes? A com livros com títulos em cirílico? Já a tinha visto alguma vez na vida?

Tossiu violentamente. Quando tentou recuperar o fôlego, mesmo através da camisa a fumaça era tão forte que era como se estivesse embaixo d'água. Não tinha ar. Não tinha oxigênio. Sua respiração veio em engasgos curtos e inúteis.

Quando tentou ir mais depressa, os contornos da sua visão começaram a ficar pretos.

Não ia conseguir.

Ao longe, ouviu uma voz gritar:

— Achei! Ela está aqui.

Outra voz chamou seu nome. Ela tentou engatinhar em direção ao som, mas não conseguiu se mover.

— Aqui — resmungou, mas sabia que o som tinha sido fraco demais para ser ouvido.

Nunca tinha se sentido tão exausta. *Se eu pudesse descansar só um pouquinho, poderia reunir forças. Só um cochilo e vou conseguir ajudar mais. Tô tão cansada.*

Sua cabeça estava muito pesada. Deixou-se cair no chão.

Enquanto a inconsciência a envolvia como um cobertor quente, suspirou aliviada.

De repente estava voando, apoiada por algo forte e carinhoso. Sucumbiu. Segura. Protegida. Flutuando.

Ar caloroso preencheu seus pulmões, e em seguida se foi. Encheu os pulmões e se foi. Diversas vezes.

E então uma linda voz.

— Por favor, não nos deixe. Não vai.

Lábios calorosos nos dela. Ar quente no seu corpo.

Foi acometida por uma dor e tossiu tão violentamente que seu corpo sacudiu convulsivamente. Contudo, quando a convulsão parou, foi acariciada por ar fresco e respirou agradecida.

Abriu os olhos. Estava no colo de Sylvain, que a abraçava forte. Ela esticou o braço e tocou seu rosto admirada.

— Por que você está chorando? — sussurrou ela.

Ele não respondeu. Em vez disso, a embalou como um bebê, com o rosto no cabelo dela. Escutando-a respirar.

TRINTA

— **D**esta vez a Isabelle chamou a brigada de incêndio, então? — perguntou Allie com um sussurro rouco.

— Tipo, pela primeira vez na história. — Rachel sorriu para ela. — Depois que você e a Jules quase mataram todo mundo de susto.

Era de manhã e estavam sentadas em um quarto na ala dos professores. Allie estava apoiada em travesseiros, agarrando a xícara de chá com limão e mel que Rachel havia trazido para aliviar sua garganta. Rachel estava empoleirada no pé da cama, relatando tudo que tinha acontecido “depois que você morreu”.

— Puseram uma máscara de oxigênio em você, apesar de terem tido que te arrancar do Sylvain pra isso. — Rachel ergueu uma sobrancelha. — Ele não queria te soltar.

— Então foi o Sylvain que me encontrou?

— Foi.

— Como...?

Ele e o Carter evacuaram o dormitório masculino. Então viram o outro incêndio. O Carter foi buscar os professores. O Sylvain ia evacuar o dormitório feminino, mas quando percebeu que estava vazio, foi nos encontrar lá fora — explicou Rachel. — Eu e a Katie tínhamos acabado de levar a Jules, e vimos que você não estava lá...

Parou a frase no meio, e Allie percebeu que ela estava chorando. Esticando o braço, apertou a mão da amiga.

— Estou bem — sussurrou. Rachel assentiu e limpou as lágrimas dos olhos. Após um segundo, continuou, mas agora sua voz tremia.

— Quando a gente disse que você tinha sumido, ninguém conseguiu segurá-lo. Ele correu pra biblioteca como se fosse incapaz de se queimar.

Ela respirou fundo.

— Não te vi quando ele te trouxe pra fora, eu estava tentando ressuscitar a Jules. Mas a Jo me contou que ele passou um bom tempo te reanimando até você recuperar os sentidos. Depois disso não quis te soltar. Acho que ele estava com medo de que você fosse parar de respirar.

— Acho que sim — ecoou Allie.

— De qualquer forma, assim que a Isabelle chamou a brigada de incêndio, o Nathaniel e os comparsas evaporaram, e eu queria que isso fosse literalmente verdade. — Rachel se inclinou para trás, apoiando-se contra a parede. — Você, a Jules e três funcionários precisavam de oxigênio, a Jules e um cara, Peter? Conhece?

Allie balançou a cabeça.

— Ele é um dos alunos mais novos. Bem, os dois estão no hospital por causa da fumaça. Queriam te levar também, mas ninguém deixou. A Isabelle, o Carter e o Sylvain não admitiram. Então te colocaram aqui e o Carter passou a noite inteira sentado para se certificar de que você estava respirando. E você estava — concluiu alegremente.

— Parabéns pra mim — resmungou Allie fracamente.

— Verdade. Parabéns pra você.

— E qual foi o prejuízo? — perguntou Allie.

— Não tenho certeza. Sei que três ou quatro salas sofreram perda total. Não estão deixando ninguém entrar nos dormitórios, e a casa inteira está fedendo a fumaça. — Ela franziu o nariz. — O incêndio na biblioteca começou na mesa da bibliotecária e se espalhou pelas estantes ao redor. Não sabem quantos livros foram perdidos.

Ela parecia verdadeiramente triste, e Allie teve que esconder um sorriso.

— Acham que os quartos onde os incêndios começaram estavam todos desocupados, e começaram um incêndio em um sótão e no térreo perto das escadas — Allie lembrou-se de Christopher com uma tocha em chamas —,

mas ainda estão investigando. A Isabelle tá de um lado pro outro feito uma louca. Tem uns empreiteiros vindo hoje à tarde para avaliar os danos, e todo mundo vai pra casa. A gente vai escrever trabalhos para substituir as últimas provas. Acho que a gente podia insistir em fazer os nossos sobre segurança contra incêndios.

A risada de Allie soou como uma lixa passando em uma madeira.

— Eu posso mudar meu trabalho de história e falar sobre o Grande Incêndio de Londres.

— É, né? Pesquisa você já fez.

Alguém bateu à porta. Allie tentou dizer “entra”, mas soou como um sussurro.

— *Entrez-vous* — disse Rachel.

Jo abriu e entrou nervosa, fechando a porta atrás de si.

— Oi, Allie. Você tá bem?

Allie sorriu fracamente.

— Vou sobreviver, mais uma vez, eu acho — declarou. — A Rachel estava acabando de me contar tudo que aconteceu ontem à noite.

— Foi uma loucura — disse Jo. — Muito assustador.

— Mas todas nós estamos aqui — disse Rachel. — Eu fiz ressuscitação cardiopulmonar em uma pessoa de verdade pela primeira vez. Então não foi tão ruim.

— Valeu super a pena — concordou Allie.

— Foi o que pensei.

Parecendo desconfortável, Jo se voltou para Rachel.

— Detesto pedir isso, mas você se importaria em me dar alguns minutos a sós com...

Rachel saltou da cama.

— Claro. Allie, vou buscar comida pra você. O que você quer?

A garganta de Allie estava doendo.

— Alguma coisa fria — respondeu. — Nada apimentado.

Um sorriso carinhoso iluminou o rosto de Rachel.

— Certo. Nada de comida apimentada. Deixa comigo, meu amor.

Quando a porta se fechou atrás dela, Jo se sentou com cuidado na beira da cama.

— Só queria te pedir desculpas.

Allie começou a responder que não precisava, mas Jo balançou a cabeça. Seu rosto estava vermelho, e Allie notou que ela tinha chorado.

— Você salvou minha vida ontem à noite e arriscou a sua por isso. Acredito que você fez a mesma coisa no telhado há algumas semanas. A Katie me contou que mentiu pra mim porque estava com raiva de você.

Allie se espantou.

— Ela fez o quê?

Jo assentiu.

— Você também salvou a vida dela, você sabe. Ela pode ser uma vaca, mas não é uma vaca ingrata.

Uma risada rouca explodiu de Allie antes que pudesse se conter, e logo as duas estavam rindo, apesar de isso ter provocado uma crise de tosse em Allie.

— Eu digo pra ela que você me falou — conseguiu crepitar.

Quando se acalmaram, Jo a olhou seriamente.

— Eu sei que tenho um problema, Allie. Eu tenho esses... o que o terapeuta chama de “momentos” em que não sou racional. E eu não deveria beber nunca. Sinto muito ter envolvido você. Eu queria tanto que nunca tivesse acontecido. Se pudesse voltar atrás, voltava em um segundo. Mas quero que você saiba que eu tô me esforçando.

— Tudo bem — disse Allie, apesar de não estar.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, Jo disse:

— Na verdade, não tá tudo bem. Eu sei disso.

— Que bom — disse Allie delicadamente.

Mas Jo não tinha acabado.

— Na verdade, é o seguinte — explicou —: cada vez que acontece é provocado por alguma coisa. Costumava ser por causa dos meus pais. Eles faziam alguma babaquice, ou se esqueciam de mim, e pronto. Mas dessa vez foi... o que aconteceu com a Ruth.

Ela olhou para Allie.

— É que... saber uma coisa horrível e não contar pra ninguém... acho que te enlouquece.

Allie sentiu a ardência de uma lágrima, como dedos gelados em sua pele. Não conseguia desgrudar os olhos de Jo.

— Acho que sim. O que você sabia que mais ninguém sabia?

Os olhos redondos e azuis de Jo sustentaram os dela.

— Eu sei quem matou a Ruth. E não aguentei. Saber. Não podia... ser a única.

Respira, solta...

Allie a encarou firmemente, enquanto seu coração batia nos ouvidos.

— Quem matou a Ruth, Jo? — sussurrou.

— Foi o Gabe. — A voz de Jo estava entorpecida de tanto pesar. — O Gabe matou a Ruth.

Quando Rachel voltou alguns minutos depois com iogurte, sorvete e morangos (“Viu? Nada apimentado...”), Allie estava abraçando Jo, enquanto a amiga chorava.

Por cima da cabeça de Jo, Allie sussurrou para Rachel:

— Chama a Isabelle.

Sem dizer nada, Rachel colocou a comida na mesa e correu.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou Allie, repetidas vezes, como se não tivesse certeza. Sentiu-se nauseada e respirou fundo e calmamente para tentar estabilizar os próprios nervos enquanto dúvidas surgiam em sua mente rápido demais para que as respostas acompanhassem.

Foi o Gabe? O Gabe matou a Ruth? Por quê?

Ela se lembrou de ter se escondido de Gabe na trilha na noite em que saiu com Carter. Alguma coisa na voz dele — um elemento ameaçador — ativou um instinto de autoproteção que a levou a se esconder. Naquele momento teve tanto medo dele quanto de Nathaniel.

Mas assassinato? Aquilo parecia inconcebível. Por que ele faria uma coisa dessas? Ruth era amiga dele. O que a garota poderia ter feito para que o rapaz quisesse machucá-la, quanto mais matá-la?

— Jo, a Isabelle vai chegar em alguns minutos e você tem que contar a verdade pra ela — disse Allie, rouca. — Você faz isso?

Com o rosto inchado e vermelho, Jo assentiu.

— Foi por isso que te contei. Acho que todo mundo precisa saber. Ele é perigoso.

Quando Rachel e Isabelle entraram correndo alguns minutos depois, Jo ainda estava chorando. A diretora estava usando a mesma legging preta e a túnica da noite da conferência, e cheirava ligeiramente a fumaça.

— Allie? — perguntou, vendo as lágrimas de Jo e o rosto pálido de Allie. — Tá tudo bem?

— A Jo tem uma coisa pra te contar — sussurrou Allie.

Jo contou para Isabelle o que tinha contado a Allie. Enquanto ela falava, Isabelle afundou lentamente sobre os joelhos ao lado da cama, sem tirar os olhos do rosto de Jo.

— Mas por que, Jo? — perguntou finalmente. — Ele te contou por quê?

— Ele disse que a Ruth falou. E que ela sabia demais sobre o que realmente estava acontecendo. Ela queria contar pras pessoas. Acho que ela queria te contar — disse Jo. — Mas aí ele não quis me contar o que isso significava, tipo o que realmente estava acontecendo.

Allie pôde ver o choque no rosto de Isabelle, mas a diretora manteve a voz sobrenaturalmente calma.

— Rachel — disse ela —, pode buscar o Matthew e o August, por favor? — Ela alcançou a mão de Jo, molhada de lágrimas, e agarrada a um lenço úmido e amassado. — Ele te contou como foi?

— Um pouco. O suficiente pra me assustar — revelou Jo. — Foi durante o baile. Todo mundo estava feliz e dançando. Ele só me deixou sozinha durante alguns minutos, mas quando voltou, vi sangue na mão dele. Achei que ele tivesse se machucado. Ele disse que tinha tido um acidente, um corte, nada sério. Mas não me contou... sobre a Ruth. Ele me falou há algumas semanas. Não queria mais que eu andasse com a Allie. Falou que o que tinha acontecido com a Ruth poderia acontecer com ela também. Ou com qualquer uma das amigas dela.

Lembrando-se do corpo de Ruth — o rosto tão pálido que estava quase irreconhecível; o vestido rosa e bonito escuro de sangue — Allie engoliu em seco. Gabe tinha feito ameaças. — Aquele poderia ter sido o rosto dela. O vestido bonito dela.

Contou as batidas do coração... *doze, treze, catorze...*

— O que mais ele te disse? — perguntou Isabelle.

— Ele não queria que eu falasse nada pra Allie sobre a Escola Noturna, nem nada sobre o que ele estava fazendo. — A voz de Jo soava cansada. — Ele disse que a Allie era culpada de todas as coisas ruins que andavam acontecendo, e que você e o Zelazny eram fracos. Ele disse que o Nathaniel tinha razão e que vocês deveriam simplesmente entregar a garota pra ele...

Isabelle e Allie trocaram um olhar espantado.

— Como o Gabe sabia sobre o Nathaniel? — perguntou Isabelle gentilmente.

— Não sei — disse Jo. — Mas eles simplesmente... se conhecem. Tipo, o Gabe encontra com ele às vezes. Pra conversar.

Allie arfou. Viu a cor desaparecer do rosto de Isabelle.

— Eles são... amigos? — A voz de Isabelle tremeu, só um pouquinho. Jo não teria percebido, mas Allie notou.

— Mais ou menos. — Jo pensou a respeito. — Acho que o Gabe tem admiração por ele.

Naquele instante, Matthew e Zelazny entraram. Isabelle se levantou e saiu para conversar com eles. Voltou sozinha para o quarto e se sentou na cama ao lado de Jo e Allie.

— Por que não nos contou antes, querida? — perguntou calmamente.

Lágrimas correram pelo rosto de Jo.

— Eu não sabia o que fazer — soluçou. — Eu amo... amava o Gabe. Não podia... não sabia o que fazer. Desculpa. Desculpa de verdade.

— Tudo bem — sussurrou Isabelle. Mas Allie percebeu que ela estava mentindo.

Depois que Isabelle levou Jo para o seu próprio quarto, Rachel voltou a tempo de fazer Allie tomar um pouco de sorvete meio derretido e iogurte quente. Ficou até Allie dormir.

Quando ela acordou, Carter estava sentado ao pé da cama olhando para Allie, seus olhos escuros ilegíveis.

— Oi — disse ela com a voz rouca.

— Como você está? — A voz dele estava suave.

— Nunca estive melhor. — Mas acordar desencadeou um acesso de tosse, e ele lhe entregou um copo d'água com um canudo.

Depois que tomou um gole, se sentiu melhor e se arrastou na cama até estar sentada.

— Soube do Gabe? — sussurrou ela.

Ele fez que sim com a cabeça, estava com os músculos tensos.

— Eu devia ter percebido, Allie. Como é que não percebi que era ele?

— Ninguém podia perceber — disse ela. — Não se culpa, ou todos nós teremos que nos culpar. Já acharam ele?

— Não. Tá todo mundo procurando. Ninguém sabe onde ele tá. Deve ter escapado.

Ela digeriu a informação por um instante. Em seguida falou:

— A Rachel me contou que você salvou um monte de gente ontem. Isso foi incrível.

— E você também salvou. — Mas não falou que foi incrível, e ela viu a tensão no rosto dele.

— O que foi? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça e não falou nada por um instante, e quando o fez, sua voz tremeu.

— Por que você não ficou no esconderijo, Allie? Teria ficado bem se tivesse me ouvido.

— Desculpa, Carter, mas tive medo pelas meninas — respondeu. — Tinha que ajudar. Não podia simplesmente deixar que elas morressem.

— A gente teria evacuado elas — rebateu.

— A gente não sabia disso — falou. — O fogo se espalhou rapidamente.

— De quem foi a ideia de entrar? Sua ou da Jules?

Allie pensou em mentir.
— Minha — respondeu. — A Jules queria esperar mais.
— E vocês duas quase morreram — ele disse irritado.
— Mas a gente salvou as pessoas, Carter. — Sua voz rouca estava indignada. — A gente ajudou.
— Eu sacrificaria todas elas por você.
Allie o encarou, horrorizada.
— Não fala isso — sussurrou em resposta. — Que coisa horrível.
— Eu sei que é horrível. — Os dedos de Carter limpavam uma lágrima da bochecha dela. E ele evitou os olhos dela. — E é verdade.
Ela não fazia ideia do que dizer, e o estudou preocupada.
— Eu estou bem, você sabe.
— Eu sei.
— Então não vamos pirar, tá bom? Vamos nos sentir gratos por estarmos bem. — Ela alcançou a mão dele e a segurou contra sua bochecha. — Estou muito feliz que você também esteja bem.
Sem dizer nada, ele a abraçou.
— Carter e Allie salvam o mundo — sussurrou ela.

Naquela tarde, Rachel trouxe para Allie uma saia que cheirava como uma fogueira.

— Me deixaram entrar no dormitório durante três segundos inteiros, saqueei seu armário pra catar isso — disse ela. — Desculpa pelo fedor.

— Não se preocupa — tranquilizou Allie. — Estou feliz por finalmente poder tirar esse pijama torrado.

— Disseram que a gente pode subir pra buscar nossas coisas amanhã — disse Rachel. — Com supervisão, é claro.

— Claro. — Allie deu um sorriso torto. — Saúde e segurança.

— Todo mundo vai pra casa entre hoje e amanhã, meu pai vem amanhã de manhã — disse Rachel. — A oferta ainda está de pé, se quiser ficar com a gente.

— Obrigada, Rachel — disse Allie. — Pode ser que eu aceite.

Depois de um banho no banheiro dos professores para esfregar a fuligem do cabelo, Allie começou a se sentir humana outra vez. Mas Rachel tinha se esquecido de trazer sapatos, então mais tarde, quando desceu pelas escadas, ainda estava descalça. Mas foi decidida até o escritório de Isabelle e bateu à porta.

A porta se abriu antes que as juntas desgrudassem da madeira. Sem dizer uma palavra, Isabelle a abraçou forte. Em seguida segurou-a à distância do braço e examinou seu rosto.

— Você está bem?

— Acho que sim — sussurrou Allie.

A diretora segurou a porta aberta para ela.

— Entra, senta.

— Como está a Jo? — perguntou Allie.

— Não está bem — respondeu Isabelle, sentando ao lado de Allie enquanto a chaleira chiava ao fundo. — Ela está muito chateada, o que é perfeitamente compreensível.

Allie hesitou — incerta quanto a conseguir fazer a próxima pergunta.

— E o Gabe? — sussurrou afinal.

Isabelle balançou a cabeça.

— Sumiu. Quando o Zelazny e o Matthew foram procurar, já tinha desaparecido. Achamos que ele pode ter fugido ontem, durante o incêndio.

De algum jeito Allie não se surpreendeu. Respirou fundo para se estabilizar.

— Então... o que acontece agora?

— Vamos procurá-lo. — Isabelle se ocupou preparando o chá. — Vamos avisar os pais dele. Vamos tentar nos certificar de que ele esteja seguro. Cuidaremos da Jo. E depois encontraremos uma forma de lidar com o Nathaniel.

— Eu quero ajudar — disse Allie.

— Você vai ajudar — respondeu Isabelle. — Eu te prometo.

— Não, Isabelle. — A voz de Allie estava firme. — Quero dizer que quero *ajudar*. Quero estar envolvida em tudo a partir de agora.

A diretora a olhou sem expressão e Allie tentou não deixar a voz se encher de frustração e tensão. Se havia um momento em que precisava agir como adulta, o momento era esse.

— Eu tô no meio disso tudo. De certa forma Gabe tinha razão e o problema sou eu. O Nathaniel pegou o Christopher e agora me quer também. É verdade, não é? Passei todo esse período sendo resgatada, salva e ajudada, todo mundo só pensa em me proteger, o que é ótimo, e sou muito grata. Mas quero me proteger. Agora, não tenho a menor condição de me salvar. Não sei como. — Acalmou os nervos. — Mas existe um lugar onde posso adquirir as habilidades pra isso.

Isabelle falou lentamente.

— Você quer entrar para a Escola Noturna.

— Não faz sentido? — Allie abraçou o próprio corpo. — Preciso ser mais forte e ágil. Preciso aprender a lutar. E preciso saber o que está acontecendo pra poder fazer as coisas certas. Nunca vou só fazer o que você manda se disser “Allie, não vai lá fora”. Mas se me incluir... Aí é diferente.

Um silêncio pesado se abateu sobre elas. Dava para ver que Isabelle estava pensando. Após um segundo a diretora lhe entregou uma xícara de um chá de ervas com um aroma estranho com limão.

— Pra sua garganta. Bebe. — Sentou-se ao lado dela. — Tudo bem, então. Eu concordo. Vou falar com os outros.

Uma onda de emoção passou por Allie. Como se tivesse enxergado, Isabelle se apressou em suprimi-la.

— Não é uma decisão exclusivamente minha, Allie. Outros vão ter que concordar. Mas vou te apoiar.

Apesar de ter ouvido a cautela de Isabelle, Allie não acreditou. Sabia que Isabelle podia fazer tudo que quisesse.

Estava dentro.

Mudando de assunto, Isabelle falou:

— Você está com a voz péssima, aliás. O médico olhou sua garganta?

Um médico havia visitado Allie há uma hora para examiná-la. Declarou que sua garganta “não estava tão ruim quanto poderia estar”, e lhe deu um frasco de remédios e algo para gargarejar.

Isabelle acenou com a cabeça, concordando.

— Disse que vou sobreviver. Mas nunca vou cantar com a ópera.

— Acho que o Puccini continua sem você — disse Isabelle. — Poderia ter sido muito pior.

— Foi o que pensei. Como está a Jules?

Isabelle balançou a cabeça positivamente.

— Está muito bem. Sofreu uma concussão, ela tropeçou e bateu a cabeça. Perdeu a consciência. Mas foi poupada da fumaça e do calor, que são as piores coisas, então os pulmões não sofreram danos permanentes. Vai voltar hoje à noite.

Culpada, Allie se lembrou de como tinha duvidado de Jules até o último minuto na biblioteca.

— Que bom que ela está bem — disse. — Foi muito corajosa.

— Ela disse o mesmo sobre você.

Allie fez a pergunta seguinte com um pouco de receio.

— Você viu o Sylvain? — Sua garganta apertou. — Eu... queria agradecer.

— Ele está te evitando — disse Isabelle de maneira descuidada.

A cabeça de Allie levantou.

— Por quê?

Os olhos da diretora eram gentis.

— Você sabe, não sabe?

O calor do chá estava irradiando através da porcelana da xícara, queimando os dedos de Allie.

— Sei o quê?

— Que ele gosta de você.

Naquele instante Allie percebeu que sabia. Lembrava-se das lágrimas caindo em seu rosto. Emoções que não reconhecia circularam por ela.

— Mas eu estou com o Carter — disse fracamente.

— Eu sei. — Isabelle levantou as mãos. — Então é isso.

Allie olhou para a fatia de limão flutuando sem rumo na xícara.

— É isso.

A diretora se encolheu na cadeira, suas olheiras denunciavam a exaustão.

— Não acho que você vai ver o Sylvain outra vez neste período. Ele precisa de tempo pra pensar. E se curar.

— Você pode dizer pra ele... — Allie pensou no que falar. — Só... agradecer por mim?

— Agradeço.

Allie repousou a xícara.

— E eu decidi que vou pra casa, e não pra casa da Rachel. Preciso conversar com os meus pais.

Isabelle pareceu preocupada.

— Acho que é a coisa certa a se fazer, e fico feliz que vá fazê-la — disse cautelosamente. — Mas agora que sabemos que o Christopher está com o Nathaniel, e que o Nathaniel está interessado em você... Bem, as coisas mudaram. A situação é mais perigosa. Vou explicar isso para a sua mãe. Mas, Allie, em casa você tá correndo mais perigo. Farei o que puder pra te proteger, mas não corra riscos.

Allie pensou em Ruth.

— Vou ter cuidado — prometeu. — Vou ficar quieta.

— O período de outono começa daqui a três semanas — disse Isabelle. — Mas não posso te deixar ficar tanto tempo em casa. Te dou alguns dias, mas depois acho que você deve ir pra casa da Rachel. O pai dela é supercapaz de te proteger, e vai estar te esperando. Mando um carro te buscar.

Havia algo muito ruim em ouvir que sua casa — um dia o lugar mais seguro que já conhecera — não era mais segura. Mas Allie não discutiu. Já tinha visto o que Nathaniel estava disposto a fazer.

— Tudo bem — disse outra vez.

Isabelle pegou um pedaço de papel da mesa e escreveu alguma coisa.

— Se ficar preocupada ou assustada, se alguma coisa parecer ameaçadora ou simplesmente errada... — dobrou o pedaço de papel e em seguida o entregou a Allie —, me liga, e eu mando te buscarem. Não corra riscos. Faz isso por mim?

O papel tinha o nome de Isabelle em alto relevo no topo, e Allie viu que ela tinha anotado um número de telefone.

Allie assentiu.

— Prometo.

As duas se levantaram e Isabelle a abraçou novamente. Allie foi até a porta. Ao girar a maçaneta, Isabelle a conteve.

— Mais uma coisa — disse ela. — Pede pra sua mãe te contar sobre a Lucinda. — Os olhos de Allie se arregalaram, mas ela não disse nada.

Isabelle concluiu:

— Diz pra ela que eu disse que está na hora.

TRINTA E UM

— Vamos lá, mala. Fecha!
Allie tinha enfiado as últimas coisas na mala, que agora estava protuberante nas laterais e se recusava a fechar. Mesmo quando utilizou toda a sua força não conseguiu fechar o zíper.

Todas as meninas tinham sido autorizadas a passar quinze minutos nos respectivos quartos para fazer as malas. No fim das contas, quase todos os quartos estavam inteiros. Mas os professores temiam que o fogo e a água tivessem enfraquecido os tetos e os pisos.

— Ah, droga.

Arfando por conta do esforço, ela abriu a mala e procurou alguma coisa para deixar para trás. Suas botas Doc Marten vermelho-escuras arranhadas e altas estavam logo em cima. Ela as retirou e tentou novamente.

Fechou com facilidade.

Pegou as botas com afeição. *De jeito nenhum vou largar minhas botas aqui.*

Segurando-as na sua frente, examinou os arranhões nos dedos, a forma como o couro havia se moldado para encaixar nos seus calcanhares. Era apaixonada por elas desde o dia em que as viu, na vitrine da loja de caridade na rua do colégio. Quando descobriu que eram do seu tamanho, soube que eram destinadas a ser suas. Durante dois meses, foi todos os dias na loja para se certificar de que ainda estavam lá. Por fim, convenceu os vendedores a deixarem separadas até o seu aniversário. As solas grossas, o couro robusto, o

puro poder agressivo das botas fizeram com que se sentisse forte outra vez. Eram como sua armadura.

Sei que mudei enquanto estive aqui, pensou. Mas não mudei tanto a ponto de não precisar dessas botas maravilhosas.

Tirando os sapatos sensatos do colégio, calçou as Docs, amarrando-as com uma familiaridade feliz. Combinadas com o uniforme, ficaram... *perfeitas*.

Então olhou ao redor uma última vez, passando a mão na mesa da escrivaninha. Tinha detestado tanto este lugar quando chegou. Agora mal podia esperar para voltar.

Ela levantou a bolsa para o ombro e correu pela porta, dando um encontrão com toda a força em Carter, que estava do outro lado.

— Oi, Speed — ele riu, ajeitando-a com uma mão em cada ombro. — Cadê o incêndio?

— Ha ha, você é hilário — disse ela, revirando os olhos.

O rapaz alisou o cabelo dela.

— Seus pais já chegaram?

— Vão chegar a qualquer hora. — Fez uma careta. — Só estou me apressando porque o meu pai odeia esperar.

Os olhos de Carter se anuviaram brevemente, e ela se lembrou de que os pais dele jamais viriam buscá-lo outra vez.

— Onde você vai morar durante as férias? — perguntou com uma expressão preocupada. — Não vão te deixar ficar no dormitório masculino.

— Vou me mudar para a ala dos professores enquanto estão reparando o estrago provocado pela fumaça — disse Carter. — Vai ficar tudo bem.

— Espero que você não fique muito sozinho.

— Vou ficar bem — assegurou. — Aqui é a minha casa, lembra? E não vou ficar sozinho. A Jo e o Sylvain vão ficar, e a Jules só vai passar alguns dias em casa. A maioria das pessoas da Escola Noturna volta depois de uma semana, mais ou menos.

Ao ouvir o nome de Sylvain, Allie sentiu uma pontada indesejada no coração. Não o via desde o incêndio.

— Que bom — concordou. — Mas vou me preocupar com você do mesmo jeito.

— E eu com você. Me escreve — pediu. — E vou tentar conseguir o telefone da Isabelle pra te ligar.

— Ainda tem meu número?

Ele levantou a mão — ela tinha anotado logo abaixo das juntas há uma hora.

— Vou tatuar enquanto você estiver fora — brincou.

Um silêncio sombrio se abateu. Allie repousou a mala no pé, balançou-a suavemente com os dedos.

— Você vai tomar cuidado, não vai? — disse ele, mexendo singelamente a bainha da camisa dela, puxando-a para perto de si. — Vai ficar segura?

Apesar de ele ter deixado a voz leve, ela ouviu a preocupação por trás das palavras.

— Não se preocupa. Vou ficar ótima. Só fico uma semana em casa, depois vou pra mansão de campo da Rachel, que aparentemente é tão segura quanto o Palácio de Buckingham.

— Ótimo — disse ele, abraçando-a com força. — Contanto que tenha cuidado. A gente precisa de você por aqui, você sabe.

— Precisam mesmo. Esse lugar estaria ruindo sem mim — disse com um sorriso irônico.

Enterrando o rosto no cabelo dela, Carter respirou fundo.

— Está na hora! Todo mundo pra fora!

A voz de Zelazny veio da porta de fora do corredor. Allie levantou o rosto para um beijo rápido, recuando quase imediatamente. Era muito tarde para despedidas longas.

Pegou a bolsa e a levantou por cima do ombro.

— Vou descer sozinha, tudo bem? — Os olhos de Allie investigaram o rosto de Carter, mas ela sabia que ele iria entender. Se ele realmente a beijasse direito, ou pedisse que ficasse, se ela continuasse olhando naqueles olhos, jamais conseguiria sair pela porta.

Movendo-se rapidamente, ela foi até a porta e a abriu.

Ele gritou por trás dela:

— Belas botas, Sheridan.

Ela não olhou para trás.

— Fica frio, Carter West.

Ela já estava na metade do corredor quando ouviu a resposta dele.

— Sempre.

AGRADECIMENTOS

Este livro começou com um desafio. Nunca pensei que pudesse escrever um romance, mas meu marido achava que sim. Um dia ele me desafiou a tentar. *Desafiou*. Disse que eu seria covarde se não tentasse. Eu nunca fujo de um bom desafio, e ele sabia disso.

Obrigada, meu amor, por me desafiar.

O desafio foi o que deu início, mas o resto foi destino, bondade e generosidade. E ao passo que só se pode agradecer aos deuses pelo destino, bondade e generosidade merecem reconhecimento.

Sem o entusiasmo e a energia de Madeleine Buston e de todos na maravilhosa Darley Anderson Agency (principalmente Clare Wallace e Mary Darby), este livro nunca teria chegado às prateleiras. Seu telefonema *mudou minha vida*, Maddy. Não existem palavras suficientes no mundo para te agradecer por isso.

À fantástica Samantha Smith, editora extraordinária na Atom Books, milhões de obrigadas. Ela não é apenas uma editora brilhante, mas também é engraçada. Trabalhar com ela é um sonho. Francamente, toda a equipe da Atom/Little, Brown é incrível: Gina Luck, Kate Agar e Darren Turpin — todos vocês ajudaram o *Escola Noturna* a acontecer. Muito obrigada a todos! Devo *tantos* cupcakes a vocês...

Este livro foi moldado e acabado com a ajuda de amigas que leram enquanto eu escrevia e me falaram a verdade. A honestidade e o brilhantismo delas deixaram o trabalho muito melhor. Hélène Rudyk, Kate Bell e Sally Davies — vocês são todas *deusas*.

À equipe do Starbucks da Memorial Drive, em Dairy Ashford, Houston, Texas, muito obrigada por me deixarem sentar e escrever no seu ambiente refrigerado e gelado durante horas — às vezes até estarem empilhando as cadeiras ao redor e varrendo o chão embaixo dos meus pés — sem nunca me pedirem para comprar mais café ou sair do caminho. Basicamente, obrigada por me ignorarem. O *Escola Noturna* foi alimentado pelos seus *iced mochas*.

Enquanto este livro estava sendo escrito, minha mãe faleceu, então ela não chegou a ver que tudo deu certo. Que isto não foi mais um dos meus sonhos loucos. Dizem que às vezes as pessoas continuam olhando por você depois que morrem, então... Olha, mãe! Deu certo.